



# **RODELAS E O HIDRONAUTA**

A CONTENÇÃO COMO DESVIO MEMORIAL NO SÃO FRANCISCO  
GAIO MATOS









**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS**

**RODELAS E O HIDRONAUTA**  
**A CONTENÇÃO COMO DESVIO MEMORIAL NO SÃO FRANCISCO**

**Salvador - junho de 2023**



**MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS**

**RODELAS E O HIDRONAUTA  
A CONTENÇÃO COMO DESVIO MEMORIAL NO SÃO FRANCISCO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA), como requisito para obtenção do título de doutor.

**Orientador:** Prof. Dr. Pasqualino Magnavita

**Salvador – junho de 2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
**Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)**  
**Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)**

---

M433

Matos, Marcos Olegário Pessoa Gondim de.

Rodelas e o hidronauta [recurso eletrônico] : a contenção como desvio memorial no São Francisco / Marcos Olegário Pessoa Gondim de Matos. – Salvador, 2023.

267 p. : il.

Tese – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientador: Prof. Dr. Pasqualino Magnavita.

1. Cidades e vilas - Rodelas (BA). 2. Sociologia urbana. 3. Áreas ribeirinhas - São Francisco, Rio. 4. Paisagens. I. Magnavita, Pasqualino Romano. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 316.334.56(813.8)

---

Responsável técnico: Ramon Davi Santana - CRB/5-1972





Universidade Federal da Bahia  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
(PPG-AU)**

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 17/11/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, do(a) candidato MARCOS OLEGARIO PESSOA GONDIM DE MATOS, de matrícula 217219819, intitulada Rodelas e o Hidronauta: a contenção como desvio memorial no São Francisco. Às 09:30 do citado dia, Faculdade de Arquitetura - UFBA, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof. PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA que apresentou os outros membros da banca: Prof<sup>a</sup>. Dra. ARIADNE MORAES SILVA, Prof<sup>a</sup>. Dra. PAOLA BERENSTEIN JACQUES, Prof. Dr. THIAGO MOTA CARDOSO, Prof. Dr. AYRSON HERACLITO NOVATO FERREIRA e Prof. Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora APROVADO COM DISTINÇÃO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

  
**Dr. THIAGO MOTA CARDOSO, UFSC**

Examinador Externo à Instituição

  
**Dr. AYRSON HERACLITO NOVATO FERREIRA, UFRB**

Examinador Externo à Instituição

  
**Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND, UNEB**

Examinador Externo à Instituição

*on line*  
**Dra. ARIADNE MORAES SILVA, UFBA**

Examinadora Interna

  
**Dra. PAOLA BERENSTEIN JACQUES, UFBA**

Examinadora Interna



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
(PPG-AU)

PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA, UFBA

Presidente

MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS

Doutorando(a)

Aos que estão em fuga



## **Agradecimentos.**

A minha mãe Noélia Pessoa pelos caminhos abertos, pelos desvios e a Natureza de me mostrar que também sou paisagem. Ao meu amor Carla Bittencourt pela chama de um afeto desmedido, sua parceria, atenção e paciência. Ao tempo, suas dobras e franjas por onde a pesquisa viajou. Ao meu compadre, copiloto e guia na expedição ao Vale do São Francisco Nilton Tranquilli pela amizade eterna e companhia de todas as horas ao longo da pesquisa e da vida. Ao meu extraordinário e anônimo Orientador, pela gentileza e acolhimento de uma orientação precisa e definitiva. À Profa. Dra. Paola Berenstein Jacques pelos vagalumes, sempre iluminando meus pensamentos com a correnteza de um conhecimento inquieto e errante. À todo o grupo de Pesquisa Laboratório Urbano, professores e alunos, pelo cotidiano de uma troca de idéias infinita e polifônica. Ao prof. Dr Washington Drummond pela conversa lúcida e sincera. Ao medo e ao risco da imaginação que me encorajou a seguir resistindo e criando. Ao Prof. Dr. Thiago Mota Cardoso pela natureza de suas aulas fundamentais e inesquecíveis. Ao Vale do Rio São Francisco por me mostrar o desconhecido das suas águas e terras. Ao amigo artista e Prof. Dr. Ayrson Heráclito pelo aprendizado e convívio de décadas, sempre apontando outros caminhos. A minha coorientadora Profa. Dra. Ariadne Moraes, pelos esclarecimentos e suportes de todas as horas. Ao assombro das ruínas, seus idiomas, silêncios e perturbações. Aos vivos e aos mortos. Ao Sr. Valdomiro Nascimento, morador de Rodelas, por toda atenção e assistência durante nossa estadia na cidade. Às duas cidades de Rodelas, prefeitura e seus habitantes, pelo carinho, hospitalidade e por seu redemoinho de histórias, memórias e sua complexa coleção de fragmentos que deram carne e corpo a essa pesquisa. Ao povo Tuxá por sua luta, encantamento e força de sua cosmologia e resiliência ancestral, me ensinando a todo instante, o significado do que é ter perseverança e coragem, a sua magnífica existência, que continua sobrevivendo á todas as formas de apagamento imputados pelo “progresso” ainda hoje. Ao verde de todas as matas, florestas e seus habitantes que nos renova a esperança por melhores dias.



*Em perigo, a holotúria se divide em duas:  
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,  
com a outra foge.  
Desintegra-se violentamente entre ruína e salvação,  
em multa e prêmio, no que foi e no que será.  
No meio do seu corpo irrompe um abismo  
com duas margens subitamente estranhas.  
Em uma margem a morte, na outra a vida.  
Aqui o desespero, lá a coragem.  
Se existe uma balança, os pratos não oscilam.  
Se existe justiça, é esta.  
Morrer somente o necessário, sem exceder a medida.  
Renascer o quanto for preciso da parte que restou.  
Também nós, é verdade, sabemos nos dividir.  
Mas somente em corpo e sussurro interrompido.  
Em corpo e poesia.  
De um lado a garganta, do outro o riso,  
leve, logo sufocado.  
Aqui o coração pesado, ali Não Morrer Demais,  
três palavrinhas apenas como três penas em voo.  
O abismo não nos divide.  
O abismo nos cerca.*

Wisława Szymborska









## Resumo

O rio São Francisco abriga uma relação tensa com os mecanismos de contenção e abertura no desenho do seu curso, como barragens, transposições, canalizações, dentre outras dobras extensivas ao projeto moderno de civilização. Mesmo com todos esses desvios de origem diversa, o São Francisco escapa e deságua no mar. Os efeitos sentidos por populações e cidades submersas pelo estrangulamento do rio são permanentes e semantizam transformações, deslocamentos e, por cadeia, norteiam a produção de novos sentidos e subjetividades, memórias e histórias. Os espaços liberados pela fricção dessas forças, especialmente na região de Rodelas, engolida pelo São Francisco por conta da barragem de Itaparica, levantam algumas questões. De que forma os sentidos espaciais se estabelecem? Como e quem tem o poder de transformar os espaços em lugares? Como se dá o espelhamento da paisagem de uma cidade submersa com a reconstrução de seus espaços e memórias num outro lugar? Em meio a condução desses problemas, o pesadelo pandêmico desaba sobre a pesquisa como mais um regime de contenções, onde tudo parece ruir. A sombra compulsória dessa interdição desvia completamente os rumos do seu andamento ao inserir a variável das sensações e da imaginação como esperança metodológica diante da clausura e da impossibilidade de um trabalho campal. Entre mortes e ressurreições, a pesquisa decide se colocar em risco e experimentar. Entra em conflito com o objeto de estudo e suas relações de forças no espaço investigado, se perdendo numa espiral de temporalidades e paisagens ao reinventar uma máquina temporal desarmada pela pandemia e adentrar, a distância, no universo memorial de Rodelas. Numa abordagem atípica, mas atenta à pertinência das histórias, sinais e direções, a pesquisa performa na sobreposição de duas Rodelas, suas simetrias e contradições, trazendo a tona um mapeamento afetivo desse espaço ao desenhar outras perspectivas e abordagens por meio da imaginação diante da barragem.

**Palavras-chave:** barragem, cidade, fantasma, tempo, paisagem, memória.

## **Abstract**

From the Sobradinho complex to its mouth, the São Francisco river has a tense relationship with the containment and opening mechanisms in the design of its course, such as dams, transposition projects, canalizations, among other folds that are extensive to the modern project of civilization. Even with all the deviations of a different origins, the São Francisco escapes and flows into the sea. The effects felt by populations and cities submerged by the strangulation of the river in this process, are permanent and semanticize transformations, displacements, and by chain, guide the production of new meanings and subjectivities, memories and stories. The spaces freed by the friction of these forces, especially in the region of Rodelas, swallowed by the São Francisco River due to the Itaparica Dam, raise some questions. How are spatial senses established? How and who has the power to transform spaces into places? How is the landscape of a submerged city mirrored with the reconstruction of its spaces and memories in another place? In the midst of dealing with these problems, the pandemic nightmare collapses on research as yet another containment regime where everything seems to collapse. The compulsory shadow of this interdiction completely deviates the course of its progress by inserting the variable of sensations and imagination as a methodological hope in the face of the impossibility of field work. Between deaths and resurrections, the research decides to put itself at risk and experiment. It conflicts with the object of study and its relations of forces in the investigated space, getting lost in a spiral of temporalities and landscapes, by reinventing a temporal machine disarmed by the pandemic and entering, from a distance, into the memorial universe of Rodelas. In an atypical approach, but attentive to the pertinence of stories, signs and directions, the research performs in the superposition of two Rodelas, their symmetries and contradictions, producing an affective mapping of this space by drawing other perspectives and approaches through imagination in front of the dam.

**Key words:** dam, city, phantom, time, landscape, memorie.

## **Siglas.**

AATR - Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais do Estado da Bahia

AMEX - Associação Mãe Dos Extrativistas Da Resex De Canavieiras

APPR - Associação de Pescadores e Pescadoras de Remanso

CDCN - Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra

CHESF - Companhia hidrelétrica do São Francisco

CPP - Conselho Pastoral dos Pescadores

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EUA - Estados Unidos da América

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MPF - Ministério Público Federal

MPE - Ministério Público Estadual

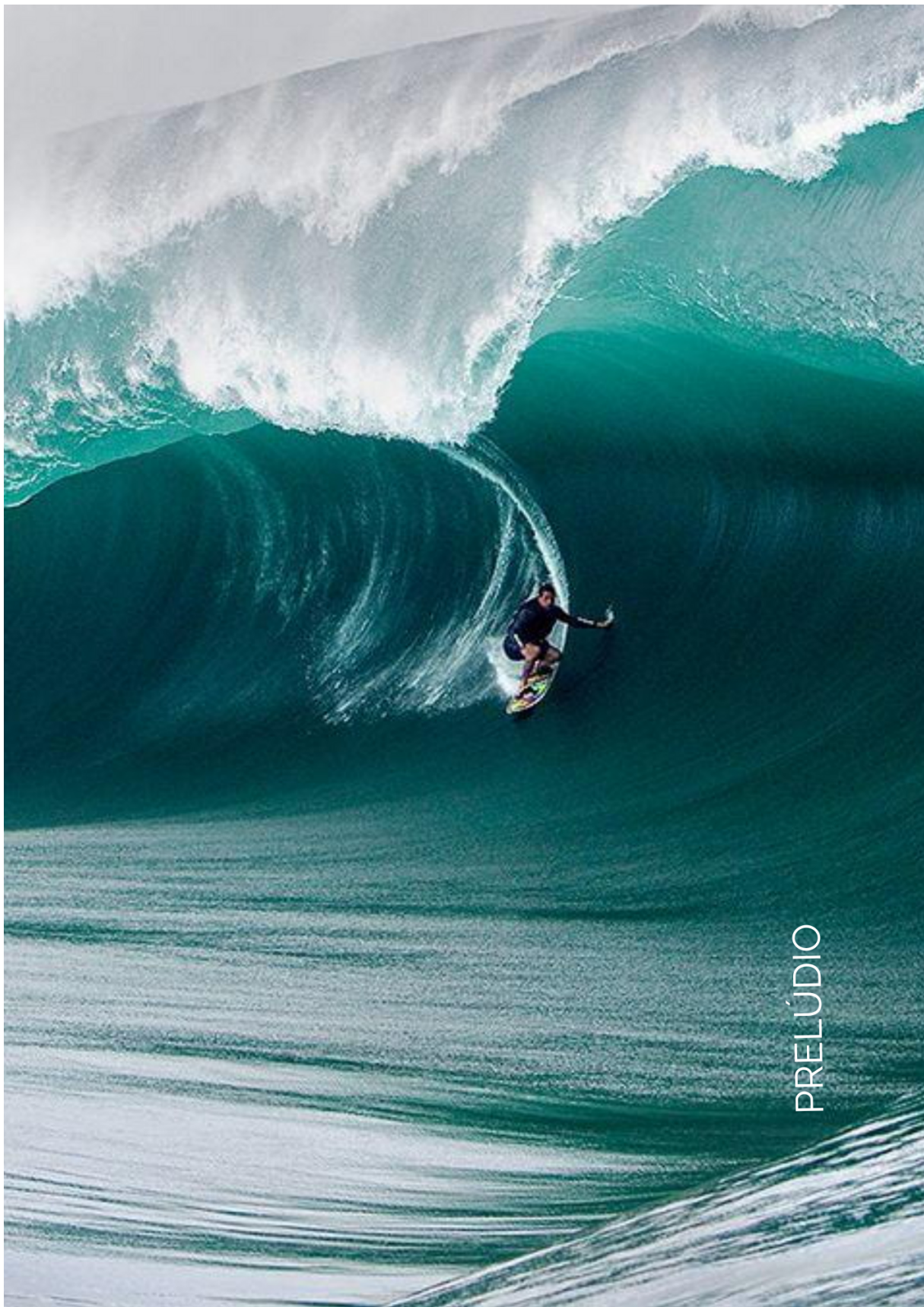
SEPROMI - Secretaria De Promoção Da Igualdade

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

OIT - Organização Internacional do Trabalho

VMT - Verba Monetária Provisória





PRELÚDIO





## A PRIMEIRA ONDA

*Para existir basta abandonar-se ao ser, mas para viver é preciso ser alguém e para ser alguém é preciso ter um OSSO, é preciso não ter medo de mostrar o osso e arriscar-se a perder a carne.*

(Artaud)

### **Sobre o sujeito ilimitado.**

Comecei no surfe aos doze anos com uma prancha usada, uma McCoy (modelo Lazor zap) fabricada no Havaí que ganhei de minha mãe como presente de aniversário. Monoquilha, foi esculpida para ondas pesadas da ilha de Oahu, meca do surfe e céu para os surfistas. Lá no meio do oceano pacífico, foi amansada flutuando as intensidades e a potência exponencial dos turbilhões havaianos. Aqui ao lado, animava o sonho de um garoto franzino pela agitação das praias soteropolitanas, expandindo seu corpo nas ondas como uma companheira inseparável e experiente. Nessa aliança, a sensação de encantamento e abdução enquanto deslizava livre pelo acaso das ondas era maior que o oceano. Boiando ansioso naquele mar em tocaia, carregava a fome de um desejo que se alimentava e se reproduzia nele mesmo e que não cessava de recomeçar a cada onda surfada. Até que, sobrepondo a infância de uma temporalidade quase sempre distraída, soasse a exatidão inconfundível de um ruído cortante, imantado a temporalidade das mães: tá na hora menino, sai do mar!

Quase quatro décadas mais tarde, se apura que o surfista e o surfe eram também uma pertinência deleuziana: o desconhecimento de uma origem fixa no espaço nos misturava à instabilidade de uma dobra nômade em meio a um movimento vibratório e desdobrante. Vindo dos confins do oceano, esse movimento nos jogava num horizonte de possibilidades desconhecidas para entrelaçar corpo e onda num devir líquido já próximo à praia. Ao contrário do que possa parecer, e somente os experimentados podem constatar, a prancha não atua como ferramenta inerte, artefato inanimado entre surfista e superfície das ondas, mas como agência expandida a ela, como condição performática que anima esse momento vitalício de

interação *corp(o)nda* numa quase feitiçaria, co-presença em trânsito que se desdobra na agitação de uma natureza líquida onde já não há mais nada ao redor, apenas suspensão do acontecimento: **natureza sobre natureza.**

Os surfistas não param de se insinuar nas dobras das ondas. Para eles, a onda é um conjunto de dobras móveis [...] todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo; inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem como ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande onda, de uma coluna de ar ascendente ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço. (DELEUZE, 1992, p. 151).

Habitar<sup>1</sup> a superfície de uma onda é conciliar com ela a invenção de um novo que se multiplica e se repete em sua diferença, não há vaga igual a outra. A tipologia de cada trajeto e cada onda é continuamente renovada assim que se efetua o próximo *drop*. O que se segue é uma composição de intuição técnica, indeterminação de movimentos e manobras, mútuo devir em meio a uma escrita líquida e irregular, até se chegar à tensão da queda (*vaca*) ou a uma zona de arrebentação que nos ejeta e nos retorna, em êxtase, à espreita das próximas invenções na crista mutante do mar onde tudo recomeça na próxima onda. É exatamente ao retorno dessa natureza quase infantil e imprevisível do trajeto a que a novidade aqui se refere; onde se dá a experiência da impossibilidade de percorrer novamente o mesmo caminho num contínuo regresso, um retorno à diferença quando se está no mar, em meio a uma animada sessão de freesurf.

A repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como ‘brincar outra vez’. A obscura compulsão de repetição não é menos violenta nem menos astuta / na brincadeira que no sexo. Não é por acaso que Freud acreditava ter descoberto nesse impulso um ‘além do princípio do prazer’. Com efeito, toda experiência profunda deseja, insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno, restauração de uma situação original, que foi seu ponto de partida. (...) ela [a criança] não quer fazer a mesma coisa apenas duas vezes, mas sempre de novo, cem e mil vezes. (BENJAMIN, 1996, p. 252 - 253)

A errância é o axioma do ato de surfar<sup>2</sup>. A atualização do novo a cada onda, traduz na dobra de sua superfície, a contingência de um desenho passageiro. Linhas de fuga performando sem rastros nem ruínas frente à caçada implacável do turbilhão

---

<sup>1</sup> Ingold e Foucault ampliam a noção de habitar como movimento, deslocamento. Em oposição a ideia de se fixar num determinado espaço, situam o termo no território do devir, borrar (INGOLD, 2015) deixar marcas, manchar o trajeto a partir da movimentação e seus entrelaçamentos.

<sup>2</sup> Não confundir com o surfe de competição no qual as etapas, ondas e viagens são programadas e patrocinadas. As manobras são pontuadas dentro de um contexto competitivo acirrado em oposição ao surf livre.

caótico que nos draga e quer engolir. Entre ser caça e caçador, surfar é, sobretudo, resistir criando e se misturando a essa muralha em movimento, dançar junto a esse redemoinho insano, criando a todo instante rotas de fuga e enfrentamento. Surfar é um ato de resistência.



Nathan Fletcher no olho do furacão, na praia de Teahupoo, Taiti. Foto: Brian Biemann.

No entanto, essa substância nômade que preenche o desejo dos surfistas com um sentido de movimento não se encerra tão somente na superfície das ondas. Dela precede e procede uma outra itinerância imantada ao oceano, mas praticada agora em terra firme. Esse outro impulso errante dado à experiência de percorrer intervalos entre praias em busca do mar ideal não se converte apenas numa passagem de um ponto a outro como movimentações exploratórias, mais que isso, se traduz numa forma de habitar, numa ética de vida. Uma chave de acesso ao fora rumo à dispersão e ao abandono, um desdobrar-se em estrangeiro para o contato, o convívio e a contaminação com paisagens matizadas pelo desconhecido e ainda não transparentes à nossa consciência. Transitar a heterogeneidade secreta desses espaços é se abrir ao exílio das coalizões e tensionamentos com a diferença numa

geografia retalhada pela bruma do mistério, mundear(*worldling*)<sup>3</sup> (STENGERS, 2015) por bifurcações e enganos que desmarcam a trilha das próximas intuições e desvios a serem inventados sobre a singularidade ainda desconhecida na superfície arisca de outras ondas.

Viajávamos de ônibus locais, caminhões e balsas, de canoa, cargueiro e barcos abertos, de avionetas, veleiros e táxis, a cavalo. Andamos. Pedimos carona. Remamos. Nadamos. Caminhamos mais. Debruçávamos sobre mapas e cartas de navegação e procurávamos atentamente recifes distantes, canais, pontais, bocas de rio. Subimos trilhas cobertas por mato, precipícios escarpados e coqueiros em busca de melhores pontos de observação, e éramos frequentemente derrotados por florestas, mapas ruins, estradas piores ainda, manguezais pantanosos, correntes oceânicas e kava. Pescadores nos ajudavam. Aldeões nos recebiam. As pessoas olhavam, boquiabertas, as foices congelavam em pleno movimento quando passávamos por suas plantações de inhame nas profundezas das florestas com tábuas estranhas debaixo do braço. (FINNEGAN, 2015, p. 163)

O espírito do surfista age no mundo como um caracol, seu território é seu corpo em sua busca. Espaço incontornável, encarna e corporifica uma presença ilimitada no mundo, inscrevendo em suas deambulações um movimento que foge de qualquer tentativa de estagnação e fixidez. Tem na mobilidade o mantra de uma existência voltada para fora, tanto em terra firme quanto na água, onde o desejo perene pelo incógnito, joga seu corpo aberto sempre a frente, traçando linhas de fuga em direção às superfícies desafiantes e agitadas do oceano. Sua vocação é inventar deformações na imensidão vulcânica do mar revolto.

---

<sup>3</sup>Termo usado por Stengers como uma prática análoga ao ato de viver. Performando o aqui e agora das conexões e alteridades que uma existência estabelece com outras existências humanas ou não humanas, a partir de suas experiências e deslocamentos na Terra.



A PARTIDA



## **Surfando no lombo do rio**

Ancorados a este espírito errante do surfe e à sua desobediência ao ponto fixo, parte da cidade de Salvador uma expedição rumo à foz do rio São Francisco, por conta de um projeto comissionado para a III Bienal da Bahia. Logo depois, a expedição viria a se desdobrar em um planejamento mais elaborado, dando forma e aquecimento à esta pesquisa. O propósito da excursão: uma residência artística em movimento, que se estendia ao longo do Vale do São Francisco desde a sua foz até onde o tempo de que dispúnhamos permitisse chegar.

Não havia planos, apenas ausências e possibilidades. O artista que lida com espaço e arquitetura opera com agenciamentos e produção de efeitos. Em oposição ao planejamento e à estrutura, se orienta por vazios de desconhecimentos e não sabe ao certo como e no que suas invenções e suas articulações vão resultar, uma vez que a compreensão do espaço contemporâneo perdeu situabilidade e já não é mais uma inscrição precisa em dimensões geográficas e temporais permissíveis à experiência individual, mas um entre lugar, uma intersecção, um espaço em constante negociação e afeito ao entrelaçamento e mutação de suas necessidades e realidades. Intercalando epistemologias, é nessa justaposição e trânsito de perspectivas e saberes que esta pesquisa pretende operar: entre a arte, que parte das sensações e dos afetos, numa tentativa de agenciar o caos e a instabilidade; a arquitetura, que atualiza e transforma coisa em função; e a filosofia, que cria e compartilha conceitos a partir de um plano de imanência onde estas três formas de pensar se encontram e se entrelaçam em uma heterogênesse onde: “O essencial são os intercessores. A criação de intercessores. Sem eles não há obra. [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.” (DELEUZE, 1992 p. 156). Mais tarde, esse tríptico epistemológico viria canibalizar a antropologia e variações possíveis e até mesmo, num contexto de guerra, a desencarnação total e reinvenção de operações antropológicas, temperadas pelo devaneio como peça possível de articulação metodológica e linhas de fuga na elaboração dos processos de conhecimento da região de Rodelas, situada no estado da Bahia, suas histórias e memórias. Frente ao transtorno do seu duplo – a antiga Rodelas – afogado pelo levante das águas franciscanas a cargo da

construção da barragem de Itaparica, evocar a complexidade das experiências, fragmentos, imagens e mesmo ficções de um passado submerso era tentar trazer a superfície do presente, a condição memorial e fantasmática de uma cidade dispersa no trânsito entre esses dois limites temporais. Com a bússola da atenção voltada a esta situação de fechamento e abertura praticada no Vale rio São Francisco, foram percorridos mais de 6 mil quilômetros entre nove cidades (Piaçabuçu, Piranhas, Paulo Afonso, Rodelas, Petrolândia, Juazeiro, Remanso, Casa Nova e Sobradinho). De automóveis, motos, bicicletas, embarcações, caiaques, no lombo de animais ou caminhando e fugindo por trilhas desconhecidas, foram explorados uma diversidade de espaços, matas, praias, vilarejos, cidades, comunidades nativas e ilhas, desde a sua foz entre os estados de Sergipe e Alagoas até a barragem de Sobradinho.



Acampamento em Rodelas às margens do rio São Francisco. Gaió Matos

Não à toa, o acaso da escolha entre o São Francisco e o oceano Atlântico como primeira pausa reflexiva é emblemático e parecia preconizar, desde então, a natureza transitória e indeterminada tanto da narrativa quanto do objeto desta



pesquisa. Intervalada entre os estados de Sergipe e Alagoas, a paisagem da foz era duplamente sedutora: não só por apresentar o rio como uma linha orgânica e líquida, desmarcando com o fluxo de suas correntes escuras um limite imaginário entre dois estados, mas por abrigar uma outra liminaridade ainda mais tumultuada: o complexo entrelaçamento entre rio e mar em uma zona líquida de indeterminação e mútuo desaguar de suas diferenças, sem no entanto, desarmar ou deter a singularidade de cada substância. O rio continuaria rio e o mar continuaria mar. Essa zona de fluidez perceptiva onde não se é nem uma coisa nem outra viria a nortear todo o processo de pesquisa, atuando mais tarde como rebeldia e fio condutor de grande parte do texto escrito, dando vazão a uma narrativa impregnada pela ideia de simultaneidade e indeterminação espaço temporal, reverberada na dispersão e na instabilidade dos elementos e na impossibilidade de posicionamentos fixos no espaço.

Ainda que já analisadas em pesquisas, eventos acadêmicos e produções artísticas anteriores, essas considerações ativaram um deslizamento do olhar junto às contradições, ambiguidades socioespaciais e temporais em torno de cidades contemporâneas para uma paisagem mais aberta e rarefeita, mas não menos perturbada e problemática. Mesmo desprovida da velocidade e das urbanidades do caos metropolitano, as cidades margeadas pelo rio São Francisco padeciam de outra maneira. Abrigando congestionamentos, urgências e caoticidades de outra ordem, seus tumultos e dissensos frente à mesma violência progressista que aturde os centros urbanos mais desenvolvidos, podem também ser avaliados, em certos casos como a cidade de Rodelas, a partir de transformações e eventos com feições apocalípticas.

Como estudo de caso, do complexo de Sobradinho até a sua foz entre os estados de Alagoas e Sergipe, o rio São Francisco abriga uma relação tensa com os mecanismos de contenção e abertura em processo no desenho do seu curso, como barragens, projetos de transposição, canalizações, assoreamentos e estiagens prolongadas, dentre outras dobras. Mesmo lidando com desvios de natureza diversa, com todas as alterações e tropeços na topografia estrangulada do seu leito, um São Francisco adoecido e fragilizado escapa e segue seu curso até o encontro com o mar. Os efeitos sentidos por populações e cidades submersas ou banhadas

por águas franciscanas nesse processo são evidentes e semantizam transformações, deslocamentos, intercessões e, por cadeia, evocam a produção de novos sentidos e subjetividades. No caso específico desta pesquisa, essas intensificações ocorrem nas cidades de Rodelas e no seu entorno por conta da construção da barragem de Itaparica.

Ao mergulhar na torrente do rio, por onde afluem todas essas texturas e fermentações sociais que escapam da fricção das duas Rodelas, emergem de suas águas algumas inquietações. De que forma as cidades são modeladas ou simplesmente apagadas e quem tem o poder de regular essas transformações? Como são afetados e como situar os que cruzam fronteiras, desterrados, trabalhadores nômades e povos migrantes? É possível compreender esse amálgama urbano a partir de reminiscências e fragmentos de suas memórias? Como habitar este intervalo sísmico entre construção e ruína? Nos desdobramentos da pesquisa, essas considerações acabam por se expandir e atravessar outros espaços urbanos e temporalidades até aportar na região de Rodelas.

### **A cegueira como metodologia da sobrevivência**

Transitando em uma escala mais natural, ampliada e habitada por uma topografia instável e aberta às perturbações do progresso, o vale do Rio São Francisco, seus processos humanos e não humanos foram afluindo seus caminhos e bifurcando suas direções até desaguar nossa expedição na duplicidade desconcertante de uma paisagem que acomodava duas cidades. Uma Nova Rodelas e o seu topônimo, a “Velha” Rodelas: uma praticada no presente e a complexidade do seu fantasma, emergido de um passado recente submerso sob as águas franciscanas. Frente a essa nova cidade, ressuscitada à beira do rio, uma coreografia de ruínas afogadas e refletidas na superfície do São Francisco parece bailar em um estranho espelhamento. Sussurram um silêncio de restos e sobrevivências que ecoam em cada esquina, se alastrando pela praia doce e contaminando cada canto do seu duplo, refeito às margens do rio. Esses outramentos que se expandem no tempo e no espaço da nova Rodelas, ressoam como vontade de vida, como resiliência de

uma cidade que insiste em carregar a si mesma adiante encorpada numa coragem potente.

Abrigada numa liminaridade entre terra e água, é na fricção e no estranhamento dessas duas urbanidades que esta pesquisa se entrelaça e acontece. Garimpando e maturando espaços e narrativas reais e ficcionais, fabuladas no risco de uma deriva alquímica, irradiadas em uma corporalidade que se dissolve entre camadas de memórias, paisagens e temporalidades profanas. Essas camadas dançam embaladas pelas intensidades do São Francisco e por uma variedade de outros dramas, processos e passagens por cidades e épocas distintas que, ao mesmo tempo, embaralham e apartam as duas cidades.



Canoa parcialmente submersa no rio São Francisco, Rodelas Foto: Gaió Matos

Transcorrendo em uma gestação sofrida, parto nervoso e arriscado, surge aqui, o amálgama de uma terceira cidade fabulada e escrita agora no presente. Filha indócil e arredia, anima o andamento desta pesquisa e sua narrativa, transitando suas indecisões numa intercessão espaço temporal. Uma cidade soletrada e textualizada

no infortúnio de um distanciamento imprevisto e compulsório, tateada de longe, na impossibilidade de um mergulho mais profundo em meio à cegueira da perturbação pandêmica. Imaginada como um personagem evadido, pairando sob o convívio da ansiedade e da insegurança de uma máquina do tempo<sup>4</sup> reinventada de última hora. Refaz suas travessias temporais, assentada num mar inquieto de interrogações, mas sempre aberta ao sussurro que emana das águas. Baila todos os dias, lendo a partitura da morte, para sobreviver oscilante em meio ao choque mutante de suas memórias, atores, tempos e paisagens. Nesse ritmo, tece sua escrita em silêncio agitado, fabulando uma outra urbanidade, mais confusa e tensionada diante de uma presença forçadamente submersa nas águas de um passado que lateja e da fúria iminente de um presente sempre à espreita.

Ao longe, sob o rio, aflora como miragem encravada numa invisibilidade potente, uma cidade de apreensão laboriosa, imprecisa e arredia. Refeita em terra, reexiste maturando uma urbanidade seca, ressuscitada e matematizada na indiferença dos escritórios da CHESF<sup>5</sup>, como uma tentativa forçada de reposicionamento e aproximação com seu duplo submerso. Habitando as águas, o fantasma encarava sua aparição em solo firme, assistindo uma eterna migração de suas partes, seus sujeitos, seu nome e suas histórias. Absorvendo a dispersão de si mesmo em cada fragmento, cada fotografia, objeto, coisa, memória, ausência, existência. Espalhava sua multidão de cacos e estilhaços operando este novo desenho como uma alternativa exilada de refundação em trânsito numa sobrevivência vigorosa. Arquitetando no presente um passado de lugares e intensidades agora fisicamente inexistentes, somente acessíveis ao mergulho, à imaginação ou à memória. Uma cidade atomizada numa subjetividade em fuga, que luta cotidianamente para acolher esse novo pouso espalhando seus estilhaços numa tentativa imprecisa de reconciliar pés e chão. Escolhida por um fim de mundo planejado para presenciar a sua

---

<sup>4</sup> De início, a pesquisa tinha como método etnográfico a realização de uma performance com a abertura de um “boteco” chamado “máquina do tempo”. Ali, entre as mesas, em conversas informais com os moradores compartilhando uma cerveja gelada, aconteceriam as trocas e apreensões a respeito das relações espaçotemporais entre as duas Rodelas alimentando e norteando todo o processo de pesquisa. No entanto, a pandemia reorientou completamente a elaboração da máquina do tempo.

<sup>5</sup> Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

reexistência neste outro mesmo lugar, reinventado com os seus passos, sua gente, com seu nome e com a força do inimigo.

Ante o avanço silencioso das águas e dos esquecimentos em mais um fim de mundo arrastado e lento, propagado também pelas gerações mais recentes, Rodelas se agarrava agora ao desvio do desconhecido para navegar na perturbação de um espaço e de um tempo emaranhado entre passado, futuro e presente. Lutando para permanecer viva num dia a dia que inflacionava o desapego dos seus filhos mais jovens, completamente ausentes da sua experiência física arruinada no fundo das águas ou abandonada pela pesquisa no assombro e no desassossego da pandemia.

Quando Walter Benjamin fala do fim da narração e o explica pelo declínio da experiência (Erfahrung), ele retoma exatamente os mesmos motivos: a continuidade entre as gerações, a eficácia da palavra compartilhada numa tradição comum e a temática da viagem de proações, fonte da experiência autêntica — mesmo que seja para afirmar que estes motivos perderam suas condições de possibilidade na nossa (pós)modernidade. (GAGNEBIN, 2006, p. 109)

Filha persistente, Rodelas emerge das crises e respira policêntrica, reexiste aqui, se esgueirando por todos os lados para abraçar outros sentidos e embaralhar ainda mais o controle da racionalidade epistêmica a uma cartografia de afetos e lógicas impregnadas pelo devir da imaginação. Ao acionar este movimento rumo a uma sobrevivência múltipla<sup>6</sup> diante da proximidade de um fim de mundo em câmera lenta perpetuamente redesenhado pela (pós)modernidade, Rodelas se dobra para reanimar neste estudo outros processos de apreensão, anunciando e oxigenando a imaginação com a criação de novos atores e territórios até então desconhecidos e inimagináveis a esta pesquisa. Performa ansiosa, para desaguar um delírio de aflições e estranhamentos na confusão de paisagens e temporalidades incomuns, acessando novos espaços e nuvens de afetos, reverberando uma inflação de possibilidades e entrelaçamentos que se apresentam aleatoriamente ao novelo da escrita e da vida.

---

<sup>6</sup> Multiplicidade presente na ressurreição de Rodelas reagindo ao afogamento no seu lugar de origem sobrevivendo em terra firme enquanto urbanidade reposicionada. Sobrevivência no fundo do rio, enquanto ruína e virtualidade, como fantasma, compartilhando seus pertences com a Rodelas assentada em terra. E por fim, sobrevivência na escrita e narrativa desta pesquisa diante da iminência de abandono e desistência frente à pandemia. Vale ainda destacar outras formas de sobreviver em cada existência em contato com a cidade ou com esta pesquisa, desencadeando novas intensidades e apreensões.

Nessa perspectiva, enquanto objeto, Rodelas se inquieta para ser pensada não somente como um elemento visível e tátil, mas como nebulosa, um saber “movediço, formado por inúmeras camadas diáfanas e vaporosas de outros saberes, inclusive os rechaçados ou não considerados como tal.” (PEREIRA, 2015 p. 249-250), como uma volatilidade, fruto desse atrito que lateja entre ruína e construção, morte e ressurreição, ainda incerta de seus posicionamentos e direções. Um objeto em fuga, fustigado pelo drama do presente, a todo momento correndo cercado por um nevoeiro denso de camadas se sobrepondo na latência dos instantes mais opressores. Não há foco possível nem dissecação pragmática diante da impossibilidade de um trabalho campal em meio a ferocidade de um contexto pandêmico enclausurante. Em seu lugar, surge a contingência de um olhar nervoso e aflito, atado a um fazer angustiado, mas vigoroso e responsável; aberto às fendas do imaginário de todas as direções e encantamentos, e aqui, “cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida” (RUFINO; SANTOS, 2020, p.3) apto a se contaminar por intensidades e sensações na reconstrução de um passado quando “o delírio está no fundo do bom senso, razão pela qual o bom senso é sempre o segundo”(DELEUZE, 1988, p. 363). Em meio ao caos, a pesquisa se alia ao tumulto das coalizões para se revirar ao avesso e perder-se num jogo de sentidos e subjetividades errantes. No abismo da fuga, opera mergulhando seus métodos a um fora delirante e até então oculto. Invertendo a segurança de narrativas epistemológicas já assentadas em novos mundos e fluxos invencionais que dançam perigosamente entre o real e o fictício para apaziguar o trauma da imobilidade. Mergulha suas suspeições em um território onde “a percepção não espera as provas para aderir ao objeto, ela é anterior à observação atenta” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 230). Se movimenta entre confusões e calafrios, matizando a paisagem do texto com o trânsito arriscado de um viajante temporal que devaneia e se espiraliza na turbulência de suas invenções. Rememora e atualiza estadias e experiências no seu campo de pesquisa, para justificar e validar novos elementos e desenhar outras formas possíveis de adentrar, a distância, no redemoinho memorial de Rodelas.

Não à toa, o assombro do encontro inesperado com essas forças enclausurantes trazidas pela pandemia, demandaram à pesquisa mudanças bruscas de direção e reposicionamento, incorporando a hesitação de novos meios e táticas; abandonando certezas e acertos acadêmicos para prospectar a poesia e a criação de outras chaves de acesso e navegação em direção ao objeto de pesquisa. Diante de uma tempestade monstruosa que não cessa de desabar, corre-se aqui o risco da fuga imprevista ao abrir os pensamentos a um fabulário de encontros e improvisos que beiram o domínio dos sonhos, invadindo a todo momento a ousadia das profanações e perfurações de outros mundos.

O sonho, particularmente o sonho xamânico induzido pelo consumo de alucinógenos, é a via régia do conhecimento dos fundamentos invisíveis do mundo, tanto para os Yanomami como para muitos outros povos ameríndios. (KOPENAWA; ALBERT, 2019 p.38 apud, VIVEIROS DE CASTRO, 2007)

Naquele tempo, os espíritos vinham me visitar o tempo todo. Queriam mesmo dançar para mim; mas eu tinha medo deles. Esses sonhos duraram toda a minha infância, até eu me tornar adolescente. Primeiro, eu via a claridade cintilante dos xapiri se aproximando, depois eles me pegavam e me levavam para o peito do céu. É verdade, eu costumava sobrevoar a floresta em meus sonhos! Meus braços se transformavam em asas, como as de uma grande arara-vermelha. Eu podia então contemplar o topo das árvores abaixo de mim, como de um avião. Mas às vezes, de repente, começava a despencar no vazio e entrava em pânico. Então meu sonho era interrompido e eu acordava aos prantos. (ibidem, 2019 p.90)

Não há mais tempo a perder à espera de milagres e soluções mágicas. Trabalhar em meio ao tumulto pandêmico, produzindo na esquivo extenuante de uma desordem cotidiana lhe interrompendo a todo instante, lhe obriga ao desenvolvimento de uma flexibilidade sensível. Habitar um gingado criativo e providencial, correndo em auxílio de um encaixe ou desvio atento às armadilhas da contenção. Na angústia desse território, cabe se defender ou escapar dos acontecimentos reverberados por sentimentos quase sempre pessimistas e desconfortáveis inventando outras formas de subjetivação e experimentações. Esse cenário lhe obriga a conviver e remanejar as ruínas de observações e apontamentos anteriores, redesenhando cotidianamente novas linhas de fuga. A lidar com a tontura de processos mentais desconcertantes, que vêm e vão sem aviso durante a tessitura da pesquisa, para apaziguar uma vertigem que lhe precipita ao recolhimento de um abrigo imperfeito. Nesse estado de coisas tremulantes, o

trabalho se desenrola na fratura dos dias, evocando ideias e madrugando pensamentos em um processo de escrita assistido por uma anestesia corporal que negocia diariamente seus desvios e invenções com a ruína dos tempos. E sobretudo, ter sempre ao alcance algum mecanismo de saída emergencial desse abismo para não afundar de vez na loucura da vida. Em meio ao turbilhão que aflige, cabe traficar informações e conhecimentos numa espécie de vácuo amigável. Um refúgio secreto que lhe tire momentaneamente da trincheira e lhe devolva a algum lugar de serenidade na tentativa de habitar a emergência de novos procedimentos e táticas em meio ao caos onde “o delírio não só se avizinha da razão, ele é de razão” (MAJOR, 1994, p. 37). Mas sempre ancorado à incerteza de que os tropeços e abismos estarão, a todo instante, vigilantes pelo desequilíbrio imaginativo dessa errância.

[...] se eu deduzir que existo pelo fato de pensar – por mais incerto que seja o sujeito que assim se enuncia –, nada me assegura de que não sou louco. Não só porque na loucura existe pensamento, mas também porque o pensamento não é pensável sem a possibilidade de seu enlouquecimento” (MAJOR, 1994, p. 37).

Sem outro destino possível, coube a vontade de persistir imperfeito, viajando o texto nos acidentes do tempo, se equilibrando entre extravios e tombos. Aprender a manipular, entre a imaginação e a realidade, uma rede lacunar mas intrincada de informações, imagens, entrevistas, histórias, objetos e uma procissão de outros elementos coletados ou imaginados que vão desaguando suas corredeiras numa narrativa entrelaçada à memória de Rodelas. Por meio de andanças temporais interrompidas e etnografias mutiladas, a pesquisa experimenta um outro ritmo. Performando entre as guias da imaginação e a cólera da realidade, é acolhida por uma paisagem extrovertida, continuamente acessada pelas vias do imprevisto. Guiada pela brisa dos sentidos e por um olhar incomum, transita a experimentação que permeia a apreensão do seu objeto, escolhendo os erros que lhe pareciam mais corretos.



## **Maquinações em espumas e tempestades temporais**

Nesse campo minado, o desenho da escrita vai sendo acolhido por evidências e intuições, reverberando uma coleção de estilhaços vindos de uma perturbação perene. Transitando o amálgama espaçotemporal dessas duas Rodelas, afloram aqui as tensões de uma terceira Rodelas forjada como uma cidade texto. Animada num processo de apreensão difuso e situada num território impreciso e circulante de acontecimentos como esteio à resiliência memorial de uma outra cidade transtornada pelas águas de uma modernidade feroz. Vale ainda ressaltar a narrativa de um espaço que corre na pesquisa conduzida pela anacronia do tempo, essa fábrica desenfreada de acontecimentos, máquina perpétua de engrenagens temporais que giram difluentes e aleatórias, carregando a invenção e a desinvenção de mundos na oscilação de um movimento sem regras nem direção.

Já não navegamos num rio do tempo, que vai de uma origem há um fim, mas fluímos num redemoinho turbulento, indeterminado, caótico. Com isso, a direção do tempo se dilui e a própria tripartição diacrônica - a divisão do tempo em passado presente, futuro - vai perdendo sua pregnância. Como o diz A. Huyssen, testemunhamos uma verdadeira transformação na estrutura da temporalidade moderna em si. O que se anuncia é um regime temporal curioso: não meramente uma sincronidade universal, mas, no interior dela, a gestação de novas condutas temporais, que alteram o estatuto da memória, da repetição, da gênese, afetando assim, forçosamente, nossa relação com a ideia de projeto, de história e, principalmente de sentido. (PELBART, 2018, p. 211)

Apegado à condução de uma locomotiva descarrilada, o tempo da narrativa opera atravessado por múltiplas dimensões e camadas, mastigando o cotidiano urbano turbulento de todos os dias para digerir a contingência de processos e atores na arquitetura fugaz de um mundo habitado também por cidades em decomposição. Nesse ritmo, encadeia suas dinâmicas e disputas para devolver ao real alguma verdade embebida num feixe de histórias, paisagens e acontecimentos soterrados por ficções e imprudências, editadas em meio a relações de poder litigiosas. Incansável, a máquina do tempo deambula suas apreensões por todos os lados até se perder, evocando gritos e reverberando silêncios, desencavando narrativas e memórias suspensas no esquecimento de novos amálgamas e ficções. Sob a métrica do desgoverno, dispersa a cosmologia do seu ritmo numa orquestra de

desvios espaçotemporais para regurgitar o desastre e a cólera de um mundo em passagem. Máquina do tempo, máquina de tudo.

Na tentativa de condução dessa máquina, a pesquisa desagua as impressões de um Hidronauta. Personagem que se aventura no espaço, divagando sua existência numa aparição incomum, animada pelas perturbações temporais que habitam a região de Rodelas. Ele condensa ou dilui uma corporalidade atravessada no tempo por fragmentos da paisagem, da história e memórias de outras cidades e temporalidades em seus processos de vida e morte. Testemunha entre construção e ruína, a transformação da natureza, da forma urbana e suas estruturas sociais como sintoma de um planeta que resiste em meio a processos vitalícios de arruinamento.

Rodopia as suspeitas de suas apreensões sobre **o lugar da imprecisão**, circulando os posicionamentos do seu devir em meio a um trânsito conturbado que vai de Marzagão à Paris, passando por Brumadinho e Fordlândia, entre Roma, Mariana e o Quilombo D. João, até desaguar em Rodelas e seu entorno. A máquina atravessa, de forma anacrônica, uma clínica de cidades bombardeadas por um sistema-mundo ancorado na subjetividade e na onipresença de um discurso macropolítico (DELEUZE; vol.3, 1997) obediente às ordens e complexidades de um poder hegemônico (FOUCAULT, 2009), operado por uma potência global dispersa, que atua descentralizada e avassaladora; que não reconhece outra possibilidade cosmopolítica de existir no mundo fora da bolha civilizacional exclusiva dos seres humanos ocidentais. Sobre essa questão, Stengers nos lembra que:

O cosmos, aqui, deve portanto ser distinguido de todo cosmos particular, ou de todo mundo particular, tal como pode pensar uma tradição particular. E ele não designa um projeto que visaria engloba-los todos, pois é sempre uma má ideia designar um englobante para aqueles que se recusam a ser englobados por qualquer outra coisa. O cosmos, tal como ele figura no termo cosmopolítica, designa a incógnita constituída por esses mundos múltiplos e divergentes, bem como as articulações das quais eles podem eventualmente ser capazes[...] (2018, p. 446-447).

Em oposição ao conceito amplificado de política pensado por Stengers, existimos como sintomas de uma rachadura feroz, cambaleando em meio a uma ruptura fictícia entre cultura e natureza; ao mesmo tempo inventando e habitando uma fissura colossal que devasta o planeta, conduzida por uma humanidade intoxicada

pela negação de um outro “incomum”; atuando como sobras de um corte ontológico que se inscreve no mundo e alastra compulsoriamente suas dicotomias por todas as camadas do cotidiano como uma verdade existencial capturante e indisputável. Sobrevivendo seguindo a lógica universal de uma horda vampiresca de dispositivos de poder organizados em torno de:

[...]um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT 2009, p. 244).

Ou num sentido mais ampliado defendido por Agamben (2005 p.13):

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar.<sup>7</sup>

Nessa perspectiva conturbada de controles, ainda segundo Foucault (2009, p.128) “Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha ‘ao compasso da verdade’ – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos”. São enunciados que alarmam aqui, o desenho de cidades por onde o Hidronauta transita, elencando núcleos urbanos violentamente alterados ou simplesmente apagados do mapa, a exemplo da antiga Rodelas. Cidades desterradas, esartejadas, territórios colonizados, ocupações arruinadas, abandonadas ou engolidas pela potência da lama, da pólvora ou da floresta, mas que de algum modo resistem transformadas e sobrevivem. Nesse percurso, a nave do tempo conversa com múltiplos atores e acontecimentos, entrelaçando e multiplicando a autoria de suas fabulações e pensamentos com o pensamento de outros autores e fontes para encarar as feições de crises diversas. Matiza a escrita com espaços e tempos

---

<sup>7</sup> Fala proferida por Giorgio Agamben numa das conferências que realizou na Universidade Federal de Santa Catarina, em setembro de 2005. A tradução foi feita por Nilcéia Valdati a partir do original em italiano e publicada na Revista Outra Travessia, n.5.

acumulados na dinâmica de processos urbanos a transformar cada cidade assinalada, cada ponto de acumulação violentamente transtornado por conta da disputa inventada entre cultura e natureza. Adiante, satura seus afetos para se dispersar em novas intensificações, atravessando o tempo rumo à vizinhança de outros trajetos até encontrar Rodelas.

Dando continuidade a sua deambulação temporal, a difusão de sua anatomia adentra também no espaço epistemológico e discursivo do conhecimento. Como uma **flecha na contramão do vento**, mergulha na disputa e no manejo de forças políticas e culturais que se rivalizam no universo dos campos científicos, se valendo da colisão e convergência de saberes que abraçam as diferenças. Entre tempos, navega suas convicções incentivando a desconstrução de categorias e hábitos enraizados em verdades absolutas e cristalizadas no tempo. Ao diluir distâncias nocivas ao seu movimento e laboração, não permite que o vício e o manto do posicionamento fixo, das contenções e do isolamento se tornem a sua âncora. Ato contínuo, segue superando a invalidez e a paralisia do afastamento, incorporando a teimosia de uma mobilidade potente a seu favor, como coragem que acelera seus impulsos. Fluxo ansioso, seu alimento é prospectar aproximações, debulhando pelo caminho processos historiográficos na companhia de Bourdieu (BOURDIEU, 2003) e Certeau (CERTÉAU, 1982). Nessa passagem, o hidronauta atravessa conceitos de história e seus agenciamentos, emparelhando suas disputas e apreensões no espaço e no tempo com inquietações de Foucault, Deleuze, Bataille, Bhabha, Jacques, Nietzsche, Hall, Mbembe, Mombaça, Magnavita e mais um novelo de teses, artigos e dissertações dentre outros saberes. Trabalha sobrepondo a austeridade das diferenças na tentativa de diluir toda rigidez numa substância oscilante entre os campos de conhecimento, que passam a performar num espaço aberto às colisões e dispersões onde tudo flutua, lubrifica e abastece o seu funcionamento. Sem a presença fixa de um itinerário, a máquina do tempo opera maleável nos intervalos, alternando suas movimentações na agitação das possibilidades de um espaço até então impossível, transmutando a solidão de ilhas isoladas em continentes, onde a criatividade e a livre circulação do conhecimento é o mantra. Como um corsário pirata e verborrágico, deambula suas movimentações

sob a ótica de um atlas cego e arriscado, agenciando um tráfico intermitente de profanações e entendimentos completamente aberto ao acolhimento das diferenças e à superação dos antagonismos responsáveis pelo apagamento de saberes em descompasso com o sistema mundo ocidental.

Máquina do tempo, potência solta em espiral desgarrada de tudo que é serial e linear, esparrama suas travessias na costura de fabulações e arranjos epistêmicos sem hierarquias. Reativando e afluindo em sua passagem, uma babel de outros saberes, encantamentos, e experiências, abandonadas pela ontologia das ciências modernas(STENGERS, 2002) para mergulhar numa correnteza escrita e semeada por um regime de encontros fugazes mar adentro, em meio ao furacão pandêmico.

Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar (...) A palavra vive, sílaba por sílaba, sob o risco de devaneios internos (...) Como não devanear enquanto se escreve? É a pena que devaneia. É a página branca que dá o direito de devanear. (BACHELARD, 1996, p.17).

Não raro, a vastidão de possibilidades é também a vastidão das dores e tormentas. Desalinhada e navegando à beira do abismo, se depara constantemente com a fúria de emboscadas e tempestades para esgrimir sacrifícios estafantes. Máquina sofrida e diligente, se apega ao delírio da escrita e segue no enfrentamento de tsunamis traiçoeiros e repentinos. Dona de uma porosidade existencial, reequilibra suas hemorragias e hematomas na sombra oculta de paisagens e encantamentos para manejar um acúmulo de armadilhas no lombo escorregadio de ventanias e zonas abissais. Reage tonta a todo esse aperto nos estribos de um tempo provisoriamente fechado onde é atingida por uma chuva de raios à espreita e morre, mas ressuscita. Se esquiva de trovoadas, suturando o frangalho de suas forças na emergência de saídas impossíveis. Amparada nos braços da imaginação, sobrevive.

Músculos pisados, recupera na praia de Surubabel uma ancestralidade perdida. Se levanta e assassina uma genealogia cansada e previsível para mergulhar tempo adentro numa **Rodelas como uma mitologia do fim do mundo**. Matizado em paisagem, o Hidronauta flutua a desconstrução de sua corporalidade na espuma de memórias múltiplas, invisibilizadas e adormecidas sob o peso nostálgico das águas

e terras Rodelenses. Reanima passagens e esquecimentos sussurrados pelo encantamento dos vestígios que encontra, editando seus procedimentos na potência tanto do passado quanto do presente, onde se emparelha à confusão de batalhas e tempos. Nesse contexto, as memórias de Rodelas semantizam no Hidronauta, inquietações escondidas em rachaduras temporais, tanto no espaço da cidade quanto na paisagem do rio, animadas pela força de suas ruínas. Fragmentos e vestígios que gritam silenciosamente ao se digladiarem com emboscadas espaçotemporais para, de alguma forma, irromper em outras viabilidades e perspectivas escondidas na distensão da paisagem. Se agarram à sobrevivência em meio ao trânsito e à interconexão de suas imagens e narrativas junto a sítios de interlocução e atravessamentos receptivos às incursões mais criativas.

Ao evadir-se do fundo do rio, Rodelas passa a ocupar o mar das possibilidades, recuperando e redistribuindo, passo a passo, uma densidade memorial antes em suspensão. Agitada, se mistura ao fluxo de acontecimentos e existências já assentados e refeitos ao seu espelhamento e semelhanças. Atua no tempo de forma silenciosa como uma urbanidade fantasmática, dona de uma performance volátil, corporificada no espectro imaterial de uma cidade desintegrada, diluída num feixe de reminiscências que teimam na insistência de um pertencimento porvir. Ademais, para que essa sobreposição de espaços memoriais tenha efeito, Rodelas recorre a seus sujeitos e paisagens que se alternam no tempo. Alimenta a indefinição de sua existência em meio ao trânsito espectral de seus atores e a companhia de seus pertences numa luta existencial e política insanável, tropeçando em cada trouxa de adversidades e memórias que esparrama pelo caminho para sobreviver. Uma Rodelas que reexiste também na escrita. Que dança entre crises espantosas, escutando a polifonia dos tempos, evocando silêncios ao emparelhar à dramaticidade contida de suas ruínas, a intensificações espaçotemporais rearranjadas na vizinhança de si mesma e de outras cidades que habitam uma diversidade de outros traumas e dramas. Nessa espiral de memórias, segue agenciando uma complexa alquimia de liminaridades, que revigora, tensiona e anima suas histórias. Modifica as feições dos vestígios memoriais que atravessa ao

deslizar as cicatrizes do que ficou suspenso nas sombras do acontecido, em direção à face ansiosa do presente.

Por outro lado, a carência dessas vibrações vindas do passado à espreita de um acolhimento provisório nas brechas do agora, vem sendo constantemente aturcidas. Esse movimento se dá não apenas pela transformação da experiência imantada nas gerações porvir, mas principalmente, pelo acúmulo desenfreado e perene de ruídos e distorções mastigadas e processadas pelas maquinações da história e do tempo.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles "devoraram" tudo, a "cultura" e os "homens", e ficaram saciados e exaustos. ( BENJAMIN, 1987, p. 118)

São perturbações insistentes, e que no exagero de suas aglomerações, provocam o aparecimento de uma crosta tão rígida de entulhos e narrativas enviesadas pela oficialidade da história, que acabam por desfigurar qualquer reminiscência ou resquício memorial, soterrados agora pela ferocidade das sedimentações que agrupam. Fractais de acontecimentos rodenses que habitam regiões sonâmbulas e obscuras sob algum núcleo duro, atuando quase como mônadas intransponíveis, cristalizadas em zonas suspensas na solidão de uma densidade impossível e arredia. Mas ainda assim, presentes e calmas como uma bomba adormecida, fossilizadas na emergência utópica de alguma explosão orgíaca e salvadora que as jogue numa liminaridade entre o racional científico e a embriaguez do absurdo. À espera de um estrondo colossal que atue deformando continuamente a solidez do real e o peso de suas verdades para renascer numa malha infinita esculpida pelas mãos da imaginação e do encantamento.





FLECHA NA CONTRAMÃO DO VENTO



## **A contenção**

– O trabalho não se encaixa na linha de processos criativos. A resposta de um dos membros da comissão avaliadora para o doutoramento do programa de pós-graduação da escola de artes a qual havia submetido o projeto me ascendeu a uma certa angústia e confusão. Ao mesmo tempo, o mesmo projeto havia sido preterido na faculdade de arquitetura e urbanismo, não por conta da sua natureza criativa, mas pela falta de aderência do memorial de títulos ao barema do programa: não havia métodos, ainda, para quantificar em pontos, uma produção demarcada no campo subjetivo das artes, num esquema estruturado para produções realizadas no campo da arquitetura e urbanismo. Tinha em mãos um projeto de pesquisa “bagunçado” e sem lugar, um pensamento em trânsito num intervalo entre a arte, a filosofia e a arquitetura.

Não se trata aqui de queixa ou depoimento ressentido em relação ao posicionamento dos programas, mas da pura constatação de que ambos estavam corretos em seu arbítrio: comissões avaliadoras são o espelho das instituições acadêmicas – nas quais eu me incluo – competitivas e organizadas em códigos e estruturas de conhecimento pouco afeitos à diferença. É sintoma, não motivo.

A partir dessa ocorrência, é possível apontar que o grau de especialização do conhecimento e das ciências opera quase que de forma geológica. Sedimentados como extratos no espaço e no tempo, esse assentamento contínuo dos saberes foi gestando uma hiperinflação de categorias e subcategorias e, por cadeia, um distanciamento entre a infinidade de campos de pesquisa, produção e difusão de pensamento, mais precisamente dentro nas instituições acadêmicas. Ao afastar a diferença e a busca por uma alteridade científica – o que deveria ser regra e condição natural na construção dos saberes – esse movimento de contenção e separação tem construído uma profusão de categorias e especificidades de interesses sem a devida preocupação com uma escala de pesquisa e observação mais ampla. Uma expansão desses horizontes permite que se inclua à morfologia das epistemes que, supostamente, compõem as regras que explicam o mundo, uma desestabilização nas formas de olhar ao redor e perceber afinidades e condições de

aproximação com a diferença escondida em outros campos epistemológicos e saberes, vistos a priori, como distantes e alheios.

Este desaparecimento ou subalternização de outros saberes e interpretações do mundo significa, de facto, que estes saberes e experiências não são considerados formas compreensíveis ou relevantes de ser e estar no mundo; sendo estas epistemologias “outras” declaradas não existentes, ou descritas como reminiscências do passado, condenadas a um esquecimento inevitável. (MENEZES, 2008, p.6)

Para um melhor entendimento do espaço e do jogo de relações e refinamento dos processos culturais com ambições científicas, é necessário compreender o papel de um campo qualquer de conhecimento como lugar de elaboração, maturação e acirramento desses procedimentos. Se por um lado é possível relacionar, por analogia, um campo epistemológico à ideia de lugar social do qual Certeau (1982) nos fala quando descreve suas operações historiográficas, por outro, um campo se estabiliza na modernidade, como agente mediador e fiador entre a produção textual como teoria cultural ou científica em torno de um determinado objeto e o contexto social no qual essa produção se insere e se propaga.

Ao tratar da questão, o sociólogo francês P. Bourdieu (2003) clarifica essas relações: em oposição a um território desatento às dinâmicas e oscilações na apuração de processos investigativos, um campo, seja ele qual for (artístico, político, histórico, jurídico, antropológico e assim por diante) é um lugar de tensionamento e disputa. No desenho que abriga a discussão textual e sua legitimação como fundamento teórico ou prático, um campo determina, levando-se em conta suas relações de poder, as chaves de acesso e o encaixe de seus enunciados a um contexto mais amplo.

No entanto, as fissuras resultantes do embate de forças que permite essas passagens e, por cadeia, uma ligação mais firme entre teoria e contexto social, dependem de uma complexidade de interesses e atores variados que atuam dentro de um mesmo campo. Ademais, essas atuações estão submetidas ainda a uma cosmologia de fatores e intensidades externas que alimentam o acirramento de perspectivas e o nível de pertinência dos objetos e produções em cada área de conhecimento.

A administração do grau de influência e movimentação dessas externalidades cabe a cada campo. O esforço nessa direção depende da porosidade e resistência em relação às imposições e ruídos externos que, de alguma forma, possam alterar significativamente a espessura e a direção de suas investigações, acabando por contaminar parte ou todo o processo de apuração enunciativa. A intensidade desses contrapositionamentos, bem como a potência das respostas em relação a esse “macrossomo” (Bourdieu, 2003 p. 20) externo e sua intromissão, são determinantes para o grau de independência ou submissão de um campo a essas forças. Diante do embate de suas relações com um mundo social mais global que o envolve em tentativas de aprisionamento, “uma das manifestações mais visíveis da autonomia de um campo é sua capacidade de *refratar*” (Bourdieu, 2003 p. 22), recodificando as imposições que vem de fora, a ponto de se tornarem praticamente irrelevantes.

De outro modo, sua sujeição e obediência às vontades de um universo externo produzem, com o tempo, um achatamento na relevância e originalidade de suas produções e, por cadeia, uma desapareção gradual de sua autonomia. Essa carência de densidade autoriza a violência desses atravessamentos alheios, a converter singularidade e independência em resignação e acanhamento. A inversão de autonomia em submissão faz com que um campo passe a se comportar como um apêndice desse corpo externo que agora atua conduzindo todo o esforço de uma produção cultural segundo suas demandas. O resultado dessas intervenções é um silenciamento contínuo e o risco eminente da politização e instrumentalização de posições e, conseqüentemente, a fabricação e cristalização de um cientificismo calcado numa inflação de “verdades culturais” de conveniência, conduzidas por noções de centralidade, colonização e poder.

Neste fluxo de vigilância e controle, esses dispositivos de edição das práticas e discursos que se estruturam em torno de um objeto tornam-se claramente perceptíveis no campo das artes. Independentemente do período, contexto sociocultural, técnicas de execução, lugar de produção e materialidade, a hegemonia de um território foi capital para a universalização estetizante das definições e subjetividades que dão espessura a um objeto de arte. São operações que se desenharam no espaço e no tempo a partir de uma perspectiva

eurofalocêntrica: sua eficácia e valoração, salvo raríssimas exceções, somente são significativas desde que obedeçam a um pressuposto estético e a sua execução seja feita por um artista ocidentalizado, homem e branco.

Gregory Sholette compara a situação da produção criativa no mundo da arte com o que a física chama de buraco negro. Segundo o autor, mais de 96% de toda atividade criativa do mundo permanece invisível, no intuito de manter seguro o terreno e concentrar as fontes necessárias para garantir o privilégio de alguns poucos super-visíveis. (apud. PATTO, 2015, p. 5)

É provável que, no último século, essas narrativas estéticas tenham sofrido uma certa descentralização e diluição de suas tipologias eurocêntricas para outros centros de poder econômico e cultural, a exemplo dos Estados Unidos, no entanto, o privilégio continua presente ao norte ocidental e pode ser facilmente constatado ao se olhar o quadro insignificante da presença de artistas mulheres, negros, ameríndios ou marginais ao ocidente nas galerias e coleções dos “grandes” museus, valoração em leilões, feiras, biografias e publicações acerca do tema. Nesse contexto, onde o mercado é o mandatário dos posicionamentos, não se pode deixar de lado a criação de outras categorias definidoras, como o grau de “erudição filosófica” e penetração social nos circuitos que canibalizam os artistas e as artes, o acesso às galerias, curadores, críticos e patrocinadores.

Não se atreve aqui discutir a potência ou o juízo de valor de uma obra ou da arte, a experiência do ato criador - este sim, independe de tempo e lugar - mas a eficácia da performance e tipologia do artista junto à oficialidade do mercado que o consome; a centralidade totalizante de um real simbólico que, a seu tempo, classifica, avalia e valida camadas e texturas de um objeto de arte. Nesse processo, o emaranhado de relações de poder e forças que constituem, assim como outros, o campo das artes, não nega ou descarta a diferença, mas a torna dócil.

Toda construção de um espaço hegemônico necessita do seu duplo docilizado; do controle dessa natureza paralela e parcial como metonímia de si mesma para inscrever seus modos de representação, mitologias e reificações; para imprimir etnografias e relações de alteridade que atuam muito mais como estratégias de manutenção dessa hegemonia do que como operações mentais na elaboração de discursos de subjetivação e espaços de conciliação com essa outridade “selvagem”,

a diferença. Voltando ao campo das artes, é dessa assimetria que emerge o autoritarismo de categorizações cristalizadas no espaço e no tempo como: arte africana, negra, indígena, primitiva, *naif*, alternativa, feminista, bruta, gay, artesanato, têxtil e assim por diante, frente a universais estéticos como expressionismo, fauvismo, cubismo, dadaísmo, surrealismo, abstracionismo pop, fluxus e toda constelação de “ismos” que norteia a estética “civilizada” do ocidente. Cabe às outras “deformações” dividirem, de forma pacificada, a periferia do capital e dos espaços organizados em torno de uma arte “maior” como forma de apaziguar essa hegemonia, sem deixar, no entanto, de confirmar a oficialidade sobre o que é visível e o que é dizível.

Esse tipo de operação, camuflada sob o manto da proteção institucional de coleções, curadorias étnicas e tematizações forçosamente identitárias, atualiza de forma sutil e bem estudada pela branquitude, as estratégias de apropriação e dominação cultural que promoveram o terror, a aniquilação, o saque e o contrabando de pessoas e objetos – os mesmos que se valorizam aos milhões confinados nos porões dessas instituições – assombrando o mundo, num passado ainda recente.

Por fim, para ficar apenas no campo das artes, a responsabilidade do discurso “estético” ao se referir a outras “culturas”, deveria se dar sobretudo como uma responsabilidade ética e política. Ela não reside tão somente na exotização e elaboração desonesta de um espaço expositivo taxionômico confinado na esterilidade de narrativas autoritárias que mimetizam processos de colonização e segregação do passado, mas na criação de um lugar de esclarecimento e afirmação dessas diferenças num contexto policêntrico e polifônico, tanto do ponto de vista geopolítico quanto do entendimento estético e cultural. De reconhecimento da potência e da singularidade de cada obra sem a marca nem o estigma das categorias subalternizadas, mas dentro da mesma trama criativa que habita a imaginação de todos os seres que produzem arte, onde quer que eles estejam e sejam eles quem forem.

A diferença cultural torna-se um problema não quando se pode apontar para a Vênus hotentote ou para o punk cujos cabelos estão apontados para o ar; ela não tem essa visibilidade possível de fixar. É com a estranheza do familiar que ela se torna mais problemática, tanto política quanto conceitualmente(...) quando o problema da diferença cultural é nós - enquanto – outros, outros –

enquanto - nós, essa fronteira. (GUPTA, 2000, p. 45, apud BHABHA, 1989, p. 72)

Nesse ponto da discussão, é quase obrigatório perceber, por parte de um campo, a essência dessas forças que vem de fora ou de dentro e quem as maneja. Qual a finalidade dessas interferências e o grau de urgência ou sutileza de seus movimentos e seus mecanismos de controle. E, sobretudo, quem financia e capitaliza as tentativas de abduzir estágios e processos que se desenrolam no espaço e no tempo de uma condução cultural, seja ela qual for. É somente reconhecendo a natureza dessas incursões que se pode antever uma arquitetura de desconstrução, de onde é possível dispersar ou diluir, de alguma forma, os determinismos e posicionamentos exteriores a um campo. Nesse outro extremo, a eficácia desses reposicionamentos, quando ocorrem, depende mais precisamente da capacidade dos seus atores em perceber e identificar quais são e em que medida acionar suas forças de refração. A responsabilidade reside na criação e estruturação de um espaço resiliente, um tipo de trincheira onde a originalidade da criação e a potência das contrainformações, outros saberes e posicionamentos, se sobreponha à força de captura insistente dessas externalidades, quase sempre manipuladas por um sistema-mundo povoado por atores economicamente hegemônicos e motores geopolíticos representantes do progresso.

Não se trata de discutir a subjetividade e as tipologias de capital simbólico agregado em torno dos atores que agenciam, para o bem ou para o mal, as forças epistêmicas dentro de um campo, seu uso despretenso ou intencional, sua pureza ou politização, mas constatar a pertinência e a eficácia no gerenciamento e uso desse capital como instrumento de opressão para validação ou não de um enunciado. Ademais, nas relações de força que convergem de forma mais consistente para o êxito de uma tese, é essencial um empenho, ainda que prescritivo, no sentido de se chegar num espaço afeito ao debate, aos dissensos e afinidades. Nessa direção, a possibilidade de aderência e partilha entre as diferenças epistemológicas e seu manejo, bem como os agentes que as detém, revigoram a eficiência, o sentido de apoio e a cooperação. Negligenciar uma alteridade possível a esses outramentos é



rejeitar o acolhimento da diferença como positividade e possibilidade de encontros preciosos na apuração e sustentação de um discurso.

Mudanças de direção, disputas e dissensos podem e devem estar presentes em todos espaços onde há vida correndo, contudo, a volatilidade nesse mercado de intenções, hostis ou saudáveis, torna-se muito mais eficiente quando seu alcance é dilatado e seus contornos dissolvidos. Dentre as relações que compõem um campo, a gentileza e o desejo de proximidade deveriam se sobrepor à violência constringente e exacerbada que indefinidamente expande crises, nega ou contém a potência dos encontros enraizando seus agentes na estabilidade de um lugar fixo e alheio a diferença.

### **O lugar como fermentação**

Certeau (1982), em uma análise crítica mais incisiva dos processos historiográficos, já alertava para a pertinência do enraizamento entre o “lugar social” de onde o método e as técnicas de observação historiográfica operam como uma disciplina – por analogia, talvez possamos dizer o mesmo sobre os outros campos epistemológicos – e um enunciado teórico, em que essa prática do lugar é administrada, organizada e posteriormente revertida em linguagem. É nesse lugar onde a potência das relações sociais e informações se estrutura e onde o protagonismo de suas agências se modifica e se alterna no tempo e no espaço que justifica e orienta o risco, a legitimidade e a importância teórica em torno dele.

Em sua investigação, num primeiro momento Certeau aponta o lugar do “eu” como espaço historiográfico: comprime a ideia de lugar social com a persona do historiador, suas intuições, convicções filosóficas e pessoais como fatores preponderantes e determinantes na direção de suas posições, práticas organizacionais e teóricas. Dessa forma, o historiador advoga em torno de si a seleção e a importância dos “fatos históricos”. Essa confusão entre crença filosófica e fundamento teórico é um sintoma da presença aguda de quem trata do passado nesses termos, ora embriagando o teor de suas observações com categorias de pensamentos e sentidos filosóficos preexistentes e externos aos dados históricos

examinados, ora produzindo um congelamento desses dados numa sucessão de “verdades” absolutas como desencadeadoras e sentinelas da história e processos civilizatórios.

Uma postura investigativa que trata o passado apenas como um arquivo a ser vasculhado dentro da estabilidade de um campo específico e previamente delineado de relações, desativa o filtro da diferença ao mesmo tempo em que sobrepõe, pesadamente, a potência do presente numa suposta revisão de eventos passados. Não se trata aqui de afastar a filosofia da observação e análise dos fatos de um passado possível nem dissociar a complexidade do lugar social em tempo presente no trato com a história, mas de alertar para que o estabelecimento dessas relações filosóficas e temporais se dê de forma menos servil e derivativa. Dentro dessa diversidade de atravessamentos, a presença filosófica nas operações historiográficas descritas por Certeau deve se dar muito mais num campo de relações como mais um dos fragmentos epistêmicos e intensificações que compõem um fato histórico do que como norteadora desse fato.

Há quarenta anos, uma primeira crítica do "cientificismo" desvendou na história "objetiva" a sua relação com um lugar, o do sujeito. Analisando uma "dissolução do objeto" (R. Aron), tirou da história o privilégio do qual se vangloriava, quando pretendia reconstituir a "verdade" daquilo que havia acontecido. A história "objetiva", aliás, perpetuava com essa ideia de uma "verdade" um modelo tirado da filosofia de ontem ou da teologia de anteontem; contentava-se com traduzi-la em termos de "fatos" históricos... Os bons tempos desse positivismo estão definitivamente acabados. (CERTEAU, 1982, p. 66)

Agora, sabemos a lição na ponta da língua. Os "fatos históricos" já são constituídos pela introdução de um sentido na "objetividade". Eles enunciam, na linguagem da análise, "escolhas que lhes são anteriores, que não resulta, pois, da observação – e que não são nem mesmo "verificáveis", mas apenas "falsificáveis" graças a um exame crítico. A "relatividade histórica" compõe, assim, um quadro onde, sobre o fundo de uma totalidade da história, se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores. (CERTEAU, 1982, p. 67)

Mais à frente em sua análise, Certeau nos aponta, a partir de um revisionismo crítico do filósofo francês Raymond Aron, que a produção historiográfica, ao mesmo tempo em que aparenta escapar de um axioma filosófico e de um positivismo quase que dogmático, parece operar de forma circunscrita num outro espaço, ainda fechado e defensivo: o das instituições científicas.

O deslocamento do “lugar do sujeito” (CERTEAU, 1982 p. 67) e seu manto filosófico em direção ao coletivo das instituições científicas como “lugar social” reorganiza um campo de relações que se orienta e se estabelece ainda refém de outra tipologia de forças externas às pretensões científicas como as pressões e intempéries institucionais. Nessa nova configuração, o talento e a capacidade de interpretar dados e informações se soma ao tensionamento e às texturas, nem sempre amigáveis, presentes nos ambientes científicos e instituições acadêmicas. Sobre esse regime de dominação nos campos epistemológicos, a antropóloga moçambicana Maria Paula Meneses assinala que:

As disciplinas acadêmicas representam uma divisão de saberes, uma estrutura organizativa que procura tornar gerível, compreensível e ordenado o campo do saber, ao mesmo tempo que o disciplina, endossando e justificando desigualdades entre saberes e criando outras formas de opressão, que perpetuam a divisão abissal da realidade social; o que não está conforme o definido pela racionalidade moderna volatiliza-se e desaparece.[...] (MENESES, 2008, p. 6)

O acolhimento ou não de políticas de financiamento, afinidades metodológicas e afetivas, grau de pertencimento a um grupo e obediência aos códigos e regimentos na liturgia dos espaços institucionais e assim por diante, tomam agora o lugar da filosofia como agentes determinantes dos acessos às experiências e direções argumentativas e metodológicas. A iniciação e o nível de aprimoramento performativo dentro desse ritual de procedimentos que codificam a experiência num espaço institucional, bem como a aprovação por seus pares, são uma premissa necessária, não somente para o êxito ou fracasso de determinado processo científico, mas sobretudo, para a pertinência de sua continuidade como referência na elaboração e aceitação de novas teses.

Mesmo num único campo científico, é constante a presença da competição e o dissenso de narrativas nesse jogo coletivo pela busca de um protagonismo e consequente aceitação e aprovação num grupo circunscrito a este mesmo campo. Essas relações de poder, às vezes tumultuadas, dão o tom de como o diálogo e a troca entre as diferenças na produção e difusão das formas de pensar e fazer no mundo contemporâneo são um acontecimento ainda incipiente e de pouca importância.

Da complexidade dinâmica e assemelhada a uma espécie de mercado do conhecimento, podemos falar de uma ontologia da impermeabilidade, em que a não admissão da presença ou sintoma do outro num espaço compartilhado de teorização e práticas epistemológicas eminentemente ocidentais, traz à tona uma sensação de represamento. Frente a esse estado de contenção que tangencia esses grupos, seus campos de atuação e, por cadeia, suas análises culturais e científicas, constatamos que os caminhos em direção à construção do conhecimento parecem ser traçados muito mais pela ideia de emulação do que de cooperação.

Nessa perspectiva mais coletiva e menos individual, sai de cena uma maneira autocentrada e solitária na construção do conhecimento para dar lugar a uma tipologia de produção onde a análise, a observação e a administração das informações são elaboradas e negociadas segundo as diretrizes de um grupo. Essa nova configuração nos modos de se pensar e fabricar conhecimento com o aparecimento das instituições de saber bem pontuadas por Certeau e Bourdieu, pode ser vista como um esforço na relativização das opções teóricas em jogo, contudo tímida e ainda atuando circunscrita em grupos pertencentes a campos praticamente fechados de discussões.

A demanda ainda deficiente de um sistema científico divorciado da conciliação entre seus campos e do entrelaçamento de suas operações, aponta para o risco ou até mesmo a impossibilidade de sobrevivência de qualquer produção cultural represada nos extremos onde o despreço ao espaço aberto do debate e da negociação tem lugar. A constatação de tal fato semantiza um paradoxo: a fabricação de universais a partir de uma perspectiva localizada e limitada.

### **Sobre o mergulho**

Em oposição a essa gramática de conhecimentos bem localizados e fixos, enraizados em terra firme ou no isolamento de ilhas que pouco se comunicam, é preferível lançar-se ao **mar**. Escapar da condição de naufrago e mergulhar sobre o receio e o risco oceânico de possibilidades dissolvidas nesse infinito onde tudo boia e flutua sem prescrição. É somente na agência de um espaço aberto, ágil e

energético, onde a dinâmica radical de suas correntes e ondas permite surfar a tormenta dos choques e colisões que faz girar as chaves da imaginação em meio ao entrelaçamento de ideias, objetos e conceitos. Uma zona mista, onde a hibridização e apaziguamento das antagonias existentes nas ações e pensamentos regidas por uma lógica binária pode ser desativada e reavaliada. Como nos lembra Foucault, “A nossa vida ainda se rege por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis, dicotomias as quais as nossas instituições ainda não tiveram coragem de dissipar.”<sup>8</sup>

Nesse percurso imanente, a dispersão das distâncias que isolam a diferença nos modos de pensar e perceber o mundo, operam ao mesmo tempo, num processo de desterritorialização - como movimento desobrigado das obsessões pela ideia de fixação e estabilidade das identidades e categorias - e territorialização: quando assume a potência criativa dos intervalos e lugares de encontro para logo em seguida desterritorializar-se novamente e assim por diante (DELEUZE, 1997). Em oposição a estagnação do ponto fixo e coreografado pela espontaneidade de suas agências, esse estado perene de indeterminação sugere um espaço pulsante que não cessa de dançar, de criar e conhecer outros mundos. Um espaço em transe, ocupado pela ebulição dos corpos, vaporizando suas existências em desejos quase eróticos de si mesmo e do outro, tentando de todas as formas, articular suas interações entre ondas vibrantes de inventividade a partir da justaposição de elementos e heterogeneidades que tem o impulso perene de movimentação e a iminência do risco como mantra.

[...]eis que enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto. (NIETZSCHE, 2016, §343 p. 207-208)

Numa perspectiva mais panorâmica e multidirecional, a produção de conhecimento atua também na invenção de um espaço marginal, performando fora das leis que regem a arquitetura dos lugares fechados e capturantes a tipificar sujeitos e ideias em coisas estanques. Ademais, a colisão e articulação de mundos diversos em forças polifônicas, semantizam uma descentralização epistemológica e um

---

<sup>8</sup> Trecho de uma conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967 (publicado igualmente em Architecture, Mouvement, Continuité, 5, de 1984).

deslocamento da visibilidade para além dos limites cientificistas e dos discursos institucionalizados de conhecimento e poder. Falamos de um lugar onde as possibilidades que estruturam os elementos cosmológicos de um enunciado se organizam e são administradas por suas variações e descontinuidades. Linhas de fuga e positividade que se cruzam e atuam nos intervalos e liminaridades apartadas das adequações e encaixes universais. Estes movimentos atemporais e abertos ao desconhecido das afinidades, anulam qualquer tentativa de previsibilidade, ao mesmo tempo em que apontam e inspiram novas danças e a gênese de novos motins e agitações anônimas na carência criativa de outros sistemas porvir, mas ainda fechados.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. (KRENAK, 2019, p. 13)

Vale dizer, que nesta anatomia de movimentações, as possibilidades de fricção dos campos somente são possíveis se entendemos a diferença não como antagonismo ou contradição estranha às nossas agências, mas como um outro fluxo de alegria e positividade, como desejo criativo, quiçá delirante, de soma possível na abertura de novos sentidos, desvios, perigos e correntes, assim como nos lembra o poeta: “Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo de estrada. Gosto de desvio e de desver.”<sup>9</sup> Reconhecer na outridade a potência de sua singularidade não significa sua codificação como modelo estático, docilizado e pacificado no fechamento de categorias identitárias ou subserviências epistemológicas, longe disso, essa unicidade só é perceptível e eficiente como elemento de instabilidade. Na medida em que atíça o imaginário e provoca deformações e protuberâncias na rigidez de um outro corpo que existe adormecido e encerrado na homogeneidade de seu próprio mutismo e rigidez.

No entanto, ainda na ausência de irmanações existenciais, lugares e mundos desfixados, não binários, pós-identitários, ou zonas de convivalidade e confluência de ideias, é compreensível que circunstancialmente, em tempos extremos em meio

---

<sup>9</sup> Trecho de uma carta que o poeta Manoel de Barros escreveu ao amigo José Castello em Fevereiro de 2012.

a uma natureza desanimada, o termo identidade possa ser descolado do seu significado corrente, apropriado e compreendido a princípio, não mais como afirmação de categoria, mas como efeito. É possível assumir uma condição de flutuação entre semânticas e o termo venha a sofrer um processo mutante de desdicionarização, de inversão sintática e passe a atuar menos como substantivo que determina e mais como verbo que performa, como movimento, ação e luta.

Num pólo, as ondas de reivindicação identitária das chamadas minorias sexuais, étnicas, religiosas, nacionais, raciais, etc. Ser viciado em identidades nestas condições é considerado politicamente correto, pois se trataria de uma rebelião contra a globalização da identidade. Movimentos coletivos deste tipo são sem dúvida necessários para combater injustiças de que são vítimas tais grupos: mas no plano da subjetividade trata-se aqui de um falso problema. (ROLNIK, 1997, p. 21).

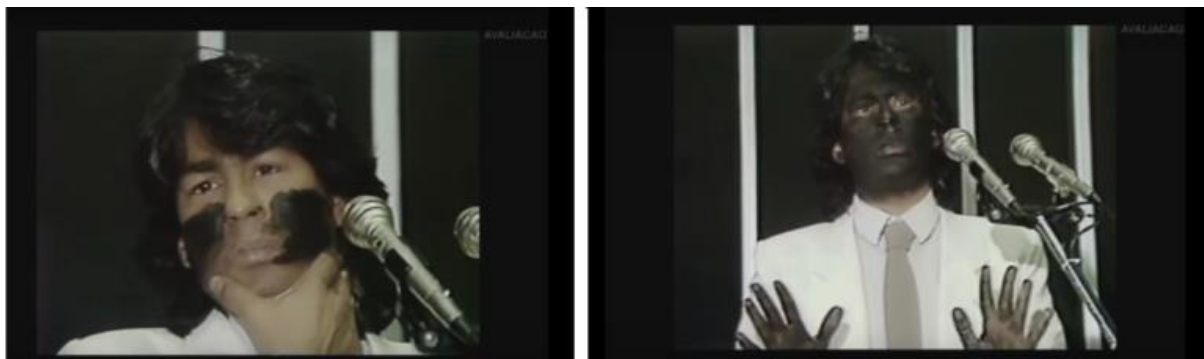
Tática de sobrevivência e armadura, ativados em sua origem por uma fragilidade atávica, compartilhada e criada por grupos de minorias historicamente vulneráveis em latente estado de esmagamento. Em contextos pré-distópicos e protofascistas, a noção de afinidade e conexão subverte a função de confinamento e homonímia impregnada no termo, para operar num campo de batalhas agora como afirmação de vida. Identidade como potência de coesão, densificação e enfrentamento, a exemplo das “máquinas de guerra” (DELEUZE, vol.5, 1997) *castrodeleuzianas* na recuperação de existências e alteridades estraçalhadas pela assepsia compulsória da ideia de progresso, parida pelo estado como um modo único de civilidade e habitação de mundo.

Todos os Estados são natalistas, necessariamente, porque, quanto maior a população, tanto maior o número de contribuintes, de pessoas que pagam o tributo, os impostos, tanto mais haverá produtores; quanto mais numerosas as massas a manipular, maiores o poder, a riqueza e a força. Por isso pode-se dizer também que a vocação de um Estado, da máquina estatal, não somente do sujeito que a controla num momento dado (penso que está na essência mesma da máquina estatal), é condenar-se à fuga para a frente, à conquista. A história dos grandes impérios, dos grandes déspotas, é uma conquista permanente, o limite sendo uma outra máquina estatal igualmente forte. É a única coisa capaz de detê-la. (CLASTRES, 2014 p. 226)

[...]mas a máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido da honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 21 )

São intensidades insubordinadas e movimentações insurgentes e piratas, que suspendem a liminaridade das suas temporalidades na tentativa de quebrar a casca

grossa de um sistema mundo opressivo. Articulado de forma criativa e determinada, o desenho político de cenários reexistenciais que fraturam a contenção e demarcação de um identitarismo categorizante e vitimizado, ainda bastante introjetado na subjetividade de quem é ou foi intensa e barbaramente desumanizado por um projeto de civilização e humanidade corroída e fracassada.



Ailton Krenak ao realizar uma performance no congresso nacional por conta da da Assembléia Constituinte em 1988, em sua luta pela vitalícia pela resistência do seu povo e suas terras frente ao avanço do progresso.

Essas forças de contrainformação atuam retomando ou inscrevendo seu próprio espaço, ora deslocando ora perfurando margens e bordas que os excluem e segregam. Grupos que infiltrados e dispersos na sua diversidade, “borram” e deformam a eugenia e a falsa luminosidade de um corpo social homogêneo, matematizado em leis e noções totalizantes de uma oficialidade que silencia e repele tudo que lhe é estranho e múltiplo. Dispositivos de controle e vigilância que trabalham como sentinelas do alheio fabricando nos seus extremos, linhas de contenção quase em pânico por conta da “ameaça” da diferença e da diversidade que resiste para existir e são constituintes da substância que homogeniza tudo que é visível e que é invisível. A esse respeito, sobre o fechamento da exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, Mombaça pontua:

Apesar da luta contra a onda de censura moralista ser importante, por demonstrar como esses episódios de perseguição pública de artistas e intelectuais críticos estão atrelados a dispositivos de silenciamento e exclusão muito mais complexos, também é importante considerar, durante esse processo, a maneira como a própria cartografia da dissidência que está em jogo foi desenhada de acordo com os limites discursivos impostos pelos gestos conservadores de censura: as pessoas são levadas a acreditar que a arte está em risco, quando o risco artístico nada mais é do que a continuidade do próprio risco de vida daqueles corpos representados pelos inquisidores da direita como perigosos para o projeto nacional. (MOMBAÇA, 2017)

Em outra ponta, ao adentrar na discussão sobre raça Mbembe afirma que:



Historicamente, a raça foi sempre uma forma codificada de cesura e de organização das multiplicidades, da sua fixação, da sua distribuição ao longo de uma hierarquia e da sua repartição no seio de espaços mais ou menos fechados – a *lógica do cerco*. Era o caso de todos os regimes coloniais de segregação. Na era da contra-insurreição, pouco importa que ela seja voluntariamente declinada sob o signo da “religião” ou da “cultura”. A raça é aquilo que permite identificar e definir grupos de “populações”, na medida em que elas seriam, todas elas, portadoras de riscos diferenciais e mais ou menos aleatórios(...) Neste contexto, os novos processos de racialização visam marcar esses grupos de populações, fixar do modo mais preciso possível os limites no seio dos quais elas podem circular, determinar do modo mais exacto possível os espaços que elas podem ocupar, em suma, assegurar as circulações num sentido que permita afastar as ameaças e assegurar a segurança geral. Trata-se de seleccionar esses grupos de populações, de os marcar a um tempo como “espécies”, “séries” e como “casos”, no seio de um cálculo generalizado do risco, do acaso e das probabilidades, de maneira a poder prevenir os perigos inerentes à sua circulação e, se possível, neutralizá-los antecipadamente, frequentemente através do encarceramento ou da deportação. (MBEMBE, 2012 p.9)

Não se deve, porém, confundir forças de resistência com forças **reativas** que são, a seu tempo, comandos de formatação que carregam o controle e a recusa. Orientam movimentações que alimentam estados de repressão e obediência, reificando a complexidade do mundo com a estabilidade de seus consensos e convenções. A reação, obedece a um feixe de forças que encenam uma cartografia de modulações recortada por linhas duras e fixas, agenciando e delimitando “espaços sedentários” (DELEUZE, 1997), conservam assim, o lugar das representações, das identidades impostas e semelhanças sem qualquer possibilidade de mutação.

Nessa medida em que a única regra é a razão e a ciência das coisas nos seus devidos lugares, se priorizam os estados de permanência, onde não há espaço para o mistério nem a vontade de convivência com a diferença, apenas a resignação ao arbítrio do que cabe nas caixas de “verdadeiro” ou “falso”. Num campo de forças reativas, o enquadramento da vida e dos costumes é avesso a vertigem das desorientações: há sempre um “manual de todas as coisas” ao alcance, codificando o hábito em rituais que, pretensamente, desinfetam e “purificam” crises e culpas, produzindo e confinando o desejo em formas desenfreadas de consumo, ansiedade e desespero.

Em contraponto a reatividade das forças que tipificam e controlam o mundo a partir de repartições de conhecimentos e experiências, coexistem as “forças **ativas**” (DELEUZE, 2018; NIETZSCHE, 2011) que se constituem como afirmação de vida

alimentadas por um sentido inato de positividade, natureza imanente. Performam sem a mediação nem o pressuposto de imagens exteriores e anteriores que atrofiam e achatam a vontade e o desejo genuínos, seus motores. Não há nessas forças um propósito teleológico ou reativo, que nega ou combate alguma coisa, mas uma potência regida por uma organicidade que se movimenta e revigora a si mesma sem a necessidade de buscar o confronto ou referência alheia. Inexiste inimigo direto a combater, finalidades ou objetivos, mas simplesmente uma vontade atávica de existir.

Pierre Clastres, depois de conviver um pouco com os nossos parentes Nhandeva e Mbyá, concluiu que somos sociedades que naturalmente nos organizamos de uma maneira contra o Estado; não tem nenhuma ideologia nisso, somos contra naturalmente, assim como a água do rio faz o seu caminho, nós naturalmente fazemos um caminho que não afirma essas instituições como fundamentais para a nossa saúde, educação e felicidade. (CLASTRES apud KRENAK, 1999, p.30)

Nossa esperança é que o desenvolvimento das nossas relações ainda possa nos ajudar a ir criando formas de representação, formas de cooperação, formas de gerenciamento das relações entre nossas sociedades, onde essas instituições se tornem mais educadas, é uma questão de educação. Se o progresso não é partilhado por todo mundo, se o desenvolvimento não enriqueceu e não propiciou o acesso à qualidade de vida e ao bem-estar para todo mundo, então que progresso é esse? (Ibidem, 1999, p.31)

No entanto, não se quer aqui engrossar os limites do dissenso nem reverberar antagonismos ou dicotomias que orientam a decomposição da modernidade ou pós-modernidade e seu futuro em ruínas. Não se trata de opor a diferença isolada na sua singularidade ao ponto atomizado que aceita bovinamente sua condição num rebanho, nem um acirramento das oposições entre oprimidos e opressores ou mais ainda, cultivar um confronto de forças ontológicas, mas apontar a necessidade de sua dispersão. Apoiar um choque de inversão fundamental no sentido de acionar operações de esvaziamento e desintegração de implicações e antipatias, refratar dualidades em tensão que se alastram como virais, repartindo geografias e afetos em territórios de conflitos, violências e disputas perenes. Não falamos aqui de trégua, que pressupõe um intervalo ou efemeridade; pausa obediente à uma temporalidade calculada, matematizada num descanso que se posiciona com um dos pés na calmaria da paz e outro na continuidade da guerra, mas de um espaço ainda sem lugar e sem nome, onde as diferenças que se dispersam possam se confundir e se embaralhar num estranhamento mútuo, num abraço sem hierarquias

de ordens que coagulam o convívio e a experiência dos encontros e misturas em lugares de contenção e afastamento. Um lugar em que se possa existir sem ser esmagado pelo peso estrondoso e consciente da guerra maniqueísta que permeia as alteridades humanas e sua sanha neurótica pela aniquilação ou dominação da diferença, do outro.



O progresso das nações, 2017, impressão digital sobre tecido, recorte, acrílica e costura, 29 × 58 cm, Rosana Paulino. Galeria Mendes Wood.

Na tentativa de alertar para uma dessas zonas que transcende a trégua enquanto meio dispersivo; a possibilidade de construção, ou mesmo fabulação deste lugar inusual, atravessa a obra de Fanon<sup>10</sup> como um feixe de complexidades fortemente ancoradas na questão racial. Fanon, situa a ferocidade secular das práticas coloniais e seus efeitos devastadores e que até hoje reverberam, num espaço de “negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade”(1968, p. 212). Disseca o eurocentrismo de uma invenção monstruosa com fins mercantis, ao pontuar junto a psiquiatria e outras transversalidades, um estado de animalidade perene como elemento fundacional nos processos de destruição da subjetividade do povo africano e por cadeia, a internalização de um trauma colossal como um dos motores gestacionais do capitalismo moderno.

<sup>10</sup> FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA. Salvador, 2008.

Um sofrimento psíquico, sintoma de torturas físicas e mentais sistêmicas, obcecadas por cindir ou anular toda condição humana e memorial do colonizado para se apropriar dos seus corpos, suas vidas e suas terras. Marcado na pele como gado e encurralado numa cadeia sem fim de alienações existenciais que atravessa gerações, o povo negro, preso na invenção europeia de uma inferioridade epidérmica (FANON, 2008), é obrigado a negar a si mesmo como existência e fugir rumo ao abraço impossível do seu carrasco.

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio. (FANON, 2008, p.69)

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é negro como a virtude é branca. Todos esses brancos reunidos, revólveres nas mãos, não podem estar errados. Eu sou o culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável. (Ibidem, p. 125)

Esticada para todos os lados, a obra de Fanon pode, a princípio, soar maniqueísta ao inflamar o calor das hostilidades e retaliações como meio de libertação dos colonizados, reproduzindo em parte, a violência certa das práticas herdadas dos colonizadores ou como diria Sartre, derramar a erupção de “uma raiva vulcânica”<sup>11</sup> introjetada a chicotadas no corpo negro pela brutalidade colonial. No entanto, numa leitura mais atenta e atual do seu pensamento, percebe-se a diferença. Para além da muscularidade que sustenta o assombro da luta anticolonial, o magma que arde no corpo preto pela urgência em recuperar e apontar outras formas de humanismo distintas das limitações eurocêntricas são de ordem deontológica. Difícil simplificar a factualidade da luta empreendida pelos escravizados e colonos apenas como um espelhamento das atrocidades coloniais que os suprimiram de suas realidades. Em verdade, a gênese dessas insurreições, ascendem e se atualizam no tempo, não somente como luta e retaliação, mas como uma obrigação ética e existencial empunhando o drama de um escudo vitalício contra a ferocidade das invasões e antipatias eurocêntricas e um sistema mundo que trabalha indisputavelmente a favor

---

<sup>11</sup> Expressão utilizada por Sartre em seu prefácio para “Os condenados da terra”, escrito por Fanon e publicado pela primeira vez em 1961.

de um ambiente assassino, exclusório e opressivo. Não à toa, Fanon critica o movimento liderado por Aimé Césaire<sup>12</sup> para encampar a negritude<sup>13</sup> não somente como um constructo racial fixo e fechado em si mesmo com o intuito de combater a fúria colonialista, mas por outro lado, como movimento destravado de fronteiras culturais, como um fluxo constante de alteridades, transformações e articulações numa *práxis* diária. Um embate perene que supera e sobrepõe a grafia cerrada dos identitarismos e da violência como fim último, para articular um modo de reverter o maniqueísmo vigente exaltando e exercitando, dia após dia, o porvir de uma humanidade brutalmente arrancada de um corpo combatido cotidianamente em cada palmo da sua dimensão humana e espiritual.

Por um lado, ao reconhecer a desumanidade do branco, reconhece-se que o rei está nu. O corpo branco já não se esconde atrás do véu do universalismo, da objetividade, mas se apresenta também como um corpo particular, que constrói um mundo e o interpreta a partir de uma visão particularista e interessada. Por outro lado, ao privilegiar o olhar daqueles que habitam a zona do não-ser, Fanon positiva esta localidade não como uma posicionalidade na qual devemos permanecer nela, mas como uma posicionalidade capaz de fazer uma crítica radical ao projeto moderno e sua definição limitada do humano. Abre-se a possibilidade de se construir o conhecimento a partir da diferença, não sendo mais necessária a mímica da representação, das categorias e das interpretações dos senhores. (BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 518)

Em outras palavras, hoje essa luta significa substituir as máscaras brancas pelas máscaras negras como um passo fundamental para o desenvolvimento do projeto de um novo humanismo, um humanismo que não esteja limitado à experiência histórica e cultural apenas das populações europeias e seus descendentes espalhados pelo mundo, mas que inclua os sujeitos coloniais, até então, habitantes da zona do não-ser (Ibidem, 2016, p. 519)

Aqui, o recorte do pensamento fanoniano articula a transversalidade da sua narrativa anti racista esbarrando em outros sistemas de opressão e humanidades manejados habilmente pela cólera homogeneizante de um aparato civilizacional repelente à diferença. Falamos de sistemas fechados, que se mantêm de pé operando a forma-estado como uma máquina de fabricar fins de mundo a exemplo da região de Rodelas e outras localidades que serão aqui elencadas e transtornadas pelo

---

<sup>12</sup> Nascido na Martinica, dramaturgo e aclamado como um dos mais importantes poetas surrealista, Césaire foi também, juntamente com Léopold Sédar, Presidente do Senegal, criador do termo e do movimento negritude, conhecido pela luta antirracista e pela revalorização das raízes Africanas, decisivo nos processos de luta anticolonial.

<sup>13</sup> Em oposição ao conceito de negritude formulado por Césaire, que de forma alguma é desprezível, Fanon pregava um comprometimento revolucionário “pela construção da nação, dos desejos e visões de mundo do povo e de uma visão humanista-internacionalista que refutasse o nacionalismo, o particularismo e qualquer visão reificada de identidade” ( FAUSTINO, 2015, p.132)

progressismo. Que atropela os que vivem à margem com “avanços” exclusivos e pontuais, agitando na diferença, o contra posicionamento de uma prática permanente por sobrevivência, irmanações e alianças, num espaço tempo liminar, onde “a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra.” (HALL, 2006, p. 87).

Trata-se aqui, de constituir e habitar zonas de flutuação operadas pelo esquecimento dos extremos; zonas que reclamam por movimento e indeterminação de posições em lugar da rigidez mórbida que a tudo congela e conflita. Assanhar a incerteza de um intervalo em trânsito onde o desejo de ir e vir seja um acontecimento herético; resiliente ao alcance cortante dos limites e fronteiras que comprimem a verdade a um ponto tão denso que nada escapa à força capturante do seu centro gravitacional.

Em oposição a um silenciar de vozes dissonantes, cabe excitar seus afinamentos e complementações, atentar para “a lógica que o outro pensamento põe em funcionamento” (COSTA, 2019, p.39). Por analogia, esse comportamento pode ser observado tanto numa sinfonia onde elementos tão díspares quanto pratos, violinos e bumbos convivem se misturando e convertendo diferenças e singularidades em arte, quanto numa banda de jazz, que combina suas distorções sonoras numa abstração de harmonias e dissonâncias. Ademais, Fanon já nos alertava sobre a falta de sentido em seguir *ad eternum* conduzidos por categorias identitárias egoístas e disparidades que atuam como se estivessem num *ring* de boxe.

Ora, vimos nas páginas precedentes a que insucessos nos conduziam a essa imitação. As realizações europeias, a técnica européia, o estilo europeu devem cessar de nos tentar e de nos desequilibrar[...] Quando procuro o homem na técnica e no estilo europeus, vejo uma sucessão de negações do homem, uma avalanche de morticínios.[...] A condição humana, os projetos do homem, a colaboração entre os homens para as tarefas que aumentam a totalidade do homem são problemas novos que exigem verdadeiras invenções. [...] Decidamos não imitar a Europa e retesemos nossos músculos e nosso cérebro numa direção nova. Tratemos de inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar.[...] Há dois séculos uma antiga colônia europeia resolveu alcançar a Europa. E tal foi o seu êxito que os Estados Unidos da América se converteu num monstro em que as taras, as doenças e a desumanidade da Europa atingiram dimensões espantosas. (FANON, 1968, p. 273–274)

Há que se ter cuidado, porém, com a armadilha de uma dispersão completa e fatal, que tende ao isolamento e a desapareição. Em seu lugar, atentar para uma dispersão imersa num tipo de densidade inconstante e maleável, impaciente e promíscua, que ginga na polifonia da imaginação e profana sua órbita com a consciência de uma vizinhança criativa e insinuante, suscetível e vulnerável à sedução e ao charme oblíquo da diferença que desarma o outro. Há de se reconhecer, no entanto, que esse movimento expansivo não se dá em total liberdade e fluidez festiva, mas que avança por tensões, latências e crises, por disputas acirradas e mudanças bruscas de direção, como sintoma de rupturas traumáticas e recomeços.

Nesse jogo contingente de entusiasmos e dramas que nunca se acomoda, vem à tona uma noção de verdade descentralizada, assemelhada muito mais a uma constelação dispersa na variação provisória de suas luzes piscantes do que a um buraco negro que draga e devora todo e qualquer posicionamento contíguo. Entre meias verdades, essa dispersão só é possível no desconforto e na instabilidade dos posicionamentos, só se constitui na vertigem insalubre do desequilíbrio, dropando a aventura dos tumultos e fricções agitadas entre jardins e abismos monstruosos que se apresentam e se alternam aleatoriamente em meio à rajadas e ventanias, dobras e liminaridades desestabilizantes

Os pés firmam-se em um dos lados do abismo. As mãos e os dentes agarram-se ao outro lado. O vento sacode o casaco desse sujeito, ponte estendida num lugar inóspito, inexistente nos mapas. Além de apresentar sua condição de ponte, de observar o riacho gelado que corre bem abaixo, os penhascos de pontas cortantes voltadas para cima, o sujeito apenas pode esperar. E espera. E a ponte apenas pode manter-se como ponte naquele estado de iminência. A iminência do desabamento. (KAFKA, apud. BRANDÃO 2011, p. 76 )

Talvez seja somente surfando no rodeio alucinado desta zona híbrida, ponte móvel e tensa nos lambendo e balançando entre a calma da morte e o perigo iminente da vida, que se possa, de alguma forma, entrever a possibilidade de se desdobrar no transe de um ponto de saturação e ruptura fundamental deste vórtice insano.

Dar vazão a uma quebra ôptica e ontológica, que dê pistas para a criação de um fora absoluto e impossível em direção a outras formas de ser e estar. Gravitando confusões e imaginações alienígenas, invertendo suspeitas e lógicas vigentes ao implodir a estabilidade de corporalidades e metafísicas que nos consome a carne da

alma, para habitar tridimensionalidades desmundializadas em reinvenções completamente desconhecidas e povoar uma paisagem ainda inédita de convulsão existencial e potência criativa. Fabular um porvir muito à frente de espaços e temporalidades sequer conhecidas. De outra maneira, estaremos ainda condenados a existir vagando como passagem, trânsito tonto, sujeito ponte Kafkiano habitando o sempre e o mesmo da agonia fantasmática num intervalo inerte; limbo acidentado que nos sustenta precariamente entre um extremo e outro de um abismo sem início nem fim.

### **Passageiro do caos.**

No descaminho longo e tortuoso até este *logos utópico* - se é que ele realmente existe - a urgência do presente, se dá no sentido de afrouxar e partilhar os centros gravitacionais de tudo que atrai e aprisiona. Diluir os mecanismos de fechamento e contenção que estandardizam a vida e o conhecimento, fabricando uma órbita mercantil impostora de escolhas e buscas. Numa outra ponta, para adentrar no objeto de pesquisa, a insurgência de prospectar e acionar um devir criativo que se agita numa geografia de campos gravitacionais mais aberta, não nega a curiosidade nem o estatuto da ciência como conhecimento, mas expande de forma criativa, a eficácia e o alcance dos modelos e métodos tradicionais e bem comportados de investigação científica. Ativa nos seus agenciamentos, a polifonia da imaginação e o risco da aventura e do acidente de onde aflora um idioma de impulsos que alimentam o movimento e a produção de novos espaços e fluxos de possibilidades, de erros e intensificações. Essas perturbações, vão constituindo a espessura de novos sentidos e dando a dimensão de acontecimento a escrita e a busca por seu objeto de pesquisa que se configura também como acontecimento.

Embora os tipos de conhecimento científico ainda se estruturam, em grande parte, de forma restrita ao confinamento dos ambientes institucionais e acadêmicos, a varredura e o cercamento de um objeto para produção de enunciados e discursos, não deveria se dar apenas em torno de dados bem comportados e informações disponíveis que gravitam amigavelmente à sua órbita. Para contornar o



distanciamento compulsório de Rodelas, a pesquisa não atua tão somente dentro de um sistema de coisas e informações limitadas a sua proximidade, mas sobretudo pelo desvio; “o que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam a minha rota. Construo meus cálculos sobre os diferenciais de tempo – que, para outros, perturbam as ‘grandes linhas’ da pesquisa” (BENJAMIN, 2009, [N 1,2] p. 499). Na avaliação das contradições e dissensos, na paisagem desviante dos tempos, fragmentos e entrecruzamentos de suas complexidades e, mais ainda, na sobreposição dessas temporalidades e as pertinências que elas carregam. A leitura historiográfica, o discurso, o choque de subjetividades, colisão de imagens, imaginações e delírios, conhecimentos e saberes diversos, bem como o desenho informal e quase aleatório de sua arquitetura, atuam promovendo uma desterritorialização do saber que atravessa e faz do objeto, um acontecimento social criativo no espaço e no tempo. A elaboração de seus posicionamentos, possíveis analogias, montagens, jogos cooperativos, desvios e abstrações parece emergir seus retalhos a partir de uma espécie de **antropologia do caos**.

[...]mesmo a antropologia se vê no limiar de desaparecer como uma forma esgotada de humanismo ou metamorfosear-se para repensar seu campo e suas ferramentas para incluir muito mais que o homem, ou seja, toda essa coletividade hoje relegada à função de entorno. [...] E ainda, se as pessoas agora já não mais estão restritas somente aos humanos, e se a humanidade é coextensiva a diversos seres e entidades – sobrenaturais inclusive –, como os diversos coletivos de humanos e não-humanos coproduzem o mundo, seus artefatos e espaços? (CANÇADO, 2019, p. 26-27).

Animar uma vontade antropológica dessa natureza, mesmo à distância, é se aventurar na busca e no apontamento do não dito. É também reanimar um emaranhado que escapa a sobriedade do pensamento, uma errância imaginada e pulverizada sobre o que está disperso nos cacos, vozes e margens impossíveis da paisagem rodelense. Nos montes de ruína e fragmentos rodopiando numa floresta de resíduos e esquecimentos amontoadas, perdidas nas dobras de um passado indeterminado ou fulminadas por um presente fatal. É preciso adentrar Rodelas almejando um saber que se monta na fricção das precariedades e temporalidades, em imagens matizadas pelos apagamentos do tempo, suas mutações e acirramentos, e sobretudo entre **mortes e ressurreições**.



Numa dada situação, registro de ação performance do artista Francis Alys<sup>14</sup> adentrando um tornado. Foto: Francis Alys.

É também vagando entre órbitos e reexistências, que a pesquisa se ajusta ao objeto no tempo, se incorporando à natureza de um espectro fantasmático que vai colorindo sua aura enquanto vagueia. Performando como um elemento arredio e flutuante que paira imanizando uma dispersão como um tornado que aparece e desaparece, agenciando a sua volta uma procissão de fragmentos e destroços suspensos numa ausência latente. Um movimento labiríntico que reanima e rodopia uma cosmologia de coisas estilhaçadas adormecidas na paisagem do tempo, para se dissipar e reaparecer num *looping* aleatório a qualquer tempo e lugar.

O interessante da lógica fragmentária é precisamente a problematização pela dúvida. Não há qualquer possibilidade, nem interesse, de se buscar uma unidade, ou qualquer tipo de lógica unitária. A questão também é temporal, diz respeito a uma ordem incompleta e mutável, mas o inacabado, a ausência de um conjunto, de uma totalidade, também incita à exploração, à descoberta, o que os fragmentos têm de incompleto, de inacabado, possibilita também outras

---

<sup>14</sup> Francis Alys é um artista belga conhecido por obras que operam misturando elementos de performance, pintura e prática social. Seus trabalhos frequentemente envolvem questões políticas, culturais e sociais, explorando temas como fronteiras, migração, urbanização e tensões geopolíticas. Alys foi descrito como um "artista errante", já que costuma deambular no espaço, observando e interagindo com o ambiente para criar sua arte.

associações, em particular a partir do intervalo (do vazio que os separa) entre eles.(BERENSTEIN, 2020, p.374)

Perceber a deambulação desta performance é se entrelaçar a ela, e por cadeia, ao objeto desejado e ao seu ecossistema de paisagens. Experimentar a ancestralidade e o encanto de suas nuances coabitando um corpo texto hibridizado entre essas duas instâncias. Talvez somente assim, seja possível atestar uma movimentação que vai se desenhando e montando a complexidade de uma corporalidade quase xamânica (KOPENAWA; ALBERT, 2019), difícil de ser apreendida em sua composição e dispersão. Um tipo de fantasmagoria que deriva entre finamentos, lutos e ressurreições, apagamentos e reconstruções, dormências e reanimações. A topografia acidentada do tempo que joga com seus vazios e abismos, neste sentido é implacável, ela mata e reanima seus entes instaurando assim, uma espécie de epistemologia da sobrevivência.

Nessa espiral de acontecimentos - alguns escondidos e inacessíveis - borrados pelo desgaste e esparramados por um complexo de espacialidades, paisagens e fendas do tempo, não devemos deixar de lado a vocação e a eficácia de como e de quem atua como agenciador dessa incontornável balbúrdia. Um processo ou tentativa de antropologização do caos, também sugere descortinar um arranjo enigmático, trazer a tona o estranhamento de uma ordem inquieta por trás de toda imprevisibilidade na dispersão de elementos, um tipo de “constante” incógnita, bruma comum que percorre, contamina e dá liga a essa equação frenética, infinita e sem solução que orienta o caos do cosmo e emaranha fluxos de existências, cosmologias e temporalidades. **Natureza?**

### **O hidronauta em sua máquina temporal.**

Como um caçador de aleatórios que maquina o tempo a procura de pistas soltas e fragmentos, cabe ao sujeito operador do caos, arregimentar dados, informações, resíduos de acontecimentos e intensidades que possam dar espessura ao objeto de

sua pesquisa, e ao mesmo tempo, deixar manchas e sinais como evidências de seu deslocamento. (INGOLD, 2015)

Esse tipo de aproximação e abordagem mais aberta e desarmada, desfaz a harmonia de uma leitura cientificista e linearizante, reanima a materialidade de uma nebulosa de fragmentos entrecruzados como matéria prima de uma massa, ou melhor dizendo, de uma **trama escultórica** sempre faminta de alteridades. Atravessando um pesadelo que não cessa, a manipulação desse aglomerado coletado entre imaginações e estilhaços espaço temporais em Rodelas, opera modelando a subjetividade de múltiplas histórias, imantadas a corporalidade de um objeto já emanado. Atentar para essa disposição morfológica, só reforça e reafirma sua condição de acontecimento e mais ainda, a impossibilidade de sua análise sem levar em conta a caoticidade colaborativa de seus atravessamentos e interações politemporais que embaraçam suas tramas.

Pensamentos que não tem lugar, um território designado: são como nuvens. A periferia de uma nuvem não é precisamente mensurável, é uma linha fractal. As nuvens projetam suas sombras sobre as outras, os contornos variando segundo o ângulo que se vê. Impelidas segundo velocidades variáveis, não cessam de mudar de posição uma com relação à outra. Quem se põe a discutir as nuvens, como lidar com sua elisão? (PEIXOTO, 2003 p. 37)

Sempre esperta a variação das suspeições que habitam o campo da indeterminação e do imprevisto, as impurezas dessas operações semantizam sobretudo estados coletivos de contaminação e contingências. Em sua natureza escultórica, aberta e emaranhável, não há espaço para uma preocupação desaforada com demarcações cronológicas e periodizações matematizadas na racionalidade de um tempo hegemônico. Apegado a uma inflação de números, datas, sucessão de épocas e fatos bem delineados na fixidez do espaço e do tempo, mas a sobreposição de camadas e texturas diversas, a fricção e o entrelaçamento de heterogeneidades num relevo de contextos temporais e perspectivas acidentadas que afirmam a positividade da diferença, a imaginação e a potência do interesse em um objeto que se expande pra sempre. São intensificações que performam calibrando a máquina temporal na fabulação de paisagens e de linguagens discursivas em sua órbita improvisada e dispersa. Inventando energias que atuam vibrantes, especulando

imponderabilidades entre suas perturbações mais remotas e a ferocidade do tempo vigente, e porque não, nas projeções de um futuro impossível.

A coleção dessas peças, por mais aleatórias e caóticas que pareçam, depuram uma gramática de intensificações labirínticas, que se inscrevem aleatoriamente no objeto por uma tipologia de afinidades e aproximações derivadas de processos, invenções e informações tanto do passado quanto do presente.

São apurações que transformam a singularidade e a diferença em redes colaborativas de entendimento e interações. A validação deste novo composto de alteridades, verificáveis ou não, operam junto a máquina do tempo, atualizando compreensões, dissensos e intersubjetividades que recobrem o objeto com significação e pertinência. Reagrupam presentificações no passado, de elementos coletados no aqui e agora, a outras informações já sedimentadas nos estratos do tempo, mas ainda passíveis de serem reanimadas, retorcidas e reorientadas pelo espectro da imaginação.

A Rodelas escrita aqui no presente, que já é passado, surge na irradiação dessas movimentações animadas pela vontade de sobrevivência. Dissolvida e reagrupada em meio às fragilidades que emanam do desespero e desorientação, para atuar no mal estar da natureza sob a condução hidronáutica de uma máquina temporal errante. Fraturada no caos das paralisias e do enclausuramento, se refaz nos encantos de paisagens que se abrem nas reviravoltas do tempo. Despejada e desejada num vazio de possibilidades, Rodelas se desvia e sobrevive também como escrita, como narrativa inesperadamente tramada entre o real e a ficção, retorcida pela distância e pela verdade crua de um presente quase distópico. Tempo inscrito nas páginas do imponderável, se arrastando em meio a uma realidade em processo de desabamento, mas que expurga a previsão de suas estruturas ao explodir suas contenções e desdobrar sua máquina e seu condutor em polisujeitos. Atuando como testemunhas e ouvidorias de territorialidades que se esgarçam do caos e de um aprisionamento forçado e recorre à imaginação de outros mundos para sobreviver. A máquina temporal persiste no susto, revolvendo a paisagem do tempo rodelense, entre a insegurança ficcional e o peso fóssil de suas memórias, para seguir adiante

norteada por um assombro imprevisto que dissolve aspirações e certezas, que lacera caminhos.

Em meio ao fumaceiro desta perturbação que a tudo desfigura, surge a imagem insólita do Hidronauta. Imperfeito, habita um corpo ainda em construção, trepidando a porosidade dos seus ossos numa anatomia angustiada para logo se quebrar no sufoco de tempestades furiosas desabando sua cólera sobre o cotidiano de tudo. Apanhado pela avalanche do mundo, afunda a turbidez da sua existência no delírio das dobras e rugas temporais que os vôos da sua errância inventa para adentrar novamente em Rodelas. Se perde na metafísica inédita de suas paisagens, desinventando caminhos e trilhas iluminadas pela paralisia da segurança e do hábito, para acessar com sua máquina, um tempo perdido. Segue no escuro das escolhas, tateando as sombras do imprevisto até encontrar algum refúgio. Ali, o Hidronauta defende o estranhamento do seu corpo vestindo as peles da imaginação e do perigo. Acelera sua máquina numa sinfonia de crises e tempos que lhe rasgam de um interior aprisionante para renascer num outro de si mesmo, recorporificando seus desejos e vontades num híbrido de flutuações e ventanias incomuns.

A experiência interior do homem é dada no momento em que rasgada a crisálida, o homem tem consciência de se rasgar a si próprio, e não a resistência oposta de fora. Uma imensa revolução se produz quando se é capaz de ultrapassar a consciência objetiva que as paredes da crisálida limitavam. (BATAILLE, 1988, p.26)

Desancorando seu mundo da realidade, se esquia da procissão de milagres e santos de sempre que insistem em lhe sugar a fé em direção às epistemes pacificadas, para performar seu feixe de personalidades e aparições numa tentativa profana de apreensão de uma cidade fantasma abraçada a uma sobrevivência potente em terra e na escrita. Transmorfo em suas práticas, fabulações e leituras, o Hidronauta se mistura aos autores e atores que captura, reanimado sua ancestralidade num caleidoscópio de sujeitos: artista, arquiteto, arqueólogo, historiador, antropólogo, filósofo, pai, filho e surfista. De quase ex-dono de boteco (projeto original da máquina do tempo)<sup>15</sup> a maquinista temporal improvisado, persiste inventando passagens em seu labirinto mental seduzido pelo risco iminente do

---

<sup>15</sup> Performance que deveria ter sido implementada antes da pandemia, como explicitada anteriormente nesta pesquisa.

acaso. Se retorce para inscrever nas rédeas de uma máquina temporal desregulada e refeita, suas impressões e afetos como alvenaria na construção de uma cidade narrada nos acidentes de um tempo em desespero e forjar uma terceira Rodelas. Sujeito caótico, de mão trêmula e tonta, reage ao monstro emaranhando a escrita em espirais, girando em círculos inexatos de inquietação e temporalidades. Longe de esconder seus refrões no texto que segue, segura as guias de sua errância dando voltas e sobressaltos nas paisagens que canibaliza em seu caminho; gravitando a loucura das alteridades mais secretas, amarrando suas linhas de fuga na repetição de investigações, enunciados e termos que persistem rodopiando um devir que se textualiza entre três cidades, três Rodelas.

Se a repetição é possível, é por ser mais da ordem do milagre que da lei. Ela é contra a lei: contra a forma semelhante e o conteúdo equivalente da lei. Se a repetição pode ser encontrada, mesmo na natureza, é em nome de uma potência que se afirma contra a lei, que trabalha sob as leis, talvez superior às leis. Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é a transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística. (DELEUZE, 1988, p.21)

Tateia o caos como se tocasse em si mesmo, numa tentativa derradeira de encontrar segurança em algum espaço imprevisto, ritornelo ou clareira perdida no cosmo desassossegado de sua existência. Respirar a mansidão das brisas que povoam os lugares de calma para se irradiar como escrita em meio ao temporal que varre pra longe seus entusiasmos mais promissores. De tempos em tempos, encontra o centro da tormenta e trabalha na fissura dos dias, esticando a preciosidade dos intervalos para mitigar seus desacertos, no lombo de uma montanha russa espaço temporal à deriva. Não raro, tropeça desastrado nas linhas de fuga que inventa para adentrar no universo memorial de Rodelas. Corrige sua cacofonia textual espremido entre sonos e sonhos que vagueiam nos descansos do tempo. Lembrando Kopenawa (2019, p. 461) “A noite dormimos em estado de fantasmas”. Reverberando as ressonâncias da sua busca, mimetiza termos e palavras nas espirais de uma narração que copia a si mesma a todo tempo.

O ritornelo é um prisma, um cristal de espaço tempo. Ele age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projeções e transformações. O ritornelo tem igualmente uma função catalítica: não só aumentar a velocidade das trocas e reações naquilo que o rodeia, mas

assegurar interações indiretas entre elementos desprovidos de afinidade dita natural, e através disso formar massas organizadas.” (DELEUZE; GUATTARI, Vol.4, 1997, p.147)

Num ambiente onde impera a instabilidade, cabe ao Hidronauta inventar à distância, um esforço no sentido de incorporar essa confusão de acontecimentos à métrica aleatória de seus mapas em busca de uma chave de acesso ao universo memorial de Rodelas. Até lá, a cidade segue opaca e arredia, dispersando seu respiros e aparições pelas fissuras que tateia no texto e emergir mais à frente como uma sobrevivência potente. Nessa direção, a pesquisa e o texto acionam suas aberturas e despejam pelo caminho parte do peso morto de racionalidades acadêmicas mais rígidas, para espirrar seus avessos epistemológicos aliados a citações companheiras. Mesmo assim, é constantemente desarmado em meio a uma caçada bibliográfica que não dá conta do aperto psicológico e aflitivo da pressa de um agora fatal e enclausurante, nem ilumina a condição de um objeto egresso, sempre em fuga, sempre em fuga. Diante do precipício, só lhe resta ventilar suas engrenagens com o sopro da imaginação e voar.

A distância, recorre a feitiçaria de táticas de aproximação que não existem, se valendo da memória, da escrita e outros procedimentos inusitados, mas persistentes e arriscados. No rastro do seu objeto, segue administrando imprudências, afluindo a impureza do seu corpo por saberes mundanos e paisagens transmutadas, quase irreconhecíveis às instituições que fabricam a formalidade do conhecimento. Desencarna métodos e verdades descartadas pela ciência dos costumes, carregando sempre a suspeição de que persegue a fuga de uma miragem urbana apaixonada pelo distanciamento, Rodelas. Para lidar com a incidência do caos somente um sujeito responsabilmente caótico. Inventar e habitar um corpo que se alimenta e infla na imprecisão dos espaços e estados de coisas à sua volta para se multiplicar num coletivo de existências espaciais e temporalidades polimorfizadas. Visitando um passado de transtornos e violências que transformaram ou desastraram a existência de outros espaços e cidades. Nessas passagens, o Hidronauta calibra a condução de sua máquina temporal, na administração de fronteiras urbanas que se dissolvem em dinâmicas de crises e convivialidade habitando uma zona em comum com a região de Rodelas. Uma zona limítrofe,



turbulenta e familiar, ocupada por um drama intermitente, desdobrado numa relação tensa entre construção e ruína, finamentos e sobrevivências, passado e presente. Um espaço sintoma de um fim de mundo em metástase, que se alastra pelo corpo reagente e persistente da terra como uma obsessão trágica, conduzida por um progresso que esgota existências, fracassa o mundo e a morfologia das cidades e seus entes.



CLÍNICA: SOBRE O LUGAR DA IMPRECISÃO



## **Espaçonave**

Vivemos, segundo Foucault<sup>16</sup>, uma era do espaço. Da nanotecnologia à exploração espacial, o espaço, sua vizinhança, seus ajustes e negociações podem ser vistos também como o lugar do simultâneo, dos contrastes, da exclusão e da instabilidade por excelência. É neste pulsar imprevisível que o hidronauta ginha a expansão de sua máquina e de si mesmo, onde a velocidade, o volume, o choque e a justaposição de perspectivas entre os limites convencionais dos espaços urbanos, paisagens e tempos que atravessa e a instabilidade da sua corporalidade têm efeito. Ainda segundo Foucault (apud JESUS, 2011 p.14) o espaço passa por três períodos seminais até as ressonâncias atuais. Primeiro, na idade média, o espaço era pensado a partir do divisor entre o real (a Terra) e o celeste, o que, tomando-se o homem como referência, se pressupõe a ideia de localização. Depois, Galileu e suas invenções transbordam o espaço para infinitude, onde o espaço atua sem limites incorporando a ideia de extensão, até chegarmos hoje à era do posicionamento ou ao menos à sua tentativa em meio a uma constelação de elementos, fluxos e temporalidades diversas formuladoras dos conceitos espaciais e seus planejamentos.

Como vimos, definitivamente a dimensão espaço temporal hoje já não é linear, assim como não é dimensão da permanência, ao contrário, estão soterradas de incertezas e instabilidade. Na coletividade das cidades, se experimenta um espaço urbano multiopcional na composição das alteridades e territorialidades. O problema, no entanto, prossegue. Ao mesmo tempo, na medida em que a ideia de espaço e o tempo nas cidades são discutidos numa dimensão cada vez mais aberta e abstrata, tanto espaços quanto indivíduos e informações experimentam também, a potência dos mecanismos de contenção. A tentativa de controle dos fluxos e circulação de informação, de pessoas e coisas dentro e entre as cidades e territórios, a construção de novos muros, de dutos, barreiras, contenções territoriais, impedimentos, exclusões e assim por diante nos mostram por outro lado a face de um poder e a onipresença do efeito barragem.

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, M. De outros espaços, heterotopias. Fala numa conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967(publicado igualmente em Architecture, Mouvement, Continuité, 5, de 1984).

É exatamente neste ponto que se dá um contra senso na compreensão do espaço nos dias de hoje. Se por um lado observamos a fluidez de um espaço flexível e móvel como um rio corrente, por outro temos a produção contínua dessas fronteiras, limites e suas estratégias de cercamento e controle no e entre espaços e territórios. O que vem em seguida são movimentações e contra-posicionamentos de sujeitos e coisas, frente ao aparelhamento e à instrumentalização dos espaços, fluxos e pessoas(FOUCAULT, 2006). E quando os mecanismos de fechamento e contenção já não dão mais conta é inevitável o aparecimento dos processos de vazão e o escoamento, bem como as táticas de contorno em contraponto às fronteiras e aos limites. Afloram as estratégias de desvios em busca de uma saída e um posicionamento possível fora das bordas, dos muros e do controle: territórios moventes, imigrantes ilegais, refugiados, populações nômades, contrabando, pirataria, a sonegação e assim por diante, são emblemas dessas estratégias de contornamento e fuga onde se está sempre no meio ou na iminência de posicionamento e adaptação entre um território ou outro. No exagero dramático dessas movimentações, o apagamento e reconstrução de cidades inteiras por conta destes mecanismos de contenção a exemplo das barragens construídas compulsoriamente no vale do São Francisco atuam como um dos extremos desta condição.

Por outro lado, pensar na representação do espaço coletivo sem levar em conta essas perturbações sociais é imaginar um espaço mapeado e descontínuo. Essas repartições em imagens de separação, na medida em que objetivam a distinção entre cidades, culturas e nações, representam e reforçam um mundo de lugares definidos e enraizados em noções fixas de território, fronteiras e diferenças socioculturais. É esse sentido espacial aparentemente fragmentado que cristaliza o ponto onde são debatidos o contato, as tensões e as diferenças entre essas socioespacializações. Assim, ao mesmo tempo em que o espaço se divide e se organiza numa hierarquia de ordens sedimentada em histórias de invasões e conquistas geopolíticas congelada nas cores e no traçado dos mapas e suas demarcações territoriais, ficam invisíveis os limites onde essas diferenças sociais e estruturais se cruzam e se entrelaçam ao se tentar um olhar menos superficial e

mais analítico no aparecimento e crescimento das cidades, seus espaços e suas bordas.

A produção dessas diferenças nos remete à imagem do espaço como um imenso organismo vivo<sup>17</sup> sujeito à seguidas modificações que, segundo Pinon (apud Pinheiro, 1989, p.69), citando o caso das alterações urbanas parisienses, “se transforma pela mutação dos programas, pela reformulação de serviços, pela acumulação de imagens, pela renovação de fragmentos, justaposição de cidades”. E se levarmos em conta um período de tempo mais amplo, é nessa estrutura de aglutinação de ocorrências, contextos e construções sedimentadas nos espaços e edificações nas cidades, que a história nos dá uma perspectiva de como a forma, a vida e a experiência urbana vai sendo formulada e atualizada.

Essa perspectiva nos entrelaça à uma sobreposição de texturas sociais e urbanas, intensificada ao longo dos tempos por um processo de capitalização, crescimento e densidade demográfica cada vez mais acelerado, complexo e desigual. Nesta direção, e originalmente por sua natureza encruzilhada, de entroncamento de caminhos, ao se aprofundar no estudo da construção ou transformações dos espaços nas cidades, constatamos uma intensa correlação de forças e uma constante negociação, nem sempre amigável, entre os diferentes atores que operam e concorrem num território para a formação de um contexto. É a potência de um determinado contexto, em suas relações de poder, que vai mediar e regular as transformações sociais e planejamentos urbanos, até que o aparecimento de um outro contexto mais potente e atual se sobreponha ao antigo, reavaliando e presentificando práticas e procedimentos urbanos e, por cadeia, o desenho e a forma das cidades reencaminhando a construção de novos desenhos, afetos e dissensos.

São perturbações que fundam “multiplicidades anômalas e nômade e não mais normais e legais; multiplicidades de devir, ou de transformações, e já não de

---

<sup>17</sup>A analogia entre cidade e organismo como forma de análise dos processos e transformações urbanas, aparece na obra de alguns autores citados neste estudo, a exemplo de Richard Sennett, Zucconi e Pinheiro. A presença central do corpo e suas complexidades, especialmente na obra de Sennett e, em “A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. (1980)”, mais precisamente no cap.6, onde Choay dissecou parte da obra escrita de Cerdá, especifica e reforça ainda mais esta analogia.

elementos numeráveis e relações ordenadas; conjuntos vagos e não mais exatos etc.” (DELEUZE,1997, p.220). A ideia de território, ora visto como uma instância fixa e estável, torna-se agora um percurso, acontecimento num espaço difícil de ser mensurado, sem início nem prescrição e insistente em não traçar horizontes nem estabelecer pontos de partida ou de chegada, mas de mudanças de direção, soterrado sobretudo, por entrecruzamentos e intensificações. Uma substância operada por soluções anômalas e mutáveis, onde a matéria-forma é volátil e tende a dissolver-se em favor de uma matéria-fluxo que escapa em dimensões cada vez mais imprecisas e refratária a qualquer tentativa de previsão ou racionalização. E, se por um lado a cidade pode ser vista como suporte de impurezas que dão cor e texturas diversas ao caos urbano, por outro, também mutila outras formas de ser e estar no mundo alheias ao espectro da modernidade. Para o arquiteto Wellington Cançado, “a cidade é antes de tudo uma cultura espacial purificadora.”

E nesse contexto, nesse espaço privilegiado, o asfalto, o concreto e a impermeabilização ubíqua da vida, fundamentais no caráter distintivo entre a cidade e a não-cidade (o morro, a favela, a periferia, a roça, a floresta), funcionariam não somente no sufocamento de toda permeabilidade vital mas também na separação (não metafórica) tipicamente moderna entre os humanos e os demais existentes, que convencionamos chamar de natureza (CANÇADO, 2019, p. 29 ).

As aglomerações urbanas talvez sejam a imagem mais próxima e bem-acabada dessa multiplicidade e sobreposição de forças e realidades fragmentadas que contradizem a estabilidade e fixidez dos mapas. Intensificações que disputam entre si um mesmo espaço, edificando e editando a tipologia das cidades, atualizando os modos de ser e de fazer de seus habitantes, ao longo de sucessivas gerações, sempre sombreadas pelo contexto sociocultural e político no qual estão inseridas e subordinadas.

En ese sentido puede ser interpretada como un palimpsesto, imagen sugerente para describir metafóricamente la realidad de cualquier ciudad, cuyo proyecto en el momento fundacional, su "escritura" inicial propia de su tiempo, se ve luego permanentemente sometida a transformaciones, demoliciones y nuevas construcciones; esto es borrada parcialmente por pequeñas y constantes escrituras que realizan los usuarios y/o por radicales transformaciones súbitas que pueden sustituir buena parte de las escrituras anteriores. Las nuevas escrituras pueden pertenecer a lenguas distintas de la original, lenguas que pueden expresarse con diversos signos caligráficos provenientes de diferentes culturas (NICOLINI, 2005, p. 28)

Ademais, essas configurações que fogem de um modelo meramente estático e estável de cidade, constituem representações do espaço que operam sob a ordem da continuidade e do movimento, para as quais o referencial é também uma ação em oposição ao ponto fixo. São essas características que conferem ao espaço urbano um estado perpétuo de construção e de movimentações ao longo dos tempos. Essa variação de elementos e significados que afirmam e projetam a cidade – mesmo em épocas distintas – como uma forma de territorialização coletiva e movida pela instabilidade e fermentação social, tem na experiência humana em suas relações desiguais de poder com o espaço à sua órbita, a sua principal agenciadora.

### **O corpo nave: apropriações e desintegrações.**

Como vimos, há muito tem se falado e discutido o quanto as cidades são organizações poliformes e inquietas. De tempos em tempos, vagueando a mutação de seus espaços nos intervalos entre construção e ruína. Mesmo na preservação de certas zonas ou extensões cuidadosa e taticamente fabricadas para se eternizarem em monumentos paralisados como mortos, aliados às tentativas de controle formal da vida urbana, a cidade corre solta, se atualizando imprescritível em seus conceitos e apreensões. Mas como os corpos que compõem e agitam essa paisagem performam e principalmente, o que escorre e foge disso tudo quando nos debruçamos sobre as relações entre corpo e paisagens urbanas?

Aqui, tanto Rodelas quanto o Hidronauta que a persegue, são acontecimentos em transe, afluindo seus esvaziamentos e processos num caldeamento de transformações para se refazerem um no outro. Um viajante temporal desdobrado, que avança multiplicado na plasticidade dispersa do objeto que lhe atrai. Como um cardume tonto e aflito, performa nadando seus fragmentos entre as vontades do tempo, embrenhado na dinâmica do imponderável como um intermediário de suas afecções.

Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar (ARTAUD *apud* Lins, 1947/2011, p. 44)



Um agrimensor de intercessões que pulsa entre aproximações e distanciamentos, agenciando a tradução de uma cidade rebatida e triplicada sobre si mesma. Seus posicionamentos semantizam a complexidade de sua errância ao território de que suspeita, se valendo de procedimentos miméticos, desfocando o contraste do seu organismo até se matizar na policromia da paisagem. Neste abraço, incorpora o ajuste de suas mutações, tanto aos espaços recortados da cidade de Rodelas quanto às suas bordas mais abertas e rarefeitas, alternando o nomadismo de suas orientações e desvios entre o espaço liso da paisagem nos arredores do rio e o espaço estriado da cidade (DELEUZE, 1997).

O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora ele evidentemente os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário está mediatizada por regime de propriedade). Para o nômade ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra[...] (DELEUZE, 1997, p.53)

Assim como Rodelas e o seu entorno, as cidades e principalmente as metrópoles dos dias de hoje, podem ser vistas não apenas como um objeto estático meramente racional e funcionalista, ao contrário, encarnam as oscilações de um território onde entram em conflito um espaço inerentemente recortado como a coleção de edificações verticais e a múltipla organicidade de um outro espaço mais corpóreo e operado na proximidade da escala humana. Corpos imantados ao trânsito, onde concorrem uma série de atores sociais em movimento como motoristas de passeio ou transporte público, vendedores ambulantes, skatistas, ciclistas, malabaristas, carregadores de papelão, moradores de rua e errantes, profissionais do sexo e toda variação de grafias corporais que fazem das ruas e calçadas um espaço de fluxos e acontecimentos. Dessa forma, para além do espaço verticalizado das construções, a cidade abriga políticas de espacialização de outra ordem, enumerando e administrando uma série de espaços por onde trafegam tanto indivíduos quanto informações.

O espaço ganhou uma nova dimensão: a espessura, a profundidade do acontecer, graças ao número e diversidade enormes dos objetos, isto é, fixos, de que, hoje, é formado, e ao número exponencial de ações, isto é, fluxos, que o atravessam.” (SANTOS, 1996, p.98).

Nesta perspectiva, entendemos que a figura do Hidronauta trafega no espaço das cidades ou do seu entorno ainda como um corpo desdensificado que “está de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo” (FOUCAULT, 2013, p.14). Uma corporalidade que avança abrigado em densidades de outra ordem, aberto em paisagem, performando na demanda de suas vontades por fragmentos e vestígios ou a procura de elementos e atores que tragam à luz do presente, as reminiscências de acontecimentos e reverberações de um território suspenso e o seu passado de ruínas em fuga. Num trânsito latente, as relações que se desenrolam entre esses dois espaços aqui compreendidos como corpo e paisagem, seja ela urbanizada ou não, são atravessadas sem prescrição, por uma horda estranha de acontecimentos e temporalidades nem sempre amistosas. Se por um lado a invenção da modernidade tem como uma de suas obsessões, projetar as cidades cada vez mais para o alto como sintoma de uma avalanche de capital manejado de forma insanável por uma rede de atores neoliberais e macropolíticos, por outro, segue ansiosa, anulando ou maquiando espaços e sítios históricos, em processos violentos de demolição e gentrificação. Se apropriam de recortes específicos da paisagem urbana e modos de vida locais como imagem e logomarca, imprimindo tematizações cenográficas a esses mesmos espaços, com a desculpa esfarrapada da “revitalização”. Essas redes que reordenam as zonas que lhe interessam, são de ordem global e obedecem a um modelo mundializado e homogêneo de desenho urbano “tornando-a um nexó fictício, uma imagem que uma determinada faixa da população pode comprar, um panorama onírico de consumo visual”(ZUKIN, 2000, p.81) fabricado sob medida para um público “freguês”, criado institucionalmente com base em interesses políticos e financeiros.

Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits super interessantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter. (KRENAK, 2019. p. 11)

A violência dessas intervenções têm papel crucial na construção da subjetividade e da corporalidade da população. Atuam no adestramento de olhares e captura dos corpos, ao anular a experiência imersiva e por cadeia a participação ativa da

população no cotidiano e na vida das cidades diante de um desenho urbano cada vez mais vertical, espetacularizado e opressor, empurrando os corpos que nela habitam, para a letargia do conformismo, consumo cego e submissão.



Salto no vazio. Performance de Yves Klein, Yves Klein

Para a coreógrafa Fabiana Britto (2010, p.15) “as corpografias formulam-se como resultantes da experiência espaço-temporal que o corpo processa, relacionando-se com tudo o que faz parte do seu ambiente de existência: outros corpos, objetos, ideias, lugares, situações”.

Em resposta a esse empobrecimento da experiência (BENJAMIN, 1996) evocamos o contra-posicionamento de corpos “selvagens” e suas alteridades incomuns, aportados em movimentações que resistem ao controle e saltam sobre a opressão das perturbações urbanas fabricadas com o aparecimento da modernidade. Personagens voadores, fantasmas, “vagabundos” por excelência, errantes, ambulantes, moradores de rua, poetas e artistas situados à margem, excluídos ou simplesmente desencaixados dos processos desenfreados de industrialização das cidades e por cadeia, na explosão demográfica que destrói ou artificializa paisagens e ergue lugares cada vez mais introvertidos e divorciados da organicidade da vida Pública.

Se por um lado a cidade moderna encerra os sujeitos em corpografias cegas, “entregues à passividade e a disciplina” (CERTEAU, 1998, p.37), à monotonia do hábito e repetição de práticas excessivamente atadas ao trabalho e ao consumo, por outro, a errância desviante de outros atores persistem experimentando a grafia e a passagem dos seus corpos nas rachaduras do cotidiano, transitando pelas fissuras deste cenário que parece desabar sobre suas cabeças trazendo todo entulho cuspidado pelo progresso. São corpos que instrumentalizam o espaço público e suas intensificações a seu favor, se valendo de táticas e tipologias imaginativas de apreensão que desrespeitam completamente a formatação dos espaços e sujeitos ditos “modernos”.

Talvez a maior crítica dos errantes urbanos aos urbanistas modernos, tenha sido exatamente o que Oiticica resumiu de forma tão clara no que ele chamou de “poetizar do urbano”. Os urbanistas teriam esquecido, diante de tantas preocupações funcionais e formais, deste enorme potencial poético do urbano e, principalmente, da relação inevitável entre o corpo físico e o corpo da cidade que se dá através do andar, através da própria experiência física – corporal, sensorial – do espaço urbano, algo tão simples, porém imprescindível, para todos os amantes de cidades e, principalmente, para os arquitetos-urbanistas. (JACQUES, 2006, p. 134)

Atuam seduzidos pela desorientação e atraídos pelo desalinho de fragmentos, cenas e detalhes ocultos que compõem a paisagem. Transitam pelos desvios dessa urbanidade como imanência, movidos por uma aceleração sem escopo laboral, curiosa e imersiva, onde “o texto é a cidade”(FEATHERSTONE, 2000 p. 187). A deriva é o meio escolhido para interpretar a escrita do espaço público dentro de uma leitura sensível, que estima e recolhe a poesia dos acontecimentos ao colecionar

toda sorte fragmentos e sensações espalhadas aleatoriamente na surpresa do percurso. Nessa configuração, a cidade ou paisagem deixa de ser entendida apenas como mero suporte do cotidiano para operar como matriz produtora de elementos e suspeições aliadas às sensações que possam, de alguma forma, especular, se maravilhar e dar espessura ao devir de suas criações.



Capa da revista Marginalia com Caetano Veloso vestindo um dos parangolés de Hélio Oiticica.

Atentos à floração dos acasos, mergulham na mistura sensorial que a paisagem irradia, no amálgama de cores, espaços e aromas que flutuam na vizinhança ou na escuta polifônica dos ruídos que fabricam a voz do cotidiano. Distraídos da pressa e da ansiedade que desanimam e orientam os corpos anônimos atravessando o espaço público anestesiados rumo à insanidade do “progresso”, o Hidronauta, os errantes e os artistas se movimentam a pé ou flutuando mais lentamente, garimpando na poesia do ambiente os ossos do acontecido, caçando aleatórios e volatilidades que indiquem outras direções, devaneios e mundos possíveis. O mármore de suas invenções se esconde na invisibilidade dos instantes, nos rastros e vestígios, ruídos, esquecimentos, fotografias mutiladas, panfletos, cartazes,

anúncios, letreiros, retalhos de jornais, silêncios e memórias, soterrados numa fauna de fragmentos extraviados na imaginação e na informalidade do dia a dia.

A rua em torno era um frenético alarido.  
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,  
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa  
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.  
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.  
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia  
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,  
A doçura que envolve e o prazer que assassina.  
Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade  
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,  
Não mais hei de te ver senão na eternidade?  
Longe daqui! tarde demais! "nunca" talvez!  
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,  
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!<sup>18</sup>

Esses corpos recheados de poesia, assim como o corpo hidronáutico, se preenchem nos acasos e cacos soltos na abstração de formas e desenhos que riscam a inquietação da paisagem, recolhidos e montados utilizando as ferramentas da imaginação. São corpografias que reagem e se rebelam diante da fabricação do urbanismo moderno instrumentalizando e reinventando um cotidiano que os exclui. Posto isso, fica clara a constatação de como a pertinência do corpo em seus desdobramentos são peças fundamentais no desenrolar do espaço público e da paisagem urbana. E de que os processos de remodelação e apreensão das cidades, obedecem não somente a uma ordem baseada em conceitos espaciais matematizados nas pranchetas de arquitetos e urbanistas. Evidentemente, não há uma forma de pensar e vivenciar a paisagem e as cidades exclusivamente racional e auto referencial sem que a narrativa em torno da corporalidade dentre outras instâncias do comportamento, da imaginação e do pensamento compareça e contribua com a formulação dos espaços e planejamentos urbanos. A relação de aproximação entre a fisiologia do corpo e a paisagem urbana nos mostra uma dentre tantas outras faces de um jogo e uma alteridade corporal mutante em torno da paisagem das cidades e sua órbita, que parece nunca cessar e que, na diversidade de suas possibilidades, organiza e estrutura a morfologia e a dinâmica do espaço público.

---

<sup>18</sup> BAUDELAIRE, Charles. A uma passante. "As flores do mal". (1985, p. 365.)

## **Cidades sobre cidades sobre florestas**

Vimos que os diferentes modos de circulação, posicionamento e reação dos corpos derivados das suas relações com as cidades, são parte dessa cosmologia de intensificações que confere variação de significados à produção do espaço público e a vida urbana. São essas variações na construção de apreensões na paisagem, que assegura um permanente estado de mutação na cidade, claramente percebido, quando observado em espaços de tempo maiores. Assim, a cidade leva a si mesma e, conseqüentemente, aos indivíduos que nela habitam, a moverem-se em todas as direções, abrindo novas redes de contato e conflito, engolindo todo espaço virgem à sua volta e, sobretudo, transformando ou destruindo os espaços do já construído.

Vi muitas vezes os rastros ruins dos brancos na floresta. Eles não se preocupam em nada que suas árvores sejam trocadas por capim e seus rios, por córregos lamacentos. Com certeza, devem pensar que tanto faz, mais tarde poderão cobrir seu solo com o cimento de suas cidades! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 469)

Neste processo, o discurso em torno da transformação urbana de uma cidade vem quase sempre apegado à controversa e contorcida ideia de uma remodelação “benigna” do espaço e sua arquitetura, à ideia de progresso, crescimento e aprimoramento na condição humana e na vida das cidades. Em seu ensaio *Des Idées Napoléoniennes* (PINHEIRO, 1985, p. 66), ainda no exílio, Napoleão III “realça a importância das obras públicas como fator insubstituível de progresso, de coesão social e de crescimento econômico por potencializar as atividades privadas”. (PINHEIRO, 1985, p.75). Um discurso quase sempre institucional, progressista e transformador em oposição à imagem de uma cidade ultrapassada e desordenada, “cujo herói é sempre o construtor”. (CHOAY, 1985, p.266).

É fato reconhecer, que em grande parte dos casos, essas mudanças de direção no desenho das cidades e planejamentos urbanos, obedecem sempre à hierarquia de um poder e um controle social e territorial previamente instituído e operado por uma minoria. Porém, nem sempre em sintonia com as demandas sociais e urbanísticas de uma cidade, suas memórias e os modos de vida dos seus habitantes dentro de toda a sua complexidade. Em seu estudo sobre a preservação do patrimônio

ambiental no Brasil, Vera Millet nos fala da relevância histórica e social de sítios urbanos em contraponto à potência das demolições.

Na verdade, os ambientes construídos pelos homens guardam, através da sua materialidade, a memória tanto das ideias referentes ao grupo social, como do sistema de representações ao longo do indivíduo. Em outros termos, é através da matéria, nas suas diversas formas, que os indivíduos, pertencentes a grupos sociais, expressam sua visão de mundo, suas expectativas, sentimentos e experiências. É na materialização e através dela, que as ideias se concretizam, colocando o indivíduo frente ao seu tempo histórico (MILLET, 1988, p. 14)

Reforçando esse pensamento em relação à preservação da história da cidade e do homem, a partir da conservação de edificações, fundamentais para compreender sua memória, a carta de Atenas afirma que:

A morte atinge tanto as obras como os seres. Quem fará a discriminação entre aquilo que deve subsistir e aquilo que deve desaparecer? O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na medida em que simbolizam a alma coletiva; constituem o arcabouço de uma tradição que, sem querer limitar a amplitude dos progressos futuros, condiciona a formação do indivíduo, assim como o clima, a região, a raça, o costume. Por ser uma pequena pátria, a cidade comporta um valor moral que pesa e que lhe está indissolivelmente ligado. (ATENAS, 1933, p.05)

Em muitos casos, projetos de planejamentos urbanísticos sem responsabilidade com a memória da cidade nem com a pertinência de suas demandas sociais, se comprometem muito mais com a desfiguração das suas formas originais por um suposto “embelezamento” ou “modernização” do que com sua preservação. São intervenções dolorosas ao tecido urbano. E que, a exemplo de Rodelas, na maioria dos casos, se convertem em processos de demolição ou destruição que promovem um posicionamento contra a configuração já estabelecida de uma cidade e incompatíveis com processos e projetos urbanos realizados anteriormente, desrespeitando completamente a continuidade e a organicidade de suas vias de circulação, edificações e por cadeia, os modos de ser e de fazer sua população.

### **Terremotização no “velho” mundo.**

São exemplos históricos deste dispositivo de poder e de intervenção agressiva no tecido urbano, as transformações sofridas no centro de Roma, desde a sua escolha como capital depois da unificação do país, até o aparecimento do fascismo, com



Mussolini. Um caso emblemático deste período, e que ilustra bem essa forma descabida de operação, foi a total destruição da “Spina dos Borghi” por Mussolini, num contexto fascista para a construção da “*via della conciliazione*”.



Panorâmica da *Spina dei Borghi* antes da demolição, Praça e da Basílica de São Pedro depois da demolição (Roma, *Aeronautica, Militare, Fototeca storica.*)

A demolição de quarteirões inteiros no centro de Roma para a abertura da *via della conciliazione* e a construção de um novo conjunto arquitetônico destoante do seu entorno apenas para potencializar a visão plena da Basílica de San Pietro, reafirma de forma compulsória, o resultado infeliz de perturbações urbanas imantadas a decisões unilaterais. A violência e o despropósito de uma intervenção desastrada no tecido das cidades como a ocorrida no centro histórico da capital romana, soa como um desastre urbano.

Além da expulsão e desalojamento a força de milhares de pessoas de suas casas para um subúrbio mais distante do centro, a intervenção apagou do mapa, não somente um labiríntico conjunto arquitetônico, parte da história e da memória da cidade italiana, mas toda a experiência e a dramaticidade de se percorrer a pé a

“*spina dos Borghi*”, com a apreensão de suas ruelas carregadas de texturas urbanas e fermentação social, até chegar, ao engenhoso complexo de *San Pietro*.

[...] situação curiosa, pois nem se justificaria minimamente em nome do tráfego; só mesmo em nome da arrogância, da incompreensão do valor do maior monumento cristão, da insensibilidade do governo fascista e do Vaticano, do uso do espaço como mecanismo para sublinhar um desejo inconsequente por poder. (BAETA, 2009, p. 267)

Nesta ordem, na produção das cidades, a configuração já estabelecida, tanto do espaço público quanto do privado bem como sua população, está, de certa forma, sujeita a um estado iminente de suspeição e insegurança em relação à sua condição de permanência no espaço e no tempo. Há que se considerar, na compreensão da paisagem urbana das cidades e dos diversos papéis que nela vão sendo estabelecidos, esse jogo insanável entre construção e ruína, como uma biografia do poder e do controle social que se constitui e se estabelece, também, a partir da tipologia de suas cidades e edificações.

Por isso, nossa concepção de urbanismo é, sobretudo, dinâmica. Recusamos essa implantação de prédios numa paisagem fixa, que atualmente constitui um novo urbanismo. Ao contrário, pensamos que todo objeto estático e inalterável deve ser evitado, e que o caráter variável ou móbil dos elementos arquitetônicos é condição para uma relação flexível com os acontecimentos que neles irão ser vividos. (JACQUES, 2003, p.98)

Descendo um pouco mais no tempo, um outro evento urbano que reforça as estruturas de poder como definidora das transformações urbanas, tão ou mais espetacular e dramático quanto a reconfiguração de Roma, foi a completa reformulação do centro medieval e renascentista em Paris durante a gestão de Haussmann, prefeito da cidade nomeado por Napoleão III.

Para que a ambiciosa operação urbanística pensada por Haussmann tivesse efeito, quase toda a cidade de Paris passa por um processo brutal de desventramento e demolição, transformando drasticamente a tipologia da cidade com a função de dar retaguarda à sua expansão industrial e financeira agenciadas pelo poder da aristocracia e classe burguesa.

Essa configuração social, permite que o desejo de modernização do espaço público avance, mas segundo as demandas dessas duas instâncias de poder. Nessa

perspectiva, sob o pretexto da construção e consolidação de um estilo barroco numa escala descomunal, a gestão da capital francesa, trata o espaço público como uma extensão e uma representação da burguesia e do capital, materializada na monumentalidade de suas edificações, equipamentos urbanos e serviços cada vez mais caros na cidade, em total detrimento de uma maioria pobre e desfavorecida, quase sempre empurrada para mais longe do centro.

Este aspecto, evidencia e cristaliza a incompatibilidade entre uma massa financeiramente menos provida, mas ocupante de determinados espaços e o valor que essas áreas poderiam agregar como polo comercial e financeiro, como ciclo gerador de riqueza para outra parte da cidade, produtos de uma intervenção desigual e autoritária.

Todo esse movimento tem um outro lado. A cultura popular é excluída dos novos espaços: os teatros populares são demolidos, e os pobres perdem seus espaços de lazer. As demolições no centro provocam uma crise de habitações, favorecem a especulação e agravam a segregação social, uma das consequências das reformas haussmanianas. (PINHEIRO, 1985, p. 82).

Evocamos neste ponto, e mais uma vez, a imagem do palimpsesto, na qual a acumulação de acontecimentos, a montagem e sobreposição de camadas de poder, extratos sociais e urbanos nas edificações e espaços das cidades têm lugar. Somente desta maneira, estendendo a composição e a forma das cidades a seus antecedentes num espaço e num tempo mais amplo e levando em conta contextos diversos, chegamos a um entendimento de como a forma urbana opera. Para Magnavita:

À guisa de um mapa aberto (sistema aberto) com múltiplas entradas, ela (a cidade) é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, susceptível de receber modificações constantemente – podendo ser destruída-, pode adaptar-se à montagens de qualquer natureza, ser elaborada por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (2008, p. 70).

Mesmo sendo o produto de uma intervenção urbana desigual e autoritária (PINHEIRO, 1985, p. 80), a imagem da nova Paris idealizada por Napoleão III e capitaneada por Haussmann, seria copiada por um sem número de arquitetos, urbanistas e gestores ao redor do planeta, o que comprova a eficácia, e a potência da sua tipologia como um arquétipo de cidade burguesa e afirmação de poder. Ademais, a replicação e a implantação - nem sempre bem-feita - do modelo francês

no planejamento de outras cidades, por sobre o espaço do já construído, assinala e reforça ainda mais a imagem da forma urbana como um processo que se desenrola entre construção e demolição, agenciado por múltiplos fatores e pela sobreposição de contextos e perspectivas diversas administrados e planejados pelos que detêm o poder e o controle do capital.

A atualização desses entendimentos por arquitetos e urbanistas na construção do espaço público e da noção de cidade favorece a percepção de que eles se formam muito mais pelas associações de seus atravessamentos espaciais, políticos, econômicos, estéticos, históricos e sociais do que somente pela medição e acabamento preciso das suas formas.

Urbanistas e arquitetos não falam só de espaços. Falam de apropriações de vida, resistências políticas, modelagens de sonhos e de muito mais coisas. São cronistas do cotidiano que nos revelam ou produzem questões nem sempre visíveis a olho nu. Narradores de micropolíticas, talvez seja uma denominação parcial, mas promissora, dos profissionais do espaço. Micropolítica, não no sentido de uma política menor ou secundária, mas como campo de ação em que objetividade/subjetividade, poder/saber, público/privado, desejo/criação, indivíduo/sociedade, trabalho/vida, dicotomias criadas e articuladas historicamente são interpeladas junto às formas estabelecidas de se fazer política. (BAPTISTA, 1999, p.37)

### **Os jardins do fim do mundo**

Afora esse embate perene entre construção e demolição, tanto nas bordas quanto nos centros nervosos das cidades, a perturbação do espaço e consequente aparecimento das ruínas bem assinaladas anteriormente nos eventos em Roma e Paris, pode em outros casos, sinalizar um entendimento feroz entre os processos de arruinamento e a criação artística.

Construído por entre ruínas de ferro e concreto - restos de uma invasão contínua e agressiva da Petrobras no Quilombo Porto D. João - o museu residência de Dona Joca e Seu Zé do Guaiamun presentifica uma resistência potente frente a violação dos direitos constitucionais do quilombo. O pequeno museu também responde, de forma criativa, à criminalização do seu território pela prefeitura de São Francisco do Conde, onde o quilombo está situado, dentre outras organizações e poderes. A iminência de despejo constante e a continuidade acentuada de ameaças e

agressões por parte de fazendeiros e organizações que deveriam, acima de tudo protegê-los, transformaram o quilombo D. João numa enorme trincheira rural. Um campo de batalhas onde sua população, desde sempre acuada e desprotegida, permanece em luta quase vitalícia e desproporcional pela sobrevivência e manutenção de seus direitos de cidadãos quilombolas.

Em carta aberta, a associação de pescadores e pescadoras da região junto com outras organizações, a comunidade do Quilombo D. João denuncia e explicita gravidade e a urgência da situação:

O Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais e as organizações sociais que assinam esta carta vêm a público denunciar a prática racista do prefeito do município de São Francisco do Conde – Evandro Santos Almeida, associado a fazendeiros locais, contra a comunidade quilombola Porto D. João, localizada a aproximadamente 4 km da sede do município. Desde 2009, a comunidade passa por um processo de intensa violência e criminalização. Foram utilizadas estratégias de intimidação, tentativa de homicídio, derrubada de casas, constrangimentos, difamação e negação de políticas públicas com um forte propósito de expulsar a comunidade para favorecer os interesses de fazendeiros locais interessados em construir empreendimentos turísticos no local.

A comunidade está devidamente certificada pela Fundação Cultural Palmares e o INCRA já está desenvolvendo os estudos técnicos para identificação, demarcação e titulação do território conforme determina o artigo 68 dos Atos das disposições constitucionais transitórias – Constituição Federal de 1988. Porém, a prefeitura nega-se a efetivar políticas públicas, evidenciando intransigência e desrespeito por parte da gestão municipal.

Visando sufocar a comunidade, a prefeitura fechou a escola local, o posto de saúde, o curso de alfabetização de adultos e usou a influência política para cortar serviço de água e energia elétrica. Estas ações perversas agravaram a situação de pobreza e a vulnerabilidade social da comunidade evidenciando perseguição política contra lideranças comunitárias que resistem e lutam em defesa do seu território pesqueiro-quilombola.

Após anos de ações racistas e violentas articuladas pela prefeitura e pelo fazendeiro José da Costa Falcão Júnior contra a permanência da comunidade em seu território tradicional, exatamente na semana da consciência negra (2014), a prefeitura acionou a justiça federal visando anular a certificação quilombola da comunidade e paralisar o processo de regularização fundiária do INCRA.

O conteúdo da ação judicial atenta contra o direito de auto-reconhecimento da comunidade garantido pela Convenção 169 da OIT, numa clara demonstração de racismo ambiental e institucional. Esta estratégia visa esmagar a comunidade remanescente do quilombo Dom João e revela que a prefeitura está reproduzindo a lógica do capitão do mato contra a população negra-quilombola de São Francisco do Conde.

Diante disso solicitamos que:

- O MPE e o MPF investiguem os indícios de relações suspeitas entre prefeitura e fazendeiros locais apontando para possíveis atos de improbidade administrativa;

- O MPF e MPE investiguem os casos de violência denunciados e puna seus responsáveis;
- O MPF e MPE investiguem as denúncias de que a prefeitura municipal está retaliando a comunidade impedindo a implantação de políticas públicas básicas com o intuito de sufocar e expulsar a comunidade;
- A SEPRMI e a SEPIR promovem articulações políticas necessárias para salvaguardar a efetivação dos direitos da comunidade remanescente do quilombo Porto D. João;
- O INCRA e a Fundação Cultural Palmares, no uso das suas atribuições legais, asseguram a efetivação do direito quilombola da comunidade Porto D. João garantindo as condições para a reprodução física e cultural da comunidade

Assinam:

Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais; Articulação Nacional das Pescadoras; Conselho Quilombola de Ilha de Maré; Associação dos Pescadores e Pescadoras Frutos do Mar – Santo Amaro - BA; Associação dos Pescadores e Pescadoras de Ponta de Souza – Maragogipe - BA; Associação dos Pescadores e Moradores de Bananeiras – Ilha de Maré - BA; Associação dos Pescadores de Angola – Maragogipe -BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo Salamina do Putumuju- BA; Conselho Quilombola de Maragogipe - BA; Conselho Quilombola de Ilha de Maré - BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo do Boqueirão – São Francisco do Paraguaçu - BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo da Cambuta – Santo Amaro - BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Braz – Santo Amaro - BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo de Acupe- Santo Amaro - BA; Associação dos Remanescentes de Quilombo Porto de D. João – BA; Associação de Pescadores e Apicultores de Casa Nova- BA; Associação de Pescadores e Pescadoras de Remanso – APPR – BA; Associação de Pescadores de Sento Sé – BA; Associação de Pescadores e Pescadoras de Juazeiro – BA; Associação de Pescadores e pescadoras de Conceição de Salinas – BA; Associação de Pescadores e Pescadoras de São Tomé de Paripe – BA; Associação Mãe da RESEX de Canavieiras - AMEX; Colônia Z-51 de Santa Cruz de Cabrália – Ba; Colônia Z-49 de Pilão Arcado- BA; Colônia de Pescadores Z-04 de Ilha de Maré - Ba; Associação de Pescadores do Veleiro - BA; Associação de Pescadores de Barra Velha – BA; Associação de Pescadores de Cumuruxatiba – BA; Associação de Remanescente de quilombo de Batateira – BA; Associação dos Remanescente de Quilombo Rio dos Macacos – BA; Associação de Pescadores e Pescadoras de Caravelas - BA; Conselho de Desenvolvimento das Comunidades Negras - CDCN; Conselho Pastoral dos Pescadores - CPP; Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais do Estado da Bahia - AATR; Comissão Pastoral da Terra - CPT Cáritas Brasileira – Nordeste III; Grupo de pesquisa – MITO/UFRB; Grupo de pesquisa – GEOGRAFAR/UFBA; Grupo de Pesquisa – COSTEIROS/UFBA; Programa MARSOL/UFBA<sup>19</sup>

Nesse sentido, a coleção de objetos e carcaças de coisas em decomposição coletadas pelo mangue na órbita do quilombo D. João e lindamente plantadas e cuidadas pelo artista e ativista conhecido como Zé do Guaiamum, clarifica de forma lúdica, mas dura, a violência sofrida pelo quilombo e por cadeia a superação da

---

<sup>19</sup> Quinta-Feira, 18 de Dezembro de 2014. Disp. em: <http://denunciapeloterritorio.blogspot.com/2014/>

disputa tortuosa entre cultura e natureza no espaço do seu quintal.

Em suas movimentações, Seu Zé conversa com a paisagem do mangue a sua volta, complementando e entrelaçando a organicidade de um jardim verde pré-existente com a organicidade de suas montagens e seus achados industriais. O lixo que antes inundava o mangue com a insolência de um mundo feito de plástico, transforma-se agora em arte numa exposição a céu aberto, ali mesmo no seu museu/quintal, junto a outras atividades do dia a dia. O que se vê então, é uma surpreendente mistura entre arte e vida se alastrando na micro paisagem do seu jardim.

Em oposição ao vazio da morte espelhada nas ruínas abandonadas na região, a poesia do arruinamento cultivada na paisagem operada por Seu Zé, alegre e escoo a vitalidade de uma natureza inquieta, ocupada entre arruinamentos e reexistências, num processo vitalício de transformações. Sua obra, atíça ainda, uma multidão de encontros que flutua entre plásticos e plantas, pulsando em aparições desconcertantes. Possibilidades de miscigenação entre fragmentos de mundos diversos que se embolam e aglomeram uma movimentada trama de desobediências e métricas polifônicas. Performando numa batida que germina, aflora e reverbera no tempo e no espaço do jardim, uma cosmologia de tensões e alteridades possíveis.



Instalação no quintal do Seu Zé e D. Zefa. Gaio Matos

Como numa operação arqueológica, monitores de computador e televisores antigos, cadeiras, painéis, garrafas, pequenos potes e vasos, peças de máquinas, miniaturas de personagens diversos e mais uma flora e fauna sem fim de pequenos objetos divorciados da civilização e descartados anonimamente no mangue são garimpados, coletados e organizados de maneira muito particular pelas mãos do ativista e marisqueiro no espaço do seu jardim. A intervenção ambiental, instaura no quintal de terra batida, uma outra ordem entre a ação política e a poética visual.

Para além dos *ready-made* de Duchamp, o contexto territorial e político que massacra a localidade reverbera no caráter dos objetos castigados pelo tempo e pelas mãos sujas do mangue e do óleo.



Instalação no quintal do Seu Zé e D. Zefa. Gaio Matos

Nesse ponto, suas invenções adquirem uma personalidade e um entendimento diverso do dadaísmo duchampiano, para sussurrar com sutil brutalidade um silêncio de histórias (nas quais estamos todos incluídos) e sujeitos ausentes. Sujeitos que parecem perdidos, trancafiados numa coleção de repetições e hábitos, modos de ser e de agir, pregados num vocabulário de costumes que inundam um cotidiano guiado quase exclusivamente pelo consumo e descarte de tudo.

Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. Antes



de essa pessoa contribuir, em qualquer sentido, para abrir uma janela de respiro a essa nossa ansiedade de perder o seio da mãe, vem logo um aparato artificial para dar mais um tempo de canseira na gente. É como se todas as descobertas estivessem condicionadas e nós desconfiássemos das descobertas, como se todas fossem trapaça. (KRENAK, 2019, p.31)

São objetos que em outra vida, nos subtraem do mundo e do tempo, direcionam nossos afetos e ações e nos empurram violentamente em direção ao jogo do “progresso” e da “modernidade” que regem o cotidiano para logo virarem lixo. Mas que na poesia do mundo e da arte, animam no jardim de seu Zé e Dona Joca outros sentidos e existências.



Instalação no quintal do Seu Zé e D. Zefa. Gaio Matos

O quintal inventado por Zé do Guaiamum é sobretudo um quintal político, assim como é a presença do próprio quilombo num território habitado por relações abusivas de poder repartido entre ruína e construção, entre morte e reexistência. A disposição de suas esculturas de coisas que antes jaziam no espaço disperso e quase morto do mangue pelo verde pujante do quintal, traz à tona algumas questões relativas à potência adormecida desses artefatos. Somos nós que de alguma forma agimos sobre os objetos ou são os objetos que agem sobre nós? Como habitar um mundo caindo em pedaços? Poderíamos pensar que essa relação entre ruína e construção é cíclica como um Uroboro em seu eterno retorno? Talvez o jardim de Seu Zé e Dona Joca se encaixe justamente na disparidade desse intervalo e nessa

dúvida imposta e desonesta entre comandantes e comandados, entre humano e não-humano, cultura e natureza.

Nessa direção, a obra de Seu Zé do Guaiamum se contrapõe e inverte a lógica do descarte e morte que comanda o planeta, deixando como rastro uma montanha de restos e ruínas.

Desse lado estão também aqueles que, tendo aprendido a existir nas margens, nos interstícios, nas ruínas dos mundos governados pelas potências, tornaram-se ases da sobrevivência: inventaram para si outras formas de vida, aprenderam a restaurar ambientes degradados, recuperaram conhecimentos abandonados, experimentaram agenciamentos outros que os considerados viáveis economicamente, outros que os razoáveis, outros que apenas humanos (ou Humanos). (COSTA, 2019, p. 16)

Suas montagens tomam partido dos objetos que, sob seu olhar, parecem se animar ressuscitando sua existência noutra coisa e significado. Seus jardins cultivam verdades que tensionam a nos revelar um pequeno fragmento desse mundo utópico que excita sonhos inalcançáveis de vida e lugar. Um mundo de coisas que se abrem e se entrelaçam, que criam, acolhem e fazem os objetos pularem do seu lugar de morte e inércia para ressurgirem como parte da vegetação que deve ser olhada, compreendida e cuidada. O Museu do Mangue não é habitado apenas por uma coleção de resíduos ou ruínas de um mundo em processo acelerado de decomposição – mas pela potência vibrante de objetos que ressurgem como fonte de transformação, tramas de afetações, atitude e resiliência. E, assim como nos mostra e ensina o filósofo Espinosa, a pequena flora de coisas no jardim do fim do mundo inventado e cultivado por Seu Zé, semantiza em sua tipologia de cacos e plantas, a arrogância antropocêntrica que fabrica o maniqueísmo e as dicotomias que regem a civilização e promovem o exílio do homem em relação ao resto do mundo: uma sonora impossibilidade de separação entre homem e natureza.

### **Fordlândia não mora mais aqui**

Ao acessar novamente o passado, agora numa dimensão contextual e numa escala maior que o jardim de Seu Zé do Guaiamum, o hidronauta em sua deambulação temporal se depara com uma sucessão de eventos infelizes que teimam em

empurrar parte da mata no estado do Pará ao abismo. Em contraponto à insolência cega do progresso, a floresta reage.

Antes disso, na costa das américas um vai e vem de marolas balançava sob a superfície das águas os fragmentos de uma urbanidade alienígena a caminho dos trópicos. No início do século passado, desde os EUA até o Vale dos Tapajós no Brasil, a ginga marítima que vinha embalando dentro de navios cargueiros norte americanos os equipamentos, agentes responsáveis e provisões de uma cidade porvir no meio do verde amazônico, já preconizava a náusea e o mal-estar no futuro da operação de construção e governança de Fordlândia e sua órbita fabricada de seringais. Como numa projeção de passado espelhando uma colonização tardia, a utopia urbana erguida em meio a floresta amazônica foi pensada pelo magnata dos automóveis Henry Ford em conluio com o governo dos EUA e burocratas corruptos no Brasil para conter uma demanda competitiva e promover a auto suficiência na extração de látex: matéria prima na fabricação da borracha. Sobre o controverso processo de concessão de terras brasileiras para a implantação do projeto no interior do Pará, Grandin escreve:

Num bloco de papel amarelo, Ide, Blakeley e Villares escreveram exatamente o que queriam na lei que iria ao Legislativo [...] pediram tudo em que puderam pensar: direito de exploração da madeira e reservas minerais, direito de construção de uma ferrovia e pistas de pouso, de erigir edificações sem a supervisão do governo, abrir bancos, organizar força policial privada, dirigir escolas, extrair energia de quedas d'água, represar rios, ficar isenta de impostos, ter autorização para enviar ao exterior peles e couros, óleos e sementes, madeira e outros artigos de qualquer natureza. Em troca, os negociadores da Ford obrigaram a empresa a apenas plantar 400 hectares de seringueiras no período de um ano." ( 2010, p. 116)

Em caso de êxito, a construção da cidade à revelia do verde nativo, serviria também, como propaganda (MAHL, 2011) de um progresso pretensamente civilizante, história de sucesso de um capitalista norte-americano que conseguira domesticar parte da natureza mítica e “selvagem” da floresta amazônica impondo sua métrica, seu modelo de cidade e modos de vida. Neste contexto e segundo Grandin, “Ford representava o vigor, o dinamismo e a energia que definiam a aurora do capitalismo moderno; a Amazônia incorporava a imobilidade primitiva, um mundo antigo que até então havia se mostrado inconquistável.” (2010, p.18). Diante do hidronauta em sua máquina do tempo, a floresta nos conta outra história.

Na época, a hegemonia dos EUA na produção do material para a linha de montagem de pneus e outros componentes emborrachados dos automóveis modelo Ford vinha sendo ameaçada por um cartel capitaneado pela Inglaterra e suas colônias. No meio desta disputa, a região da Amazônia, outrora maior produtora de látex do planeta, volta ao radar dos EUA e Ford na tentativa de reativar o seu potencial como possibilidade concreta de combate ao avanço inglês no mercado global do látex e cristalizar de vez, a hegemonia norte americana na produção de borracha e, por cadeia, na produção de automóveis e componentes.

Desde o início, ao mesmo tempo em que a velocidade e a violência estrangeiras obrigava a independência da floresta e sua população de humanos e não humanos a acolher a modernidade e um modo de vida fordista importados de uma América em plena ebulição capitalista, o empreendimento megalómano corria completamente divorciado dos modos de vida local, da dinâmica ambiental da selva e sua população nativa. Na ótica da diligência fordista, àquela altura dos acontecimentos, era da selva amazônica a responsabilidade de adaptar-se à estranha perturbação promovida pela presença da empreitada norte-americana, e não o contrário. Frente a tirania da externalidade e da técnica invasiva de montar cidades, o tempo, a floresta e seus moradores, responderam de forma implacável.

De uma expectativa inicial com o aparecimento da cidade por parte da população nativa - agenciada pela Ford como mão de obra contratada - veio aflorando uma crescente insatisfação com a dinâmica do empreendimento: os caprichos alimentares de Ford, a insalubridade das acomodações, a imposição de rígidos padrões comportamentais e horários obsessivos junto a uma governança vigilante e implacável, forjaram no meio da selva, um espaço completamente deletério e de intransitável convivência entre os gestores norte americanos e a mão de obra local.

[...]a falta de preparo logístico para a empreitada (equipamentos que não funcionavam, falha na comunicação entre os administradores, acidentes); dificuldades na contratação e no convívio entre os norte-americanos e a mão de obra local; desconhecimento das reais condições ecológicas da Amazônia, evidenciada pela surpreendente ausência de um especialista em flora tropical no início das atividades; e, finalmente, o mal uso do solo e dos recursos florestais, exemplificados nas queimadas de enormes proporções efetuadas para abertura de áreas de plantio em meio à floresta, com a utilização de grandes quantidades de querosene, que deram origem a incêndios monumentais[...] (GRANDE apud. MAHL, 2011 p.266)

Mesmo num lampejo de esperança e fagulhas de melhoria de vida acesa na aura verde dos moradores da floresta com as possibilidades de trabalho junto ao empreendimento, a tipologia calculada de hábitos importados em disputa com a vivência dispersa, estabelecida junto à natureza do lugar (ALMEIDA, 2017) foram se somando e se amontoando até se transformarem numa fonte descontrolada de perturbações e desassossego. Como nos conta Dona América no documentário Fordlândia, 2008 dirigido por Daniel Augusto e Marinho Andrade “Muito paraense comendo comida enlatada, comendo coisas que outros comia, o estrangeiro comia né, eles não se deram bem, eles formaram um quebra panela, uma revolta, dentro do restaurante”

Essas discordâncias, alavancaram um processo contínuo de arruinamento das relações, preconizando o fracasso da futura cidade. Em pouco tempo, a insatisfação e o descontentamento inicial, evolui de pequenas revoltas para um motim feroz, culminando com o saque e a destruição de grande parte das máquinas e benfeitorias pelos trabalhadores em convulsão, seguida pela fuga apressada dos norte americanos responsáveis pela administração da cidade.

Os trabalhadores destruíram o prédio do escritório, a usina de força, a serraria, a garagem, a estação de rádio e a recepção, cortaram as luzes, atearam fogo nas oficinas, queimaram arquivos, saquearam depósitos e quebraram caminhões, tratores e carros. Quando estavam avançando para o bairro dos americanos, estes fugiram para a lancha. (FRIEDMAN, 2010 p.147)

Numa outra perspectiva, a cidade se alastrava espalhando a devastação e abrindo espaço na mata para a plantação e cultivo de seringueiras, peça chave na implantação do projeto Fordlândia na região. Seguindo a mesma lógica fabril das linhas de montagem de automóveis implantada nos EUA e sem atentar para as especificidades biológicas e climáticas da região, foram se acumulando equívocos em série (HOLZMAN, 2010 p.695) na gestão da operação de plantio das matrizes, a começar pelo desmonte da floresta e armazenamento da madeira retirada.

O desmatamento foi iniciado impropriamente, na época das chuvas, tornando difícil a tarefa dos trabalhadores, danificando a madeira (os gerentes não sabiam a forma correta de manejo e armazenamento dos troncos serrados, que, sob o sol e a umidade, vergavam e apodreciam) e tornando-a imprópria para a comercialização. A mortalidade entre os mateiros era alta, pois, além da malária endêmica na região, eles eram vítimas do ataque de insetos e répteis que infestavam a floresta. Os equipamentos das serrarias mostraram-se inadequados para as características das madeiras amazônicas, e a tentativa de

obter ganhos pela aceleração dos equipamentos, já testada nas fábricas, não deu resultado, queimando os geradores de eletricidade.(HOLZMAN, 2010 p.695)

Ademais, o anseio da teimosia que guiava o desconhecimento total no manejo da biodiversidade local e alocação das sementes no solo, sinalizava claramente a inexperiência dos invasores, bem como o atoleiro de experiências densamente desastrosas em que estes estavam prestes a atravessar na imensidão amazônica. Nos arredores de Fordlândia, a ineficácia e o drama vivido na gestão inflexível da mão de obra local na construção da cidade, se somaram à pressa e à incompetência na implantação dos seringais num oco de terra e floresta devastadas pelas mãos do homem.



Fordlândia. Bryan Denton/The New York Times

Com as sementes em mãos, a supressão dos modos de ser e de fazer local no trato com a mata pela invasão fordista, dão início a queimada e destruição de milhares de hectares de floresta e conseqüente óbito de incontáveis animais nativos. Na persistência brutal deste jogo, o fogo e o rolo compressor das máquinas de matar selvas trazidas de navio, incineram e borram o verde amazônico com um vermelho terra, ensanguentado e desértico, terra batida, espancada pelas atrocidades de uma

colonialidade tardia que, ainda hoje, não cessa de aportar e que assistimos incrédulos, se atualizar em agressões e incêndios intermináveis sofridos por uma infinidade de territórios, bichos e povos nativos à exemplo da própria Amazônia de hoje, do Pantanal e do Quilombo D. João.

Com a chegada dos americanos ocorreu um incêndio em Fordlândia que representou o início de uma verdadeira ruína, tão grande que “talvez tenha sido o maior incêndio até hoje provocado pelo homem naquela parte da Amazônia, com folhas em chamas flutuando para a outra margem do rio enquanto as cinzas enchiam o céu, transformando as nuvens da estação chuvosa numa névoa cor de sangue. (GRANDIN, 2010, p. 24, 25)

que o mundo colonial é um mundo maniqueísta. [...] o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, nunca habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação dos valores. Ele é, ousemos dizer, o inimigo dos valores. Nesse sentido, ele é o mal absoluto. Elemento corrosivo, destruindo tudo de que se aproxima, elemento deformante, desfigurando tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas, instrumento inconsistente e irrecuperável de forças cegas.(FANON, 1968 p.30-31)

Depois da aniquilação e varredura da floresta esquarterada e esparramada na terra, tem lugar a desastrosa preparação do terreno a fim acomodar a linha de montagem dos seringais. O envenenamento do solo causado pelo mar de querosene e gasolina utilizados para incinerar a mata, contaminou as sementes e por cadeia parte dos brotos que germinaram em meio a um ambiente completamente intoxicado. A embriaguês da terra por conta do banho de combustíveis, deu origem a uma cultura de seringueiras fracas e facilmente suscetíveis às intempéries da região. Ademais, por completo desconhecimento das especificidades climáticas da Amazônia, os técnicos norte americanos iniciaram a operação de plantio numa época seca e completamente diversa da estação apropriada para o recebimento das sementes, abraçadas por um solo já calcinado e adoecido. O resultado foi uma produção de mudas muito aquém da quantidade e qualidade planejada para abastecer a demanda de látex exigidas pelo industrial.

Os brancos talvez não ouçam seus lamentos, mas ela sente dor, como os humanos. Suas grandes árvores gemem quando caem e ela chora de sofrimento quando é queimada. Ela só morre quando todas as suas árvores são derrubadas e queimadas. Então restam dela apenas troncos calcinados,

desmoronados sobre uma terra ressecada. Não cresce mais nada ali, a não ser um pouco de capim.(KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 468)

No entanto, dentre todos os transtornos, desacertos e atrasos na implantação do projeto, por desconhecimento, foi um modelo equivocado de *plantation* trazido do sudoeste da ásia absolutamente inapropriado ao ecossistema local, repleto de pragas e insetos de toda sorte, um outro aspecto decisivo para a ruína de Fordlândia. Em oposição ao espaço fechado da floresta, onde as seringueiras cresciam protegidas à uma distância segura uma das outras, o modelo asiático se assemelhava à linha de montagem presente nas empresas nos EUA, onde “a concepção da plantação de seringueiras segundo os princípios da racionalização adotada nas fábricas provocou resultados desastrosos.”(HOLZMANN, 2011 p.695). A grande diversidade de árvores dispersas numa mata heterogênea, que davam sustentação à sobrevivência das espécies de seringueiras nativas, evitando assim, a proliferação de fungos e pragas, estavam agora, ausentes dos seringais criados pela equipe de técnicos de Ford. Suas mudas cresciam na métrica de um espaço aberto e receptivo ao calor do sol e dos ventos e muito próximas umas às outras, condição ideal para o aparecimento de hordas de insetos bem como a propagação e multiplicação de epidemias naturais do ecossistema local.

Os homens de Ford aplicaram as técnicas da produção intensiva plantando as seringueiras em linhas, próximas umas às outras: segundo os planos, dois homens plantavam de 160 a 200 árvores por dia, usando de 2 a 3 minutos no plantio de cada muda. Assim era feito no sudeste da Ásia, onde as seringueiras foram plantadas aos milhares por hectare sem maiores problemas, pois lá não existiam os fungos nem os predadores nativos amazônicos. Tudo parecia correr bem até que os insetos atacaram: ácaros vermelhos, moscas brancas, formigas pretas, besouros brancos, gafanhotos, mandruvás, aranhas (que atacavam também máquinas, causando curto circuito em equipamentos telegráficos). E sobretudo as lagartas. A empresa mobilizou toda a população, que em cinco horas colheu cerca de 250 mil lagartas que foram queimadas. (HERCULANO, 2012, p.6)

Ao final, frente a todo tipo de adversidade e incompetência, o desacordo e o total desconhecimento da realidade amazônica, acabaram por determinar em pouco tempo, o processo de arruinamento da cidade de Fordlândia e sua floresta artificial de seringais. O atrevimento no uso descuidado da terra, tão somente como forma de rentabilização, conduzido pela teimosia e o desrespeito à natureza foi fatal. Ainda assim, mesmo diante de um fracasso econômico monumental, a debilidade na



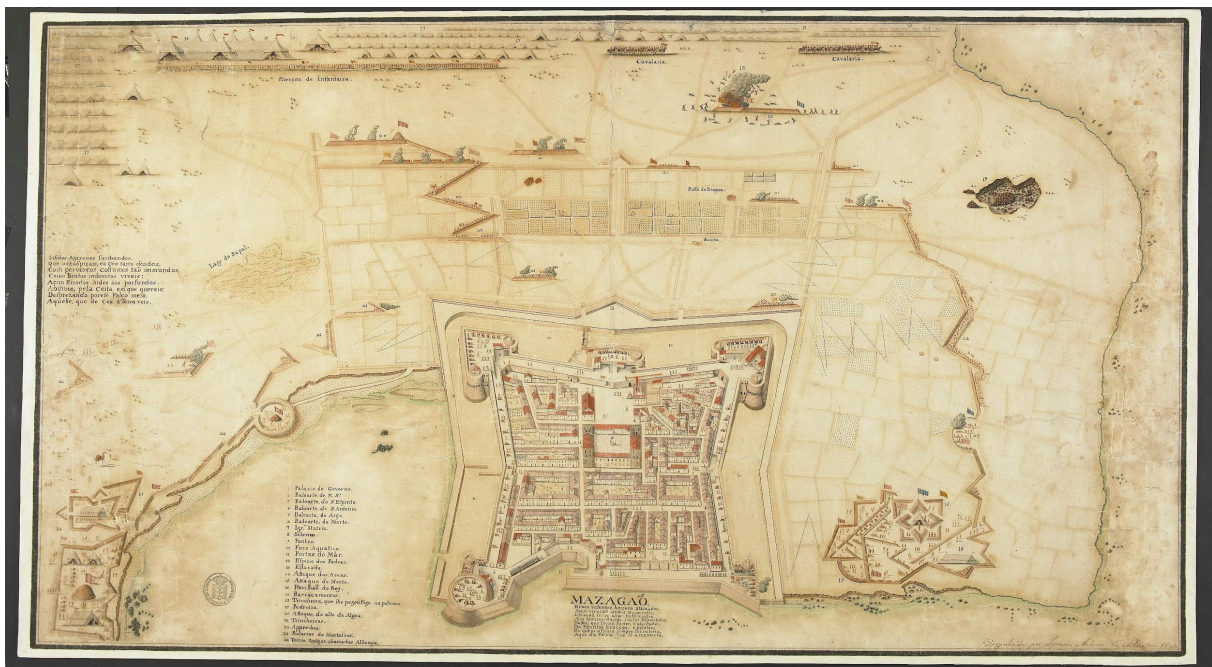
gestão do empreendimento cismou de transportar toda logística do projeto e refazer a utopia urbana de Ford noutro ponto da selva. Aquela altura, arrastando seus cacos em meio ao verde alerta da floresta, uma porção de Fordlândia em frangalhos, aporta à uma centena de quilômetros rio abaixo para renascer sob o nome de Beltrame, onde, de acordo com Herculano (2012, p.6), “foram plantadas 700 mil árvores e cultivado um viveiro com 5 milhões de mudas”. Não tardou para que a nova empreitada, e mais precisamente a insanidade de querer, a qualquer custo, monetizar a natureza, fosse mais uma vez engolida pela exuberância da selva Amazônica. Depois de consumirem uma montanha de dinheiro, as duas cidades, ou o que restaram delas, foram adquiridas pelo governo brasileiro. Se equilibrando sob suas ruínas e bem longe da pujança utópica desfeita no coração da Amazônia, as duas localidades, fazem hoje, parte da Floresta Nacional dos Tapajós sobrevivendo ainda espremida entre o fogo e a fumaça que tortura a região desde que o homem branco aportou sua sanha colonizadora por aqui.

### **Transcidade**

Sem deixar de lado a tensão e a dramaticidade, a potência da selva amazônica e seu turbilhão verde de acontecimentos que sacudiu duas cidades no rastro da corrida pelo látex, também pode se apresentar como lugar de refúgio; agenciando e animando no tempo outras histórias inusitadas de encontros entre cidades e florestas. Ao retroceder ainda mais no tempo, antes do arruinamento de Fordlândia, o hidronauta testemunha que a exuberância da mata já havia refugiado e entremeado num passado colonial, às margens do rio Mutuacá, outras formas de intensificações urbanas com dissonâncias continentais.

Encravada estrategicamente numa encosta do Marrocos, Mazagão se desenvolve como um dos apêndices de Portugal no norte da África. Ao longo de sua sanha colonizadora de mundos em desacordo com suas crenças e juízos, o império lusitano alavancava seus domínios, impulsionado não só pelo desejo de expansão de um catolicismo ancorado à tirania belicosa das cruzadas, mas principalmente, pela conquista da hegemonia mercantil na Europa e consolidação de seu poderio

naval no atlântico. Ao mesmo tempo em que provocava a ruína de outros povos, o êxito na invasão e posse de territórios diversos, significava fartura na produção de riquezas e suprimentos, solução imediata para o custeio na defesa de uma nação que aniquilava e escravizava em progressiva expansão, sobretudo depois da chegada ao Brasil em meio a rota para as Índias (ASSUNÇÃO, 2009 p.25).



Planta da fortaleza de Mazagão. Fonte: [www.marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com](http://www.marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com)

Neste impulso, a cidade fortaleza de Mazagão, surge como entreposto vigilante aos navegadores que passavam pela Rota do Cabo em direção ao Oriente, para logo se transformar numa potente fortificação cristã, operando em defesa dos interesses religiosos e econômicos da coroa lusitana. Contra as investidas organizadas pelos muçulmanos a fim de retomarem o território usurpado pelos portugueses, a fortaleza permaneceu funcional como base militar por mais de dois séculos até sucumbir e atravessar o oceano atlântico aportando às margens do rio Mutuacá, em meio imensidão Amazônica.

A proximidade do litoral garantia o embarque e desembarque de mercadorias e pessoas, sem grandes sobressaltos, conforme o movimento das marés. Enquanto barreira física, as muralhas acompanhavam a topografia do local e nas áreas livres é que a vida social ganhava contornos, numa verdadeira ilha cristã fincada em um mar muçulmano. De forma direta, a fortificação deveria proteger e delimitar o poder lusitano na costa marroquina, a partir de uma unidade volumétrica e do território do seu entorno. (ASSUNÇÃO, 2009 p.26).

A cultura alerta e defensiva, atávica à construção da fortaleza por conta da constante ameaça de contragolpes muçulmanos, incrustou-se na população da

pequena cidade que floresceu à sua órbita. A muralha que crescia junto com mazagão, se encarregava de apartar e proteger a cidade de possíveis hostilidades e ataques, encarcerando grande parte dos seus habitantes no seu interior. As saídas para além dos muros eram perigosas, cuidadosamente planejadas e esporádicas à procura de caça ou coleta de alimentos, sempre na companhia de pequenos batalhões como mecanismo de proteção, o que não impedia a morte e o flagelo de muitos mazaganistas que se aventuravam em saídas para além das muralhas. Mesmo vivendo no isolamento dos muros e a uma distância calculada e até então segura dos mouros mulçumanos, depois de séculos, a convivência quase forçada dos mazaganistas com seus inimigos “pagãos”, enraizou entrelaçamentos e montagens culturais, estabeleceu traços de histórias e memórias compartilhadas que sobrevivem e se atualizam entre as ruínas do tempo nos dois continentes até os dias de hoje.

Numa época onde a insanidade e tensão da história retalhava o desconhecido do mundo entre poucos, a segurança da fortaleza na África começa a mostrar sinais de fadiga à medida em que as investidas e os ataques mulçumanos se intensificam, até se tornarem insuportáveis. A situação de conflito insanável entre mouros e lusitanos, já se arrastava por gerações, trazendo risco e medo aos moradores que já não escondiam o desconforto e a excitação, a iminência de derrota e destruição eram uma presença constante na rotina da cidade.

A essa altura, as finanças portuguesas já se perdiam no abismo das disputas coloniais travadas com seus vizinhos europeus e na reconstrução de Lisboa, destroçada pelo sismo que recentemente havia chacoalhado todo território Português. O infortúnio e a derrocada econômica de Portugal se alastrou até aportar na África, e Mazagão, com sua muralha até então intransponível, se apresentava agora, como um estorvo dispendioso a deteriorar ainda mais os fundos lusitanos que direcionava todo empenho na gestão e exploração aurífera no Brasil (ASSUNÇÃO, 2009 p.26). Era necessário uma solução rápida e definitiva para estancar a sangria financeira e, ao mesmo tempo, se empoderar na disputa pelos territórios invadidos na América do Sul frente aos rivais Europeus.

Depois de mais de dois séculos de “glórias” resistindo às intermináveis investidas e perturbações pagãs, “fustigados pela fome e epidemias, pelos conflitos internos, mas também pelo tédio e pela inércia, todos subprodutos da sua reclusão”(FURTADO, 2009 p.347), a urgência do colapso, começava a solapar de vez as suas bases, inflacionando o desânimo e estremecendo cada palmo de futuro e solidez da fortaleza secular. Finalmente num dia comum, debaixo de bombas, Mazagão acorda assombrada, sitiada por um exército mouro com cerca de 150 mil soldados mulçumanos famintos pela cidade, fruto da invasão lusitana. A vertigem da tormenta presente nos olhos dos soldados mouros anunciava: não havia mais lugar para os cidadãos mazaganenses em solo africano.

Tem início, então, o abandono de Mazagão, segundo as instruções vindas de Lisboa. Crianças e mulheres deveriam ser embarcadas antes dos homens mais jovens. O documento definia o embarque das imagens sagradas e dos ornamentos das igrejas, depois vestimentas e objetos como móveis, que fossem possíveis de carregar. Da mesma maneira, a artilharia deveria ser embarcada e o restante seria destruído ou lançado ao mar, para que os mouros não fizessem usos dos equipamentos. Nas tratativas de guerra entre o governador e o imperador Mulay Mohammed ficou estabelecido um período de trégua de três dias para o embarque da população, em meio à confusão. A revolta dos moradores fez que estes destruíssem as suas antigas habitações e queimassem os objetos que não poderiam levar consigo. Em pouco tempo, a cidade que fora construída no decorrer dos últimos dois séculos se transformou num conjunto de escombros. (ASSUNÇÃO, 2009 p.33)

Ainda atordoados com a nuvem de mulçulmanos no horizonte e a potência de um cerco mortal rapidamente se fechando em torno da murada, a população se movimenta. Pelo mar, boa parte dos cerca de 2000 moradores dão início a uma operação de desmonte de coisas e evacuação às pressas do local, coordenados pela coroa portuguesa. Uma outra, assiste incrédula, à cidade em ebulição e com uma existência de bravuras já no passado, prestes a se lançar no oceano e afogar a vergonha da derrota. A humilhação de abandonar a lendária e inquebrável Praça de Mazagão se tornaria uma marca indelével para a grande maioria de seus habitantes, já acostumados à resiliência das pedras. O futuro era incerto, e a única certeza além de carregar um rastro belicoso nas memórias de uma cidade arruinando, era a busca de algum pouso e proteção além mar que desse continuidade a existência da cidade. Neste contexto, Laurent Vidal nos pontua que “Não havia espaço que não estivesse cheio de recordações: uma pedra, a esquina de uma rua, um largo. Os

mazaganistas formavam um corpo com seus muros.”(VIDAL, 2007 p.42). Enquanto isso, os africanos, à milênios os ocupantes originários da terra invadida, retomavam o espaço usurpado.

Retalhada entre em 14 naus lusitanas, responsáveis por transportar a cidade despejada do seu espaço de origem, Mazagão balançaria seus fragmentos nas espumas salgadas do oceano atlântico até ancorar novamente suas raízes na américa latina, mais precisamente às margens do rio Mutuacá no seio da imensidão amazônica, que séculos mais tarde, abrigaria a estadia dramática de Fordlândia, hoje sua vizinha de selva. Como bem relata Paulo de Assunção: “A cidade morria para renascer como fênix do outro lado do Atlântico.”(ASSUNÇÃO, 2009 p.33)

Antes da floresta, no entanto, a saga de uma Mazagão em trânsito aportaria seus estilhaços na capital lusitana, misturando seus escombros aos de uma cidade ainda aturdida e se reerguendo do terremoto que a devastou deixando um rastro de ruínas e dezenas de milhares de mortos. A pausa em Lisboa, foi bem calculada e essencial para dar continuidade aos preparativos da travessia atlântica rumo ao desconhecimento da selva amazônica, escolha definitiva da coroa portuguesa como pouso final do que restou da cidade de Mazagão.

A preferência pelo extremo da floresta sul americana, foi estratégica para o expansionismo colonial lusitano: além de refugiar os mazaganenses depois de uma expulsão traumática no norte da África, o local também atendia aos interesses da coroa de outra forma. Numa época soterrada por embates pela posse da terra, as relações turbulentas entre Portugal, Espanha e França se intensificavam de forma acelerada na região amazonense. Nessa perspectiva, a rapidez na ocupação e povoamento do território, eram vitais para a consolidação do empreendimento colonial, “sob a justificativa do uti possidetis – o direito de posse a quem efetivamente tiver povoado – o que garantiria o efetivo domínio português das terras entre o norte do rio Amazonas e a Guiana Francesa.”(FURTADO, 2009 p.348). Ademais, o isolamento, privações, a cultura bélica e o histórico de combates e resistência dos mazaganistas frente às investidas muçulmanas ao norte da África,

eram vistos como ideais ao perfil de colono numa região distante e suscetível a uma série de perturbações e conflitos.

Ao longo de gerações, a fortaleza de Mazagão performou como um espaço de controle e vigilância, desempenhando um papel fundamental na construção da história e formação da memória coletiva dos seus habitantes como defensores de um território fruto de uma invasão e sob ameaça constante. Esperava-se agora, que essa mesma função, fosse transferida para a selva sul americana, condição essencial para fundação de uma Nova Mazagão, moldada aos interesses imperialistas da coroa portuguesa. Como bem observa o historiador Paulo de Assunção:

O colono deveria ter um perfil de explorador de território, que aliasse a figura do agricultor a um soldado que defendesse as possessões coloniais. Neste último aspecto, os mazaganistas tinham uma longa experiência de luta contra o inimigo mouro e poderiam defender o local a partir de uma praça forte ali estabelecida. (ASSUNÇÃO, 2009 p.34)

A estadia em Lisboa em meses, fragmentou ainda mais uma Mazagão já repartida e em fuga, mas temporariamente ancorada na capital lusitana à espera do embarque definitivo rumo ao Brasil. Ainda desorientadas e com suas existências em estado de suspensão, as centenas de famílias desaguadas nas incertezas do porvir, refugiam suas histórias numa urbanidade sortida e aberta, até então estranha ao isolamento da fortaleza africana. Neste impulso, a colisão dos mazaganistas com um contexto urbano distinto, vai embaralhando memórias e visões de mundo à uma correnteza de acontecimentos e a uma tipologia de práticas cotidianas diversa. Neste período, ocorre um choque de afetos e dissensos, entrelaçando e atualizando a dispersão de uma cidade em trânsito às intensificações de outra já estabelecida, mas ainda sob o forte impacto e drama de um terremoto colossal.

Ademais, com a desmontagem de Mazagão à revelia da sua população, o silêncio e a decomposição de um referencial espaçoafetivo acumulado há gerações, trouxe a tona, uma reavaliação na forma como cada indivíduo daria continuidade a sua condição existencial, bruscamente interrompida e transformada pela mão muçulmana. A fé cega na cristandade havia sido abalada, a descrença e a incerteza de um recomeço em terras desconhecidas e distantes, afastadas das memórias em África, fustigavam os pensamentos mazaganenses a ponto de alguns declinarem da

travessia para o extremo da selva sul americana, advogando em favor de suas permanências na capital lusitana indefinidamente. Mesmo durante a curta pausa em Lisboa, a angústia das ausências espaciais, a agitação das mudanças e a latência da vida, afetaram uma parte dos moradores da cidade em trânsito: o nascimento de uns, morte de outros, novas paixões e desencontros, bem como o aparecimento de uma série de outras possibilidades desviantes, confundiram e desarmaram o impulso de transposição para o Brasil de alguns. Ainda assim, como em Mazagão, sem defesa e a contragosto, acabaram todos sendo obrigados a abandonar a capital sob ordens expressas da coroa portuguesa.

Assim, em quase um ano depois, uma esquadra com a cidade embarcada parte de Lisboa em direção a Belém do Pará, dando início à operação de transporte transoceânico e posterior remontagem de uma nova mazagão em meio a Floresta Amazônica. Da África para o Brasil, o infortúnio de levantar, do nada, uma vila no meio da selva para acomodar o futuro de uma cidade desmembrada, nauseava com excitações e assombros, a contingência e a esperança de futuro aos cerca de 2000 mazaganistas, ainda em meio à travessia atlântica. Para tanto, como observa o Historiador Paulo de Assunção:

Navios da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão serviram no transporte de parte das famílias e de mercadorias e materiais de construção que poderiam ser fornecidos aos colonos. Os navios foram carregados de martelos, facões, folhas de serra, limas, fechadura, enxadas, tesoura, pólvora, espingardas, dentre outros recursos para viabilizar o estabelecimento da Nova Mazagão. Nas embarcações seguiam também os objetos que davam identidade ao vínculo religioso. A imagem de Nossa Senhora da Assunção, de Cristo morto, da Paixão de Cristo, de São Pedro, do Arcanjo Miguel, de São Francisco, de Santo Antônio, de Santa Bárbara, de Nossa Senhora da Conceição, de Santa Ana e outros objetos do culto religioso foram devidamente embarcados. Vestígios do passado que seriam lançados como semente no novo local. (ASSUNÇÃO, 2009 p.40)

Neste ponto da pesquisa, o tumulto da chegada oceânica de Mazagão à floresta, nos faz retornar a um futuro de perturbação e aproximações; rememora o insucesso na implantação de uma Fordlândia operária e piromaníaca, assinalando e preconizando aos futuros moradores da Nova Mazagão, um passado já abarrotado de aflições e desassossego com a floresta. O impulso assimétrico do tempo, seus acidentes e antecedentes, prematuram aqui, a convivência e ultrapassagens entre essas duas cidades e temporalidades, trazidas à selva de navio para disputarem,

cada uma a seu modo, o espaço com a exuberância feroz da Amazônia. A impossibilidade em dimensionar a potência e a métrica da floresta, bem como suas reações ao choque das colisões com os limites impostos pelo aparecimento das cidades, em maior ou menor escala, semantizam no tempo, um processo contínuo de devastação e declínio existencial tanto da floresta quanto dos seres humanos, e na falta deste ajuntamento, da própria natureza. Esse ser outro inconciliável, inventado e exilado pela “excepcionalidade” humana.

Como ocorrido na capital lusitana, a chegada e a permanência alongada dos mazaganenses na cidade de Belém, ponto de passagem para o destino final às margens do rio Mutuacá, intensificou um processo contínuo de dispersão, iniciado com a queda da cidade fortaleza na África. Se a primeira pausa em Lisboa fragilizou laços e memórias de uma cidade em fuga, a segunda, com uma duração de anos, seguiu misturando ainda mais, o seu jogo social e a fragmentação de vínculos e apegos de seus habitantes. A transmutação desses afetos, antes impregnados com as intensificações memoriais de uma Mazagão enclausurada e fixa, foram acumulando polifonias e aglomerações de experiências, agora polidas na errância dos pontos de partida e chegada de uma mazagão em trânsito.

Vista como território limite para a uma civilização recém aportada e palco de uma experiência malograda com a invasão incendiária de fordlândia; numa derrapagem temporal, o espaço intocado da floresta Amazônica a ser novamente consumido pelo peso da mão humana, logo se manifestaria, de forma adversa, também, com a implantação da Vila Nova de Mazagão. Em tempo, após alguns anos de assentamento e adaptação, não tardou para que a irritação e o desagrado tomasse conta do empreendimento colonial, não por parte da coroa lusitana, responsável pela transposição da cidade, mas pela população que vinha chegando lentamente para tomar posse do território desmatado.

Atuando quase como mimese de sua futura vizinha Fordlândia, prontamente repelida pela dinâmica feroz da selva nos trópicos, uma Nova Mazagão é desenhada para operar como um modelo de ocupação, funcionalidade e estrutura urbana; como promessa de prosperidade segundo a métrica da racionalidade iluminista. Um



espaço ideal de sociabilidade a ser desdobrado e reverberado aos quatro cantos, não como propaganda da meticulosa eficiência fordista, mas agora como um novo “momento para a exploração colonial”(ASSUNÇÃO, 2009 p.48). Mais uma vez, o desejo perene de civilização, por hora, começa a desandar atropelado por uma Amazônia povoada de fatores incontornáveis e atávicos à imprevisibilidade de futuro no coração da selva. A atuação vigorosa e a desobediência obstinada e febril da mata fechada, se impõem ao controle e autoridade ferrenha da narrativa cultural iluminista, fustigando o empreendimento lusitano com toda sorte de perturbações e adversidades. Nessa direção, a debilidade da invasão, emergia espelhando o ocaso de uma Fordlândia já arruinada pela potência da floresta.

A começar com a lentidão dos traslados entre Belém e a Vila Nova de Mazagão, realizado de forma insegura e precária rio adentro. Após dias debaixo de sol e chuva, se equilibrando em canoas abarrotadas de ferramentas e mantimentos, os refugiados mazaganistas eram desaguados em meio a insalubridade de uma vila ainda em construção, carregada incansavelmente nos ombros exaustos de escravos e nativos capturados na região.

Afora o percurso tortuoso por entre rios e matas até o destino final, os colonos mazaganistas, eram continuamente atacados por um exército de insetos de todo tipo, minando o ânimo e a energia dos viajantes num ritmo extenuante, aflorando na mata, uma irritação e um desencanto sem prescrição com a empreitada colonial. A fadiga de uma viagem longa e dantesca, era o ponto de partida para enfrentar a lida num canteiro de obras úmido e lamacento, onde a utopia de desligar a natureza para acomodar o anseio quimérico de um refúgio ideal e rigorosamente obediente aos moldes da racionalidade iluminista, acabaria por se transformar num fardo de proporções amazônicas.

As disputas entre os colonos por conta da lentidão no processo de edificação e posse das benfeitorias e acomodações, traziam a tona, uma tensão interna que se alastrava e se amontoava a cada dia, junto à milícia de perturbações de um ecossistema exótico e hostil aos modos de vida lusitanos. Agora obrigados a conviver com um todo inteiramente diverso, à exceção de cultos religiosos e parcas

celebrações, os mazaganistas assistiam desolados, a uma transformação compulsória das práticas cotidianas a que estavam acostumados na clausura da fortaleza africana. A distância atlântica do berço de origem, operava passo a passo, revestindo memórias individuais e coletivas com uma opacidade nostálgica e lacrimosa, umedecendo ainda mais, o clima e a lida cansativa de uma cidade, antes fechada e defensiva, mas operando agora, como um espaço agrícola e escravista aberto na imensidão amazônica. Nessa perspectiva, depois de quase uma década atravessando oceanos, rios e florestas infestadas de bichos e insetos para labutar entranhados no meio selva, os mazaganistas começavam a se indagar, se a resiliência e o enfrentamento a qualquer custo dos mulçulmanos, protegidos pela potência da cidade fortaleza no noroeste da África, não teria sido uma escolha menos desastrosa e infeliz.

No decorrer das duas últimas décadas do século XVIII, os sinais de desestruturação eram evidentes. As doenças, como o paludismo, a miséria e o confinamento numa área isolada fizeram que os mazaganistas se lembrassem dos tempos de outrora na região africana, os traumas eram revisitados. A coroa portuguesa, na medida em que instalara a maioria das famílias na nova vila, se considerava desobrigada que qualquer outro auxílio. A vila estava lançada à sua própria sorte.(ASSUNÇÃO, 2009, p.50)

Depois de impermanências conturbadas em Lisboa e Belém do Pará, das famílias que deixaram às pressas a Mazagão Africana, pouco mais da metade completou o propósito da transposição, para finalmente, se refugiarem na selva amazônica. No meio do caminho, o trânsito e a fricção de uma Mazagão em fuga com a dinâmica própria de duas outras urbanidades, e mais ainda, com o feixe de relações e intensidades que atravessavam a floresta, confundiu e embaralhou o porvir de uma personalidade mestiça e polifônica que habita a Mazagão dos dias de hoje.

Uma cidade líquida, desaguada no fluxo acidentado do tempo, chacoalhando e diluindo suas memórias e histórias por entre a persistência marcante dos mouros mulçulmanos, dos lusitanos em fuga, dos africanos escravizados e da cosmologia e mão de obra ameríndia, todos performando e partilhando a violência, as alegrias e o sofrimento de suas existências e visões de mundo, em meio à opulência vigorosa da selva.

A continuidade deste emaranhado cultural, diante da mesma montanha de adversidades que varreu Fordlândia e sua órbita de seringais, ainda viria a se desdobrar, mais uma vez, com a criação da sede do município de Mazagão Novo a 36 km distante da vila original, dizimada por epidemias, pelo desprezo da coroa lusitana e pelo abandono e morte da maioria dos colonos originais. No entanto, sob a vigília de suas ruínas e tomada em parte pela floresta, a Velha Mazagão, ainda assim sobrevive.



Dançarinas do Marabaixo. Max Renê.

Fonte: <https://macapa.ap.gov.br/municipio-prestara-homenagem-as-tradicionais-dancarinas-de-marabaixo/>

Sobrevive ocupada por pensadores quilombolas, remanescentes de escravos e pelos descendentes dos primeiros ameríndios desumanizados e agenciados como mão de obra; sobrevive como um espaço genuinamente mestiço, forjado no inquieto amálgama dos acontecimentos e intensidades, levadas admirável e lindamente adiante, por reexistências amazônicas e transoceânicas.

E Sobrevive sobretudo, nos meses de Julho, quando ao som do marabaixo<sup>20</sup>, um caldeirão de memórias e histórias amontoadas e revolvidas na travessia imprevisível do tempo, derrama sobre uma cidade em festa, um espiral de animações e encantamentos rodopiando pelas ruas nas celebrações de São Tiago<sup>21</sup>, síntese primorosa e teatral de todo vórtice de transmutações e desdobramentos memoriais, absorvidos pelas cidades de Mazagão. Enquanto isso, do outro lado do Atlântico e de volta às mãos marroquinas, a antiga fortaleza de Mazagão na África prospera outras histórias e existências, hoje rebatizada sob o nome de El Jadida.

Diante dessa horda de acontecimentos, o hidronauta constata: em qualquer tempo e lugar, a insistência desenfreada na tentativa de planejamento e criação de ambientes em separado ou sem a participação intensiva da floresta/natureza no espaço tempo das nossas práticas cotidianas, vem se tornando engrenagem mestra na aceleração do nosso ocaso e arruinamento. Entremeando as duas ocorrências, seus processos urbanos e alteridades devastadoras com o espaço amazônico, assistimos ao esgarçamento dessas relações em mudanças extremas de direção e desvios de finalidades nas ambições iniciais, tanto da Vila nova de Mazagão quanto em Fordlândia. A primeira, pela cobiça apressada no povoamento e municipalização de um naco da região amazônica, objetivando a posse da terra invadida e seus recursos a frente de seus rivais colonizadores; a segunda, pela ganância cega e incendiária da indústria automobilística em rentabilizar e propagandear, a qualquer custo, a dominação de parte da floresta, ancorando suas ações numa sanha desenvolvimentista insanável.

Na intersecção dessas ambições e alteridades, o tempo e suas maquinações, nos joga numa paisagem atualizada no presente. De lá, testemunhamos as mesmas agressões do passado, sofridas de forma recorrente no aqui e agora do Quilombo D. João, Pantanal, áreas de restinga, manguezais e por uma constelação de outros

---

<sup>20</sup> Expressão cultural de devoção e resistência envolvendo danças e ritmos com suas origens no tempo da escravidão, formado nas tradições, na organização e na identificação cultural entre as comunidades negras do Amapá. (IPHAN)

<sup>21</sup> Festa típica da Vila de Marzagão Velho, celebrada a mais de dois séculos todo mês de Julho. O evento traz encena as origens e os entrelaçamentos culturais com realização de peças de teatro, danças, rituais religiosos, cavalgadas e batucadas em torno da imagem de São Tiago. Um soldado anônimo que lutou bravamente ao lado do povo cristão contra os mouros.

espaços, cidades, povos originários, bichos e matas sem fim, que ainda povoam e se sustentam bravamente, dependuradas num planeta à beira do abismo.



O Quintal do Seu Zé e D. Zefa. Gaio Matos.

Mesmo se apresentando como eventos em temporalidades distintas, a atualidade das ruínas floridas no quintal de seu Zé e o passado colapsado de Fordlândia e a Velha Mazagão engolidas pelo verde amazônico, bem como a violência sofrida por outras cidades e localidades citadas aqui, se chocam e se entrelaçam com o ocaso da “velha Rodelas”. Suas histórias e tempos, se sobrepõem na emergência dos nossos dias, como sintoma da apropriação e uso despudorado de recursos naturais e seres vivos, como matéria prima na desconstrução de outros mundos.

Afloram com poesia e violência, uma desordem planetária que a muito disparou o apagamento de uma ecologia de outros mundos antes povoados por saberes, pertencimentos e afetos distintos, agenciados quase sempre à margem da nossa civilização. Sem freios, esse divisor espalha suas chamas e estilhaços, acelera seus dispositivos em disputas corrosivas; campo minado performando e atualizando sua máquina de moer e incendiar mundos assentada na loucura do excepcionalismo humano e sua obsessão pelo especismo, instrumentalização e aparelhamento dos seres vivos mais vulneráveis e seus ecossistemas. A compulsão pela destruição e apodrecimento do planeta é a métrica alucinada da civilização.

A ficção centenária do progresso baseia-se na estratégia de provocar sucessivos apagamentos. Esses apagamentos obedecem à vontade utópica da tabula rasa ou tábua rasurada, isto é, ao desejo de se rasurar o mundo existente para escrever ou desenhar sobre ele como sobre uma folha de papel em branco: intervir numa superfície, apagando o relevo das formas alheias ou a intenção da sua remoção e substituição por um modelo alienígena. A tábua rasurada negligencia violentamente qualquer preexistência, seja ela representada por humanos, não humanos, ocupações territoriais ou modos de vida em grupo. (MARQUÊS, 2011, p.26)

Além do mais, por considerar humanidades potenciais também em plantas, animais, rios, montanhas e espíritos e tantos outros sujeitos, as cosmopolíticas das Terras Baixas sul-americanas, nas suas vertentes “animista”, “multinaturalista” e “mais-que- -humana”, acabam por ampliar em muito as possibilidades de multiplicação das formas de vida. (CANÇADO, 2019, p.28)

De volta ao campo científico, a questão se amplifica e toma uma nova perspectiva frente a essa precarização persistente dos espaços e da vida. Num desvio urgente e necessário de abordagem operado por pensadores do nosso tempo como Latour, Ingold, Maniglier, Krenak, Stengers, Kopenawa, Tsing, Castro e Danowski, Haraway dentre outros, o que se busca é uma afinação de mundos desiguais numa sinfonia de conhecimentos comuns amplificada e ancorada, sem hierarquias, a uma coexistência de cosmovisões diversas em oposição a decadência de um modo universal de sociabilidade hegemônica, empurrado à força, pela máquina modernizante aos outros viventes extra modernos que habitam a terra.

Sabemos da popularidade que desfruta, em certos círculos, a tese segundo a qual a antropologia, congenitamente exotista e primitivista, não passa de um teatro perverso, no qual o “outro” é sempre “representado” ou “inventado” segundo os interesses sórdidos do Ocidente. Nenhuma história, nenhuma sociologia consegue disfarçar o paternalismo complacente dessa tese, que reduz os assim chamados “outros” a ficções da imaginação ocidental sem qualquer voz no capítulo. Duplicar tal fantasmagoria subjetiva por um apelo à dialética da produção objetiva do Outro pelo sistema colonial é simplesmente acrescentar um insulto a uma injúria; supor que todo discurso “europeu” sobre os povos de tradição não europeia só serve para iluminar nossas “representações do outro” é fazer de um certo pós-colonialismo teórico a manifestação mais perversa do etnocentrismo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.1)

Não há mais qualquer sentido em perceber os arranjos e movimentações dos seres humanos e não humanos sem que a potência das interconexões entre suas histórias e mundos diversos (INGOLD, 2015) venham à tona. Não se pode mais avançar, sem a constatação de que os processos de reconhecimento das diferenças nas formas de perceber e pensar o mundo em meio ao entrelaçamento de ontologias plurais, são parte inescapável da mesma trama relacional e infinita que orienta as

perturbações existenciais do planeta. É neste sentido que a anatomia do conhecimento etnográfico se refaz, desencadeando um desvio natural e necessário na tentativa de superação dessa bipartição que decodificou o mundo numa hierarquia de desavenças e desconstruções letais capitaneadas por macropolíticas e engenharias globais. Nessa direção, a questão se apresenta agora ao campo antropológico, como elemento central no estudo e compreensão de si mesmo enquanto campo científico que observa a organização socioambiental de outros seres, suas cosmologias e alteridades. Um contra posicionamento ético e político com o potencial de se alastrar e passar “por todos os lugares onde se fabrica um futuro que ninguém ousa realmente imaginar, não se restringir à defesa dos sentimentos adquiridos ou a denúncia dos escândalos, mas se apoderar da questão da fabricação desse futuro.” (STENGERS, 2015, p. 198). Como um refluxo inescapável em direção ao embaralhamento de diferenças ontológicas ao borrar a emergência do nosso desespero ao desespero inato de outros fluxos vitais historicamente apagados, silenciados ou reposicionados sempre às bordas do humanismo inventado pela hierarquia racional e civilizante do homem “moderno”. São desvios que ecoam sobretudo, como resistência e recriação de velhas rotas de fuga, cura, correções e outras formas de habitar o planeta que nos leve de volta a uma simbiose benéfica com a multiplicidade de mundos e existências.

Pois não se trata, como lembrou oportunamente Derrida (2006), de pregar a abolição da fronteira que une-separa “linguagem” e “mundo”, “pessoas” e “coisas”, “nós” e “eles”, “humanos” e “não-humanos” – as facilidades reducionistas e os monismos de bolso estão tão fora de questão quanto às fantasias fusionais –; mas sim de “irreduzir” e “imprecisar” essa fronteira, contorcendo sua linha divisória (suas sucessivas linhas divisórias paralelas) em uma curva infinitamente complexa. Não se trata então de apagar contornos, mas de dobrá-los, adensá-los, enviesá-los, irisá-los, fractalizá-los. “Eis o que gostaríamos de dizer: um cromatismo generalizado” (Deleuze & Guattari, doravante D. & G., 1980: 123). “Cromatismo”, notem bem – é assim, com um vocabulário consagrado por Lévi- Strauss[...] (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 27-28).

Dentre tantos casos aqui citados, as tentativas de domar a mata para acomodar os processos de construção de cidades pré-planejadas, quer seja da perspectiva colonial escravista ou industrial capitalista no coração da Amazônia, parecem tratar a natureza apenas como suporte. Como um cenário inerte numa paisagem luxuriante mas inofensiva, um pedestal verde quase perfeito para acolher docilmente

o avanço do progresso e das narrativas anglofordistas e lusoiluministas como exemplo de racionalidade civilizatória e sua exposição como troféu ao resto do mundo. E por maiores que tenham sido as possíveis precauções tomadas pela cadeia de comando no recorte dos dois eventos citados, como o envio de olheiros, colonos, médicos, escravos, engenheiros, administradores, ferramentas e toda sorte de especialistas em exatidão científica e racionalidades para atestar a eficácia das invasões; a polifonia da selva na agência de suas tramas, a tensão do desconhecido e a dramaticidade de sua exuberância e personalidade amazônicas, pareciam ausentes ou negligenciadas diante dos processos forçados das ocupações. Como descreve Grandin ao tratar de Fordlândia, “não tinha horticultor, agrônomo, botânico, microbiologista, entomologista ou qualquer pessoa que pudesse saber algo de seringueiras silvestres e seus inimigos”. (2010, p. 138)

Neste ponto, em contraposição ao jardim híbrido de objetos de Seu Zé do Guaiamum e Dona Joca, não houve por parte dos gerentes fordistas ou dos colonos lusitanos escalados para tocar a implantação das cidades de Fordlândia e Vila Nova de Mazagão, qualquer conversa ou tentativa de negociação com a floresta e seus viventes. Desde o início, nada que diluisse o intervalo e a dicotomia surda que insiste em escravizar e desumanizar outras formas de existências e visões de mundos. A esse respeito Strauss nos aponta que:

Começou-se por separar o homem da natureza, e por fazer com que ele constituísse um reino soberano; acreditou-se assim encobrir seu caráter mais irrecusável, a saber, que ele é, primeiro, um ser vivo.. E, permanecendo-se cego para esta propriedade comum, deu-se total liberdade a todos os abusos. Nunca melhor que ao termo dos quatro últimos séculos de sua história, o homem ocidental pôde compreender senão arrogando-se o direito de separar radicalmente a humanidade da animalidade. Concedendo a uma tudo o que retirava da outra, ele abria um ciclo maldito, cuja própria fronteira, constantemente recuada, serviria para desviar os homens dos outros homens, e para reivindicar, em proveito de minorias sempre mais restritas, o privilégio de um humanismo corrompido logo ao nascer, por ter buscado no amor-próprio seu princípio e sua noção. (LÉVI-STRAUSS, 1993, p.49)..

Diante da catástrofe e em paralelo à tragicidade dos eventos amazônicos disseminados pela ânsia de progresso, o livramento despretenso desta fratura operado por Seu Zé na condução do seu museu jardim, nos apresenta uma torção criativa e resiliente nas formas de habitar ruínas. Ao misturar a vegetação do ambiente com a sinfonia visual dos objetos que compõem o seu trabalho, o artista



não evoca nem celebra a salvação do mundo, mas reanima com beleza e simplicidade, uma cosmologia de possibilidades companheiras frente da morbidez que paira ao redor. Suas invenções se alastram pelo espaço como micro revoluções. Desarmam o hábito resignado do olhar, com uma aliança mágica entre plantas e cacos do mundo refazendo uma conexão com um meio ambiente que vem se destruindo exponencialmente em escala planetária.

Quando evoca a solidão dos objetos que acolhe sob a organicidade da métrica verde do quintal, Seu Zé desvia-se por um instante do drama da terra fossilizada no anonimato dos itens, para embriagar o local com a alegria e a confiança de que há outros mundos por vir habitados pelo invisível de encontros inusitados. Aliada a um componente político potente, sua arte também nos aponta que ainda há espaços de resistência e criação que operam completamente fora, tanto dos circuitos mais alternativos, quanto dos bem comportados espaços institucionais de produção artística, habilmente patrocinados e manejados por “nossos responsáveis” (STENGERS, 2015).

Nos encoraja a perceber a valentia de uma liminaridade que sobrevive entre o verde da mata e a crueza do descarte, fabulando outros entrelaçamentos de histórias e narrativas “amplas o suficiente para reunir as complexidades e manter as fronteiras abertas e insaciáveis por novas e surpreendentes conexões” (HARAWAY, apud CADENA, 2016, p.112). São vislumbres de mundos que podem desvendar o estranhamento de um olhar vivo e desejante de alguma ginga que nos sacuda e extraia de um posicionamento contemplativo diante de uma paisagem em ruínas, para nos jogar na crença de que ainda podemos assumir a alegria de formas compartilhadas de ser e estar neste mundo agredido cotidianamente pela presença humana.

Diante do banquete preparado por Dona Joca e servido em meio a arte de Seu Zé, as sensações que emanam do quintal, de outra forma, também nos mata a fome. E na ausência gritante de um horizonte acolhedor que espante um fim do mundo iminente, o quintal nos sacia um certo vazio existencial com a presença sensorial e

delirante da imaginação numa simbiose mágica que transforma e intensifica a quietude do espaço.



O Quintal do Seu Zé e D. Zefa. Gaio Matos.

Entre construção e ruína, a passagem pelo Quilombo habitado pela gentileza de caminhadas numa paisagem conflituosa, nos traz de volta a vitalidade de um tempo em extinção, desapressado e acolhedor. Uma temporalidade suspensa do tempo e exterior ao excesso desesperado dos nossos dias, mensurada por uma ligação atávica com a natureza da qual havíamos há muito nos exilado. Que nos emerge das crises nas quais estamos nos afogando, para nos devolver a sensação inata de que somos feitos da e na terra, e não fora dela, e de que também devemos pensar com a terra e não sobre ela.

Com suas derivas e arqueologias ambientais onde mistura passado e futuro, Seu Zé encanta o presente com uma valentia que nos torna mais vivos, ao apontar que

existimos a partir da contingência dos nossos extravios e experiências no mundo. Funcionando como um coletivo vigoroso de organismos entrelaçados e criados entre deslocamentos e movimentações que empreendemos ao longo da nossa existência e a sua colisão com as movimentações empreendidas por outras existências e mundos desiguais. Ao aliar o silêncio e a solidão dos objetos carcomidos pela ferocidade do consumo a uma natureza que verdeja em meio às ruínas do seu quintal, Seu Zé reafirma nos corpos, a noção inequívoca de que somos natureza e que existimos e nos orientamos pela costura de uma trama insanável de acontecimentos e histórias diversas, que vão nos desenhando e borrando um mundo (INGOLD, 2015) onde não mais subsiste o jogo vitalício entre vencedor e vencido, opressor e oprimido, presente nos empreendimentos fordista e lusitano e antes, nas métricas “modernas” que exaurem o mundo e afogam cidades inteiras desde que a cultura se voltou contra a natureza.

### **O caos da lama**

A despeito dos tratores e motosserras, demolições ou a devastação dos incêndios anteriormente assinalados nesta pesquisa, as agressões aos lugares agenciados pela exploração do planeta no rastro ruinoso de um suposto incremento civilizacional, se orienta também, carregados pela fluidez apocalíptica dos líquidos. Nessa perspectiva, a violência da métrica utilizada na instrumentalização e morte de florestas vistas nos casos de Fordlândia e Marzagão, ou a demolição parcial nas cidades de Roma e Paris é a mesma que conduz nas pranchetas dos extremistas do progresso, o desenho hostil que aprisiona lagos e desvia rios. Essa potência hídrica que rasga ou se acomoda na superfície da terra irrigando o solo e transportando a vida em todas as direções, sob engenharia mórbida que concreta e pavimenta o mundo, vem revertendo sua circunstância e ciclos naturais, para operar hoje, também como via de destruição em massa em favor de uma atividade econômica em convulsão. Nessa trama de rupturas temporais o hidronauta em sua máquina, assiste aos fins do mundo em cadeia operado pela racionalidade humana, se desdobrar das grandes metrópoles e do verde amazônico para performar e sobrepor

a força de seus apagamentos a outros espaços, agora sob a forma de água e lama. Nas atividades de geração de energia e extração de minério, a inflação de muros e contenções de todo tipo retendo a organicidade do curso das águas ou rejeitos de material tóxico, atuam nessa direção. E o que caminhava para ser mais um início de tarde qualquer numa zona rural mineira, implode de forma apocalíptica, quando o silêncio ensurdecedor das sirenes ao redor da barragem 1 da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, anunciava o maior desastre sócio ambiental de que se tem notícia no Brasil, quiçá no mundo.

Espelhando a tragédia que a pouco tempo havia varrido do mapa, a localidade de Bento Gonçalves no distrito de Mariana, mais uma vez, sem aviso, o fim do mundo se apresentava. O rompimento abrupto das barragens na vizinhança dessas duas localidades, despejou instantaneamente, cerca de 70 milhões de metros cúbicos de lama nas regiões, soterrando sem redenção, dezenas de moradias, escolas, praças, igrejas e qualquer coisa que estivesse no caminho. Neste impulso, em lugar do metal e do fogo contínuos, determinantes na prescrição de ecossistemas e aceleração da decomposição planetária, assistimos com assombro, a letalidade do fim em suas diversas mutações, precipitar de forma recorrente, sua avalanche de horrores sobre a região de Mariana e Brumadinho, ambas situadas no estado de Minas Gerais. O cataclisma que desabou sobre as localidades e transformou em túmulo coletivo boa parte do espaço à sua volta, até hoje persiste e se atualiza no deslocamento e acomodação do seu aglomerado tóxico pela superfície da terra e no meio das águas, afetando e envenenando a totalidade da dimensão socioambiental por onde passa. Rejeitos de um processo de mineração negligente, operado pela multinacional Vale do Rio Doce, o mar de lama que ceifou a existência de quase 300 pessoas nas duas localidades, além de intoxicar o leito dos rios e a biodiversidade do solo, prosseguiu devastando milhares de km<sup>2</sup> de mata atlântica, e por cadeia, todo ecossistema da região. A iminência do terror, presentificada no silêncio das sirenes suspensas como sentinelas da morte nos canteiros de obras da mineradora, semantizam a naturalidade perturbadora com que a cúpula da empresa administrava a possibilidade concreta de extermínio.

É necessário que planos, alertas e alarmes não sejam tratados somente como instrumentos burocráticos do licenciamento, mas que envolvam um efetivo e

transparente processo de planejamento intersetorial, com a participação da sociedade, fortalecendo as capacidades de preparação e respostas dos municípios por intermédio da transparência e exercícios regulares. (BARCELOS, 2019, p. 5)

Ademais, a governança deste tipo de catástrofe, é administrada não somente por CEO'S e sua corte de executivos no interior de arranha céus reluzentes - símbolo máximo da potência capitalista que asfixia e arrasta o planeta para um inferno ambiental sem precedentes, mas atua sobretudo, em parceria com maquinações políticas, sobredecodificando e legitimando *lobbies* sem fim por meio de legislações criadas exclusivamente para licenciar e dar vazão, a qualquer custo, à um modelo de desenvolvimento civilizatório corrosivo e completamente apartado da ideia de sustentabilidade. Nesse atropelo da natureza, os escritórios, corredores e gabinetes por onde gravitam e se aglomeram os atores e dispositivos que financiam e administram os rumos da macropolítica no planeta, parecem funcionar estranhamente como bunkers globalmente interconectados em guerra cega e permanente, contra a existência da terra. Conglomerados que seguem agenciando a fantasia de uma crença fictícia de progresso, produzindo uma quantidade massiva de eventos e ferramentas letais de degradação e desequilíbrio ecossistêmico. Seus atores, multinacionais, operam a luz do dia, como “instrumentos de captura” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, 1997) centros de comando e controle dessa locomotiva calamitosa e desenfreada chamada desenvolvimento. Engrenagens suicidas, que performam devorando mundos e existências, deixando pra trás, um espaço destroçado onde tudo é visto como lucro e ganho imediato, sem qualquer compromisso com a possibilidade de um futuro habitável.

A genealogia do apagamento *in progress* tem o início de sua história na operação de excluir algo ou alguém do mapa. A Europa construiu, desde o século XV, o abismo entre o Velho Mundo e o Novo Mundo, enfraquecendo qualquer possibilidade de coexistência. Apagados como seres humanos contemporâneos, os nativos das Américas habitavam um território considerado “grau zero” ou “estado de natureza”, lugar no qual se enxergava enorme riqueza de recursos naturais e se negociava o insaciável ímpeto de exploração e produção em massa de inexistências humanas. ( MARQUEZ, 2011 p. 26 - 27)

Parece imprevisível por quanto tempo, a sobrevivência das regiões torturadas pelo ataque da mineradora, conseguirá se abrigar da tempestade de efeitos colaterais trazidos pelos rejeitos. Nos espaços sob o peso descomunal da lama, a dimensão da destruição em massa, é lúgubre e permanente. A letalidade continuada da

tragédia, pode ser constatada com o assentamento da lama na superfície e a formação de uma espécie de cobertura tóxica, responsável pela “desestruturação química e infertilidade do solo” (ABREU, 2019, p. 35) e por cadeia, pelo represamento de qualquer possibilidade de rejuvenescimento da vegetação nativa e da biodiversidade local. O impacto socioambiental deste fim de mundo previsível e bem localizado, interrompeu ou pavimentou, mudanças bruscas de direção e transformações radicais nos modos de vida, cosmologias e existências no entorno das duas barragens. A violência meteórica dos eventos, também afetou toda e qualquer atividade de sustento, à exceção dos trabalhos de busca e identificação de sobreviventes e dos mortos cobertos pela lama.

A camada de lama, após secar, causará a pavimentação de uma grande extensão, uma vez que o endurecimento da lama forma uma superfície dura que lembra o cimento. Essa camada dura, impedirá o crescimento de formas vegetais, o que deixará a região estéril. Vale destacar ainda, que a lama possui pouca matéria orgânica, o que dificulta também, o crescimento de plantas. Em razão da espessura da camada de lama, acredita-se que a total secagem do local demora, em média, 10 anos para ocorrer. Isso quer dizer que a região ficará também impedida de servir de local para construções civis, uma vez que o terreno apresentar-se-á instável até ocorrer a completa secagem. (SANTOS, 2017)

Junto à consternação do luto coletivo e ao desassossego sobre o futuro incógnito da paisagem socioambiental, imprescindível para o sustento e continuidade existencial da região, vão se amontoando uma profusão de perturbações de todo tipo. Se a pavimentação lenta e persistente do solo pela toxicidade dos rejeitos, silenciou o porvir de uma vegetação e fauna destroçadas pelo o colapso das barragens, o escoamento da lama no leito dos rios da região, trouxe um impacto, ainda mais complexo e devastador para o ecossistema local.

É provável que, somente a invenção de um outro mundo, seja capaz de trazer de volta a vida, as cosmologias por onde flutuava a biodiversidade hídrica afetadas pelo colapso das contenções. A força da torrente, ressuspendeu poluentes há muito tempo depositados e estáveis no fundo das águas “fruto de séculos de exploração da mineração na região”( MOTA, apud Sperber, 2019), nascentes foram soterradas e bacias fluviais que abasteciam os espaços alcançados pela avalanche de lama, agora estão mortas. Os Rios Paraopeba, Gualaxo, Carmo, Doce, pequenos córregos e lagoas foram brutalmente agredidos pelos rejeitos, que arrastados pela força da

corrente do Rio Doce, viajaram centenas de quilômetros para poluírem o mar. A colisão de toneladas de refugo de minério de ferro com o oceano na foz do Rio Doce no estado do Espírito Santo, esparramou ainda mais a letalidade do evento, comprometendo a vida marinha da região com a imundice metálica fabricada pela irresponsabilidade sem freio da Companhia Vale do Rio Doce e suas subsidiárias. Numa marcha longa e tortuosa, cobrindo mais de 600 km de corpos hídricos, a invasão da lama, seguiu escurecendo a paisagem das águas, até apagar por completo, a existência de milhões de peixes de todo tipo, além outras tantas espécies subaquáticas e vegetação hidrófila. Ademais, o extermínio dos rios, reverteu de imediato a potabilidade da água, transformando a naturalidade cotidiana do seu uso doméstico numa impossibilidade dramática para dezenas de comunidades, povos nativos, animais e cidades que tinham nos rios, suas fontes principais de sustentação, lazer e abastecimento. Nesse impulso, a força do cataclisma retirou de circulação a água em toda sua dimensão funcional: tomar banho, passear, brincar, pescar, beber, lavar, plantar, mergulhar dentre tantas outras ações corriqueiras, vão forçosamente, se acumulando nas memórias de um passado violentamente interrompido, mas principalmente, no vislumbre de um futuro cada vez menos acessível e distante.

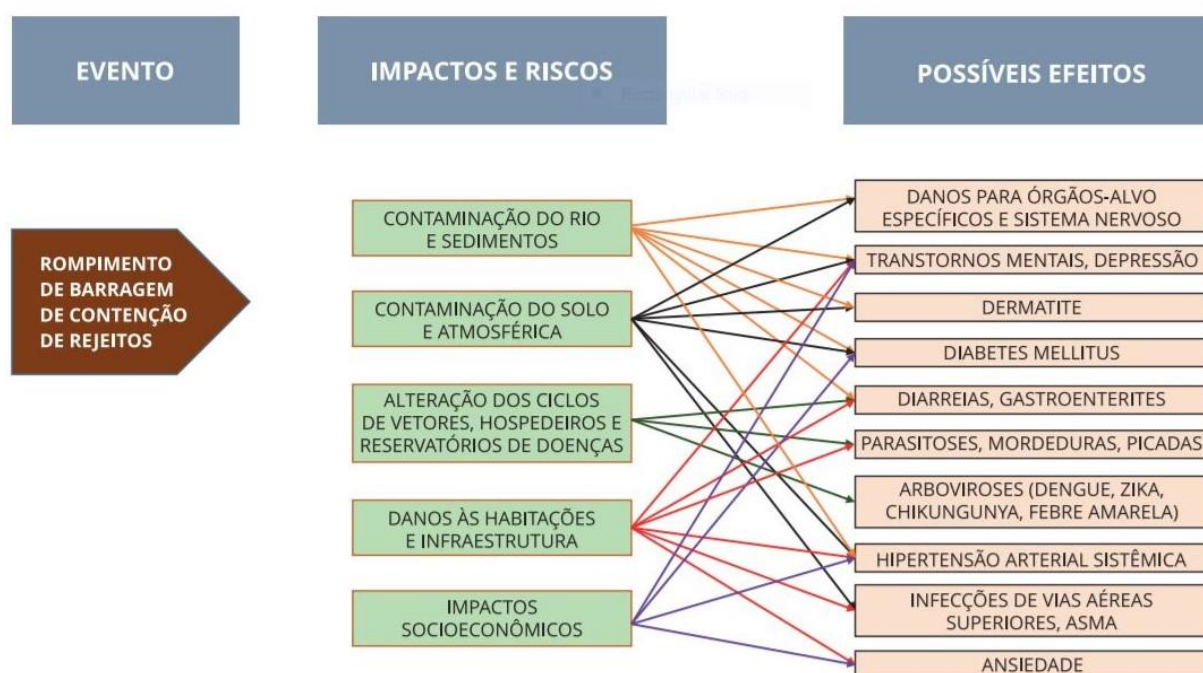
Os sedimentos que fazem parte dos rejeitos fizeram com que o nível de turbidez da água se elevasse, houve o colapso das brânquias dos peixes que morreram por asfixia. Essa turbidez impede a entrada de luz solar na água, o que torna a fotossíntese inviável, e conseqüentemente causa a morte dos produtores primários aquáticos, como fitoplâncton, perifíton, e macrófitas aquáticas submersas. Assim podemos notar que houve um impacto grande em toda a cadeia trófica daquela região hidrográfica.(BANDINI, 2019, p. 6)

Diante da catástrofe, ficam evidentes, a exuberância de conexões entre a diversidade de existências que antes ocupavam os espaços soterrados, sem que exista, necessariamente, um nexos instrumental e teleológico que aponte meios e fins. Essa nebulosa destituída de finalidades, por onde flutuam e colidem tantas histórias e visões de mundo distintas, torna inequívoca, a trama que mescla e amontoa na fatura de suas amarrações e nós, a cosmologia dos acontecimentos que cria mundos, mas que no exagero e brutalidade das rupturas e desacordos, os destroem.

É no intervalo contingente desses extremos silenciadores de mundos, que a sobrevivência desse amálgama de seres vivos se movimenta e segue transformada,

ressuscitada, revigorada. No respiro dessas pausas, a magnífica teimosia orgânica que reorienta a simbiose desses afetos, vitais para a continuidade dos mundos, é o que anima, multiplica e dá espessura às reexistências, frente à multidão de ruínas e apagamentos que insistem em nos golpear..

Em meio aos escombros e cadáveres de tudo, talvez seja na humanização da catástrofe, nessa escala assustadoramente humana, que o drama e o trauma eternos dos que ficaram, nos aproximem dessa presença cada vez mais ativa e recorrente do fim do mundo. Afora o caos instaurado no entorno das regiões, os processos de adoecimento e decomposição existencial, abateram ou debilitaram psicologicamente milhares de vidas que, de alguma forma, se vinculavam aos espaços e pessoas atacados pela lama.



Impactos e riscos causados pela tragédia. Fonte: [www.cadernos.ensp.fiocruz.br](http://www.cadernos.ensp.fiocruz.br)

A interrupção abrupta de histórias, modos de viver e trabalhar com a perda generalizada de moradias, animais de estimação, amigos e essencialmente familiares em primeiro grau como “centenas de crianças que ficaram órfãs de uma hora pra outra”(BARCELOS, 2019, p.2) produziram nos sobreviventes, uma sobreposição em massa de perturbações e sofrimentos. Além dos indivíduos



fisicamente feridos ou enfermos pelas toxinas<sup>22</sup> trazidas pela avalanche de rejeitos, os casos de suicídio, depressão, ansiedade, alcoolismo, violência doméstica, e uma série de outros problemas e distúrbios psíquicos, frutos da completa ausência de vida comunitária, multiplicavam de forma exponencial o padecimento das vítimas da mineração, sobrecarregando completamente o sistema de saúde local. (ANDRADE, 2018; BARCELOS, 2019) “Tem que tomar remédio para dormir tranquila. A gente nunca sabe quando pode acontecer, se vai acontecer de novo”<sup>23</sup>, relata Dona Aparecida da localidade de Barra Longa, obrigada a conviver com a incerteza e a iminência de um próximo ataque na região de Mariana. “Mesmo que o homem branco conseguir a tecnologia, é difícil acreditar que um dia vai trazer o rio de volta. Os índios estão muito tristes. Muitos não conseguem nem sair de casa depois que o Watu morreu. Ficamos sem identidade de índio.”<sup>24</sup>, afirma o Cacique Daniel Krenak em frente ao Rio Doce. “Não tem casa, não tem dinheiro ou qualquer coisa que pague o que fizeram com o rio, o que fizeram com nossa gente. Se fosse para escolher qualquer coisa nesse mundo, a gente queria o rio de volta”<sup>25</sup> nos conta o Cacique Leonir Boka da aldeia Atorã. As águas dos rios se transformaram também, numa fonte inesgotável de doenças, “Na última vez fiquei nove dias internado, depois que entrei na água para desgrudar meu barco da areia. Vomitava sem parar, e meu intestino foi ficando fraco. Antes a comunidade não tinha problemas de saúde como agora”<sup>26</sup>, nos relata o canoieiro José Krenack de 66 anos.

A lama atingiu até o jeito de pensar do índio, no dia de amanhã. A gente vive um dia após o outro. O rio era um meio forte onde se praticava a cultura, e hoje não pode ser praticado mais. A gente fazia as caçadas, ritual sagrado com nossos velhos nas ilhas do Watu. Assim como o rio Doce morreu, nossa cultura vai morrendo.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> Um estudo coordenado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), publicado em 2020 com o título de Contamination and oxidative stress biomarkers in estuarine fish following a mine tailing disaster na Revista Environmental Science, constatou a presença de Metais Pesados presentes na lama, na água e nos peixes que viviam na bacia hidrográfica do Rio Doce: cádmio, chumbo, zinco, arsênio, ferro, manganês, são exemplos do material encontrado acima do permitido para consumo humano. Disponível em: <https://peerj.com/articles/10266/>

<sup>23</sup> TORRE, Luisa. Watu morreu. Pública, em 2017. Disp. em: <https://apublica.org/2017/04/watu-morreu/>

<sup>24</sup> Ibidem, 2017.

<sup>25</sup> SILVA, Gustavo. Ecocídio. Descanse em paz Rio Doce. WAVES, em 2018. Disp. em: <https://www.waves.com.br/variedades/ambiente/descanse-em-paz-rio-doce/>

<sup>26</sup> TORRE, Luisa. Watu morreu. Pública, em 2017. Disp. em: <https://apublica.org/2017/04/watu-morreu/>

<sup>27</sup> KRENAK, Leonir, ibidem, 2017.

Inicialmente, esse rejeito atingiu a barragem de Santarém logo a jusante, causando seu galgamento e forçando a passagem de uma onda de lama por 55 km no rio Gualaxo do Norte até desaguar no rio do Carmo. Neste, os rejeitos percorreram outros 22 km até seu encontro com o rio Doce. Através do curso deste, foram carregados até a foz no Oceano Atlântico, chegando no município de Linhares, no estado do Espírito Santo, em 21/11/2015, totalizando 663,2 km de corpos hídricos diretamente impactados (IBAMA, LAUDO TÉCNICO PRELIMINAR, 2015, página 3)

A inflação da tragédia, extinguiu não apenas a sustentabilidade da terra Krenak com suas sete aldeias atacadas pela lama, às margens do Rio Doce, mas uma cosmologia secular, um vínculo ancestral de total simbiose existencial com a natureza. A ruptura ambiental, desencadeou uma reversão forçada nos modos de vida ameríndia, coagidos agora, a substituir a caça, o cultivo e a pesca, antes abrigados na fartura orgânica das matas e rios, pela artificialidade plástica das mercadorias que, passivamente, se amontoam e se oferecem em torres e “prateleiras de supermercados” (CAMPOREZ, TORRE, 2019).

Convivendo com o tráfego intenso de caminhões pipa, o ruído insistente das motos e automóveis, adquiridos com as indenizações repassadas pelas companhias responsáveis pela tragédia, silencia no espaço ameríndio, o esforço das vozes e sussurros vindos de uma natureza já emudecida e rarefeita com a fuga e o arruinamento da fauna nativa. À revelia de sua ancestralidade, não só os povos da terra, Krenak, Guarani e tupiniquim, atingidos diretamente pela lama, mas também os Bakairi, Arikapú, Araweté Aikanã, Xauayaunaekaa, Tikmum, Baniwa, Waiwai, Amanayé, Amawáka, Munduruku Yawalapiti, Deni, Nawa, Anambé, Wayampi, Waimiri, Atroari, Karipuna, Palikur, Kambeba, Jarawara, Korubo, Kalankó, Wanana, Kayapó, Arara, Nambikwara, Yanomami, Macuxi, Krahô, Apinayé, Juruna (POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, 2019) e tantos outros povos ameríndios, vão lentamente, sobrepondo uma existência verde e sustentável, pelo design compulsório do homem branco e sua lógica consumista, responsável, desde sempre, pela pilotagem alucinada da máquina de aplainamento e pavimentação planetária.

A injeção de dinheiro pela Samarco possibilitou que os indígenas construíssem casas novas, substituindo os pequenos barracos de palha, madeira ou alvenaria. As garagens exibem carros e motos novos e seminovos – S10, Hilux, Golf –, as mais recentes aquisições dos indígenas. (CAMPOREZ, TORRES, 2019).

Com o dinheiro, chegaram também a tevê a cabo, os aparelhos celulares de última geração e demais objetos que são o sonho de consumo de famílias que vivem em regiões pobres do interior de Minas. Além disso, novos habitantes chegaram às aldeias. Segundo dona Deja, são homens brancos, e não índios, que se estabeleceram em alguns pontos. (ibidem, 2019).

Nessa direção, a morte dos rios também trouxe por cadeia, a aceleração desse outro ocaso, reverberando um fim de mundo que já vem arrastando a mais de 500 anos, os resíduos de um magnífico estilo de vida, desde sempre, emaranhado à natureza. Sobrevivência feroz, que vem, pouco a pouco, sendo apagada da face da terra pelos extremistas da modernidade.

Não foram poucos os sinais e movimentações, de que a desintegração das barragens e o caos de morte e destruição que se seguiriam eram iminentes. No entanto, o recorrente interesse econômico em detrimento da vida, prevaleceu. Evidentemente, o esforço burocrático, bem como os custos financeiros e políticos para a desativação das atividades nas barragens, eram desinteressantes e não valiam mais que a incerteza e o risco das duas tragédias. Não é difícil constatar, que antes mesmo da ocorrência, eram evidentes os processos contínuos de invisibilidade e apagamento das centenas de famílias, povos nativos e todo ecossistema na circunvizinhança das contenções, promovido por parte da mineradora. Deliberadamente, não os queriam enxergar. Do contrário, todo processo de gestão da terra e seus recursos, quaisquer que sejam, teriam que operar de forma compartilhada com todo macrossomo ambiental parte da cadeia existencial dessas regiões.



RODELAS COMO UMA MITOLOGIA DO  
FIM DOMUNDO



## **Pânico em câmara lenta**

A quantidade de rio preso pela barragem de Itaparica é um mar no meio da caatinga, quase não se vê terra na linha do horizonte. A muralha de concreto que segura a potência do São Francisco fez a água engolir quatro cidades e outras tantas comunidades ribeirinhas, provocando a expulsão e êxodo de cerca de 40 mil pessoas, a migração de povos indígenas e o apagamento de um sem número de bichos, matas e territórios sagrados. A contenção que deforma a força do rio e ilumina parte do sertão é a mesma que escurece no fundo do lago, escombros de velhas memórias, mais a frente, o São Francisco adocece.

Assim como o arruinamento de cidades, o colapso dos ameríndios e civilizações pré-colombianas ao longo do empreendimento colonial observados na passagem temporal anterior, a cadeia de violências sofrida por Rodelas e a cosmologia Tuxá, dentre outras cidades às margens do São Francisco a cargo de uma narrativa progressista e desenfreada é, também, fim de mundo, mais um.



Ruína da Igreja do Sagrado Coração de Jesus na cidade de Petrolândia, destruída com a construção da Barragem de Itaparica. Gaio Matos.

Do apocalipse bíblico ao apagamento da antiga Rodélas, a mitologia acerca do tema parece operar pela fragmentação e pela simultaneidade no tempo e no espaço. Em oposição a uma cronologia ocidentalizada pela instrumentalização da vida e dos acontecimentos de forma sucessiva e encarrilhada pela oficialidade da história, a narrativa descentralizada da finitude traz à tona uma ontologia do fim do mundo pontuada pela imprevisibilidade territorial e apartada de uma linearidade espaço-temporal, mas indubitavelmente, conduzida pelo design compulsório da modernidade.

Ainda atordoado em seu rasante temporal anterior, o olhar espantado do hidronauta constata: a acumulação e justaposição de acontecimentos sociais, análises e discursos científicos, políticos, mitológicos, ficcionais e filosóficos parecem (des)orientar o passo a passo e a montagem de um *grand finale* eminente, tecido a partir da fragmentação trágica do grande fim. Fins que estão acontecendo, já aconteceram ou poderiam acontecer, sem aviso prévio, em qualquer tempo e lugar, como uma onipresença letal transitando entre presente, passado e futuro, não necessariamente nessa ordem.

O que vemos nesse jogo de relações de poder que “penetram os corpos” (FOUCAULT, 1994, p. 228) é a produção de uma narrativa temporal diferida que semantiza um sentimento de pânico estendido, controlado e administrado habilmente como um ativo financeiro por “nossos responsáveis” (STENGERS, 2018, p.17) uma espécie de pânico em câmara lenta que paralisa, captura e direciona nossos desejos e afetos, cristalizando ou abduzindo nossas potências e modos de ser em seu favor.

A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. (KRENAK, 2019, p. 14)

Na periferia da história e do capitalismo, a impotência da espera e o permanente estado de alerta parecem ser a regra onde a perspectiva de destruição iminente é generosa em alcance e jamais esteve tão próxima da sua completude. Para

Danowski e Viveiros de Castro “esse futuro-que-acabou chegou, assim, novamente - o que sugere que ele talvez nunca tenha cessado de já ter começado.” (2014, p. 14).

A imprecisão da ideia de futuro por conta da agressão desenvolvimentista, agenciada e planejada à revelia de lugares, como a cidade de Rodelas, é latente e marca a agência da vida com seu ritmo grave e lúgubre, gerida por uma espécie de governança da catástrofe.

### **Na conversão dos monstros**

A presença estóica do paredão de concreto construído a cargo da implantação da hidrelétrica de Itaparica, é crucial para compreender a dinâmica da transformação espacial que deflagrou, de forma coercitiva, a desinvenção da Velha Rodelas e um fim de mundo na comunidade Tuxá. Encarando a muralha que estrangula o São Francisco, o Hidronauta aciona a espiral do tempo e lembra-se do afogamento da cidade e da cosmologia ameríndia após sua expropriação territorial. A medida em que o avanço das águas lhe inunda os pés antes de transbordar sobre a região, observa e compreende que este afogamento, bem como todos os eventos e processos socioambientais desencadeados a partir deste acontecimento, se configura como epílogo apocalíptico de uma paisagem sertaneja culturalmente produzida e manejada no tempo para caber nas ambições hidroelétricas de um regime autoritário. Nesta perspectiva, o aparecimento da barragem na região surge como um dos apêndices de uma anatomia desenvolvimentista orquestrada pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), aparelho estatal e um dos atores fundamentais nas operações de deformação e desterritorialização do rio São Francisco em nome de uma cruzada modernizante formatada especialmente para região semi-árida. Em seu artigo a respeito do empreendimento Itaparicano, Maria Lia de Araújo elenca uma série de impactos sofridos pela região, dentre os quais:

Perda do patrimônio histórico e paisagístico e, conseqüentemente, ruptura de relações sociais, práticas culturais e costumes, consolidados a partir da proximidade com o rio São Francisco. O traslado implicou a convivência com solos áridos e com vegetação escassa, compondo um cenário bastante distinto do existente nos locais de origem das comunidades atingidas; Perda das terras



férteis situadas nas margens do rio e nas ilhas inundadas, o que significa a carência de maiores investimentos em insumos e tecnologia, de modo a obter resultados agrícolas satisfatórios; Relação de dependência frente aos executores do projeto, em especial a Chesf, vista, eventualmente, como o novo padrão. ( 2001, p.26-27)

Fundada durante o estado novo na administração de Getúlio Vargas, a companhia assume um ritmo acelerado de atuação ao longo do regime militar com a função de implementar uma espinha dorsal no curso do rio como mecanismo geracional e condutor de energia elétrica no Nordeste do país. Em detrimento de todas as reações contrárias, receios e inseguranças a sua implementação por parte da população rodense e dos Tuxá - situados na ilha da viúva no meio do rio - Itaparica é acionada como última vértebra para atuar no vale do São Francisco ancorada à narrativa do “bem comum”, como mecanismo de salvação em meio à brutalidade climática e escassez do sertão. No entanto, num movimento contrário, a violência unilateral da intervenção operada pelo empreendimento, sepultou na paisagem uma cosmologia de existências territoriais, desabando lentamente sobre a antiga Rodelas e sua vizinhança ameríndia, a fúria lenta de um dilúvio sem chuva.

Todo esse processo de apagamento socioambiental conduzido pelas mãos do empreendimento estatal, atualiza no presente, um passado colonial construído na órbita secular de uma subjetividade eurocentrada e apócrifa. Um entendimento completamente forjado na desumanização e desconstrução das existências originárias, vista desde sempre, como uma horda de seres humanos primitivos, uma multidão desalmada de selvagens divorciados da luz divina e civilizatória e que, a todo custo, precisava ser finalmente convertida e salva.

Afinal, em um momento em que se descobria a nação, aborígenes, africanos e mestiços passavam a ser entendidos como obstáculos para que o país atingisse o esplendor da civilização, como uma barreira para a formação de uma verdadeira identidade nacional.(QUEIROZ, 1989, p.22)

No caso dos povos africanos em sua diáspora, essas assimetrias se apresentam de forma ainda mais desumana e absurda. Com a animalização e objetificação do corpo negro e sua transformação em mercadoria, a “civilização moderna” externaliza a sua face mais perversa e repugnante com a invenção do mercantilismo escravista. Este desconcertante conjunto de precedentes, assentados numa etnovisão ilegítima e ardilosa, costurada pela narrativa da conquista colonial e discursos missionários,

reverberou no tempo e se incrustou no imaginário popular dos grandes centros “produtores de cultura”. Um movimento que cristalizou na história, uma noção etnocultural preconceituosa e equivocada do povo sertanejo e da região semiárida como uma terra cravejada de carências e inferioridades localizadas numa zona ainda crua, território selvagem, ocupado por uma rusticidade de existências limítrofes, cambaleando a brutalidade de seus corpos em martírio num intervalo entre cultura e natureza. Sobre as investidas missionárias organizadas na região do São Francisco pelos jesuítas no período colonial, Galindo pontua:

As principais dificuldades para os ocidentais no sertão, segundo os discursos de autores coevos, eram a ausência de vias de acesso entre os centros coloniais; de água regular nos caminhos; de fontes alimentares processadas. Ajunte-se a isso, a presença de vegetação agreste, de animais silvestres, a hostilidade dos bárbaros selvagens e as secas cíclicas. O sertão de tantos “perigos e vexações” a que não estavam acostumados os ocidentais, foi interpretado no imaginário dos cronistas como espaço de trevas deserto e bárbaro que a eles cabia iluminar. (GALINDO, 2004: p. 35-36)

Sitiada nesta encruzilhada semântica e alavancada por um passado carregado de assimetrias históricas e desumanizantes, a região dos sertões que situava a antiga Rodelas e o povo tuxá, sempre alimentou no imaginário “esclarecido”, exterior às suas bordas, o aparecimento de oposições demarcadas por ausências e privações. Um espaço porvir, ocupado pelo vazio do desconhecimento que precisava ser preenchido e lapidado, uma indeterminação territorial fustigada por uma desordem obscura e hostil, acontecendo na flexibilidade de uma margem civilizacional que se movimentava no espaço e no tempo, ao mesmo passo em que o domínio do progresso adentrava em seus supostos abismos.

A elaboração dessas aglutinações em torno da região, reedita a imagem do rio São Francisco, como um dos pólos irradiadores dessas dualidades estruturalmente construídas pela imposição hegemônica de uma modernidade operada pela CHESF. Nesta perspectiva, junto a desconstrução do povo sertanejo, a companhia atua na região, alavancando uma contextualização sócio ambiental firmemente amparada no lastro de uma retórica de representações e simbolismos, sempre associada a uma política assistencialista, compulsória e inclemente.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas

margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. (KRENAK, 2019, p. 11)

Não haveria outra alternativa senão a intromissão coercitiva da iluminação estatal neste território barbarizado pelas trevas da seca. Um espaço de apreensão “onde “índios, sertanejos, barranqueiros, caipiras, caboclos e tantas outras categorias estigmatizantes” (CRUZ, 2017 p. 70) permanecem aprisionados em práticas discursivas habitadas num polo oposto ao ideal civilizatório e desenvolvimentista. Em sua tese de Mestrado em Antropologia Social pela UNB - Universidade de Brasília, o antropólogo Tuxá, Felipe Sotto Maior Cruz (2017) cita o trecho de uma publicação encomendada pela Companhia a historiadora Joselice Jucá por conta da comemoração aos 35 anos da companhia:

Criada e organizada a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, o “Velho Chico” não mais se sentiria órfão, abandonado: suas quedas e cachoeiras receberiam, enfim, o tratamento há tantos anos esperando; seu potencial energético lá estava a ser explorado. Não lhe bastavam a beleza e a força desordenada de suas águas espumantes, inspiradoras de visitantes poetas. O cenário idílico poderia vir a ser enriquecido com o concurso da inteligência humana, proveniente, tal como a Natureza, da Obra do Criador. Os homens, que constituíram a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, ao se aproximarem do “Velho Chico” pareciam vir ao encontro dos lamentos da cachoeira de Paulo Afonso ao alvorecer do dia na bruma da madrugada. Conta a lenda que um poeta, ao ouvir-lhe o lamento, aproximou de suas águas procurando traduzi-lo em versos de pungente beleza: “Não quero ser só paisagem/Nem quero ser uma imagem/De ira e destruição/Sou do progresso a vida/ Serei força incontida/Na marcha da Civilização. (CRUZ, 2017, p.78 apud. JUCÁ, 1982, p. 43-44)

Nesta conformação, em oposição à brutalidade de uma paisagem devastada pela seca e parcamente ocupada por seres humanos embrutecidos e castigados pela escassez, o rio era visto pela Companhia como uma centralidade marcante. Um ente magnificado, assentado numa presença inescapável pela exuberância de suas cachoeiras em meio à desolação do agreste, uma “natureza incompleta, presa a uma existência de ira e destruição e, aos homens civilizados, caberia escutar seus lamentos e transformá-lo para que também se juntasse à caminhada rumo ao progresso.” (CRUZ, 2017 p. 78). Aos olhos da CHESF, a força despercebida de suas

corredeiras, encarnavam no presente, uma oposição gritante à aridez do seu entorno: a vitalidade e a potência de uma outra civilidade a ser instaurada às suas margens. Uma espinha dorsal construída para reerguer e sustentar o desequilíbrio de um corpo esvaziado de possibilidades. Materializado nos extremos de uma região paralisada pelo sofrimento de um espaço tempo sertanejo, em oposição à velocidade modernizante que se alastrava no restante do território brasileiro.

No caso de hidrelétricas, como a de Itaparica, a justificação se deu através da construção social da necessidade de energia, da disponibilidade daqueles territórios e da inexistência de alternativas. Além disso, a conformação de discursos e imagens sobre o sertão passou pela construção desse espaço social, enquanto carente de ação civilizatória e de intervenções através dos séculos, o que permitiu a mobilização desses discursos juntamente à retórica desenvolvimentista energética usada pela companhia. (CRUZ, 2017 p. 68)

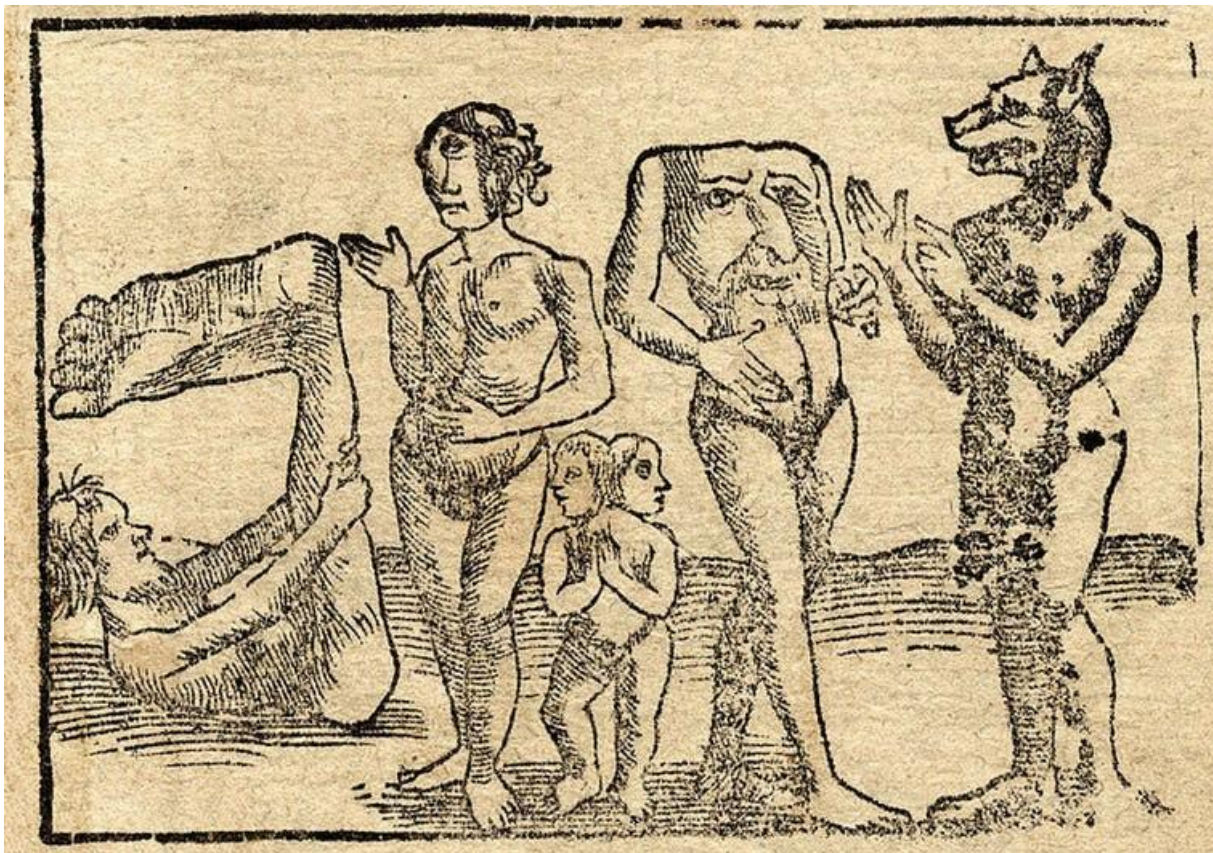
Amparado na hegemonia deste discurso, a CHESF elabora um pano de fundo costurado sob medida na instrumentalização do vale do São Francisco, agenciando imperiosamente, a violência de intervenções que se mostraram apocalípticas. A deformação prescrita ao rio a cargo da construção de barragens como a de Itaparica, atravessa a paisagem com ferocidade, mutilando ou apagando a realidade espaço temporal de milhares de existências que antes ocupavam suas margens. A intervenção ambiental, se desenrola na região como um fio condutor a irradiar a novidade hidrelétrica e, ao mesmo tempo, amansar a exuberância seca de uma natureza selvagem e pouco acolhedora. Uma topografia circunscrita na ideia perene de atraso, piedade e negação existencial de seu povo. A CHESF amplifica e reverbera desta forma, uma subjetividade maturada durante séculos, fundada ainda antes da invasão eurocêntrica na conquista das terras latinoamericanas.

Voltamos nossa expedição a um passado distante onde o Hidronauta testemunha na infância da história, a sociogênese mitológica do “homem selvagem” e por cadeia, o aparecimento de uma alteridade milenar impregnada por um imaginário imantado na despersonalização do outro desconhecido. Não se pretende aqui, adentrar numa discussão circunscrita e aprofundada sobre a infinidade iconográfica e especificidades simbólicas e conceituais a respeito do tema, mas, dentro de um recorte mais específico, emalhar no tempo o horror e a falácia das aproximações entre o empreendimento colonial e as intervenções da CHESF, junto ao território

nacional e boa parte da população originária do sertão. Assinalar nesses dois eventos, a denegação do seu povo, suas possibilidades como existências plenas ou como presenças consumadas que pudessem estar situadas à margem de uma civilidade ocidentalizada.

Os nativos, humanos e não humanos, não seriam gentes como as gentes européias e portanto não seriam portadores de direitos, o que abriria a terra de Vera Cruz, tempos depois, a aplicação do princípio geral do *res nullius*, o direito de propriedade ou o território. (MOTA, 2016, p. 30)

Acompanhando as primeiras esquadras portuguesas em sua nave do tempo, o Hidronauta percebe que o desconhecimento desse “outro” ainda invisibilizado em meio a travessia rumo às américas, excitava uma alteridade desconfiada, quase sempre encorajada a se armar contra toda sorte de aberrações e monstruosidades habitando territórios tenebrosos e acidentados fora dos limites conhecidos pelos invasores lusitanos.



Gravura de Sebastian Munster, 1544. Fonte: [www.abc.es/ciencia](http://www.abc.es/ciencia)

A esse respeito, Cruz (2017, p.78) aponta que “o outro que aqui foi encontrado já tinha não apenas um lugar previsto na imaginação geográfica ocidental, como

também já possuía diferentes rostos e formas.” Cabe ainda considerar na dinâmica deste contexto de invasões, a introdução do elemento de “conversibilidade” (BARTRA, 1997). Emparelhado entre essas duas temporalidades o Hidronauta se detém: se por um lado a colonização e seus missionários da catequese se ocupavam em dissipar as trevas espalhando a luz divina à `uma selvageria desprovida de razão, na atualização deste empreendimento, a CHESF presentifica a mesma cobiça, mas agora utilizando a luz elétrica como elemento de conversão civilizatória ( CRUZ, 2017). Nas mutações de sua plasticidade e funções, a mitologia acerca deste “homem selvagem” atravessa tradições populares e cultas de épocas remotas. Atualizadas na topografia variante dos tempos, remodela suas texturas e camadas a uma multiplicidade de significados e contextos sociais à sua volta. Num recorte hostil desta alteridade, o mito se conecta em diversos momentos da história e principalmente ao colonialismo, quase sempre se reproduzindo e se materializando na órbita de oposições e dualidades perversas: humano/não humano; barbaridade/civilidade; normalidade/anormalidade; luz/trevas; cultura/natureza e assim por diante. São dicotomias que se alimentam na fome dos tempos, incitando a aceleração de movimentações de enfrentamento, conquista ou aniquilação dessa outridade.

Assim, seres humanos dotados de características anormais, seja em sua constituição espiritual ou em sua aparência física, eram suspeitos de manter algum vínculo com o demônio e com as forças do submundo. Sob esta suspeita foram vistos não apenas os estranhos monstros reais ou imaginários com que viveram os europeus do século XVI, mas também os bárbaros do outro lado do Mediterrâneo ou do Extremo Oriente, bem como os habitantes do Novo Mundo. (BARTRA, 1997, p.67, tradução nossa)

Bartra afirma que o agrius seria um espaço definido enquanto uma antítese da civilização e do “domesticado”. Uma zona livre habitada por monstros e bestas de todos os tipos, tais como os centauros, os faunos, as amazonas e uma série de outras figuras que ameaçariam as noções de humanidade, uma vez que eram figuras liminares, estabelecendo as fronteiras entre natureza e cultura. Não por acaso, agrius é também a raiz etimológica do termo agreste, usado contemporaneamente para caracterizar uma área geográfica no Brasil nos estados da Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo sinônimo de uma região de transição entre zona da mata/sertão e litoral/interior. (BARTRA,1997 apud. CRUZ, 2017, p.76-77)

Desde o seu aparecimento, a CHESF e sua presença avassaladora no Vale do São Francisco, mimetiza o tumulto de práticas e discursos aviltantes e milenares em torno do mito do “homem selvagem”, editando e entrelaçando sua imagem à velha

retórica do “bem comum”. Amplificada ideologicamente nos salões dos grandes centros urbanos, a instrumentalização deste imaginário povoado pela inferioridade de estigmas ameaçadores e bestiais a serem domesticados, desaba no presente sobre o sertão e seus habitantes. Ecoa na vastidão do agreste como justificativa axiomática para confiscar do rio São Francisco a sua energia e imprimir suas perspectivas de civilidade na construção de uma brasilidade unívoca e homogênea na região de Rodelas. A violência do desterro exercida pelas intervenções unilaterais da companhia ao longo do seu curso, redefiniu a existência de milhares de entes humanos e não humanos, que agora sobrevivem precariamente, no rastro ruinoso de uma região sepultada pelas águas do pesadelo hidroelétrico.

Neste ponto, se percebe uma substituição gradativa e calculada, da experiência do afeto e da organicidade nas formas de habitar as margens do São Francisco pela estabilidade do hábito e da resignação. Um movimento orquestrado no intuito de patrulhar e ajustar nossas subjetividades, posições e entendimentos, à velocidade avassaladora do progressismo na contemporaneidade. Ademais, é fácil notar neste processo, que a construção de uma alteridade espaço-temporal fabricada pela sanha desenvolvimentista da CHESF, detém ainda, a centralidade de um papel organizador corrosivo e exclusório nas práticas e procedimentos sociais instaurados pela ideia desenfreada de progresso. Na produção do tempo cotidiano e do espaço das pessoas e das cidades, a exemplo de Rodelas e principalmente da comunidade originária Tuxá.

Nessa política de guerra, o tensionamento e a perpétua tentativa de acumulação de poder em lugar de sua distribuição, são também, a constatação de que o tempo das cidades, está amplamente impregnado por questões e disputas no uso e descarte de lugares, e até mesmo, cidades inteiras, provocados pela ação desmedida do desenvolvimento, subjugando e submetendo a todos, mesmo aqueles que estão completamente à margem, às formas endêmicas de controle e vigilância. A imposição dessas ordens, materializando e quantificando ações e distâncias percorridas e demarcadas por uma legislação fabricada sob medida, diminui a chance de êxito a qualquer movimento de reação ou resistência nos territórios e cidades afetadas pelas contenções no rio, expropriando a organicidade de suas

agências, alterando e transformando a paisagem sem nenhuma possibilidade de reversão.

### **Um fim antes, antes do fim.**

Transitando entre construções e arruinamentos, a pertinência de todas estas questões observadas em destruições parciais, transformações ou no colapso total das cidades e existências aqui narradas, se evidencia ainda mais, quando retornamos com a máquina temporal a um passado mais distante, onde Hidronauta passa agora a conviver com a ferocidade de um fim de mundo no rastro das transformações que atravessam os espaços e as cidades latino-americanas.

Aterrissando sua nave dentro de uma perspectiva de gênese urbana, o Hidronauta testemunha de perto a destruição e o genocídio contínuo. Observa no início oficial das américas, a selvageria dos processos de colonização empreendidos lado a lado com o mito do "homem selvagem", analisado em sua passagem temporal anterior. Testemunha os tumultos de uma suposta independência territorial e, posteriormente, sobe uma rampa temporal do período pós-colonial alavancada pelo crescimento demográfico até o caos medonho dos dias atuais. Ademais, o entendimento das relações de forças que se desenrolam no espaço dessas cidades, nas suas fundações, suas ligações com o seu passado e a colisão de suas histórias com as histórias e o passado de outros lugares e cidades, são seminais para a compreensão da paisagem urbana turbulenta que vai se desenhando e se atualizando nas feições das principais cidades e territórios latino americanos e mais ainda nas regiões que abrigam as cidades de Rodelas.

Os processos de dominação e transformação espacial no Brasil e na América Latina, têm início com as primeiras ocupações e assentamentos, consolidados no litoral. Segundo Hardoy (1975, p. 25), os primeiros assentamentos e vilas de matriz eurocêntrica foram estruturados, principalmente por colonos espanhóis, em regiões costeiras do Caribe, com a função de estabelecer e ampliar um posicionamento geopolítico e responder prontamente ao comando imperial. Estratégica, a



proximidade com o litoral facilitava a comunicação e a troca com a metrópole, ao mesmo tempo em que funcionava como ponto militar focal na defesa territorial e de partida para a invasão, dominação e extermínio dos povos nativos para posterior ocupação de terras mais ao interior.

Como atesta o Hidronauta, havia de início, uma intenção de estabelecer contato e intercâmbio com as comunidades nativas como forma de reconhecimento de território, exploração e uso de recursos naturais, condição vital para sobrevivência do empreendimento colonial. A partir de então, num ritmo consistente, foi edificada toda a estrutura de benfeitorias necessárias à permanência e ampliação desses assentamentos no território alheio num processo assustadoramente violento de conquista e colonização. A construção de “centros administrativos, portos, centros de mineração e agrícolas, militares, de catequização, presídios e um sem número de assentamentos” (HARDOY, 1975, p. 08, tradução nossa) fixou a presença invasora na América Latina. Mata adentro, a força da pólvora, o saque, aniquilação e a massacrante dominação eurocêntrica, ao mesmo tempo em que produzia o fim do mundo para a floresta e populações ameríndias, silenciava gradativamente o restante do território latino-americano, espalhando a potência brutal da colonização, com a fundação das primeiras cidades por cima da selva virgem a partir de um traçado em quadrícula e suas variações.

Em oposição a um crescimento orgânico, a escolha de um traçado quadriculado para estruturar as cidades no continente americano, além da simplicidade do seu desenho, facilitava a vigilância e o controle de sua aplicação e expansão num território vastíssimo no porvir da invasão lusitana. Ademais, o modelo em quadrícula guardava um vínculo geométrico direto com uma série de antecedentes urbanos testados e aplicados, com variações na Europa, desde a antiguidade, a exemplo “dos núcleos romanos imperiais e do *castrum*; das cidades medievais regulares, bem como da própria cultura geométrica e racionalizada do renascimento” (BAETA, 2009, p. 28)

Ao impor gradualmente a quadrícula em todos os povoados fundados legalmente, os espanhóis deram solução a um problema múltiplo, já que davam forma e ordem a um assentamento urbano e, simultaneamente adotavam o traçado que com maior facilidade e rapidez, lhes permitia determinar a subdivisão mais coerente em lotes urbanos e quintas suburbanas entre os

fundadores, prevendo a necessidade de futuros povoadores (HARDOY, 1975, p. 10, tradução nossa).

Por outro lado, de acordo com Hardoy (1915, p. 13), a influência indígena nas primeiras décadas do urbanismo colonial se deu muito mais pela localização dos seus assentamentos do que pela tipologia urbana empregada. Os territórios onde a cultura nativa encontrava-se em adiantado estado de desenvolvimento foram, por razões estratégicas e políticas, onde a colonização estruturou a força, a malha urbana das principais cidades a serem edificadas. Nessa perspectiva, o Hidronauta testemunha que o empreendimento colonial se utilizou, em muitos casos, de um traçado urbano nativo preexistente para sobrepor a violência de suas cidades, a exemplo da Cidade do México, construída diretamente sobre a cidade arruinada de Tenochtitlán, considerada a capital do império Azteca. Era o embrião das etapas do desenvolvimento e urbanização brutais de um gigantesco império colonial na América Latina, fagulha sangrenta e contínua, de um suposto progresso, erguido por cima de uma das covas mais profundas que a história da civilização já produziu.

Acelerando a máquina do tempo aportamos hoje, a uma zona em que o território, em especial nos países latino americanos, tornou-se um campo de batalhas habitado sobretudo, por um dissenso ontológico que se configura e se atualiza no tempo como principal embate entre colonizador e colonizado. A desonestidade patológica de uma disputa amplamente desigual entre práticas e entendimentos completamente distintos sobre uso do vasto território, tanto urbano quanto rural, seus provimentos, subjetividades e funções, é central para a implementação ou consolidação de uma necropolítica<sup>28</sup>(MBEMBE, 2016), em cada palmo de chão ainda a ser tomado pela insolência mercantilista. A potência cada vez mais presente da máquina progressista contemporânea é ato contínuo e atualização de um processo e uma narrativa colonial que, desde sempre, desanima a natureza, expropria, descarta e segrega, produzindo a “destruição material dos corpos e populações, humanos julgados como descartáveis e supérfluos” (MBEMBE, 2012, p. 135). A ideia perpétua de apropriação de existências e transformação da natureza como fonte inesgotável de

---

<sup>28</sup>Termo usado, junto com a noção necropoder, pelo pensador camaronês Achille Mbembe. Numa perspectiva histórica e política não eurocêntrica, Mbembe discute a noção de dominação dos corpos e seu aprisionamento e morte como ação política durante a subjugação de territórios e populações inteiras através da força, desde o processo colonial até os dias de hoje.

recursos humanos, se consolida como uma matéria prima letal, como o barro fúnebre que ergue e dá sustentação a essa escultura delirante chamada progresso.

Aqui, derrapamos a jornada temporal, de volta à um passado recente Nesta passagem, o Hidronauta aterrissa sua máquina em cima do morro, onde a gradação de valores qualitativos em relação ao desenvolvimento urbano e demografia nem sempre pendia para o lado animador do discurso de modernidade e progressismo vigente. Analisando a obra: *As condições da classe operária na Inglaterra (1845)*, de Friedrich Engels, Zucconi afirma que:

Manchester, Sheffield ou Birmingham são descritas como reagrupamentos dantescos nos quais, sem querer, o camponês foi absorvido. Aglomeração humana, promiscuidade, falta de condições higiênicas aceitáveis, degradação material e moral são algumas das características deste inferno recente. (ZUCCONI, 2009, p.20).

Traçando uma analogia entre o evento britânico pontuado por Zucconi e o crescimento urbano na América Latina, o hidronauta atravessa o caso do cortiço Cabeça de Porco, localizado no Rio de Janeiro, capital do Brasil à época. De lá, observa uma edificação fincada no centro do Rio que encarnava um complexo estigmatizado pela insalubridade, degradação e decadência; características quase sempre presentes na narrativa “progressista” da desapropriação e demolição para remodelações urbanas. “Sem qualquer planejamento para a realocação dos futuros desabrigados” (COELHO, 2014, p.176), a construção foi demolida por Barata Ribeiro, então prefeito da cidade, iniciando o aparecimento das primeiras favelas no Brasil, retrato atual de uma paisagem urbana completamente desigual nas principais cidades brasileiras. Ainda sobre o caso Cabeça de Porco, Coelho afirma o seguinte:

Apesar de reportar diretamente às teses higienistas (e eugenistas) europeias em voga, essa discutível preocupação das autoridades, da imprensa e outros segmentos “ilustrados” da sociedade com a higiene do “povo” não se orientava somente pelas bizarrices de um darwinismo social. Os interesses econômicos, orientados por um liberalismo fisiológico, aliados ao interesse de um replanejamento urbano que tinha como modelo as metrópoles europeias, constituíram forças determinantes para a reconfiguração do espaço público que se propunha levar a termo. (COELHO, 2014, p.176)

Presentificadas nesta pesquisa com o caso da cidade de Rodelas no sertão da Bahia, a função dessas movimentações em torno de expropriações e desterros, é varrer a qualquer custo, para debaixo do chão, ou da água, os ruídos de uma

resistência, ainda viva e persistente. Aliciadas de forma perene por algum projeto de poder em favor de uma contenção de concreto legitimada pela implementação de um desenvolvimento energético para poucos. A potência destruidora dessas forças avança contínua e sem freios, silenciando ou derrubando o que encontra pela frente. Enquanto a imensa maioria da população do estado e região do nordeste vivencia, desde sempre, um lento e permanente estado de decadência, fome e decomposição.

### **Enfim, em Rodelas**

O dia passeava chuvoso pela transparência da sala, a paisagem encharcada, agitava o marasmo de sua densidade para se vaporizar num aroma de terra que seduzia meu olfato com as misturas habitantes no solo do quintal. Um cheiro de infância se materializa e quase posso tocar a passagem de um tempo flutuando sua coreografia de memórias ao meu redor. Por cima da casa, a chuva orchestra sua música batucando em velhas telhas de cerâmica, uma sonoridade esverdeada e revestida pelo musgo do tempo. Realça com suas gotículas, o brilho de uma microflora que escorre pelas paredes em dutos mínimos, desviando correntezas miúdas por entre fissuras e mofagens de uma alvenaria esculpida pela artesanania do do vento. Por todos os cantos, o sussurro da chuva ressoa acanhado borrifando a brisa de uma umidade leve mas persistente. Performa seus tons como uma cantiga desapressada para deslizar a bruma de sua polifonia aos meus sentidos de escuta mais aguçados, embalando com sua fina trilha, os acontecimentos do dia. O mais pertinente deles: localizar um baú antigo e escavar o sem fim de coisas perdidas no esquecimento de sua geometria desbotada. As mutações na paisagem da luz que se desenha no chão da sala aqueciam as mãos perseguindo um novelo de quinquilharias que pareciam abraçadas de tão entrelaçadas que estavam no fundo do baú. Lá dentro, os pequenos objetos se acotovelam sem dor numa perturbação de fragmentos atuando como um cardume em fuga em algum pedaço de oceano escondidos na imensidão do baú encurralados pela ansiedade de unhas caçadoras.

Embora a pressa da procura pudesse espantar o mais experimentado dos colecionadores, mãos e dedos continuavam a afundar na confusão dos objetos como se afrontassem os perigos de uma areia movediça. De súbito, a escavação que parecia se eternizar na ausência dos objetos preferidos, desaparece. E como se tropeçassem na correria da fuga; uma bússola velha, uma pequena carranca e alguns ossos, emergem livres e sem fôlego por entre os dedos. Uma memória bonita floresce sobre cada um deles, aliciando-os a se juntarem como amuletos de navegação, ao restante da parafernália hidronáutica já devidamente ajustada ao desenho de uma residência móvel. Surgia ali, a fermentação inicial de uma máquina pensada antes desta pesquisa, para viajar no tempo e se desorientar no sertão do Vale do São Francisco, emparelhando o afogamento e o renascimento de Rodelas e seus desdobramentos memoriais, a contingência de perturbações espaço temporais em outras cidades e fins de mundo.

Neste intervalo, o telefone chama insistente sobre a mureta da varanda:

— Boa tarde Gaio, gostaríamos muito que a expedição de vocês passasse por Rodelas, a cidade é encantadora - convidava Waldomiro Santiago, um dos atores que movimenta a cena cultural na cidade. Confiando na intuição e na eficácia dos amuletos, partimos.

Já imantado aos tempos e caminhos da máquina temporal, o hidronauta deseja o delta do rio. Em meio a distração da paisagem que corre pela janela, sua mente vai gesticulando: narrativas ocidentais que dão algum sentido à história das civilizações são quase sempre provisórias. A qualquer tempo e lugar, prontas a serem revistas e reeditadas quase sempre pelos que se insurgem contra a oficialidade dessas narrativas. Essa instabilidade perene em relação às formas de ser e estar no mundo, nos mostra desde então, o alto grau de comprometimento, desconfiança e obsessão que o ser humano tem com o desconhecido, com o que ainda está por vir. Da curiosidade que encarna e impulsiona uma vontade de desvendar a camuflagem de movimentos e processos na construção do espaço à nossa volta, à observação e

constatação da multiplicidade e entrelaçamento de formas com que este mesmo espaço é praticado pela presença da vida, estamos sempre atualizando ou prospectando novos entendimentos e possibilidades de se aglomerar e habitar.

A cargo desse desejo atávico de investigação, a aventura e a experiência do deslocamento, seus desdobramentos e processos “etnográficos” ainda que iniciais, amadurecem nas curvas do tempo e do espaço até serem elaborados e nomeados como categoria científica, como alteridade possível dentro de múltiplas possibilidades de apreensão e envolvimento com o outro no reconhecimento e assimilação da diferença. No entanto, nas operações em direção a essa outridade, esse sentimento de curiosidade e necessidade de encontro, nem sempre se dá de forma pacífica e amigável, mas destrutiva e opressora, como as já demonstradas aqui neste estudo em passagens temporais anteriores. Amplificando mais uma vez estas questões, o antropólogo Joan Pujadas nos alerta a respeito do grau de agressividade, tensões e conflitos que o desenrolar desses processos de aproximação, mesmo que ainda embrionários, a exemplo das descrições e relatos de viagens na antiguidade ou no empreendimento colonial poderiam tomar:

Esto ha significado la aparición de procesos de aculturación (con muchos casos de etnocidio), grandes migraciones, procesos de urbanización, revueltas campesinas e, incluso, revoluciones. Y, como podemos ver, las descripciones etnográficas están llenas de registros sobre estas grandes mudanzas.( PUJADAS, 2010, p. 28)

La aculturación es el proceso de sustitución de valores y prácticas sociales de una sociedad en contacto prolongado con otra sociedad. Sucede especialmente con los “contactos” desiguales produciendo sociedades colonizadoras y colonizadas. Cuando la aculturación constituye un proceso forzado y acelerado se habla de etnocidio: un proceso que acaba con la especificidad cultural del grupo social dominado. (ibidem, 2010, p. 28)

Em contraposição a um modelo etnocêntrico de abordagem antropológica, em muitos casos, disparador de operações etnográficas hierarquizantes e opressoras, coexistem outras pesquisas e grafias com um desenho mais horizontal e aberto, criativo e conciliador. São tipologias de aproximação heterogêneas, que podem adquirir intensidades e características poderosas quando se tem um contato direto com a experiência social como mediadora na pesquisa e entendimento dessas

movimentações no espaço. Na apreensão de seus atores, suas paisagens e subjetividades e sua rerepresentação como processo artístico/estético.

Ao mesmo tempo, um desvio brusco ou total impedimento de um trabalho campal consistente, assentado na experiência de um contato direto com indivíduos e coisas, de súbito, pode deslizar violentamente essas grafias de uma zona de ações e procedimentos previamente pensados para uma outra zona impensável de contenções, desestabilizando completamente as metodologias e orientações do trabalho. Um lugar onde táticas e movimentos antes centralizados no cotidiano de qualquer localidade, transformam-se sumariamente, na iminência de um perigo mortal, numa zona de retrações severas, onde a impaciência e a espera transtornam.

Habitando essa perturbação, mundo e metodologia são dilacerados e convertidos numa distância cortante, empurrada com ferocidade em direção a um outro turbilhão, rodopiando o hidronauta em ventanias de medos, disputas e desconhecimentos gestados na introversão de um fim de mundo mental. Corpo em crise e confusão, sangue borbulhando, é dragado e espancado pelo imponderável dos acontecimentos até murchar vazio de objetivos e alteridades, onde a lei do desespero assenta no trono imperioso do nada, onde nada é lei, onde nada acontece, onde nada é reino.

Surtado num desvio perverso, derrama seu suor como lava e tomba em desuso, aprisionado no peso oculto de toda gravidade que existe para desabar, perfurando sem freio as montanhas do mundo até não achar mais queda. Como nos lembra Artaud, “O homem é enfermo porque é mal construído, / Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente, / deus / e juntamente com deus / os seus órgãos” (ARTAUD, in: WILLER, 1983, pp. 161-162).

Expulso do seu organismo convencional, propaga as ondas de seu impacto como uma abstração a se debater num fora total. Boiando o ôco de seu corpo retorcido num mar revoltado de ausências e vazios, paulatinamente reanimadas pelo medo e o risco de uma imaginação que escreve e onde agora pode flutuar pleno, mas ainda sem gravidade nem respiração, “corpo sem órgãos”(DELEUZE, 1997) sem imagem

nem destino, apenas puro devir. Perpetuando seus delírios e desordens em linhas de fuga imantadas ao florescer de invenções e desejos que ainda não conhece.

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. (DELEUZE,1997,p.22)

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam...O CsO faz passar intensidades , ele as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extensivo. (ibidem,1997,p.22)

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuição de intensidade, territórios e desterritorializações medidas a maneira de um agrimensor. (ibidem,1997,p.22)

Mas, antes mesmo de ser arremessado com força na insanidade desta dobra, desviamos a rota temporal do Hidronauta, novamente ao passado quando a expedição principia até se desaguar em Rodelas. Após a passagem pelo delta do Velho Chico entre os estados de Sergipe e Alagoas, o hidronauta aciona suas intuições e dispara sua nave numa errância entre os meandros do rio. Aporta e pernoita em cidades e localidades ribeirinhas, atravessa a complexidade de uma paisagem desmontada e se perde no esmo labiríntico de cânions, estradas e florestas. Se aprofunda em percursos sobre pedras espinhosas, encara rios e corredeiras, barragens e lagos forjados, fabricados sob medida para adormecer cidades arruinadas. Em cada intervalo, mergulha nas afetações ativadas pelas contenções que estrangulam o rio e acumulam fins de mundo em meio às águas do sertão e paisagens lunares.

Depois de um longo percurso partindo de Salvador, o hidronauta alcança o rio São Francisco. Embarca a nave numa balsa até a cidade de Neópolis, em Sergipe. Já era noite quando atravessa o breu do rio e segue rumo a Piaçabuçu em Alagoas, a cidade mais próxima da foz. Acorda cedo no dia seguinte e caminha sem rumo pelo silêncio de ruas vazias, quase fantasmáticas. No cais, a quantidade de embarcações que coloria o rio, denunciava a vocação pesqueira da comunidade. No meio da manhã, segue no barco de seu Ailton até a foz passeando o olhar entre a calmaria do rio margeado por uma paisagem magnífica. Ali, as bordas do São Francisco



recuaram tanto por conta das barragens no seu curso que é possível encontrar peixes do mar até 30 quilômetros nadando rio adentro. A água que antes era doce e farta é agora salobra e distante de casa.

Deixamos Piaçabuçu à tarde e pegamos a estrada, nos perdemos e chegamos em Piranhas em Alagoas ao cair da noite. Madrugando na manhã seguinte, subimos o São Francisco de barco até a trilha do cangaço onde o leito do rio se oferecia calmo, quase adormecido. Mais adiante a embarcação ancora e adentramos na fechoação da caatinga seguidos por uma nuvem de mutucas que nos devoravam a carne até chegarmos a clareira onde Lampião, Maria Bonita e seu bando foram covardemente emboscados e mortos. Do alto da serra, a cidade histórica assiste ao seu rio esvaziar. A lâmina das pedras, cada vez mais afiada e à mostra por conta do bloqueio das águas pelas barragens, tornou seu leito navegável apenas para os poucos que sabem ler o desenho de suas correntes. Como um bando de cangaceiros escondidos, cada ponta de pedra e banco de areia do velho Chico, parecem estar sempre à espreita de embarcações mais distraídas. A nave adianta.

Das dunas, seu Nilton aponta para um lugar imaginário no meio do lago e lembra a antiga Casa Nova, submersa no fundo das águas do São Francisco. A lua que rege as marés no resto do mundo, não tem qualquer função nas ondas da praia doce que lambe com suas espumas a paisagem vazia. Numa estrada de terra batida próxima a cidade refeita, uma procissão de carros pipa disputa a bomba que drena a água do rio, a cachoeira que jorra dessas carrocerias e se perde no chão de terra batido, é o emblema do desperdício.

O percurso margeando o rio, de Canindé do São Francisco até os arredores da represa de Xingó entre Alagoas e Sergipe surpreende. A paragem em locais inusitados como uma imensa estação de captação abandonada magnetiza o olhar que vasculha o vazio à procura do que não se sabe. A magnífica visão do rio e da força descomunal de sua correnteza azul do alto da serra, fazem o hidronauta pausar a nave algumas vezes.

Na próxima passagem, o fim das corredeiras por conta do seu represamento amansou as águas nervosas do São Francisco, aparelhando e transformando a

região num grande evento turístico recheado de pessoas e embarcações de todo tipo. A estrutura degradante dos passeios de helicópteros ou de catamarãs lotados de gente pelos seus cânions com restaurantes temáticos e pontos de apoio no meio do rio é assustadora e espanta.

Por conta da quantidade de ilhas no entorno, as cidades poderiam se chamar arquipélago de Juazeiro e Petrolina. Nessa parte da região semi-árida, o São Francisco abençoou e retalhou a caatinga com sua lâmina d'água. A população vive o rio que corta e molha generosamente suas terras. Ilha do Fogo, Rodeadouro e Massangano dentre outras, denunciam a corrente branda que leva o rio adiante. O vaporzinho que envelhece deitado na margem é o avô dos barcos que ligam Juá a sua irmã Petrolina lá do outro lado da margem. Na cidade que transforma o rio em energia elétrica, tem-se a primeira impressão da imensa quantidade de água retida pela mão do homem. A violenta cachoeira de Paulo Afonso é agora regulada por um mísero botão acionado com hora marcada, os cânions da trilha do Algorão e do São Francisco entalham uma paisagem fora do comum. A água que falta ao Rio em Piaçabuçu e Piranhas, sobra na imensa quantidade de lagos artificiais construídos pelo complexo. Adiante, à distância já dá para ver as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus no meio do rio represado.

A construção magnífica, é a única estrutura que resiste à submersão de Petrolândia, afogada junto com Rodelas no rastro da construção da barragem de Itaparica. A população inteira foi relocada para uma nova Petrolândia, desenhada e construída num outro sítio pela CHESF. Ficaram no fundo do lago artificial as referências memoriais de lugares e a identidade de uma cidade movimentada que ainda hoje se reinventa às margens do rio que sepultou seu duplo.

Remanso nos recebe num domingo à tarde. A cidade silenciosa, parecia estranhar a clandestinidade da nossa presença circulando por suas ruas. Praticamente deserta e de portas fechadas, produzia uma paisagem rarefeita e fantasmática. Me veio de pronto a lembrança da velha Remanso submersa pelo lago de Sobradinho. A margem é plana, extensa e vazia, a sensação espacial é de amplitude. No meio

dessa desolação azul e verde, uma bomba antiga e remendada suga ensandecida e sem descanso as águas do rio, ecoando na paisagem, um barulho infinito e seco.

Depois de uma deriva que atravessou a topografia do vale do São Francisco, entre a sua foz em Piaçabuçu até a cidade de Remanso nos arredores da barragem de Sobradinho, num desvio inesperado, o hidronauta assenta sua nave do tempo na região de Rodelas, ancorada despretensiosamente na praia de Surubabel, território da comunidade originária dos Tuxá. A beira do rio, encara o horizonte onde céu e água se misturam. Ali, materializa o passado de uma cidade que parece flutuar como uma miragem sobre o São Francisco. No instante seguinte, a invenção dessa memória lhe escapa ao olhar e se esvai, lentamente submerge como um fantasma acuado na superfície do velho Chico ensaiando mais a frente, a aparição de uma outra cidade.

### **Ancestralização em Surubabel ou como beber um rio.**

Nova Rodelas é um poço sem fim de lembranças. Banhada pelas águas do lago artificial de Itaparica e agarrada a um entorno de ilhas e territórios antes ocupados pela comunidade nativa Tuxá - também cobertos pelo lago - a única construção visível da Velha Rodelas é a caixa d'água que parece flutuar sobre a superfície do lago como um jazigo a velar seus escombros. O maior desafio da população que persiste é passar adiante as memórias e histórias da antiga cidade. Sua imagem, ruas, praças e construções ainda sobrevivem em fotos desbotadas e na presença dos galhos da copa das árvores secas furando a superfície das águas.

Neste tempo, estávamos evidentemente com a novidade do desconhecido e todos os caminhos abertos. E no avanço da aproximação, a paisagem do rio nos recebia extrovertida, quase ofuscando o olhar do Hidronauta, que passeava distraído pela majestade do espaço. Animava nossos corpos na apreensão de cada existência, absorvendo a raridade de cada sutileza que a vista e as sensações pudessem abraçar. A amplitude do lugar é tão evidente, que mesmo invisibilidades e silêncios,

são cruamente absorvidos, entrelaçando ainda mais, seu corpo já entrelaçado à paisagem. Mais uma vez, e mais do que nunca: **Natureza sobre natureza.**

A perfeição é atingida quando se crê que não há mediação alguma entre a natureza – exterioridade total – e a forma segundo a qual essa é percebida. Apagados o trabalho, o labor, a fabricação. Apagados os intermediários, as cadeias de razões e de justificativas. Frequentemente, no caso da paisagem e algumas vezes apenas no caso de alguma obra, o que é dado como parte de um sistema radicalmente estranho a nosso funcionamento mental (a natureza física, o Outro) entra em acordo e ressoa nessa mesma construção: a natureza, pura exterioridade, passa a ser também pura interioridade. Temos o íntimo sentimento de uma perfeição, de uma relação de natureza a natureza. Isso decorre de uma dupla garantia: a natureza (exterior) garante a paisagem, e a paisagem garante – porta-se como fiadora – do natural de nossa natureza (interior). (CAUQUELIN, 2007, p. 124)

A exceção de contínuas vibrações que se materializavam em ondas miúdas se dobrando na superfície doce do São Francisco, a paisagem é sussurro. Nesse instante, o Hidronauta passa a ser capturado e ajustado sem pressa a uma perspectiva desertificada de gente, mas ocupada por uma aura policêntrica de ausências e possibilidades; intensamente povoada pelo marulho de memórias submersas no fundo do lago. Puro instinto, se despe e mergulha apressado naquele mar de água doce, abduzido por uma traquinagem infantil dançando inebriada pelo encantamento do encontro.

O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas. [...] A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempo (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 4)

A vontade de rio, intensifica o estranhamento de uma mistura que desde sempre existiu. E a cada gole de água, o hidronauta despersonifica continuamente sua existência até se dar conta do seu emparelhamento a um devir correnteza e a paisagem à sua volta. Afluindo ao drama de um São Francisco impregnado pela memória de Rodelas, os seus afetos mais clandestinos.

Revigorado por este abraço líquido, constata que é apenas mais um dos nós infinitos que, anonimamente, atam e desatam uma diversidade de histórias num mesmo ser.

Emaranhado ao movimento e a bricolagem de fluxos e acontecimentos na composição de uma história desmedidamente muito maior e mais complexa. E que, na feitiçaria daquele momento, a instabilidade dos seus mundos estavam enfim colidindo.

A essa altura, as corredeiras que no passado carregavam a vitalidade de um São Francisco livre de qualquer contenção, já inundavam o Hidronauta despurificando seu sangue com a doçura corrente do velho Chico para animar uma alquimia de fluxos. Compartilhavam agora, a mesma densidade etérea que entrelaçam crises, e histórias distintas. Uma experiência que implode as contenções do seu corpo, assim como as demarcações ontológicas e biopolíticas (FOUCAULT, 2008) que nos estrangulam a vida, inventam e governam as dualidades e diferenças entre humano e natureza, vida e não-vida, animado e desanimado, entre ser e não ser, desenhadas por um construcionismo multicultural que, desde sempre, coloniza e subjuga mundos e cosmologias não ocidentais.

Manejando o estranhamento dessa simbiose, o Hidronauta se expande, e se expande ainda mais pelas tensões de uma corporalidade entrelaçada a uma paisagem sem fim. Que movimenta e inflaciona nas armadilhas do tempo, a fricção imprescritível dos seres e a multiplicidade de suas cosmologias.

Estamos acostumados a pensar que o ser é algo que podemos contornar em uma forma de vida, um ethos, um caráter, enquanto a lagarta e a borboleta nos mostram que não é bem assim que funciona. Também do ponto de vista do ethos, a vida passa facilmente de uma forma para outra e nunca é reconduzível a um mesmo mundo – no fundo, no processo de metamorfose dos insetos, se passa de um mundo para o outro e a vida é o que permite a junção desses dois mundos.(COCCIA, 2020, p.1-2)

[...]contaminar-se pelo outro não é confraternizar-se, mas sim deixar que a aproximação aconteça e que as tensões se apresentem. O encontro se constrói quando de fato se constrói a partir dos conflitos e estranhamentos e não de sua denegação humanista. (ROLNIK, 2003 p.6)

A imanência desse amálgama que agora inunda a consciência e o corpo etéreo do hidronauta, borbulha e faz emergir uma outra potência onipresente mas até então desacordada: a natureza múltipla de uma ancestralidade em suspensão. Ao acionar esse feixe de relações ancestrais, inflexiona sua corporalidade adoçada pelo rio e colapsa completamente a grafia de uma árvore genealógica piramidal, se frutificando

numa progressão bem comportada no tempo e atávica ao falso purismo de uma alteridade geneticamente consanguínea e linear. Este despedaçar inesperado, arrebatada sua existência e amplifica indiscriminadamente a noção ocidentalizada de parentesco enraizada na ideia de uma origem comum. Lhe desconecta de um familismo conhecido e previsível, encarrilhada numa sucessão de ascendências puramente humanas e povoadas por uma sequência cronológica demarcada por datas, aniversários e semelhanças nominais. Em seu lugar, explode a complexidade rizomática<sup>29</sup> de uma conexão ancestral ilimitada e extrovertida, replicada numa configuração onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE, 1997, p. 4). Naquele instante, o hidronauta se afluía num idioma de alteridades atômicas e tensionamentos que vão, desde sempre, ligando, remontando, borrando e parindo incessantemente a potência dos corpos a partir dos seus deslocamentos e interações — amigáveis ou não — com outras existências e cosmologias.

Comunicações transversais entre linhas diferenciadas embaralham as árvores genealógicas. Buscam sempre o molecular, ou mesmo a partícula sub-molecular com a qual fazemos aliança. Evoluímos e morremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que devido a nossas doenças de descendência ou que têm elas mesmas sua descendência. O rizoma é uma antigenealogia. (DELEUZE, 1997, p. 14)

Diante desta infestação que lhe assalta a existência, sente sem pressa, seu ser impregnado por uma liminaridade latente a outras intensificações e corporalidades desconhecidas também liminarizadas exponencialmente. Nesta perspectiva, se reinaugura e reconhece a si mesmo como um devir de colisões perene, desprovido de direções e finalidades. Sobre a ideia de rizoma, Berenstein ainda pontua:

O rizoma constitui, portanto, uma rede; com ele se quebra a ideia – própria da árvore de ordem – de ordem e de hierarquia. Mas, diferentemente de outros tipos de redes, o Rizoma não é simétrico, é heterogêneo, visto que as conexões se fazem por acaso na desordem. Os pontos de um rizoma não são fixos, deslocam-se formando linhas, “linhas de fuga” ou de

---

<sup>29</sup> Criado pelos pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua em sua obra conjunta intitulada "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia". O termo "rizoma" é usado para descrever uma forma de estrutura que difere da hierarquia tradicional e linear sem um centro definido e com múltiplas conexões em toda a sua extensão. Nesse sentido, ele se assemelha a um sistema de raízes subterrâneas entrelaçadas, onde não há um ponto de partida privilegiado ou uma direção única. As conexões no rizoma são múltiplas e podem ocorrer de diversas maneiras, permitindo uma grande variedade de caminhos e relações.

“desterritorialização”. O rizoma funciona por descentralizações. Em diferentes dimensões. Ao contrário da árvore, não se preocupa com origens (ou raízes), é “anti-genealógico”. (JACQUES, 2001, p.132

### **Quando as árvores se lembram**

Neste estado mutacional e já desamarrado dos limites espaço temporais, corpo e consciência persistem em sua diluição na paisagem rodelense vaporizados na dispersão de uma apreensão atrevida e multiplicada em atlas. Caçador de mil olhos, aciona o desejo dos seus instrumentos inscritos no corpo como tatuagens e continua com seus gestos de alastramento, na tentativa de perscrutar o silêncio de minúcias e reminiscências memoriais submersas nas águas do passado.

Eu vivo meu corpo em perigo, tanto face aos aparatos destruidores quanto face aos instrumentos dóceis. Meu corpo está por toda parte: a bomba que destrói minha casa atinge também meu corpo, na medida que a casa já era uma indicação de meu corpo. Isso porque meu corpo estende-se sempre através da ferramenta que utiliza: acha-se na extremidade da bengala em que me apoio contra o solo; na extremidade do telescópio que mostra-me os astros; na cadeira, na casa inteira - porque é minha adaptação a essas ferramentas.(SARTRE, 2007, p. 409-410)

Passeia como nuvem entretido e alerta pelo espaço liso da praia de Surubabel. Se afeta pelo vai e vem de uma fronteira líquida, animada por vibrações que lambem e lubrificam sua aura em sintonia com movimento das águas guardadoras de ruínas. Com as ferramentas afinadas e já imantadas ao seu corpo convertido em flutuações, prossegue em suas prospecções memoriais por Rodelas. Conversa com o que desconhece imerso numa coreografia anómala e feiticeira, invocando entidades rizomas para misturar ainda mais, sua carne emanada, ao tempo e ao espaço onde a liberdade e a diversidade de conexões se infinitam.

Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d’água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado. (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 8)

Se entrelaça a paisagem e a bruma que embriaga o lugar com a invisibilidade das coisas e dos tempos que não viveu. No desejo dessa busca, sua ancestralidade lateja, tentando agenciar um porvir de memórias que ensaiam aparições numa aliança perene entre passados e presentes. Neste ponto, o Hidronauta percebe que

não há mais distinção nem ordem na duração, e que a fila perpétua de instantes que até então teimavam em quantificar o correr da vida, se dispersa numa brisa de fagulhas sussurrando a sua intuição que "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança, tal como ela lampeja num instante de perigo" (BENJAMIN, apud LOWY, 2005, p. 65). Se vê então, abraçado por essas micro constelações, imerso em aparições miúdas operando como vagalumes na penumbra dos tempos, lentamente destacando a silhueta de vestígios e esquecimentos que vão seduzindo sua apreensão, iluminando com um brilho ainda infante, as frações de um passado "que rói o porvir e incha a medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente" (BERGSON, 2006, p. 46). Um passado que acelera suas intensificações atropelando a si mesmo para atrasar sua estadia no agora dos acontecimentos. Evocando e amontoando lentamente, uma selva de sussurros e recordações rodelenses que vão se desequilibrando e desabando o peso virtual de suas memórias para se atualizar nas feições do presente hidronáutico.

Nesta perspectiva de sobreposições temporais, sua ancestralidade já extrovertida assim que aportou sua máquina do tempo na resistência espacial de Rodelas, é provocada e passa também a reluzir essa alquimia piscante que dilui as gradações entre passado e presente perturbando sua paisagem. E mesmo que a flexibilidade e a segurança de certas rupturas temporais, oriente o rumo das narrativas históricas coletivas - na maioria dos casos ideológica - encadeando a pertinência dos acontecimentos para adequar um antes e um depois às demandas dos povos e nações que compõem a geografia do ocidente (LE GOFF, 1990, p. 203), a potência ancestral do hidronauta grita em outra direção. Inspira e ecoa dos extratos mais ocultos do seu corpo paisagem, um ruído visceral que anima e faz tremular o ambiente, para estilhaçar toda cadeia de periodizações e rupturas entre passado e presente que encarrilham a oficialidade das operações historiográficas.

Os hábitos de periodização histórica levam, assim, a privilegiar as revoluções, as guerras, as mudanças de regime político, isto é, a história dos acontecimentos. Encontramos este problema a propósito das novas relações entre passado e presente, que a chamada "nova" história procura hoje estabelecer. Por outro lado, a definição oficial, universitária e escolástica da



História Contemporânea, em alguns países, como a França, obriga-nos atualmente a falar de uma "História do presente" para falar do passado mais recente, o presente histórico [Nora, 1978]. (LE GOFF, 1990, p. 205)

Avancemos ainda mais sobre a dimensão de um passado que lateja a impureza de suas aparições deformando a espessura do presente numa alquimia de ambos. “Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvidas, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde a primeira infância, está aí debruçado sobre o presente” (BERGSON, 2006, p.47). Como já vimos, essa obsessão pelo antes da história, passa a vislumbrar e agenciar o passado também como um ponto de inflexão. Remexendo e revestindo velhos acontecimentos com o encargo de contaminar o presente ou construir a memória coletiva dos povos na volta a um passado (futuro?) glorioso. A cortejar esse tempo como uma urna de saudosismos e acontecimentos ao alcance das revoluções de onde possam ser extraídas as potências de transformação, amigáveis ou não, que, de alguma forma, subjuguem o presente e o alimente com essa valentia transformadora. Um refluxo providencial de remediações e "renascenças" (LE GOFF, 1990) que o retire de uma zona de decomposição e crises e o arremesse de volta a utopia de um futuro possível. A respeito desse espelhamento espaço temporal portando uma vontade de inundar o presente com um futuro (passado?) de inovações, que podem se revelar sorridentes ou trágicas, Jacques Le Goff nos aponta que:

Muitos movimentos revolucionários tiveram como palavra de ordem e objetivo o regresso ao passado, por exemplo, a tentativa de Zapata de restaurar, no México, a sociedade camponesa de Morelos, no estado em que se encontrava quarenta anos antes, riscando a época de Porfirio Díaz e regressando ao status quo anterior. Não podemos deixar de referir as restaurações simbólicas, como a reconstrução da velha cidade de Varsóvia, tal como se encontrava antes das destruições da Segunda Guerra Mundial. A reivindicação de um regresso ao passado deriva novas iniciativas: o nome 'Gana' transfere a história de uma parte da África para outra, geograficamente afastada e historicamente diferente. O movimento sionista não deu origem à restauração da antiga Palestina judaica, mas a um estado completamente novo: Israel. Os movimentos nacionalistas, do nazismo ao fascismo, que tendem a instaurar uma ordem completamente nova, apresentam-se como arcaizantes e tradicionalistas. (1990, p.214)

No entanto, em paralelo a esse horizonte de tempos onde o encontro tem lugar, sobrevive na paisagem hidronáutica, uma outra cosmologia temporal completamente divorciada das epistemologias ocidentais que especulam traduções do tempo e seus

desvios. Um lugar onde passado, presente e futuro - não necessariamente nesta ordem - nunca existiram como categorias funcionais nem atuam como sujeitos-duração, mas como intensidades desmatematizadas e fora do universo de posicionamentos que, de um jeito ou de outro, narram e empurram a oficialidade da história. Ademais, é partindo deste equívoco que exclui outras possibilidades de ser no tempo, que o Hidronauta atua para profanar e “subverter os equipamentos conceituais de quem traduz” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.5) e perder-se na indeterminação de num espaço tempo inventado por novas motivações e apreensões. Se afastando da miopia que esconde outros mundos e tempos, para incorporar a vibração de subjetividades e perspectivas sobrenaturais a sua aventura temporal. Borrando e apaziguando sua imaginação, junto a armadura ontológica, há muito tempo incrustada na pele das ciências civilizantes, para só assim, conciliar outros possíveis.

[...]não cair na ilusão narcísica de que a atividade intelectual e acadêmica possa encontrar sua justificação definitiva nesse trabalho de acumulação — pois o apelo do presente, da vida no presente, também exige que o pensamento saiba esquecer. Sobretudo, saiba esquecer de sua complacência erudita para consigo mesmo, saiba desistir de seus rituais de auto-reprodução institucional e ouse se aventurar em territórios incógnitos, sem definição nem inscrição prévia. A palavra rememorativa, certamente imprescindível, não tira sua força mais viva da conservação do passado e da perseverança de escritores, historiadores ou filósofos; mas do apelo à felicidade do presente[...](GAGNEBIN, 2006, p.12)

Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá embaixo começa a rua; não a norma já aceita, não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer quando eu os olhar[...](CORTÁZAR, 1994, p. 4)

Diante dessas considerações, o Hidronauta aciona suas ventanias para deambular na abstração de um tempo fora do tempo. Num idioma temporal apartado das gêneses científicas, históricas e divinas. Selvagem e intuitivo, performando suas perturbações sem as cicatrizes de rupturas e divisões demarcatórias; indomável e sem futuro, mas sempre acolhedora do presente. Uma brisa de multiplicidades sem duração e disfuncional, que embriaga o espaço com a invisibilidade e o devir de suas conexões com a paisagem. Desde sempre matizando a policromia exuberante da sua aura ao aqui e agora de uma natureza errante, completamente inconsciente das métricas e posicionamentos que se confundem e se sobrepõem em meio a

aceleração de um outro mundo racionalizado pela modernidade. Um tempo sem tempo, volátil, mas sempre presente, que não passa nem assenta, mas que amanhece e anoitece, que chove, que venta, que treme a copa das árvores e os extratos mais profundos da terra cultivando seus jardins e abismos. Que move rios e marés e troca as fases da lua, que traduz o brilho das estrelas, impuro, que alimenta e protege, que ataca, incendeia, chora e ri, mata e aflora, sempre partilhando e transmutando uma cosmologia de alegrias e adversidades, ritualizadas no imponderável de suas perturbações e dialéticas. Fluxo perpétuo de ruínas e renascimentos, rodopiando a contingência insanável das transformações sobre si mesmo. Imantado à vitalidade de uma dimensão espacial ao avesso performando desligada das métricas que imprimem o antes e o depois. Inventando um regime de intensificações ferozmente exilado pelo homem branco e a flacidez da utopia moderna.

O Hidronauta é então, enfeitiçado por essa existência indomável. Assaltado por uma tridimensionalidade que se completa por um excesso de vida e movimento, que encanta sua aliança com a paisagem da região de Rodelas o revestindo com cargas subjetivas e qualidades temporais diversas. Suspensas das acelerações e vivenciada na potência de outras intempéries, sem o hábito burocrático que comprime a vida na ansiedade de uma mola infinita, sempre voltada em direção a um futuro esgotado.

“Mas o futuro não existe, existe o aqui e agora. Estamos vivendo projeções de futuros muito improváveis que venham a acontecer, mas preferindo o futuro ao presente. [...] A fricção com a vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa na vida. A gente não precisa formatar alguém para ser alguma coisa, mas antes pensar na possibilidade de proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo o que é necessário”.<sup>30</sup>

Segundo os princípios que regem nosso existir, a vida é feita para ser vivida com toda a intensidade que o momento oferece. Essa “filosofia” se baseia na ideia do presente como uma dádiva que recebemos de nossos ancestrais e na certeza de que somos “seres de passagem” [...]. Nessa visão está implícita uma noção de tempo alicerçada no passado memorial, mas nunca numa vazia ideia de futuro. O “futuro” é, pois, um tempo que não se materializou, não se tornou presente e, por isso, impensável para a lógica que rege nossa existência. (MUNDURUKU, 2012, p. 68).

---

<sup>30</sup> Fala de Krenak no 2º Congresso Virtual LIV - Laboratório Inteligência de Vida, realizado em 18/09/2020

Ainda na praia, o hidronauta flutua por esse espiral de temporalidades até se deparar com as ruínas de uma floresta estranhamente cinza e imóvel, destacada num horizonte matizado com a brancura instável das nuvens. Uma flora estranha, conservando árvores como se fossem tótems do tempo, espalhados às margens e no meio do São Francisco quando repentinamente, a paisagem de Surubabel sacode. Ali, uma gravidade incomum emana de galhos e troncos secos, prontamente aliciando seus movimentos e afecções. O hidronauta sente na hora, o assombro aflitivo da morte lhe inundar o ser enquanto se arvora.



Árvore morta na praia de Surubabel. Gaio Matos.

E assim que atravessa a floresta e se dispersa no acúmulo das árvores - petrificadas no tempo pelas contenções que mutilam o rio - evoca um desassossego represado na rigidez dos seus troncos (ossos?). As árvores e as pedras possuem a eficácia de

conservar a variação de sua temperatura no correr do dia, assim podem “falar de uma memória de toda matéria orgânica, sim, da matéria em geral, no sentido de que determinadas ações efetivas deixem nela vestígios mais ou menos duradouros” (SPAMER, apud ASSMAN, 2011, p.227). Mesmo aos mais desavisados, elas memorizam. E como os humanos, são seres memorizantes e, por cadeia, podem também acumular o universo memorial de suas interações e experiências com outros entes vivenciadas em outros espaços e tempos.

Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo - com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.) "A embriaguez como irrupção triunfal da planta em nós". (DELEUZE, 1997, p.19)

Por meio de suas raízes, elas se conectam à cosmologia da terra e às tramas que movimentam os mundos, onde cada gesto encontra e convida outros para dançar a música das transformações e da memória com mais outros e assim por diante. E se as árvores memorizam podem, do seu jeito, também difundir. E se arvoram a irradiar, na imobilidade dos seus passos enraizados na areia, as voltas que o tempo dá. Neste instante o hidronauta é violentamente sugado pelos ossos da paisagem e desenvolve o tempo.

Tudo deve se passar portanto como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens, a última que obtemos a todo momento praticando um corte instantâneo no devir em geral.(BERGSON, 1999, p.83)

Ainda mais rarefeito em meio a essa cadeia alucinada de desvios e transmutações, o Hidronauta percebe ao seu redor, um outro mundo estranhamente familiar presentificado num passado recente ainda nas terras de Surubabel. Disperso dos sentidos, recobra lentamente os afetos, voltando para suas atividades de prospecção memorial e procedimentos de coletar possibilidades do acontecido. Nesta nova configuração espaço temporal, no entanto, o acontecido se refaz na apreensão de um novo agora, reanimando velhos instantes nas rugas de um tempo em refluxo. Com sua nave temporariamente assentada num avesso temporal, testemunha *in loco* a infância dos esquecimentos ardendo num presente diferido, mas tão raros de aparições no futuro que já passou, quando ainda estavam

excessivamente desbotados pelo tempo. Invisibilizados numa textura editada e retorcida pelas tentativas de controle dos acontecimentos pela oficialidade histórica, mas que na presença do agora, performavam latentes, quase ofuscantes enquanto ainda não haviam se transformado em memória.

Neste contexto, na policronia confusa onde o hidronauta experimentava a reedição dos momentos, passado e presente continuavam a partilhar suas intensidades, mas ainda se comportando como fugitivos experimentados e contumazes, sempre escorrendo seus desdobramentos frente a quaisquer tentativas de captura e evocação mais persistentes. Evidentemente, como nos aponta Bergson(1999, p.90) “Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver.” Uma junção temporal tonta, que aparenta propositalmente não colaborar em absoluto com captadores e seus tradutores oficiais em meio a seus processos de aparelhamento. Que se orienta na contramão dessa busca impossível e perene pela verossimilhança factual dos acontecimentos e que, definitivamente, não se retrai na memória de um tempo morto, mas retorcido e modificado. “A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena” (BERGSON, 1999, p. 89). Num estalo, o hidronauta percebe que o passado, mesmo acontecendo agora no presente, performava também num lugar de névoas e fumaças desconcertantes, imerso numa miopia que jamais alcança a completude diante de tanta hesitação ao redor. Uma desordem espaçotemporal que novamente se agita em tentativas de aparição memorial por entre as fissuras de um outro agora, sussurrando por sobrevivência frente a cegueira dissimulada e a torção de narrativas que se sobrepõem e propagam no próximo futuro, uma versão bricolada e costurada de seus acontecimentos e histórias. Neste mesmo tom, Gagnebin (2006, p.40) cita Benjamin:

Ele denuncia primeiro a impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e "fatos" históricos, já que estes últimos adquirem seu status de "fatos" apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não lingüístico "que, na falta de algo melhor, chamamos de real".

Em meio a esse tiroteio temporal que lhe atravessa e sangra as vísceras memoriais, o hidronauta atenta que em qualquer tempo, o passado disputa a contingência de

seus incidentes com uma cronologia pacificada, obediente à uma linearidade historiográfica traficada e reescrita falaciosamente por mãos êmulas. E quando, de alguma forma, é dragado a superfície conturbada do presente, o passado se entrega trôpego, vacilante e estafado na instabilidade da sua permanência, inundado pelo não dito e por falhas temporais e factuais. Preso a este tumulto e desnorteado em meio à multidão de silêncios e esquecimentos que rodopiam alucinados à sua volta, o passado se desmonta e desaba.

E se esfarela ainda mais em cacos, e o que vem à tona? Uma inflação ainda maior de frangalhos. Fauna infinita de informações de toda espécie boiando a esmo num mar revolto de acontecimentos e temporalidades dispersas na iminência de serem pescadas a qualquer momento pela rede esburacada da oficialidade histórica. E o que se apresenta à mesa para matar a fome das narrativas mais bem aparelhadas pelas instituições que, de alguma forma, manejam as feições do conhecimento ou do poder, é consumido em fatias. Destrinchadas, temperadas e mastigadas, são servidas ainda quentes e esfumaçadas. Bem ao gosto dos atores mais “eminentes” a empanturrar as entranhas da história e arrotar ao mundo o protagonismo de suas pautas, demandas e uma suposta eficiência do contexto esquizofrênico de progressismos onde estão inseridos. Ao mesmo tempo, vão empurrando para as bordas do prato, o que é descartável, não comestível e tudo mais que foge ao paladar “gourmetizado” dessas organizações. Vão ficando de lado as carcaças, os restos, peles, cartilagens, pelos, ossos e toda sorte de refugos históricos como analogia a pilha de ruínas, escombros, cadáveres e a procissão de vestígios, silêncios e esquecimentos que se perdem e sobram pelo caminho no rastro necropolítico (MBEMBE, 2003) dessas operações de desterro como o ocorrido em Rodelas.

A história contada nos livros oficiais e didáticos, assim como na televisão, narram apenas uma parte da história. Apresentar um lado da história acaba sempre por silenciar outras histórias, aquela que não é tão conveniente que as pessoas conheçam. Aliás, quem teria interesse em saber a visão das 200 famílias Tuxá que tiveram suas ilhas inundadas em nome do “progresso da nação”? (CRUZ, 2017, p. 25)

Ainda que a confusão dessas considerações temporais possam ilustrar a cadeia de fins de mundo que se alastram exponencialmente pela face do planeta, assim como

os agentes do esquecimento e governanças letais, especializadas em instaurar devastações, genocídios e catástrofes - e estamos, nesse momento, testemunhando desgraçadamente uma delas ancoradas em regimes negacionistas para construir uma pilha de mortos - obviamente nos atemos aqui aos acontecimentos recortados e situados na região de Rodelas ou Nova Rodelas e o seu topônimo submerso, a “Velha” Rodelas. Emparelhada no tempo, às crises e ao drama apocalíptico de outras histórias revisitadas pelo hidronauta em sua ginga espaço temporal, a exemplo de Brumadinho, Mazagão, Fordlândia, Mariana, o Quilombo Dom João bem como uma infinidade de cosmologias, paisagens, e povos ameríndios a exemplo dos tuxá de Rodelas, violentamente desterritorializados de seus mundos e memórias, dentre outros casos aqui dissecados.

Mas, nesses nomes, "novo" significa invariavelmente "sucessor" ou "herdeiro" de algo desaparecido. "Novo" e "velho" estão alinhados diacronicamente, e o primeiro deles parece sempre invocar uma ambígua bênção dos mortos. (ANDERSON, 2008, p. 256-257).

Tendo como destinação quase certa os limbos do esquecimento ou decomposição de suas histórias, não foram poucos os entes que tiveram as existências extintas ou completamente transformadas pelo arruinamento fruto dessas intervenções no rio. Ademais, a maioria das traduções institucionais do passado, onde quer que ele se encontre, se dá de maneira inversa, isto é, se refaz numa operação desmemoriada da história. Arquitetando um espaço memorial faccioso, de onde se evoca o passado a partir de uma neutralidade limitada e sectária, que desassiste, extingue e silencia a voz dos que são molestados. Uma memória refratária, que abafa o grito e a fuga dos seres indisputavelmente amputados de suas terras, existências e cosmologias. Podemos dizer então, que é nessa paisagem extremada de Rodelas que o hidronauta se iguala e se alimenta, tentando de alguma maneira junto aos rodelenses e suas memórias, iluminar os vestígios que a oficialidade da história apaga. Mas o que esses rastros resguardam e como são lidos, e em quais suportes? Como desencapar esquecimentos e silêncios e onde eles estão escondidos ou camuflados? A quem eles se dirigem quando finalmente emergem e como reverberam?



São indagações que persistem ansiosas, pulsando em seu corpo desdensificado em paisagem. Imbricadas à substância hidronáutica, essas questões se propagam no espaço como uma corrente de ventos específicos e curiosos, avivados numa brisa desobediente que, de forma alguma, se aquiesce. Um sopro atrevido, nuvem invisível e volátil que abre caminhos entre a abstração de outras brisas dispersas na praia, propagando a vibração dessas suspeições memoriais adiante. Reverbera no lugar como uma espécie penetrante de busca desencorpada e metafísica, um devir impuro, mágico. Um encanto que avança suturando hesitações e desarmando freios até contaminar a transparência da atmosfera com uma cor nostálgica num refluxo de tempos e histórias. Força que se rasga e se extroverte soprando de volta a um hidronauta rarefeito, uma estranha intuição que lhe enche a paisagem com as cores da memória e da imaginação.

Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir. Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis. (BERGSON, 1999, p.89)

Soprar, respirar, significa de fato fazer esta experiência: o que nos contém, o ar, se torna conteúdo em nós, e, inversamente, o que estava contido em nós se torna o que nos contém. Respirar significa estar imerso num meio que nos penetra com a mesma intensidade com que nós o penetramos. (COCCIA, 2018, p.17)

Até mesmo as ferramentas e instrumentos de navegação alertas no velho baú de perdidos acomodado na nave do tempo ainda na praia de sua paisagem corporal, pareciam ganhar uns tons a mais de eficácia abraçados por um feitiço imprevisto. Nessa perspectiva, a primeira chave que encontra na tentativa de adentrar a pertinência dessas memoráveis rodalhas é a escrita. Mas não a escrita comum, eternizada num infinito de livros, arquivos e documentos históricos, encadeando a multinacionalidade de abecedários epistemológicos e narrativas intermináveis nas bibliotecas do mundo, ou ainda armazenadas numa nuvem invisível de informações e dados que entulham a virtualidade dos computadores com a matemática binária dos seus megabytes. Não que fossem desimportantes, mas não era, por enquanto, essa tipologia de escrita a que ele dirigia o olhar de seus radares.

Onde ocorre a paisagem? As paisagens não formam, em seu conjunto, uma história e uma geografia. Seus limites são indefiníveis, não tem localização,

hierarquia nem centro. De que forma então apontar o sopro que abala o espírito, quando chega a paisagem? Sua força se faz sentir pelo fato de interromper as narrações. Em vez de contar, apresentar. Mas como, se falar de como e quando se chegou – dos acontecimentos, da ação? A narração faz correr o tempo, a paisagem o suspende. A poesia não nasceria da compreensão das palavras e da incapacidade das palavras darem conta da paisagem. Ela torna disponível a invasão das nuances, torna passível ao timbre: é a escrita da descrição impossível. (PEIXOTO, 2003 p. 37)

Em *Rodelas*, a leitura memorial que lhe interessava no momento, naquele contexto espacial, se inscrevia numa paisagem barbaramente atada ao passado. Impressa num horizonte ambiental que, longe de se apresentar tão somente como um corpo inerte guardando passivamente seus silêncios e esquecimentos nos vestígios que mostra, corria agora, florescendo numa paisagem, ainda secreta, dentro e fora do hidronauta como tensão em movimento.

Quando se fala de deslocar o interesse dos textos para os elementos remanescentes, trata-se de uma mudança das mídias da memória de testemunhas “falantes” para testemunhas “mudas”, com a preocupação de fazer com que essas últimas voltem a se manifestar. (ASSMAN, 2011, p.229-230)

Um espaço inquieto, inundado pela mistura insólita dos tempos e interações que reverbera em oposição aos modelos bem comportados de representação. A esse respeito o filósofo Gilles A. Tiberghien pontua: “há uma dimensão da paisagem que é fundamental, a de que ela é uma relação, e não uma coisa” (2012, p. 180). Nessa direção, sai de cena um modelo fixo de paisagem objectual e ocioso a ser contemplado em sua paralisia. Desaparece a noção de cena espetacularizada numa operação estática que cultiva reificações e afastamentos instauradores da solidão, tanto na paisagem quanto nos atores que a observam distanciados como seres cristalizados na timidez dos seus movimentos. Sobre esta fuga da paisagem em relação ao mundo das representações que de modo algum é desprezível, Besse (2006, p. 64) nos lembra: “Sem desprezar o papel das imagens e das percepções eminentemente complexo da definição de paisagem, parece possível avançar a ideia de que a paisagem não se reduz a representação, a um mecanismo de projeção subjetiva e cultural.”

Se algo aprendi durante minha jornada etnográfica pelas trilhas e lugares do Monte Pascoal é que o mesmo não é um monte de rocha no sentido naturalístico do termo e sua ocorrência não se deve aos discursos e às representações humanas. Ele não é apenas objeto da construção humana que sobre ele criam-se representações. Qualquer coisa menos uma “pedra sem mundo”, o monte se faz numa malha relacional (cf. INGOLD, 2014), na qual

cada coisa ou vivente atua no seu fazer e ele atua no fazer outros mundos, como com os contemporâneos movimentos dos povos indígenas que visam criar um “outro mundo possível” (MOTA, 2016 p.32)

Não que essas relações mais fixas e apartadas da imersão física não possam ser valoradas e processadas de outras formas em outros contextos, mas que nas demandas memoriais do hidronauta, ao contrário, a paisagem de Rodelas é incorporada como uma presença ancestral, uma malha viva e dinâmica. Desde sempre perturbada por trânsitos e intensificações imersas na instabilidade de suas tramas que se auto regulam perenemente. Nesse mesmo tom, em sua tese, o arquiteto Wellington Cançado discorre sobre as perturbações na paisagem da floresta: “um artefato multiespécies coproduzido pelos ameríndios e seus demais inquilinos não-humanos; uma metafísica, um modo de nutrir espacialidades e um regime de visibilidades umbilical”(CANÇADO, 2019, p.22). Nessa perspectiva, o Hidronauta se descomprime ainda mais em meio ao carnaval rizomático de colisões que o alimenta, para se emaranhar de vez ao charme molecular da paisagem e seu universo temporal e existencial caoticamente desalinhado. Prossegue agora, como um dos extratos incontornáveis que a indeterminação desta paisagem acolhe. Natureza incerta, curto-circuito em transe, desde sempre tropeçando no tempo e no espaço dos encontros, flecha desviante independentemente do aparecimento humano montado em seus tratores e escavadeiras civilizacionais, soterrando com suas narrativas, enunciados e dramas culturais, uma paisagem já capturada e pronta para ser dissecada e servir a satisfação teleológica dos círculos epistemológicos mais apressados. Mas não, a paisagem é sempre desvio

Que a forma simbólica “paisagem” tenha se constituído no decorrer dos séculos é então inadmissível, pois, se a paisagem é identificada com a natureza, ela esteve presente desde sempre. Sempre houve paisagens, não é? Que a paisagem-natureza tenha evoluído, sofrido mudanças, até se admite; assim como os climas, as estações e o solo se transformaram, mas isso decorre de uma natureza em evolução contínua. As “formas” evoluem, mas a partir de um dado existente desde toda a eternidade. Nada a ver, diz-se, com uma construção mental. A paisagem participa da eternidade da natureza, um constante existir, antes do homem e, sem dúvida, depois dele. Em suma, a paisagem é uma substância. ( CAUQUELIN, 2007, p.39)

Selvagem, a paisagem hidronáutica ascende como desordem, animando um circuito de transformações memoriais e misturas num território impreciso, ainda por ser atravessado e experimentado pela eficácia de suas ferramentas num oceano de

incertezas e desconhecimentos. Nesta passagem tumultuada, seus afetos e sensações vão naturalmente sabotando estados de paralisias e estabilidades, para serem gravitacionados por uma flora anônima de encantamentos, mas ainda permeados por crises, dissensos e tensões. É neste campo minado de alteridades e entrelaçamentos que a paisagem rodense vai se revelando aos seus sentidos e intempéries memoriais. Desnivele a invisibilidade de suas camadas espaço temporais na medida em que seus rastros e vestígios emergem de si, trazendo à tona a bruma adormecida e opaca dos sussurros e ausências, e como nos repara Clarisse Lispector( 1995, p.32) “os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro, é o sussurro que me impressiona”. Neste tom, o vestígio se torna uma potência que instaura e conserva os silêncios inserindo um espaço no tempo (LÉVINAS, 2012).

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim. (DRUMMOND, 2005, p.21)

Evidentemente, o inusitado dessas especificidades e relações memoriais que se desenrolam na paisagem rodense a partir das intercessões e movimentações hidronáuticas, nos levam a crer num lugar mutualizado num jogo que vai modelando a exuberância de suas feições. A acreditar na natureza de uma variação espacial que compartilha crises e estranhamentos na erupção de seus processos memoriais. Uma coprodução em andamento onde não há limites nem definições, apenas impulsos que aceleram o desmantelo de suas margens em ebulição, confundindo as diferenças num jogo impermanente de encontros.

E, assim como no entrelaçamento entre rio e mar observado no início de sua deambulação espaço temporal entre os estados de Sergipe e Alagoas, o Hidronauta se alastrava na região como uma indeterminação existencial, uma zona de intercessões agitando a cosmologia de uma natureza incontornável. “Etnografando” um povoamento de memórias em meio a uma corrente de flutuações ancoradas a

um devir vivenciado junto a doçura da paisagem do rio São Francisco. Segue assim, esculpindo suas apreensões a cada ímpeto descalculado da sua alquimia neste jogo inusitado e aberto, livre das disputas e da confusão entre vencedores e vencidos. Uma zona intercessora, sem qualquer traço divisor ou demarcações entre um hidronauta etéreo e o devaneio perdido do seu mundo disperso em paisagem.

A nova fase de afirmação do jogo deveria caracterizar-se pelo desaparecimento de todo elemento de competição. O fato de ganhar ou perder, até então quase inseparável da atividade lúdica, aparece ligado a todas as outras manifestações da tensão entre indivíduos quando buscam apropriar-se de bens. O sentimento da importância de ganhar no jogo, quer se trate de satisfação concretas ou na maioria das vezes ilusórias, é o mau produto de uma sociedade má. (I.S apud. JACQUES, 2003, p.62)

[...] e o jogo, rompendo de forma radical com um tempo e um espaço lúdicos acanhados, deve tomar conta da vida inteira. A perfeição não deve ser a sua finalidade, se tal perfeição significar uma construção estática oposta à vida. Mas sempre é possível tentar atingir a perfeição desta bela confusão que é a vida. (Ibidem, p.62)

Se angustia neste jogo, mas insiste em seu caminho mesmo diante das contenções físicas e mentais que a todo momento, teimam em mutilar suas investidas espaço temporais e sabotar a imaginação como um recurso antropológico diferido em suas apreensões memoriais.

Esta tese, de diversas formas, se propõe a ser um experimento possível de *antropologia projetiva* em que o espaço seja torcido pelas relações e o social seja expandido para além dos humanos, na qual no entanto, não basta “tomar emprestada” uma teoria antropológica existente e aplicá-la a um novo objeto; mas se faz necessário desenvolver uma nova variante teórica que colapse as antropologias extramodernas com versões de cidade, arquitetura e design.[...] tomando estes não como formas prescritas e exclusivamente humanas mas como espaços prospectivos de possibilidades para além do humano e que emergem “das florestas para as ruas”, mas também das ruas para as florestas. (CANÇADO, 2009, p.28-29)

Nessas passagens, sente a negação do mundo ante o desespero de suas vontades e morre repetidamente. Entre finamentos e ressurreições, não são raros os momentos bloqueantes em que se depara com a transformação repentina da paisagem verdejante num deserto total. Persiste soterrado pela aridez onde afloram dúvidas, medos e aflições que se movimentam como dunas de não - saberes e desconhecimentos intransponíveis, mas que precisam ser escalados a qualquer custo. E na perturbação de uma subida que lhe cansa até as cores da aura, assiste a brisa de um encantamento inusitado dançar no cume das dunas e soprar a poeira

dos tempos acumuladores de memórias em sua direção. Em meio a inflação de tensionamentos que eventualmente suspendem sua errância, o hidronauta se apega a essas micro mitologias que eclodem na paisagem e pressente nas agitações temporais por onde trafega, a confusão dos traços e vestígios constituintes da malha memorial que habita o território de Rodelas eclodir.

[...]o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente. Sua fragilidade essencial e intrínseca contraria assim, o desejo de plenitude, de presença e de substancialidade que caracteriza a metafísica clássica.[...] Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem — o conceito — de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro. [...] Interessa-me ressaltar que, através do conceito de rastro, voltamos às duas questões iniciais, aquelas da memória e da escrita. O que ganhamos neste percurso? Paradoxalmente, a consciência da fragilidade essencial do rastro, da fragilidade essencial da memória e da fragilidade essencial da escrita. (GAGNEBIN, 2006, p.44)

Um espaço de estranhamentos acumulados, praticado em meio às perturbações e experimentações temporais que se espiralizam em tentativas de buscas e eficácias quase delirantes, fabulado no impedimento e no imprevisto de uma escrita que se repete persistente. Que emerge suas apreensões de uma paisagem diluída entre a realidade brutal e a imaginação que lhe embriaga a alma, sussurrada pela memória distante e opaca da região de Rodelas.

### **Memorabilia na paisagem Tuxá**

Uma escrita impressa, tanto na cerca retorcida de arame farpado que ofende e comprime a cosmologia ameríndia Tuxá na ferrugem de um espaço tomado pelo homem branco, quanto na silhueta movimentada e esguia das árvores de pedra encurraladas rio adentro. Aos sentidos do hidronauta, a memória da região de Rodelas poderia estar inscrita em qualquer lugar.

Na excitação das águas perturbadas pela ventania, a grafia de suas copas esqueléticas, parecem desfilar no silêncio da paisagem como uma procissão de vértices. De longe, recortam o horizonte em fatias com a sinuosidade seca de seus

galhos despidos de folhagem para atravessar o tempo. Entre uma brisa e outra, oscilam como um ritual de lanças, prontas para defender suas existências do esquecimento prescrito por um dilúvio planejado. O ressaltado de suas pontas perfuram as águas emergindo na superfície do lago, como armadilhas ou a quimera de alguma dança da guerra ainda sem nome.

Esse estranhamento animado na planície das águas, reverbera nos “perceptos” (DELEUZE, 1992, p. 216) do hidronauta, como vestígios. Reminiscências seculares de uma resistência ameríndia Tuxá, diante da loucura invasiva do homem branco. Uma escrita camuflada, grafada na memória do tempo, que evoca e arrepiam nas sensações do seu corpo paisagem, uma sobrevivência poderosa. Um embate que atravessa ciladas temporais, resistindo ao esmagamento agenciado pelo avanço da civilização, emblematizada na construção da represa que fabricou o afogamento de suas terras. “Nosso Toré não é só uma dança, mas também um ritual religioso. Uma parte dele é de preparação espiritual para enfrentar uma situação conflituosa” (UILTON TUXÁ, 2008). Essas pontas que trincolem ao vento, parecem ainda evocar as vozes do silêncio, trazendo à tona, o grito abafado de existências e cosmologias continuamente fulminadas pela insanidade epidêmica do progresso, ressoando uma narrativa esquecida e sepultada pelo não dito de uma história oficial que sempre celebrou o massacre das diferenças, o extermínio e dominação do outro, cinicamente empunhando o álibi da infâmia civilizacional.

E não é isso que o peso morto dos monumentos urbanos, que poluem as cidades e os cartões postais impõe? Diante do monstro de concreto (monumento?) que estrangula o São Francisco numa paisagem matizada pelo corpo hidronáutico, esses galhos que dançam nús e esqueléticos com a vibração mansa do rio, se inscrevem na pele do meio ambiente como contra-monumentos tuxá. Petrificados numa coleção de vestígios que permanecem no presente como cicatrizes memoriais de um passado brutal, mas de esperança e luta vigorosa que atravessa o tempo alimentando o povo Tuxá e a população de Rodelas para continuar a potência de suas existências. E como nos lembra Benjamin: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.”

(2005, p. 70). Sobre o processo de expulsão Tuxá, Manuel dos Santos Tuxá nos lembra que:

Em 1986 ocorreu o primeiro ato de agressão com nosso povo que foi dividido. Em 1988, fomos deslocados para a nova cidade deixando a parte do nosso território fértil onde tudo o que se plantava, e colhia. Era a garantia da autonomia do povo Tuxá, grande produtor de cebola, arroz e mandioca. Até hoje, 32 anos passados, não recebemos terras para plantio e o que fica é o sentimento de revolta, injustiça e impunidade.<sup>31</sup>

A profusão dessa flora de rastros no ecossistema de Surubabel, desconcerta a paisagem do Hidronauta ainda perturbado à beira do rio. Ao mesmo tempo, animam a eficácia de uma brisa sonora do tilintar seco dos galhos, acionando um regime incomum de sensações feiticeiras. O estranhamento dessas vibrações, parecem também evocar travessias de tempo ocultas, quase invisíveis. Não antes de se desdobrarem numa sinfonia memorial esparsa e opaca, difícil de ser apreendida, essas aparições musicalizam toda a atmosfera do ambiente. Nesse instante, seus sentidos de audição se arvoram para tentar acolher o anonimato desses sussurros que logo adentram sua paisagem auditiva. Essa evocação ruidosa e crescente, orchestra um motim de sensações sonoras que rasgam o mutismo do tempo com a potência de uma memória ameríndia quase necrosada. Sitiada num infinito de silêncios pela barbárie de um apagamento colonial que, desde então, se atualiza persistentemente onde “O presente se lança com força imperativa sobre nossas existências: descaso, injustiças, a morosidade, espera, descrença e o esquecimento. Ainda assim, resistimos.” (CRUZ, 2017, p. 16) Nesse mesmo tom, como nos relata a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, “sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais claro, pelo menos a extensão do que não se sabe” (CUNHA, 1992 p. 11). Atordoado, o hidronauta se deixa carregar pela amplificação dos ruídos memoriais que embriagam sua audição, até desaguar sua paisagem num passado ainda mais remoto onde tremula em meio a uma desordem sangrenta e ensurdecidora. Habitando agora a infância da invasão colonial, se vê encurralado num campo de batalhas existenciais onde assiste

---

<sup>31</sup>Depoimento dado por Manoel Uilton dos Santos Tuxá aos jornalistas Azael Goes e Juciana Cavalcante para a CBHSF - Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco. Disponível em: <https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/novidades/>



incrédulo, a contenda magnífica de um guerreiro ameríndio traçado com as cores da guerra e adornado com um disco de madeira entalhado nos lábios. A muscularidade nativa dessa resistência, se contraía empenhada em retaliar o ataque letal dos invasores holandeses, ávidos em domar a região sertaneja.<sup>32</sup> Uma confusão de vísceras esvoaçantes se espalhava em meio a desordem da disputa tingindo a caatinga com uma vermelhidão mútua. Enquanto isso, desviando das tripas e ossos quebrados, o hidronauta se protegia da guerra camuflando sua paisagem nas micro trincheiras que rachavam a aridez do solo sertanejo.

Na defesa de suas terras, tanto no ataque quanto no refluxo de seus movimentos ao se abrigar da espada invasora num escudo circular, a beleza hipnótica e furiosa do guerreiro ameríndio, se exagerava num colar montado com as rótulas de joelho dos inimigos mortos em combate enfeitando seu pescoço. O guerreiro em questão era conhecido como Rodela<sup>33</sup>, termo gênese da aldeia tuxá que viria batizar toda a região como Rodelas e mais tarde nomear a cidade que, aliada ao seu duplo transtornado, encantou o hidronauta e o andamento dessa pesquisa. A respeito do nome Rodela, Salomão nos aponta que:

Para Nelson Barbalho (1982), quando escreve para Ariston de Souza Ferraz na Cronologia Pernambucana, assinala que o motivo do nome foi o “formato de um escudo circular usado pelos tapuias como arma de guerra”. Barbosa Lima Sobrinho acrescenta além da versão do escudo usado como arma, a hipótese do uso de “um disco de madeira que colocavam nos lábios como ornamento” (Sobrinho 1950) [E ainda] Trujillo (1957) faz menção que os índios Kiriri do rio São Francisco usavam o “Beba”, um colar feito de osso, que mais tarde seria substituído por contas. (2006, p. 22).

Desde então, o Hidronauta observa em suas viagens no tempo, que o sertão de Rodelas vem sofrendo uma série de torções existenciais e territoriais com trágicos desdobramentos à continuidade da cosmologia ameríndia Tuxá.

---

<sup>32</sup> As invasões holandesas no Brasil referem-se ao projeto de ocupação do Nordeste brasileiro pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais durante o século XVII. A batalha mencionada ocorreu na localidade de Ribeira das Alagoas do São Francisco.

<sup>33</sup> Tanto na língua portuguesa quanto em castelhano, o termo rodela remete a um escudo circular feito de metal, muito usado nas batalhas travadas nas américas durante a invasão colonial. Há também, a história muito contada entre os povos Tuxá, de que o nome Rodela seria uma referência às rótulas de joelho que adornavam o colar do guerreiro ameríndio que, junto com as tropas portuguesas, liderou o contra ataque aos holandeses, mais tarde batizado Francisco Pereira Rodelas.

Repositório de uma malha de perturbações interétnicas, a exemplo das missões jesuítas dentre outras tantas formas de dominações e aparelhamentos, a região se molda ancorada nas reverberações de “uma agenda colonial voltada para a conquista” (CRUZ, 2017, p.37), abrigando, ao mesmo tempo, a gênese da velha cidade de Rodelas e o esartejamento contínuo de um território ancestralizado pela presença imemorial do povo Tuxá.



Os tuxá de Rodelas. Coleção Carlos Estevão de Oliveira, Museu do Estado de Pernambuco.

Essas aproximações conturbadas, são o espelhamento de um regime de alteridades eurocentradas que sempre sitiaram e perpetuaram a população ameríndia, como uma horda de selvagerias desprovida de qualquer razão que lhes dessem direito às terras que, de acordo com Cruz:

[...] eram, em sua maioria, as terras mais férteis da região, às margens do rio e nas ilhas, o que as tornavam alvo da cobiça dos brancos. Com a extinção definitiva das missões, os índios se tornaram vulneráveis a sua truculência e é nesse período que nós Tuxá perdemos a maioria de nossas terras em um processo sistemático de expropriação.(2017, p.52)

Diante desse complexo de opressões, o Hidronauta assinala que a natureza recorrente desses embates, que nunca cessam, é um emblema da resiliência Tuxá. Uma força vigorosa, que se alastra num continuum de tempos contra-históricos em

defesa de sua existência, até se atualizar numa luta acirrada contra o pesadelo hidrelétrico que lhes devorou as terras<sup>34</sup> e por cadeia, os laços sagrados com uma cosmologia imemorial onde “a percepção de uma política e de uma consciência histórica em que os índios são sujeitos e não apenas vítimas, só é nova eventualmente para nós.” (CUNHA, 1992 p. 15).

A ancestralidade Tuxá, chega ao presente vinda dos confins da terra, norteadas por uma cadeia de rupturas, deslocamentos e lutas memoráveis. Mesmo diante do terror hidrelétrico, os Tuxá encampavam bravamente tensões que se desdobravam em outras frentes de batalha. Se a contenda contra a implantação da barragem que lhes afogariam as terras era vista como uma disputa perdida, por outro lado, subsiste a ancestralidade de um conflito insanável contra os latifúndios e outros trabalhadores da terra que também resistiam à construção da usina. Atuando como herança do período colonial, esses fazendeiros e agricultores, coexistiam com a aldeia na região de Rodelas e, desde sempre, insistiam na invasão de seu território. Como se vê, os Tuxá sobreviviam de forma vigorosa, a uma intrincada rede secular de tensões, enfrentamentos e desarranjos territoriais e políticos, que os impedia de se aliar a um movimento de luta coletiva contra a invasão da região operada pelas mãos da CHESF.

A situação Tuxá no que concerne à falta de terras é mais crítica hoje do que nunca, mas não é algo recente. Antes da Barragem de Itaparica ser construída, nós já tínhamos perdido para os brancos a maioria de nossas ilhas e estávamos vivendo apenas na Ilha da Viúva. A proximidade com a cidade também não é algo recente. O município de Rodelas se formou em torno do nosso aldeamento, os brancos foram chegando e estabelecendo a sua morada onde era a antiga missão, de modo que a convivência entre brancos e índios é muito antiga (CRUZ, 2017 p.37)

[...] a identidade cultural indígena ameaçada dos Tuxá e dos Pankararu, apesar de provocar alguns artigos nos jornais sobre as perdas que enfrentavam, não se constituiu como um elemento forte no movimento. Certos assessores, ligados ao processo, chegaram a considerar a relação conflitante entre trabalhadores e índios sobre a ocupação e o uso da terra indígena como impedimento a uma integração mais efetiva desses grupos no movimento. (SCOTT, 2009, p.67)

---

<sup>34</sup> Antes da hidrelétrica, os Tuxá situavam suas aldeias na ilha da viúva no meio do São Francisco, a única que restou diante da ocupação endêmica do homem branco desde o período colonial.

Por conta desse isolamento, além de seguir organizando a própria luta, restava aos Tuxá, o apoio insuficiente e solitário da FUNAI<sup>35</sup> que intermediava o reassentamento nas terras junto a CHESF. O órgão estatal, atuava nos campos jurídico e político, tentando lidar com uma cadeia de desrespeito e injustiças que se amontoavam num jogo infinito de desencontros judiciais ineficazes. Essa falta de entendimento e atenção em relação ao reassentamento Tuxá que até hoje perdura, atua sombreando a aura do seu povo com um misto de tensões, desencantamento e descrença minando a potência de uma luta ancestral. Num dos depoimentos colhidos pelo antropólogo Ricardo Salomão em sua pesquisa de mestrado<sup>36</sup>, o Pajé Armando lamenta:

“Muitos morreram de desgosto, por causa dessas coisas assim, daqueles objetos que foi criado pelos avós, pelos avós, pelos pais deles, e vê se acabar assim, e chegar nunca mais ver. Aquela terra que vivia toda hora, toda hora você pisava em cima dela, na terra que nasceu ali, que se criou ali, e era dos avós e dos pais e tudo. Aquela amizade grande que tinham na ilha, uma passava para lá, outros passavam para cá, um dizia uma coisa com um, outro dizia uma coisa com outro. Então muitas das pessoas mais velhas, pensavam isso, e daquilo ali, foram indo, foram indo. Foi chegando outras coisas. Aí chegou a hora de morrer. Mas por causa daquilo, isso acontecia. Sentiram muito.” (SALOMÃO, 2006 p.144)

Diante dessa hemorragia de angústias que se apossa dos Tuxá, fica evidente a continuidade dos processos de apagamento e desintegração do seu povo. A começar pelos dissensos internos entre as lideranças da aldeia a respeito dos rumos do reassentamento, provocando a dispersão do grupo<sup>37</sup> em direções diversas. A divisão da Aldeia entre as localidades da Nova Rodelas, Ibotirama-BA e Inajá-PE, repartiram famílias seculares em “discussões acirradas, trocas de acusações e desavenças”<sup>38</sup> severas que acabaram por enfraquecer a continuidade harmônica da sua cosmologia sem contudo, aplacar a luta incansável e a valentia existencial dos Tuxá. Em face desse cenário adverso, o Hidronauta atenta que a extinção do isolamento das ilhas que antes abrigavam o encantamento Tuxá, se transforma radicalmente.

---

<sup>35</sup> Fundação Nacional do Índio.

<sup>36</sup> Etnicidade, processos de territorialização e ritual entre os índios Tuxá de Rodelas, 2006. Apresentada ao Curso de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal Fluminense. Área de Concentração: Etnicidade, Ritual e Territorialidade.

<sup>37</sup> A população dos Tuxá afetada pela barragem compreendia cerca de 1200 pessoas divididas em 200 famílias.

<sup>38</sup> Salomão, 2006 p.146

“É uma calamidade para o povo Tuxá, porque os jovens que vieram criança, não tem mais aquele amor a pesca, a caça, a terra. Porque lá nós tinha tudo. Porque a pesca, nós sabia como lidar, como pescar, a hora do peixe, como atrair o peixe, várias maneiras a gente tem de atrair o peixe na água corrente, nas cachoeiras, na noite, de dia, tudo a gente sabia a hora de pegar o peixe. Hoje ninguém sabe, mudou tudo.” (ibidem, p. 161)

Essa espera perpétua por um arranjo territorial minimamente justo, vem comprimindo a presença Tuxá a uma precariedade existencial que, em muito se distancia da vida simples, mas exuberante nas ilhas. O afogamento dos lugares sagrados, a extinção das ervas medicinais e mágicas presentes na beira do rio que encantavam suas obrigações rituais, ciências e curas diversas, a proximidade da nova aldeia com a nova sede da cidade de Rodelas e o recebimento de uma VMT<sup>39</sup>, dentre outras indenizações fornecidas pela CHESF, até que a promessa da entrega de terras cultiváveis seja cumprida, acabam contaminando completamente seus modos de ser e estar no mundo. A falta do que fazer, a bebida, o ócio e a novidade do consumo frívolo, vão corroendo ainda mais, uma cosmologia ancestral que ainda assim sobrevive.

O reassentamento do povo Tuxá foi concluído em 1988, e até agora, 19 anos depois, a CHESF não viabilizou os 4.000 ha estabelecidos no convênio de 1987<sup>40</sup>. Após quase vinte anos do deslocamento para a nova aldeia na nova cidade de Rodelas, o povo Tuxá encontra-se em condições de produção e reprodução social em patamares inferiores à encontrada antes da construção da barragem de Itaparica, sobrevivendo exclusivamente da V.M.T. (SALOMÃO, 2006, p. 150-156)

Essa força de resistência gigantesca inata aos Tuxá, ressoa a muscularidade de uma sobrevivência que os acompanha desde que a malha sistemática de fins de mundo invadiu o universo ameríndio iniciando uma cadeia de amputações territoriais insanáveis. O embate ontológico entre a cosmologia ameríndia e a subjetividade jurídica arrastada do homem branco, culminou recentemente com um processo de autodemarcação corajoso das terras de Dzorobabé também conhecidas como Surubabel, localizada às margens do lago artificial de Itaparica e considerada como território ancestral pelos Tuxá de Rodelas.(DURAZZO, 2019).

A organização cosmopolítica do ato autodemarcatório Tuxá, que de certa forma reterritorializa simbolicamente as terras inundadas pela CHESF, não se dá apenas

---

<sup>39</sup> Verba de manutenção temporária.

<sup>40</sup> Vale ressaltar a atualização desta data aos dias atuais. Onde quase 35 anos depois, a agonia do reassentamento ainda não foi finalizada.

no campo jurídico onde se inscreve a posse material da terra, mas todavia, numa dimensão de pertencimento ancestral, onde o chamado da terra reverbera no presente, os encantamentos, obrigações rituais, e a *força da ciência* que complementam e dão forma a paisagem da cosmologia Tuxá.

Na autodemarcação, dimensões de resignificação étnica e territorial são acionadas, trazendo à memória do deslocamento uma outra possibilidade de entendimento e relacionamento, inclusive público, com o território dos antigos. Confrontando as fraturas causadas pelos diversos episódios coloniais, os Tuxá em autodemarcação se valem da própria ação política, autogestionária e amparada por preceitos constitucionais (cf. artigos 231 e 232 da Constituição Federal em vigor; Brasil, 1988), para evidenciar à população e ao poder público o que seriam suas terras tradicionais. Para além disso, e em complementação a tal procedimento de intervenção política, os indígenas procedem a uma articulação de sentidos e ações pragmáticas que transcendem as dimensões apenas fundiárias e demarcatórias no sentido jurídico do termo[...]. (DURAZZO, 2019, p.82)

Essa flora ossificada, afogada nas águas do São Francisco, ainda evoca a presença da contenção de Itaparica como um corte profundo na paisagem, edificando uma outra cicatriz memorial agora feita de concreto, situada como mais um elo da cadeia de fins do mundo que se estica indefinidamente desde que se lascou a primeira pedra em algum lugar imemorial do passado. Realça com clareza solar, um paradoxo existencial. Um avanço espaço temporal aberrante, inventado por uma sanha civilizacional que insiste na loucura de capturar toda e qualquer agência estranha às suas noções de humanidade, uma face da natureza em convulsão perene, que desconhece e se sobrepõe ao direito existencial de qualquer outra forma de inteligência que possa coexistir com a anatomia da mente humana. Que desvalora e exclui do seu convívio, “cerebriades” que não trabalham nem se encaixam nas suas tipologias de sapiência e racionalidade.

Significa também nos obrigar a revolucionar a própria ideia de inteligência, porque se as plantas são inteligentes, isso quer dizer que a inteligência não tem nada a ver com a presença de um cérebro, não tem nada a ver com a neurociência, nem com a percepção, mas é algo que investe ou pode investir o corpo inteiro, não só um órgão, mas a totalidade da existência corpórea, por exemplo (COCCIA, 2020, p. 6).

Frente a todo aparato civilizacional que estabelece as métricas do controle e os elementos conceituais definidores das existências que, devem ou não, serem subjugadas, o hidronauta se atém. E ainda encantado numa substância profana que se movimenta embaralhada as infinitas liminaridades que compõem a complexidade

da paisagem, ele agora pausa suas engrenagens perdendo seu olhar para horizonte. Retém as rédeas de sua máquina temporal por alguns instantes e desaba desorientado diante de uma esfinge impassível. Um enigma ontológico que, desde sempre, paira encruzilhando a compreensão do mundo, e que se apresentava agora aos olhos do viajante do tempo, fraturando a paisagem com a soberba de suas feições bestiais. Apoiando a monstruosidade onipresente dos seus tentáculos no tumulto de um espaço tempo governado por uma humanidade suicida. Comandando uma horda acelerada de seres humanos que se “exilou” da natureza, para espalhar com naturalidade, o magma de uma erupção progressista que calcina a si mesma sem descanso.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (KRENAK, 2019. p. 24)

Diversa de vulcões, terremotos e furacões dentre outras perturbações naturais que, sem propósitos, manifestam periodicamente o devir de suas intensidades mais destrutivas na face do planeta, a humanidade parece operar praguejando contra si mesma, se alastrando como uma força geológica sem freio. Um rosto insano da natureza, estranhamente assassino, mas consciente de sua progressão rumo ao colapso total das formas humanas e não humanas.

### **Na intimidade da terra**

Sacudindo a tristeza e a melancolia que lhe poluiu a brisa diante do colapso à espreita, o hidronauta percebe na depressão do ambiente, a intimidade do seu corpo paisagem lhe acariciar a existência com a sensação de que sempre compartilhou de uma inteligência comum, companheira e colaborativa, onde “os rios têm sabedoria e podem ensinar a gente” ( KRENAK, 2021). Aprende com os fungos (TSING, 2015) a distribuir-se num pensar coletivo, exercitando a cura e a gentileza de suas alquimias na multiplicação de mundos e na produção das diferenças que povoam a terra com a organicidade das suas agitações. Que sente e pressente junto, aliado às

cosmologias que dão liga à natureza e movimentam as crises e êxtases que vibram a terra numa sinfonia de simbioses e alteridades nem sempre amigáveis.

Em meio ao transe de sua paisagem, curto circuito inflacionado por uma inteligência imprecisa, mas ainda processando os espectros memoriais evocados a partir da coreografia ancestral de galhos no leito do rio, o hidronauta retoma sua errância. Adiante, tropeça as flutuações de sua corporalidade no desenho intrincado de raízes que mergulham fundo nas areias de Surubabel para conversar com a memória da terra. Invocando a sabedoria de sonhos e fungos, se alastra mundo abaixo ao enterrar a eficácia do seu corpo ferramenta nas areias da praia.



A fonte, fotoperformance na praia de Surubabel. Gaio Matos.

O compromisso com a terra, reanima novas conexões e parcerias com uma vizinhança de vestígios contida nos subsolos da região, ao mesmo tempo em que



afirma seus instintos e intuições como instrumentos preciosos para adentrar nos estratos de memórias fossilizados sob a pele da paisagem.

Tornados fantasmas durante o dia ou durante o tempo do sonho, é com ela que estudamos.[...]O corpo fica deitado na rede, mas os xapiri levantam voo com a imagem e fazem ver coisas desconhecidas. Levam a memória da pessoa consigo, em todas as direções da floresta, do céu e debaixo da terra. (KOPENAWA; ALBERT, 2019, p. 137)

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. (KRENAK, 2019, p.25)

Já camuflado com as texturas do subsolo, se ajusta em movimentações imprevistas para escorrer suas densidades e vasculhar uma geologia de acontecimentos e ancestralidades sedimentadas nas fendas do subterrâneo. Nesse estar soterrado, se esgueira pelos acúmulos exercitando uma mobilidade difícil, abrigado num ritmo lento mas sincero, desfazendo a dureza do solo para viabilizar novos espectros e passagens, como quem procura a dispersão de um tesouro na intimidade da terra enquanto o resto do mundo desaba.

Acelera seu mergulho desintegrado numa fugacidade molecular, se confundindo com o granulado dos estratos por onde passeia rastreando escrituras ocultas na paisagem. E num dos entroncamentos desse labirinto que vai se desenhando no subsolo relembra Bergson: “para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar”(1999, p. 90). Ou como diria o Xamã Yanomami Kopenawa, “Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira.”<sup>41</sup> Fraturando rochas e atravessando abismos na companhia de patuás e carrancas, o Hidronauta fareja algum lampejo furtivo e mergulha ainda mais suas raízes, costurando sua paisagem no solo à procura desses vestígios no presente do passado de Rodelas. Se afunda atrevido, protegido pela carranca que lhe abre as portas da intuição e lhe reveste com as feitiçarias da terra. Espanta o sufoco e desvia sua escavação por entre ossos e fósseis memoriais que vai recolhendo. A sombra densa que lhe

---

<sup>41</sup> trecho de entrevista a F. Watson (Survival International), Boavista, jul. 1992 KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 468)

escurece a aura, parece aguçar ainda mais seus instintos em auxílio da visão que lhe falha. Se emparelha ao medo da escuridão que desaba ao redor e continua sua descida desvendando velhos acessos dia e noite, ávido pelo silêncio memorial que habita o subsolo onde “Supõe-se aí uma gigantesca memória ontológica, constituída por lençóis ou jazidas de passado, espécies de estratos, que se comunicam entre si para afunilar-se exercendo pressão sobre uma ponta de presente” (PELBART, 2015, p. 198). Disperso como um formigueiro em fuga, segue adentrando vazios e esquecimentos, debandando sua busca pela floresta de túneis que fabrica. Em cada oscilação que destrava o tempo da terra, o hidronauta acolhe vozes, fotos, ossos, cacos, escritos, pequenos fragmentos de coisas, moedas, pregos, madeiras, carcaças, retalhos e objetos diversos que vão compondo a montagem de um tempo perdido. Sem descanso, aguça a escuta para ouvir o silêncio dos restos e sussurros ecoando por entre os micro espaços da granulação que lhe veste. Vai recolhendo e catalogando o que lhe apetece, encurralado entre camadas de histórias desfeitas e as joias do tempo soterradas pela superfície de Surubabel. Diante da desconfiança dos fragmentos, o hidronauta se aconchega na compressão densa que sedimenta e memoriza uma parte das ocorrências do mundo, numa tentativa esparsa de interrogar, um a um, os vestígios escondidos no lugar.

Matta-Clark fez *Sous - sols de Paris e Rendez-vous em Nova York*, quando investigou o subsolo das duas cidades, andou por caves, esgotos, grutas e túneis. Como um arqueólogo, tentou descobrir o que havia ali embaixo, em que as cidades contemporâneas estavam assentadas, física e conceitualmente, que vazios existiam, confrontando-nos com os primórdios da derrocada moral das cidades modernas. (REBOUÇAS, 2011, p. 31)

[...] o pensamento dos xamãs se estende por toda parte, debaixo da terra e das águas, para além do céu e nas regiões mais distantes da floresta e além dela. Eles conhecem as inumeráveis palavras desses lugares e as de todos os seres do primeiro tempo. É por isso que amam a floresta e querem tanto defendê-la. A mente dos grandes homens brancos, ao contrário, contém apenas o traçado das palavras emaranhadas para as quais olham sem parar em suas peles de papel. ((KOPENAWA; ALBERT, 2019, p. 468)

Sua errância se expandia orgânica, perfurando e traficando o não dito das coisas na clandestinidade pétrea do solo, núcleo duro, habitado por fósseis entalhados na contramão do mundo. Suspensos numa fechoação subterrânea severa, quase impenetrável, mas sempre à espera de um milagre que lhes tire o mutismo infinito e

desarme a surdez dos atores que editam a oficialidade da história. Esses restos respiram ofegantes e cansados, sufocados por dunas de areias úmidas fabricadas num surto de civilidades que se apossou da região desumanizando a paisagem do sertão e o seu povo. Deformando suas vidas numa mentira que modelou suas existências numa massa dissidente de seres “inferiores” e “órfãos da cultura” para assaltar a natureza e lhes roubar a força luminosa do São Francisco. Rio majestoso, mutilado por uma intervenção falaciosa e assassina da modernidade. Completamente divorciada de suas pregações e milagres de sempre diante de uma região abandonada, atolada num presente esfomeado e sedento.

A concentração de pessoas que vivem em situação de pobreza no Nordeste é a maior entre as cinco regiões brasileiras, conforme atesta a pesquisa mais recente publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta quarta-feira, 25.. (IBGE, 2020)

O levantamento estatístico aponta que a região Nordeste concentra um valor proporcional a 47,9% da concentração da pobreza no Brasil. Em seguida, também com índice alto, vem a região Norte, com 26,1%. O Sudeste é a terceira região, com 17,8%. Por fim, Centro-Oeste (2,5%) e Sul (5,7%) apresentam as menores taxas percentuais do País, com pouca concentração de pobreza, em relação às demais regiões. (ibidem, 2020)

A pilha de desaforos legitimada pelo álibi do progresso - sempre ele - trazida pela CHESF, também sitiou no fundo do rio, a natureza errante de correntezas que debatiam seus fluxos em corredeiras violentas congestionando ainda mais a deriva do hidronauta pelo subsolo.

A dureza das pedras, animadas pela corredeiras que agora movimentavam as profundezas da terra abrindo novos desvios, assinalava ao hidronauta que a “terra é também um corpo. E um corpo é diferente de um lugar sem vida, porque sente, sente e reage” (Margulis et al., p.8). Neste ponto, percebe que os tremores dessa paisagem subterrânea que lhe completa o corpo se intensificam. E, carregado com uma coleção de ossos do tempo e outros achados e jóias memoriais recolhidos nas impurezas do solo, o hidronauta é tomado por um sacudimento incomum. Uma pulsação que lhe assusta o sangue e empurra seu espectro por entre rochas afiadas que rasgam a terra numa trilha molhada até encontrar novamente o abraço do São Francisco e se desaguar de súbito, na imensidão artificial de Itaparica.

## Onde moram as ruínas?

Afluindo em mais um desvio de sua paisagem errante, antes represada em derivas pela desordem do subsolo Rodelense, o Hidronauta é rio outra vez. Com seus achados memoriais subterrâneos já processados, passeia seu horizonte na doçura do São Francisco congestionando o seu devir rio, ao passado submerso da Região. Suas flutuações oscilam agora, em meio ao cardume de criaturas e forças que partilham as águas num redemoinho de memórias estranguladas pelo fechamento do rio. Camuflado com a sombra onipresente de histórias que anoitecem o lago, o Hidronauta mergulha por correntezas nostálgicas, embebido na calmaria que embala a movimentação de outras existências e o sono da multidão de ruínas adormecidas no fundo do São Francisco.

A nostalgia pode ser uma utopia às avessas. No desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade, estão necessariamente ligadas. A ruína arquitetônica é uma combinação indissolúvel de desejos temporais e espaciais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína o passado está presente nos resíduos, mas ao mesmo tempo não está mais acessível, o que faz da ruína um desencadeante poderoso da nostalgia.[...] Contudo, essa nostalgia persiste, esforçando-se para buscar algo que se perdeu com o término de uma forma anterior de modernidade. O código dessa nostalgia é a ruína. (HUYSSSEN, 2014, p.91)

Essas desconstruções que se emparelham à escrita da paisagem hidronáutica, sobrevivem como escombros de uma cidade exilada de seu povo e afogada compulsoriamente em câmara lenta. Sitiadas na turbidez das águas como restos descartados de uma condição urbana prescrita, abandonada pela promessa de um futuro reluzente. Um espaço remodelado em pedaços do que já foi e que agora dá lugar a outras forças e espectros não mais humanos, completamente alheios ao fluxo de urbanidades que antes ocupava o local. E assim como a flora ossificada na superfície do rio, essas ruínas se apresentavam aos olhos do hidronauta, também como uma cadeia monstruosa de contra monumentos. Afundados no tempo, por uma barbárie matematizada na fúria do progresso para entoar o eco úmido e falho de suas memórias. De acordo com Cirlot (1984, p. 506), o termo ruína, se ampara ao “seu sentido simbólico óbvio e literal, significa destruições, a vida morta”. Neste ponto, mesmo apontando para uma história de apagamentos e mutilações, o passado ruinoso de Rodelas eclode não somente como testemunho e resistência

memorial a como se deu seu processo de sobrevivência, mas sobretudo, como ressonância de uma constelação conceitual que atravessa o termo “ruína” na paisagem conturbada do tempo.

Encarnam imagens que se arrastam para desafiar esse tempo carregando os rastros de passados lacunares e advertir que “toda história poderia ser esmagada pela natureza”(DIDEROT apud HUYSSSEN, 2014, p. 99). Nessa perspectiva, sempre unguida como miragem prolongada, a contingência das ruínas parece suscitar bricolagens entre os fragmentos e o tempo nos certificando da mutabilidade inata de ambos, “onde o que nos oprime é a mais rica figura, a vida mais bela encontra seu ocaso na história. Na história caminhamos entre as ruínas do egrégio.” (HEGEL, 2004, p.47). Em Rodelas, as ruínas performam como uma fração espaço temporal desgarrada de suas métricas e funções de origem, para ocupar no presente, um fabulário de sobrevivências, intuições e narrativas que oscilam numa tentativa de transformação ou conservação do passado, ou pelo menos parte dele. Seus cacos abrigam também uma outra forma de ser cidade, acolhendo nas sobras e nos escombros do que restou, uma natureza de acontecimentos e fluxos movimentados por uma procissão de criaturas e entidades que circulam distantes na corrente silenciosa do rio.

Com efeito, a dimensão da fauna ruínosa que persiste no tempo espalhando suas falhas e cacos por todos os lados, evidentemente escapa junto a opacidade das suas memórias, a qualquer tentativa de reparação, totalização ou completude dos seus fragmentos. E a impossibilidade da sua materialização ou representação em sistemas de entendimento que possam se afirmar em verdades absolutas e imunes à ferrugem da história é emblemática. Haverá sempre um ponto cego, um fio desencapado na iminência de animar novos curtos circuitos, edições, extravios, denegações e disputas, adicionando ou suprimindo uma multiplicidade de camadas e sedimentações que vão, circunstancialmente, deformando o quebra cabeças perene das ruínas.

Inconexas, projetam a aura carcomida de suas partes e a fragmentação de seus acervos em direções variadas, ocupam agora outros vazios, espectros e suportes,

atuando como uma fantasmagoria insinuante. Evocando um cortejo de ausências e especulando a companhia de outras forças e intensificações, para apaziguar traumas, experimentações e narrativas diversas. E mais ainda, para saciar a fome de uma obsessão inclemente pelo passado, atávica a utopia futuralizante da modernidade ocidental, hoje, também vista como ruína.

E, se por um lado, a presentificação arquitetural das ruínas e seus ecos, a exemplo das pinturas românticas e sítios históricos - soterrados por manuais de apreensão em processos de sublimação, restauração ou patrimonialização do tempo - suscitem um debate entre uma consciência crítica e o reducionismo de discursos que privilegiam abordagens meramente contemplativas ou esteticamente pacificadas em suas relações de alteridade com o passado.



*The Baths of Caracalla*. Gravura, Piranesi, 1757. Fonte: [www.royalacademy.org.uk](http://www.royalacademy.org.uk)

A ruína tem sido o traço da arquitetura com maior poder de evocação do passado, imbuída da origem de sua apreciação da transitoriedade dos poderes terrenos e a debilidade das conquistas humanas. O mesmo argumento fundamentava o retratar das ruínas romanas pelos pintores Hubert Robert, que as transformavam em paisagens arquitetônicas, ou pelas obras de Piranesi, *Vedute e Antichità romane* de 1765, reunindo as tendências da ruína como estudo da arquitetura, da paisagem e como criação do passado. (MENEGUELLO, 2000, p. 93)

Palavra já em circulação no século XVII, “pitoresco”, ou pitoresco, designa as vistas rurais, as ruínas que dão uma nota de interesse e grandeza às paisagens depois chamadas “românticas”. As mesmas ruínas, em outra gradação hierárquica, reaparecem como metáforas do espetáculo “sublime” da Revolução Francesa, reatualização da Antigüidade em uma arqueologia política e visual. (RUFINONI, 2007, p. 116)

Por outro, em contraponto a qualquer dúvida ou denegação que insistem em apagar o drama ruinoso de acontecimentos passados e constatar o horror de eventos como a barbárie colonial, o holocausto nazifacista ou a explosão de Hiroshima e Nagasaki, a aura dessa perspectiva puramente nostálgica e sublime que emana das ruínas, mesmo que possam parecer autênticas, desaparece para dar lugar a uma reflexão memorial impossível de ser apreendida e transmitida fora da dimensão traumática ou apartada da dor lancinante (SELIGMANN; 2008 GAGNEBIN, 2006). Torna-se inaceitável nesse sentido, seu reconhecimento histórico como um refluxo espaçotemporal divorciado da responsabilidade ética e de uma reflexão crítica pertinente ao acontecido.

O que se quer da oficialidade histórica, nestes casos, é uma fuga da neutralidade gélida que apura e narra fatos. E todavia, que qualquer refluxo no tempo, seja ele documental ou narrativo, se apresente também como uma obrigação ética e política em respeito aos mortos e sobreviventes. Que acolha ou elabore uma genealogia destes acontecimentos o mais honesto e verdadeiro possível ao passado e a tragicidade das suas ruínas, sejam elas materiais ou imateriais. E na impossibilidade de narrar a literalidade e o horror de traumas que desfuncionam a vida do real, a psicanálise, os espaços do simbólico, da imaginação e da arte, a exemplo da literatura, da poesia e do cinema, deveriam ocupar um lugar providencial como ressonância dessas questões.

Mesmo frente às armadilhas da ficção e limitações do uso universal das linguagens diante da unicidade das vozes testemunhais (SELIGMANN, 2008). Ao lidar com o extremo da realidade onde o silêncio testemunhal e o esquecimento é aliado da sobrevivência, o universo mais lúdico e experimental da arte e da imaginação, talvez encontre algum sentido nesse abismo sem fim. Talvez possa incorporar essa testemunha necessária citada por Gagnebin(2006) e seja capaz de inventar um lugar menos refratário, mais criativo e acessível à escuta, transmissão e testemunho

de acontecimentos monstruosamente ruinosos como nos aponta Seligman e Gagnebin:

[...] lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. [...] Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro. (GAGNEBIN, 2006, p. 47)

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o bistor de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (ibidem, p. 57)

A *imaginação* apresenta-se a ele como o meio para enfrentar a crise do testemunho. Crise que, como vimos, tem inúmeras origens: a incapacidade de se testemunhar, a própria incapacidade de se imaginar o *Lager*, o elemento inverossímil daquela realidade ao lado da imperativa e vital necessidade de se testemunhar, como meio de sobrevivência. A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. (ANTELME, apud SELIGMANN, 2008, p.70)

Nesta direção, numa de suas conhecidas e teses sobre o conceito de história, Walter Benjamin se apropria da arte, para atravessá-la com a melancolia da poesia e das sutilezas alegóricas ao tratar do horror das ruínas:

Existe um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar a ponto de afastar-se de algo que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta, e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e tão forte que o anjo não pode fechá-las. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade o impele sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá vira as costas, enquanto um amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. ( BENJAMIN, 2005 p.87)

Voltando ao presente, na dispersão que aturde a morfologia das ruínas pelas transformações do tempo, o Hidronauta percebe que a pós-modernidade onde se



encontra agora, ressalta dissensos alarmantes. Com um arsenal infinito de engenharias, técnicas e o uso de materiais perecíveis de serem digeridos pela erosão dos tempos, a ansiedade do presente opera seus manuais de crescimento pavimentando a terra e perfurando nuvens com uma opulência faminta pelo consumo e descarte de tudo. Fabricando uma selva de arquiteturas tremulantes a devorar todo espaço à sua volta sem prescrição. A onipresença deste complexo, parece refletir na fachada espelhada de suas edificações, a miragem de uma eternidade utópica indestrutível. Repelindo qualquer possibilidade de “retorno à natureza” ao mesmo tempo em que parece decretar o fim das “ruínas autênticas”(HUYSSSEN, 2014, p.113), imortalizadas nas gravuras de Piranesi ou nos santuários históricos mais antigos esculpidos pelo tempo.

Ademais, diante de uma perspectiva arquitetônica cênica, onde tudo aparenta durar para sempre, “novo” e “revitalizado”, a concentração de poder e capital que acelera o mundo e o inchaço explosivo das cidades, parece operar segundo a lógica do apagamento/demolição e da restauração/preservação. Substituindo ou retirando de vista, cidades inteiras, a exemplo da Velha Rodelas, hoje submersa nas águas do São Francisco, ofuscada pelo desgaste de fotografias antigas ou pela opacidade de suas memórias.

[...] uma de nossas brincadeiras era “brincar de barragem”. Primeiro, tirávamos a mangueira de uma das valas do roçado, interrompendo o fluxo da água, em seguida pegávamos o barro molhado e construíamos na vala uma grande barragem. Depois, colocávamos a mangueira de volta na vala que lentamente ia enchendo o “reservatório”. À jusante do fluxo da vala, nós então construíamos casinhas, pontes e colocávamos alguns carrinhos de brinquedo. O resto da brincadeira era esperar que as águas começassem a transbordar e quando o reservatório atingia o seu fluxo máximo, alguém dizia “a barragem não vai aguentar, vai quebrar!!!” e então tirávamos um pedaço enorme do barro e a água descia com toda força. Nós ficávamos assistindo àquilo, as casinhas sendo destruídas e levadas pela força d'água.( CRUZ, 2019, p. 12)

Neste ponto, de forma análoga ao aparecimento dos arranha céus que projetam sem trégua, uma suposta eternidade de suas construções, a história do presente segue elaborando e agenciando ruínas de outra ordem. Se num passado recente, o seu andamento e apreensão se davam por leituras diversas a partir de um falso embate secular entre cultura e natureza.

A aceleração colérica da modernidade, vai adicionando uma outra variável de camadas para se amontoar às tipologias de ruína já conhecidas e exaustivamente dissecadas pela história e pela memória. Esse novo traço ruinoso, persiste nas feições de um presente extraviado da ideia fictícia de progresso, pulverizando os quatro cantos do planeta com montanhas de lixo, literalmente.

A morbidez que acompanha esse descarte por todos os lados, alimenta o cotidiano de paisagens urbanas que já nascem apegadas a um processo avançado de decomposição. Projetando um porvir atemorizante, que não cessa de entorpecer um corpo planetário de existências já adoecidas e saturadas por uma hemorragia vitalícia de rejeitos. Fustigado por um regime disperso de arruinamentos que, de forma alguma, espera o acúmulo do tempo para desfazer-se. Ao contrário, parecem aumentar exponencialmente a cada dia, atuando num avesso da aura memorial que emana das construções lentamente transtornadas pelo tempo.

Agenciadas pela aceleração do progresso, as ruínas do agora já não emanam aura alguma, mas um odor cruciante, contaminando o ar com o desencanto e a barbárie que norteiam a bússola de um fim do mundo cada vez mais ansioso. Performam como abismos nas falhas de um futuro estelar, vendido pela utopia moderna a uma fração mínima de seres humanos que podem pagar. Expõe suas entranhas no acúmulo de histórias sem rosto, suspensas em cada caco das ruínas que se edificam em protuberâncias nauseantes.

Esses tumores que alastram um mioma de mal estar nas peles da terra e do tempo, semantizam o arruinamento de um sistema mundo débil e anómalo, operando como sintoma de um transe planetário num surto ensandecido de consumo. Na confusão das cidades, nas matas, nos oceanos, no ar, em toda parte, se entulham numa compulsão cada vez maior, mais presente e dispersa, erguendo seus planaltos com os ossos do cotidiano e o anonimato de fragmentos de mundos diversos e que, aliadas ao horror das guerras, genocídios, desterros, epidemias e toda sorte de perturbações que desesperam o planeta, anunciam a imanência de uma sombra lúgubre e inescapável.

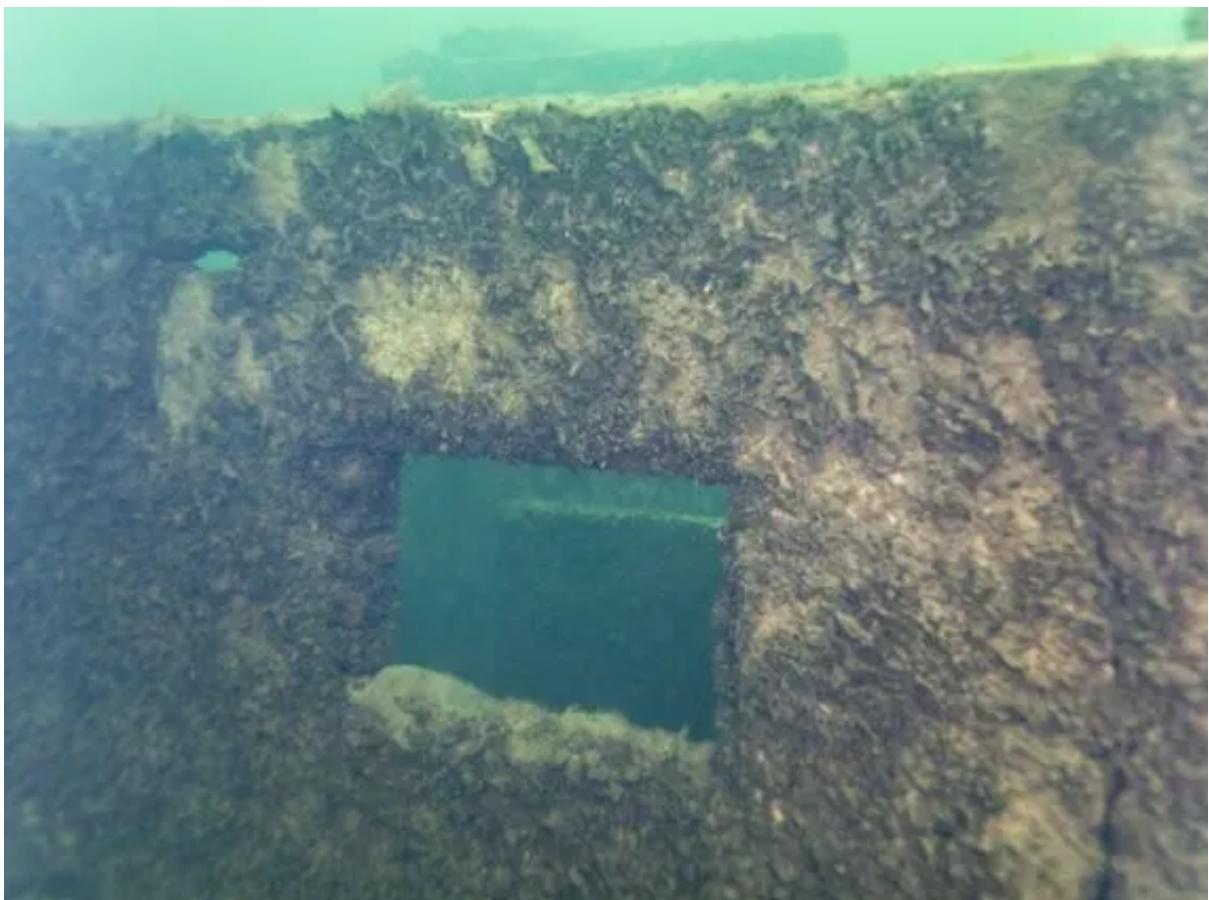
Num caminho inverso, parte desses farrapos pode ser acolhida também como poesia e fabulada num constructo de informações despedaçadas, mas valiosas. E num cenário de guerra, onde não é mais aconselhável passar em branco entre os vazios da história, os fragmentos que se escondem ou não são abduzidos pelo descarte, escapam do ocaso como fagulhas. Iluminando em sua fuga, o devir de uma flora de acontecimentos e sua aderência à ideia de sobrevivência ou especulando o anonimato de memórias sitiadas nas fendas do tempo. E quando de alguma forma, é possível interrogar a descontinuidade desses fragmentos, ao menos uma silhueta opaca do que já se foi aflora.

Certamente a arte, que sempre se aliou à inutilidade, segue uma outra economia que não a do mercado e por isso pode dedicar sua atenção também para o lixo. À medida que os artistas integram o lixo em suas obras e instalações — ou seja, aquilo que foi excluído da economia —, eles alcançam um fim duplo: constroem uma outra economia e obrigam o espectador a transpor as barreiras externas de seu mundo simbólico de sentidos e a tomar consciência do sistema chamado “cultura” com seus mecanismos de desvalorização e de segregação. (ASSMAM, 2011, p.412)

Mesmo atuando no território movediço da insegurança e atravessadas pela suspeição do presente, a valentia das ruínas que operam essas aparições podem acolher passagens ou fornecer códigos de acesso a certas lacunas do passado ao se desdobrar numa diversidade de experimentações e narrativas memoriais. Ademais, a “metafísica secreta” (ASSMAN, 2011, p.415) que acompanha qualquer composto matérico significativamente retalhado por vazios e ausências, hospeda possibilidades de se abrir e abraçar a métrica imperfeita da imaginação. De acolher uma distensão do real e se traduzir em situações que atuam num dos avessos do espaçotempo vigente. São ocorrências que operam equilibrando suas intensificações em linhas de fuga errantes, infiéis ao espelhamento do comum e quase sempre profanadas pelo acúmulo de histórias e paisagens desabituais e não lineares, mas passíveis de serem bruscamente interrompidas por crises até se aconchegar no colo de novos fluxos de fricções e rearranjos que permitam a continuidade do seu devir.

## Intervalo

Voltamos à paisagem submersa de Rodelas, onde o eco de suas ruínas, animava uma órbita desobediente de vibrações na lâmina do rio. Um desenho espiralado, se difluindo num fascínio atípico até encontrar o Hidronauta e puxá-lo de volta ao passado. Nessa dobra, recarrega intuições afetando sua paisagem com os ruídos proto memoriais que filtra, quando percebe os escombros que jaziam no fundo do lago, atuando novamente como uma cidade seca, situada num tempo ainda fora do alcance das águas de Itaparica e deserta de um cotidiano habitual às cidades.



Rodelas submersa. Luiz Netto. Fonte: /www.vix.com/pt/mundo

Na iminência de ser inundada, a região de Rodelas experimentava ali, o desterro de si mesma e sua lenta transmutação num refluxo territorial. Por outro lado, assistia ao infortúnio e a migração forçada de seu povo e parte de uma cidade porvir, se esvaindo lentamente num horizonte cada vez mais rarefeito. O que vinha pela frente, se escondia numa névoa densa de ansiedades, maturando uma confusão de sensações que atravessava o corpo de uma urbanidade em trânsito. Em lugar de um

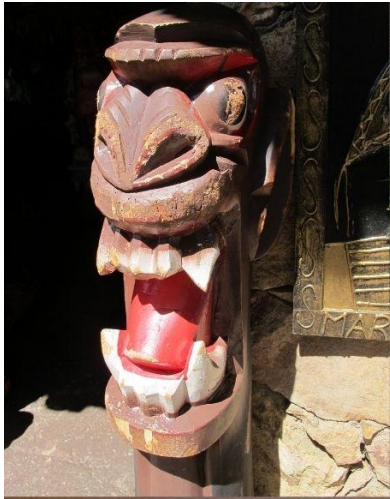
território assentado na estabilidade de um mapa conhecido, Rodelas agora habitava o atlas da incerteza, boiando o peso de sua esperança ainda num mar revolto e obscuro.

De imediato, a imagem de uma lembrança involuntária vem à tona sobrepondo passado e presente: e assim como no drama vivido por Marzagão, o Hidronauta testemunhava outra vez, um fluxo populacional obrigatório. Uma fuga difícil, inimiga da vontade, carregando o peso descomunal das recordações e deixando pra trás o vazio de uma cidade afogada para dar lugar ao progresso. Vão ficando os restos de uma paisagem arruinada, interrompida e desumanizada pelas águas turbulentas da modernidade. O que se via naquele instante, era o epílogo de uma desmontagem urbana que transformava em pedaços o presente da “Velha Rodelas” antes do afogamento. Um fardo empreendido por seus moradores em favor de uma sobrevivência coletiva, que se apressava em carregar tudo que podia para se refugiar e reexistir numa “Nova Rodelas.”

Nesta debandada geral, junto ao afeto dos objetos de uso pessoal, móveis e outros pertences, são levados embora num cortejo de caminhões e carroças, telhas, portões, portas, janelas, postes, árvores, bancos de praça, santos e toda sorte de objetos e coisas que, de alguma forma, reconstruíssem um outramento rodelense, reencenando os afetos dos territórios suspensos pela inundação e apaziguar uma saudade perpétua. Em meio a sua dispersão, Rodelas agora se via órfã de uma vitalidade urbana que antes afirmava sua existência no espaço e no tempo para se transformar em memória. E como nos lembra João Batista Arfer: “Os poucos prédios que ficaram ou foram deixados intactos – porque não deu tempo de derrubá-los ou por motivos religiosos – não resistiram às águas por muito tempo.”<sup>42</sup> E, num intervalo entre a fuga rodelense e o fim de mundo planejado que se apossava da antiga cidade, o hidronauta afina seus posicionamentos nas paisagens que carregam seus fluxos temporais para presenciar a inundação da velha Rodelas e o território Tuxá.

---

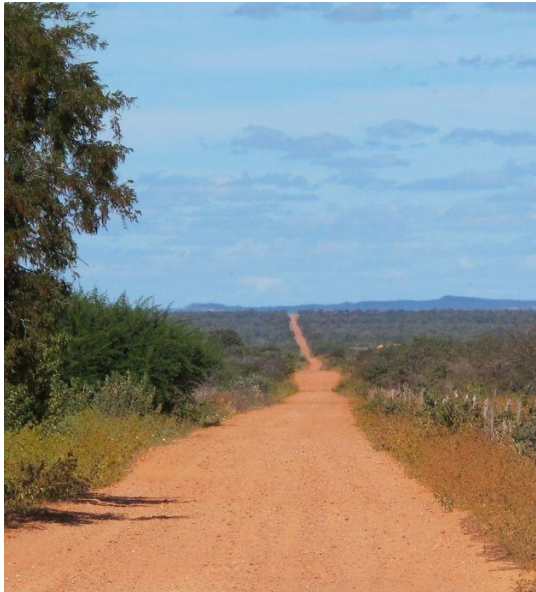
<sup>42</sup> Depoimento de João Batista Arfer, disponível em: [www.meussertoes.com.br/2017/03/14/a-antiga-rodelas/](http://www.meussertoes.com.br/2017/03/14/a-antiga-rodelas/)



DVD QUE MOSTRA O  
PASSEIO DE CATAMARAN  
AQUI NO RIO MOSTRA  
TODA OBYAS DAS USINA  
HIDROELETICA DE PAULO  
DE AFONSO





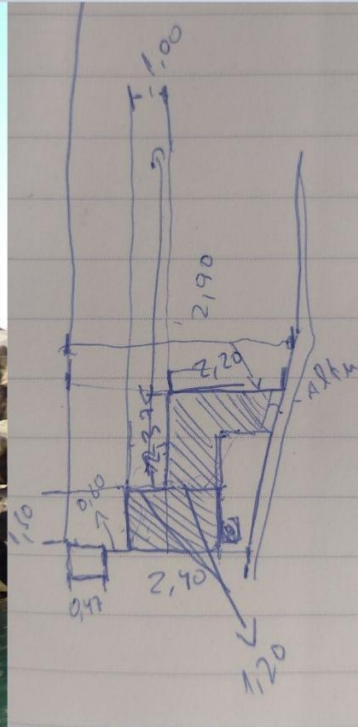


SÃO FRANCISCO

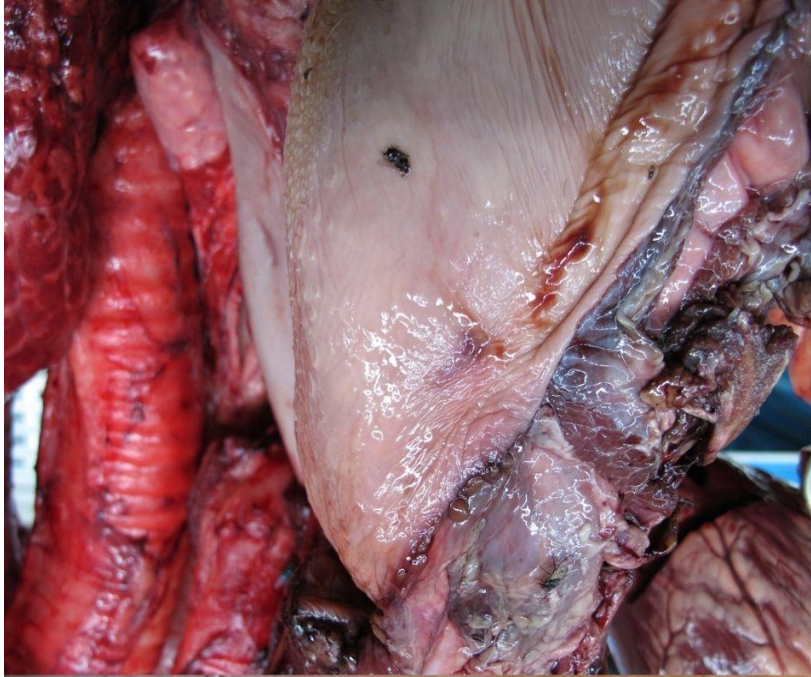
- PIAÇABUÇU
- PENEDO
- BREJO GRANDE
- PIRANMAS
- PAULO AFONSO, RODELAS
- CUSTODIA
- PETROLÂNDIA
- BETÂNIA
- FLORESTA
- CASA NOVA

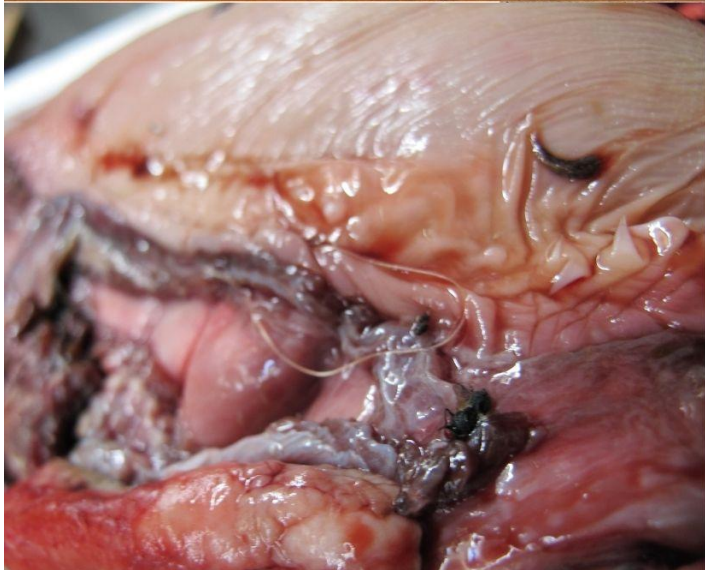
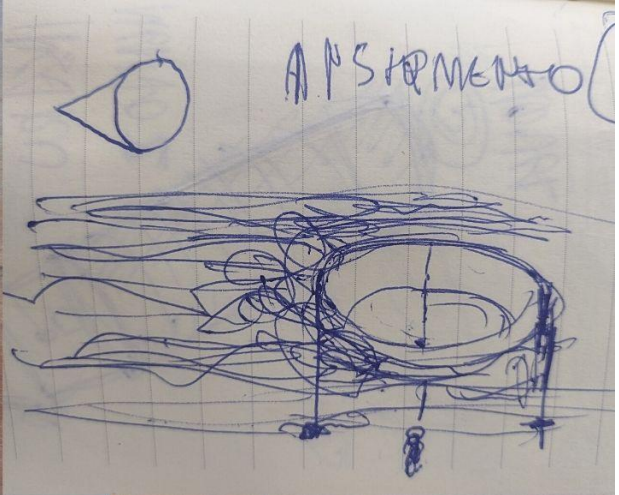
BRABO RIO  
SÍTIO PARA  
RRA

TRANSPOSIÇÃO









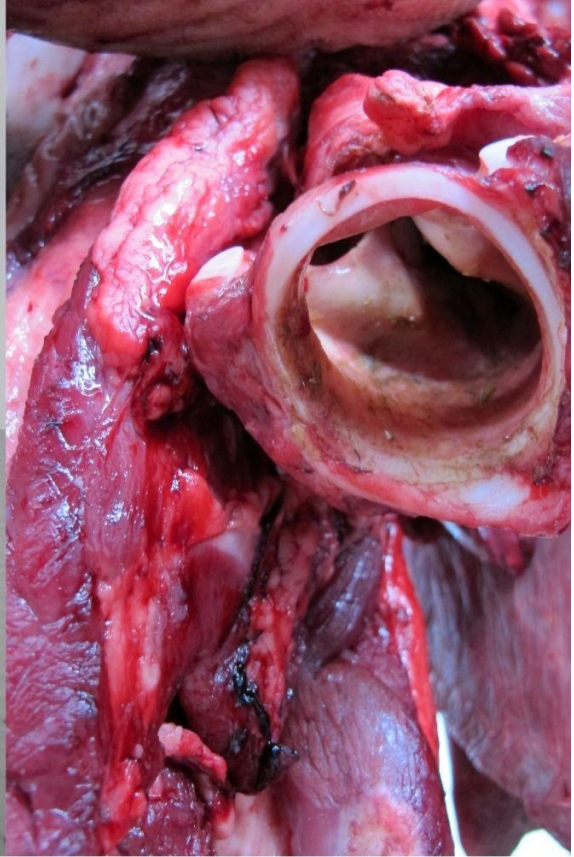


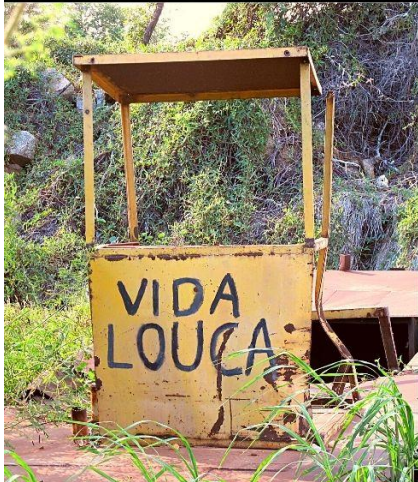
CARLO ANTONSO  
CANYONS  
BELSA  
TRABALLO  
NAREPRESA  
KIMBO



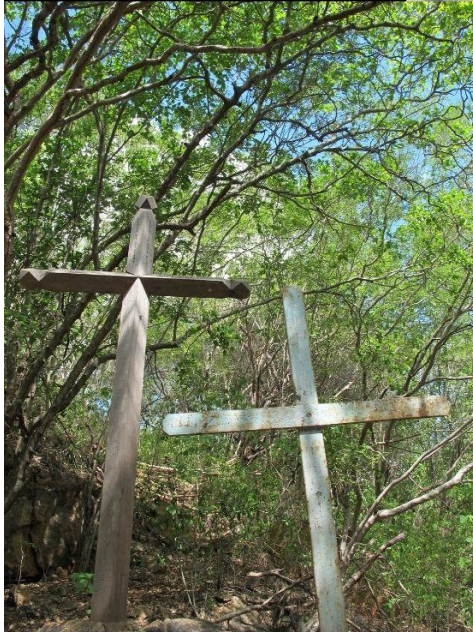
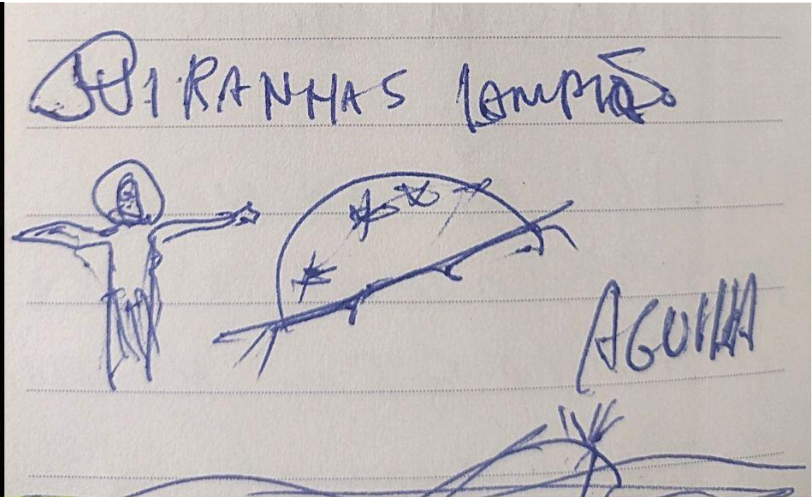
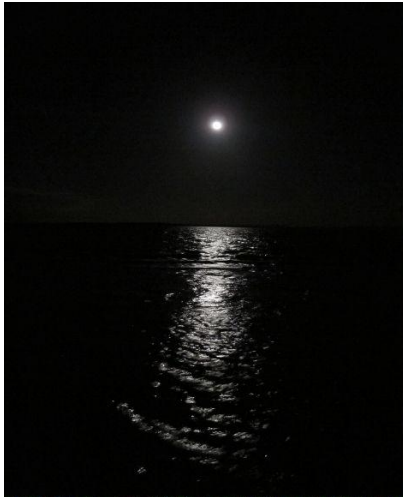


DOBRA  
-TRANS  
-CISTERNA  
-DO













A FOTOGRAFIA E  
O VIDEO TAMBEM  
CRIAM O QUE VIRÁ  
DEPOIS  
— SE ASSUMER A RES

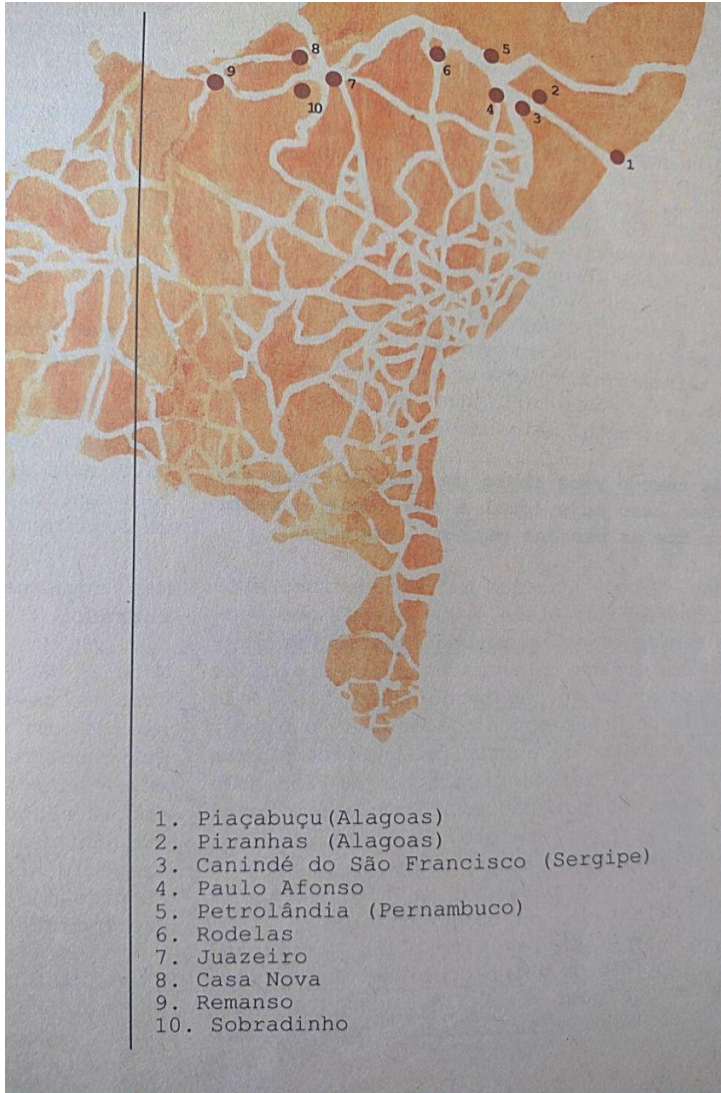


BERENTES SA

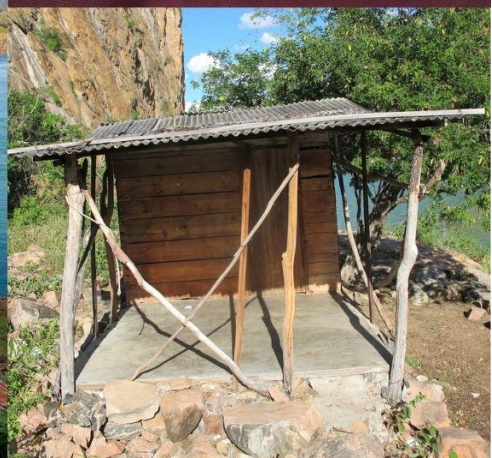


ASSIM DIR-SE-IA QUE A CAUDAL GIGANTE  
LARGA SUCURUIABA DO INFINITO  
CO'AS ESCAMAS DAS ONDAS CORUSCANTES  
FERRARA O NEGRO TOURO DE GRANITO!...  
HORRIDO, INSANO, TRISTE, LACERANTE  
SOBE DO ABISMO UM PAVOROSO GRITO...  
E MEDONHA A SUAR A ROCHA BRAVA  
AS PONTAS NEGRAS NA SERPENTE CRAVA!





DO - A EXPERIENCIADO  
OUTRO  
TEATRALISAR OUR KAM  
ISAR O AÇÃO COTIDIAN  
ESTA EMPREGO









INTIMIDADE  
PERFORMULA X PERFOR  
ARTE MEME  
VIDA



Em contraponto à verticalidade de um dilúvio, a transformação surge escorrendo no chão, performando na calmaria de uma enchente que avança no espaço desértico de praças, ruas, cemitérios e lugares sagrados para tomar também a órbita esvaziada da cidade. A intrusão do lago, segue acompanhada por uma horda de pequenas correntes que vão se formando e engolindo os montes de poeira e escombros que restaram e transformá-los numa lama pesada. Um ocre difuso, tingido com as gradações da terra que antes abrigava o pouso de Rodelas, mas que se apresentava agora, fluida e derradeira como um jazigo em movimento.

Lentamente cobrindo a soleira das portas e janelas. Borrando a pintura das construções que resistiram de pé com as manchas de uma umidade turbulenta. Apagando cada palmo de chão seco onde ainda se inscreviam os rastros que demarcavam a presença e o trânsito de seus habitantes para subtrair toda e qualquer marca de urbanidade mais resiliente. Nesse cenário de guerra, o nível das águas subia sem pressa, panicando os animais e sufocando o respiro de jardins e flores, até alcançar o topo de casas derradeiras e a copa das árvores, para sentenciar suas existências a um futuro petrificante.

Eu quero ser a última a sair da minha terra, porque eu quero passar os últimos momentos na minha casa, casa construída pelo meu pai a mais de 70 anos E não quero também que esta casa seja demolida por ninguém, eu quero que seja demolida pela própria natureza. Já que foi feita por ele com muito amor e muito sacrifício, então nós queremos conservar tudo aquilo que ele fez<sup>43</sup>

Diante do espanto, Rodelas caminhava rumo a um novo pouso. Sobrevivia suturando seus acervos em meio ao trânsito disperso de si mesma. Existindo como passagem, transmutada num coletivo de alianças e esforços na tentativa de ser acolhida logo em frente por seu duplo e recomeçar. Ao mesmo tempo, suas ruínas se debatiam movimentando em algum lugar no fundo do lago, um carrocel de redemoinhos rodopiando até a superfície das águas, o anúncio de outros trajetos. Naquele instante, Rodelas submergia parte da sua história, para emanar um fantasma já carregado de recordações e encampar a potência de sua transformação ocupando outros espaços numa nova existência. Um espectro memorial matizando as cores da sua aura em cada coisa/objeto e pensamento exilado de sua terra, de

---

<sup>43</sup> Depoimento de anônima no filme “Adeus Rodelas” realizado em 1988, antes da inundação da cidade. Direção: Agnaldo Siri Azevedo. Duração 20 min.



sua trama de intensidades e lugares afetivos numa infância remota da cidade com a vontade de sobrevivência edificadas num território porvir

Suspirando emocionado, o Hidronauta acompanhava novamente uma população em fuga, desenraizada por um dilúvio planejado, invisibilizando a contingência de um cotidiano barbaramente suspenso pelo progresso mas carregado pela esperança e pela força da sua reexistência. Nesse fim de mundo, até mesmo o céu parece tombar, deixam de existir praças, campos, ruas, plantações, árvores, jardins, pastos, escolas, igreja, becos, beira de rio e uma infinidade de outros espaços, experiências e lugares, que antes abrigava uma vizinhança de histórias, trânsitos e acontecimentos. Enquanto a região de Rodelas se transformava num mar de água doce, a cidade desviava sua existência carregando nas costas, algum sentido de reconstrução desses afetos.



Instrumentos para dobrar rios. Fotoperformance. Gaió Matos

O que sobra do colapso, emerge das águas numa aparição difícil, vagando a podridão tóxica dos seus fragmentos em ilhas de lixo na superfície desencantada

do lago. Como nos relata o historiador Luciano Menezes (2018, p.195) “Em meio aos galhos de árvores, víamos brinquedos, sapatos, objetos de plásticos, roupas, sandálias e garrafas. Em pouco tempo, um miasma exalou das putrefações animais e vegetais.” A contingência da vida parecia suspensa diante do caos modorrento que se alastrava com a inundação. O desencanto existencial instaurado pelo terror da barragem, finalmente materializava a profecia apocalíptica anunciada pelo sertanejo Antônio Conselheiro.<sup>44</sup> Resistindo ao avanço desse pesadelo, uma antiga caixa d'água, ainda de pé, performava como uma sentinela da saudade a velar a memória dos seus mortos. O oco cilíndrico sustentado pelo cinza de um esqueleto de concreto já carcomido pelo tempo, insistia como a única estrutura visível da velha Rodelas depois da enchente que engoliu o restante da cidade.

Na esteira desse transtorno, não se pode falar na deriva compulsória dos atingidos como uma condição circunstancial que viria a ser automaticamente resolvida pelo *slogam*<sup>45</sup> da CHESF, mas como um processo traumatizante, longo e contínuo. Desencadeado assim que a população tem notícia do futuro submerso de suas terras e da expulsão que viria com a construção da barragem. O assombro da novidade hidrelétrica muda progressivamente a rotina do lugar revelando, pouco a pouco, a face ainda desconhecida do despovoamento. E, num horizonte carregado que achata a duração dos dias, um circuito inusitado toma as ruas da “Velha Rodelas” com as voltas de uma cidade afetada pela urgência de um fim de mundo inescapável. A correria da mudança parece ocupar o dia a dia com uma nuvem de poeira perpétua, assinalando um transe coletivo à procura de uma saída para uma legião de burocracias e problemas que se apresentam com a construção da barragem. A garantia de um espaço decente depois da fuga, era basilar para retomar uma vida desarmada pela violência do progresso.

Perdurava no íntimo e na essência, um fantasma do despovoamento; no esboçar dos sentimentos, ocorriam as desolações físicas e existenciais – desocupações por toda parte. O destino exigia violentamente um renunciar: abdicar de sua própria casa, seu modo de vida, o Rio, os espaços coletivos e todo um cotidiano desprovido de pressa e muitos laços de amizade. Parecia ser

---

<sup>44</sup> Figura carismática e messiânica, foi fundador do povoado de Canudos, destruído pelo exército da república em 1896 num conflito épico, conhecido como a “Guerra de Canudos”.

<sup>45</sup> O *slogam* “Mudança para melhor” foi amplamente usado como peça de propaganda ao longo de todo processo de construção do reservatório de Itaparica e reassentamento dos atingidos, o que no decorrer do tempo mostrou-se como um grande equívoco.

uma desistência de si próprio, sendo que, em troca, receberíamos uma lacuna impreenchível. Abria-se mão da existência e da liberdade. (MENEZES, 2018, p.188)

A cada mudança realizada, a cada caminhão que partia com uma família, pairava também um sentimento de angústia inenarrável. Uma aflição que predominava por toda parte. Havia uma imensa consternação de caráter coletivo que não eximia praticamente ninguém. (ibidem, p.188)

Ademais, o desterro trazido pela suspensão da região, evidencia claramente as demarcações onde os espaços de controle e poder eram exercidos, tendo a CHESF como detentora final de todas as decisões técnicas e administrativas, negociadas antes, durante e depois da implantação da usina. Evidentemente, as ações da CHESF obedeciam a uma ordem maior e onipresente, costurada por uma dispersão de maquinações e atores macropolíticos operando “dentro das grandes agências financiadoras internacionais de mega projetos governamentais” (SCOTT, 2009, p. 66) para subjugar uma massa de indivíduos em transição compulsória, desterrados de seus cotidianos diante de um processo desfuturalizante e do posicionamento incerto em relação às condições de sobrevivência, mesmo antes do afogamento de suas terras.

Com pouco tempo decorrido do reassentamento (aliás, mesmo antes, enquanto ficavam no desmonte da sua base de vida e na espera do traslado!), a população de Itaparica já manifestava as condições estressantes: bebida, ócio, desorientação, incerteza, sentimentos de falta de poder. O realinhamento das relações de poder do planejado, e do não planejado, dos novos arranjos nas estratégias de vida dos reassentados é alguma coisa que vai muito além de “tensões reassentado-anfitrião”. (SCOTT, 2009, p.20)

Três décadas mais tarde, a região do assentamento e o povo tuxá continuam sobrevivendo mergulhados numa cadeia de prejuízos existenciais e materiais que atravessa o espaço e o tempo desde que a história invadiu as américas. E, por mais que a CHESF e sua máquina de propaganda e enganações insistissem no convencimento de um futuro reluzente para a região, os atingidos por Itaparica resistiam. Se acolhiam numa rede de amparo, narrativas e contra posicionamentos frente a intervenção em curso, “pois a população não se ilude pelos discursos persuasivos dos idealizadores de planejamento e da administração dos projetos sobre a possibilidade dela ser ‘beneficiária’ e não vítima.” (SCOTT, 2009, p.10). O fato é que, esse aparato monumental em torno do pesadelo hidroelétrico itaparicano, transformou-se também numa fonte inesgotável de disputas e dissensos que se estendem até os dias atuais. Uma tensão em movimento que se expandia pelo vale,

elencando uma série de conflitos irrompidos na emergência de um espaço por vir. A começar pela aflição estigmatizante das categorias identitárias que surgem a reboque desse apagamento territorial: refugiados, exilados, atingidos, desterrados, deslocados e assim por diante, repentinamente desabam suas perturbações sobre todo indivíduo, grupo ou populações impactadas por quaisquer forma de exílio involuntário (AGIER, 2008). São alterações severas, que pairam sufocando individualidades e desencadeando uma confusão de sentimentos desestabilizadores como: ansiedade, revolta, negação, saudade, frustração, angústia, abandono e derrota, só para citar alguns. São estados que se acumulam em incertezas e desesperam a saúde mental, alterando completamente a paisagem existencial de cada um. A respeito dessas mudanças, a antropóloga Chiara Pusseti nos aponta que “Os discursos sobre emoções e sensações são portanto muito mais do que modalidade de pensamento e produção de significado: eles constroem a natureza do corpo, a percepção do mundo e a vida emocional dos indivíduos.”( 2016, p. 42). E, na impossibilidade de reversão total dessas tensões existenciais, naturalmente aflora uma solidariedade que vai se desenhando num espaço coletivo de entendimento dos atingidos, um esforço no sentido de instrumentalizar o aperto aflitivo dessas intensificações em mecanismos de defesa e respiro das urgências em comum. São movimentos que vem para apaziguar a incredulidade e a solidão dos desencantos pessoais, empreendendo, a priori, uma luta coletiva contra os danos socioambientais da barragem em direção a uma sobrevivência em comum. Nesse mesmo tom, segue o advogado Celso de Souza<sup>46</sup>:

No final de 1982 e início de 1983, ocorre um grande conflito entre a Chesf, com apoio do Poder Judiciário, e os trabalhadores. Paralisam as máquinas que trabalhavam em jazida de areia e pedras porque afetavam suas vidas, a saúde das crianças e as roças. Os trabalhadores acampam no canteiro de obras das jazidas e impedem o trabalho. A Chesf convoca a polícia. Os trabalhadores resistem. Organizam-se além da comunidade diretamente atingida, formam rodízio de tal forma que cada sindicato se responsabiliza pela resistência, cada um em um dia da semana. Buscam negociações.[...] Marcada a audiência com a Chesf em Recife (PE), quando a direção desloca-se para negociação, a polícia invade o acampamento e o destrói, desmobilizando os trabalhadores e garantindo, nas armas, o trabalho nas jazidas. Apesar da aparente derrota, os

---

<sup>46</sup> Advogado, ex-assessor do Pólo Sindical do Submédio São Francisco e assessor da Diocese de Paulo Afonso(BA)

trabalhadores atingidos conquistam nas negociações posteriores o direito a um reassentamento provisório. (1990, p. 33)

Sobreviver a intrusão da barragem, exige um enfrentamento organizado em torno de narrativas partilhadas pela população atingida e abrigadas numa rede de representações humanitárias e entidades políticas que possam, de todas as formas possíveis, responder ou mitigar a desintegração existencial promovida por essa cadeia de agressões institucionais.



Protesto organizado pelo Polo Sindical do Submédio São Francisco contra a barragem de Itaparica. Arquivo Polo Sindical( Petrolândia, PE)

E, se podemos falar no aparecimento de uma rede localizada de acolhimento e insurgências diante da usurpação da CHESF a exemplo do Pólo Sindical do Submédio São Francisco, Pólo Sindical do Sertão Central e outras entidades atuando de forma unificada e expressiva na região impactada desde os estágios iniciais do projeto. Coexiste uma outra malha já estabelecida de alianças dispersa pelo globo e amplamente ordenada numa luta atualizada e constante em favor dos atingidos como:

O Movimento dos atingidos por barragens - MAB, no Brasil; a International Rivers Network - IRN nos Estados Unidos; a Probe International no Canadá; a Associação Internacional para Estudos sobre Águas Internacionais e Florestas - FIVAS, na Noruega; os Amigos da Terra, no Japão; Aidwatch, na

Austrália; o movimento Narmada Bachao Andolan - NBA, na Índia; a Comissão Regional de Atingidos por Barragens - CRAB, no Brasil; a European Rivers Network, na França e o Grupo de Acción por el Bio-Bio, no Chile, dentre outras. (MATOS E VILLEGAS, 2001, p.2)

Essas intensificações de amparo e resistência, aglutinam uma multiplicidade de forças e atores profundamente engajados na causa: organismos não governamentais e agentes políticos, instituições religiosas, artistas, advogados, trabalhadores rurais e sem terra, pesquisadores, povos ameríndios, ambientalistas e sobretudo, uma massa populacional já experimentada em ataques promovidos pela construção de barragens em outras ocasiões e localidades, prontas a relatar transtornos anteriores.



Protesto organizado pelo Polo Sindical do Submédio São Francisco contra a barragem de Itaparica. Arquivo Polo Sindical( Petrolândia, PE)

Não que essas articulações possam oferecer um antídoto ou soluções mágicas em relação ao aperto que a população de atingidos sofre ao longo desses processos de expulsão planejada. O que se põe à disposição, no entanto, é um aparato multilateral de experiências que participa ativa e politicamente de determinadas etapas e transformações nos planos de reassentamento como tentativa de abrandar as arbitrariedades empurradas pela perturbação hidrelétrica. Acompanhando de

perto, reuniões, assembleias, comitês e grupos de trabalho, desmobilizando em parte, a supressão dessas existências e seus ecossistemas, apontados como estorvo em razão da sua localização malquerida pela devastação do progresso.

No auge da ditadura militar, tendo em vista o desastre com a experiência implacável de expulsão dos habitantes na área de Sobradinho, onde imperiosamente, restituiu-se apenas valor relativo aos imóveis desapropriados sem qualquer compromisso financeiro com as mutilações socioambientais, econômicas e culturais, na implantação da barragem de Itaparica, as disputas demandavam novas compensações. Ajustadas numa métrica que valorasse de forma menos injusta, esse outro conjunto de danos desmerecidos antes em Sobradinho. A respeito dessas ressonâncias, o sociólogo Juarez Bomfim nos recorda:

A impotência dos trabalhadores rurais frente ao poder descomunal da "besta-fera", como denominavam a CHESF, referindo-se ao monstro do Apocalipse, e a total incapacidade da participação dos camponeses expulsos na co-determinação do seu destino, levam a que o movimento organizado atual dos camponeses se ressinta daquele passado ou das memórias que dele se produzem, relegando-o à passividade e à submissão. (1999, n. 45)

Obviamente, é natural que num campo vasto de alianças e saberes diversos operando num foco difuso, também surjam dissensos na condução das abordagens e enfrentamentos frente ao avanço hidrelétrico, mas que em nada se equiparam à destruição ambiental e existencial ativada com o funcionamento da barragem. Afinal de contas, como nos lembra o antropólogo Aurélio Viana (1990, p. 6) “apesar da principal bandeira de luta ser a terra, os movimentos de atingidos por barragens são também grandes movimentos ecológicos”. Na verdade, o que se vê como ação eficiente na articulação desses grupos, é um mapeamento contínuo e amortização das agressões que se amontoavam dia após dia, desde que o pesadelo hidrelétrico decretou transformações violentas no território rodense e nas terras tuxá. E mesmo assistidos por uma rede ampla e bem estruturada de insurgências contra as desordens que vem com a implantação da barragem, uma aproximação com os modos de vida anteriores à catástrofe, torna-se uma possibilidade cada vez mais distante.

Ainda digerindo os cacos da mudança e resistindo a uma disputa exageradamente injusta e desigual, a população do ambiente rural têm de lidar com uma adaptação conturbada, sobrevivendo em meio a um processo de reassentamento precário e divorciado das condições de continuidade existencial acordadas com os responsáveis pela barragem antes do apagamento. E se num primeiro momento, a extração forçada, a perturbação dos estigmas e as incertezas de uma disputa acirrada com a CHESF desestruturam a população atingida, o que vem em seguida também desanima. Da fuga, os rodenses passam a habitar agora um intervalo impreciso operado por terceiros, demarcado pelo espectro ansioso da espera e pela ideia ainda muito presente de extravio e transição. Pra começar, a desintegração sumária e sem retorno de uma paisagem territorial, desde sempre, construída e assentada no imaginário e na alquimia socioespacial de cada um por gerações, é sobreposta por um mapa desconhecido, ainda a ser preenchido por um porvir completamente tumultuado. Desaparece, neste caso, o que Marc Augé denominou de "lugar antropológico" e por cadeia, toda organicidade do seu entorno físico e afetivo que complementam os indivíduos a partir de suas experiências e intensificações com estes lugares. A orientação espacial atrelada ao rio, a materialidade do mundo, a contingência dos circuitos e coexistências onde se pratica e celebra o espaço como uma malha de crises e atravessamentos, evapora-se.

O projeto da casa, as regras da residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência[...] O lugar antropológico, para eles, é histórico na exata proporção em que escapa à história como ciência. Esse lugar que antepassados construíram ("mais me agrada a morada que construíram meus avós..."), que os mortos recentes povoam de signos que é preciso saber conjurar ou interpretar, cujos poderes tutelares um calendário ritual preciso desperta e reativa a intervalos regulares, está no extremo oposto dos "lugares de memória", sobre os quais Pierre Nora escreve tão justamente que neles apreendemos essencialmente nossa diferença, a imagem do que não somos mais. (AUGÉ, 1994, p.53)

Adiante, o hidronauta sacode sua paisagem nas turbulências do tempo e constata: os "lugares antropológicos" prescritos pela violação sumária da barragem, são automaticamente transmutados à dimensão opaca da virtualidade, inflacionando um circuito memorial de acontecimentos ainda encharcado pelas perturbações do Rio



São Francisco. Em oposição a uma geometria orgânica que ancorava o desenrolar rodense, esses lugares pertencem agora à quimera de um arranjo espacial fantasmático, que tremula o espectro de suas imagens em meio a uma névoa de incertezas. Ao encarrilhar suas aparições num limbo existencial entre o que foi e o que será, essas imagens vão criando um fabulário espacial ansioso do presente, mas ainda imantado a um espelhamento frágil do que já se foi. Espremidas numa temporalidade espacial maculada pelas águas, performam numa deriva de aflições e estranhamentos evocados nas tranças de uma paisagem que acomoda agora, a sobreposição de duas cidades, que se entrelaçam ainda à uma terceira Rodelas, escrita no avanço do hidronauta em sua deriva imaginária.

Habitando essa espera e com a manutenção de suas famílias vindo das VMT( Verba de Manutenção Temporária)<sup>47</sup>, os desejos da população removida esbarram numa cadeia de contratempos que vão adiando a utopia dos slogans progressistas empurrados pela propaganda da CHESF. E num cenário que se apresenta cada vez mais nebuloso, boa parte dos rodenses são atirados a um passado territorial adverso, e do qual não se busca a memória; removidos de uma paisagem antes margeada pela fartura de um São Francisco que irrigava suas vidas, para uma paisagem árida e hostil, pronta para semear o descrédito e desconfiança. Um espaço comprovadamente limitado para reassentar os trabalhadores da terra, mãe provedora de grande parte do sustento familiar, como a agricultura de subsistência e a criação de animais de corte.

Sem terras em condições de plantar, e sem poder se orientar por um fluxo de água como tinham na beira do rio, há uma inversão simbólica histórica na vida dos residentes das agrovilas. Perde-se a orientação espacial e temporal que era fornecida pelo rio, e os reassentados encontram-se nas caatingas secas de onde eles mesmos ou os seus pais tinham fugido em busca das terras mais férteis na beira do rio. O refúgio ecológico que a beira do rio era para estes retirantes da caatinga está debaixo da água, e as pessoas foram simbolicamente retornadas às suas origens históricas, em locais ecologicamente inóspitos e desconhecidos. A única forma de convencer os atingidos a voltar para a “caatinga” seria de maneira forçada, acompanhada por promessas de transformações tecnológicas quase milagrosas que tornaria as caatingas em ilhas irrigadas, terras de abundância. (SCOTT, 2009, p. 35)

---

<sup>47</sup> A VMT oscilava entre 2,5 a 3 salários mínimos por família até que as primeiras colheitas dos lotes irrigados entregues pela CHESF fossem entregues.

Esse descuido flagrante acerca das condições do reassentamento em algumas agrovilas periféricas ao centro urbano da Nova Rodelas, assinalam ao hidronauta, uma dependência clara e perversa por parte dos pequenos agricultores em relação

# ITAPARICA

eleiro de oportunidades • A Source of Oportuniti

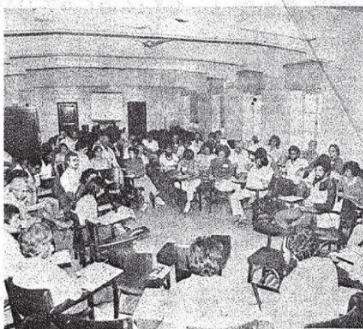
Pense numa quantidade de comida suficiente para alimentar 4 milhões e 800 mil pessoas durante 1 ano. Pense no número de produtos comercializados, por semestre, no maior centro de abastecimento de produtos agrícolas do Nordeste, a Ceagepe, Pernambuco. Pense numa produção capaz de encher 21 mil caminhões. Esse é o peso da colheita anual dos projetos do Reassentamento de Itaparica, entre a Bahia e Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

## Sem terra, índio Tuxá morrerá.

Mais uma comunidade indígena brasileira poderá ser extinta. Desta vez é a tribo dos índios Tuxá que vivem na Bahia, na região do São Francisco, e que será deslocada da Ilha da Vitória — a única que restou das 30 que possuíam — transferida para o município de Bodocó no interior do sertão, quando ocorrer o fechamento da barragem de Itaparica, prevista para 1967. Os índios Tuxá provavelmente sofrerão um choque cultural muito grande, que poderá ser decisivo para sua existência enquanto comunidade indígena. A denúncia foi feita por José Karajá, agente do Cimi — Conselho Indigenista Missionário — que está participando do Encontro de Agentes de Projetos da (Coordenadoria Eclesiástica de Serviço) no Retiro de São Francisco. Segundo José Karajá, a ligação do índio com a terra é muito forte. Além deles, serem expulsos das suas terras, o que já é grave, irão para uma região de clima completamente oposto e também de plantas de culturas diferentes, sem ter a certeza de que lhes serão dadas as condições mínimas para a sua sobrevivência. Eles precisam implantar um processo de irrigação que canalize a água de um riacho próximo para adubar a terra e assistência técnica até que eles consigam dominar a nova cultura, além do pagamento de determinada quantia para a sua sobrevivência, durante oito meses, período em que os índios terão que aguardar para começar o plantio na nova terra. Outras denúncias foram divulgadas durante a realização desse encontro que tem como tema de discussão a participação e poder no movimento popular, com uma reflexão sobre os elementos sociais, políticos e econômicos.

### BAHIA VIOLENTA

Um dado importante foi colocado pelo



Religiosos denunciam problemas latifundiários, drama indígena

secretário-geral da Fetag, Aloísio Carneiro. "Desde o ano passado a Bahia assumiu a liderança na violência e morte de posseiros ligado a conflitos de terra, deixando para trás os Estados do Maranhão e Pará. Um desses conflitos aconteceu em Itabuna, uma das maiores zonas de violência, principalmente em Una e Canavieiras, segundo declaração do agente da Comissão Pastoral da Terra de Itabuna.

Presente ao encontro, ele não quis se identificar por motivo de segurança, mas contou que já recebeu inúmeras ameaças de morte por parte dos latifundiários, os coronéis ou caciques do passado, ocorreram oito assassinatos de posseiros envolvidos em conflitos pela posse da terra. Este ano mais seis assassinatos, incluindo crianças e mulheres grávidas, informou o agente, além de jagunços de grileiros mortos por posseiros.

Em Itapicui, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Adrelino Sousa, recebeu ameaças de morte de Teresa Costa, esposa de um proprietário de terras do município de Marcolino Souza próximo a Itapicui, que o acusa de insultar trabalhadores rurais a invadir terras de sua propriedade.



Trabalhadores de Petrolândia voltam a criticar a barragem de Itaparica

## Itaparica provoca atritos no campo

PETROLÂNDIA — Desde o domingo de carnaval até o dia de ontem, os trabalhadores rurais que moram e têm suas roças nas imediações da barragem de Itaparica, impediram os trabalhos de tratoristas que iriam abrir estrada para a Chef. Segundo eles, as máquinas adentraram na região dos posseiros, sem que aviso algum fosse dado e sem que fossem negociadas as condições do trabalho a ser efetuado pela Companhia.

A estrada, que se situa no lado leste da barragem, serviria para transporte de argila e cascalho para construção de Itaparica. Os trabalhadores rurais impediram a passagem das máquinas, uma vez que sentem não estar sendo aplicado o plano de reassentamento dos trabalhadores rurais e aprovado pelo Ministério das Minas e Energia. Paradas as máquinas, impedida a construção da estrada, trabalhadores e Chef iniciaram negociações. Os rurícolas, foram representados por seus sindicatos, no caso a Fetap e Petag-BA. A Chef, por sua vez,

mento de Implantação do Reservatório — DIR.

A primeira reunião ocorreu no dia 10 do corrente, no local de parada das máquinas, contando com a presença de comissão de trabalhadores, para o debate, e de mais de 500 trabalhadores que assistiram ao encontro. A reunião não teve resultados positivos pois as explicações da Companhia, segundo as lideranças, não convenceram os trabalhadores. Diante desse fato, os rurícolas reuniram-se em assembleias gerais em todos os sindicatos da área atingida pela barragem e, em demonstração de 'boa vontade, decidiram liberar a área em questão a partir de hoje, sob condição de no prazo de 90 dias serem atendidas reivindicações imediatas e que signifiquem a prática do plano de reassentamento.

Tal decisão foi informada à Chef, em reunião realizada no dia 19 deste mês, nas dependências do DIR., onde compareceram representantes dos sindicatos de toda a região da barragem. Nesse ato, os trabalhadores, entre

reivindicação com prazo de 90 dias, onde denunciaram o não cumprimento pela Chef do plano de reassentamento dos trabalhadores atingidos por Itaparica.

### REIVINDICAÇÕES

Informa o sr. Adilson B. Veras, assessor do Sindicato de Petrolândia, que os trabalhadores apontam fatos como a tentativa da empresa de convencer os rurícolas de que as terras que escoberiam não iriam ser reassentadas, "com evidente intenção de desestimular aplicação do plano de reassentamento".

Denuncia, ainda, a indenização de benéficas fora do plano, pagando a Chef "uma gratificação além do valor da indenização desde que o trabalhador abra mão do seu direito de reassentamento em outra área. A Companhia está se negando a reassentar os camponeses maiores e solteiros", disse. O documento que foi distribuído em toda a região, além de fazer outras denúncias, termina reafirmando a existência do plano de reassentamento e exigindo o atendimento ao mesmo.

# Governo fecha porta aos trabalhadores



Cerca de 3 mil camponeses, vítimas da seca, foram ao Recife contar sua situação. Mas o governador não os recebeu.

O Governo bateu com a porta na cara de quase três mil trabalhadores do Agreste e Sertão, que foram ao Recife, no dia 14 de dezembro, reivindicar providências urgentes para solucionar os sofrimentos de mais de 100 mil camponeses vítimas da seca.

Enfrentando as maiores dificuldades (financeiras e de transporte), os dirigentes sindicais autênticos conseguiram demonstrar sua capacidade de organização, seriedade e combatividade, promovendo a Marcha dos Camponeses.

Antes, já haviam encaminhado 16 documentos ao Governo do Estado e obtido cinco audiências com autoridades estaduais, sem qualquer resultado. Uma lista de 100 mil agricultores necessitados de alistamento

na emergência foi feita (numa extraordinária demonstração de trabalho) e entregues aos homens do Governo.

No dia da Marcha, pretextando que não fora marcada audiência com antecedência, o governador Maciel recusou-se a receber ou conversar com os trabalhadores. Uma das características do governante — que não foi eleito com o voto do povo — é, nos momentos críticos, fugir dos problemas. Ele não recebe trabalhadores rurais, mas vive em Brasília, dando satisfações aos seus patrões que o colocaram no Governo.

A mobilização, em si, foi uma grande vitória dos sindicatos e da Fetapo. Demonstra o amadureci-

mento do movimento sindical, sua organização e sua enorme capacidade de luta. E essa luta continuará.

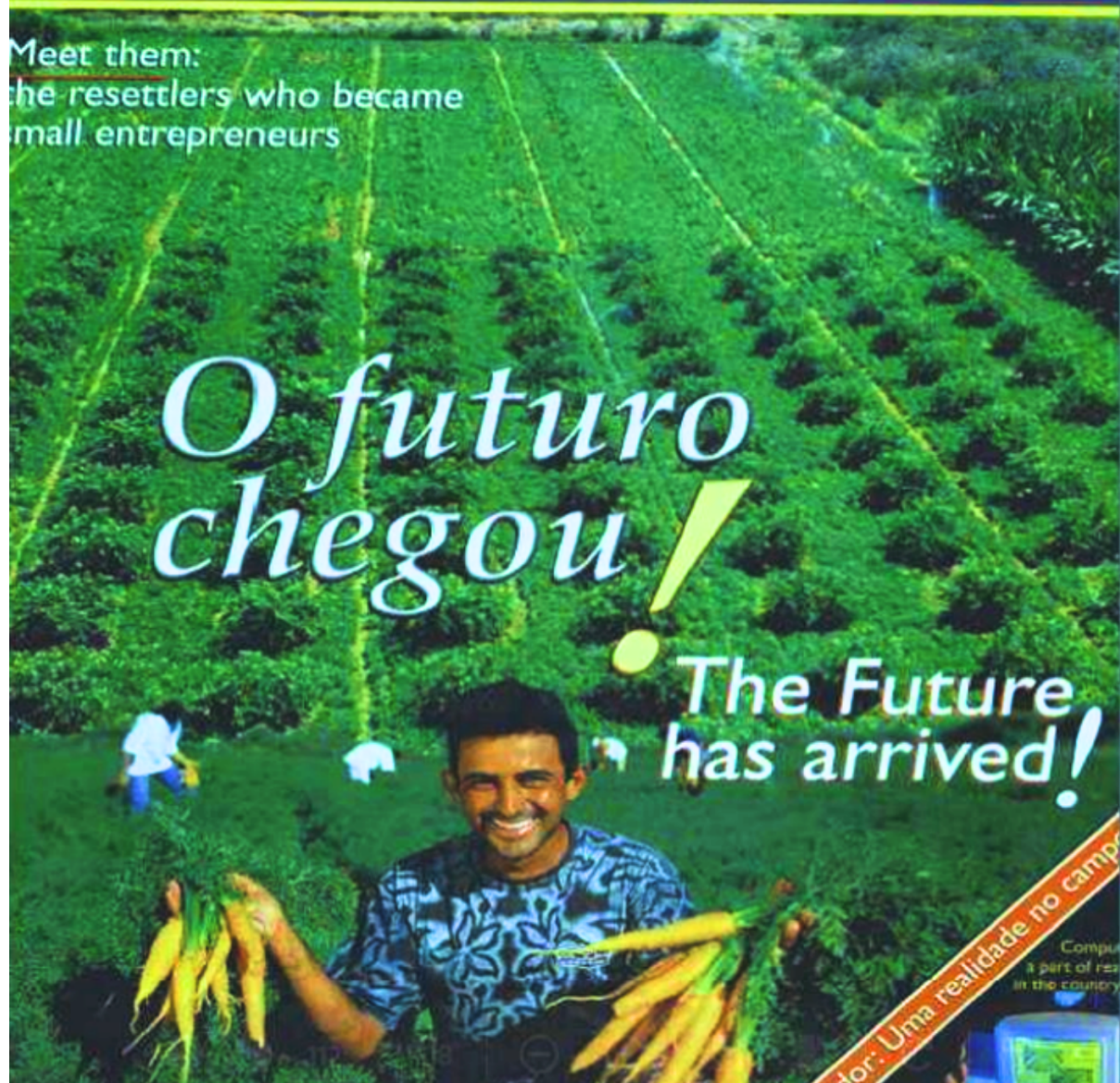
Mas a frustração dos homens e

das mulheres humildes, que percorreram, com enorme sacrifício, centenas de quilômetros e tiveram de ficar ao relento, sem direito a entrar no Palácio do Governo, é muito grande. Os sertanejos ficaram, inclusive, decepcionados com a falta de hospitalidade do governante indireto. A gravidade da situação nos campos, onde milhares de famílias passam privações, exige do sr. Maciel uma atitude menos formal e de mais sensibilidade.

Ficou demonstrado que o governador não dá nenhuma satisfação ao povo humilde.

O Sertão Verde *The Green Drylands*  
**ITAPARICA**

Meet them:  
 the resettlers who became  
 small entrepreneurs



*O futuro  
 chegou!*

*The Future  
 has arrived!*

*Computador: Uma realidade no campo*



**Cemitério**

Pousou na mesa do presidente da Funai, Romero Jucá Filho, uma solicitação dos índios Tuxá, da Bahia. Eles querem uma área para construir um cemitério perto da cidade de Nova Rodelas. Os indígenas tiveram suas terras desapropriadas pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco para a construção de uma barragem. Foram reassentados em outro local, onde julgam indispensável o cemitério. Ao determinar o atendimento do pedido, Jucá Filho recomendou seja feito, paralelamente, o recadastramento de todos os silvícolas — 110 famílias — cujos dados irão para os computadores da Funai, em Brasília. Com eles, será possível desenvolver um projeto de assistência envolvendo saúde, educação, terras e outros setores. A prioridade será do cemitério — um espaço respeitado dentro da cultura e tradição dos índios.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OFÍCIO S/Nº/81 - AESP EM 19 de maio de 1981

DO: Grupo de Trabalho do Reservatório da UHE de ITAPARICA

ENDEREÇO

AO: Exmo. Sr. Ministro de Estado das Minas e Energia

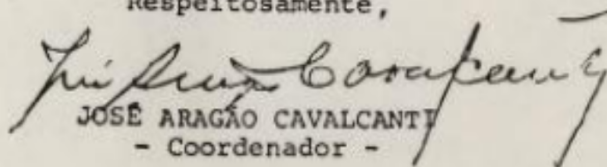
ASSUNTO: RELATÓRIO FINAL

1. Aprovo as despesas contidas no presente relatório
  2. Encaminhe-se as providências relativas aos vários órgãos que serão mobilizados em cada caso.
- Em 23.06.81  
Ch. Cal

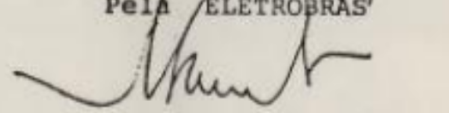
SENHOR MINISTRO:

Consoante a resolução de V.Excia., constante da Portaria nº 1.860, de 4 de dezembro de 1.980, apresentamos, em anexo, o Relatório Final do Grupo de Trabalho criado para estabelecer critérios visando a liberação da área necessária à formação do reservatório da Usina Hidroelétrica de ITAPARICA e à relocação das populações rurais atingidas, bem como as Atas das Reuniões do dito Grupo.

Respeitosamente,

  
JOSE ARAGÃO CAVALCANTI  
- Coordenador -

  
ALVARINO DE ARAÚJO  
Pela ELETROBRÁS

  
NORMAN BARBOSA COSTA  
Pela CHESF

dos Benícios, sentindo a não aplicação do Plano de Reassentamento, inclusive com a demora de reassentamento de uma única família, como a do Sr. Manoel Martins, paralisaram as máquinas. São 81 famílias atingidas diretamente e mais outras situadas na mesma região que reagiram ante o fato de máquinas adentrarem suas terras e áreas de criatório, sem que pelo menos tenha sido iniciado o seu reassentamento noutras áreas, já do conhecimento da empresa. Segundo a CHESF as máquinas iriam apenas abrir uma estrada sem prejudicar as roças. Do lado dos Trabalhadores rurais torna-se impossível o trabalho na roça e o criatório em meio às máquinas: as safras com certeza serão prejudicadas e com a abertura de estradas as cercas que são construídas, os acidentes que se tornam frequentes impedem o criatório. Dessa forma a atitude dos trabalhadores rurais de impedirem a entrada de máquinas em suas terras tem total apoio do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais.

49) Os preços para as indenizações de benfeitorias criteriosamente preparados pelos trabalhadores rurais, inclusive com assistência técnica, não foram aceitos pela CHESF, após várias reuniões realizadas com o representante da Empresa.

50) A demarcação da borda do futuro lago não está sendo feita pela CHESF o que impede a localização e escolha de novas áreas pelos trabalhadores para seu reassentamento.

Considerando todas estas situações criadas pela CHESF, que contrariam o Plano de Reassentamento dos trabalhadores rurais, reivindicado pelo Movimento Sindical, inclusive os critérios estabelecidos pelo GT-Itaparica e aprovados pelo Ministro das Minas e Energia, os trabalhadores rurais vêm mais uma vez, por intermédio de suas entidades sindicais reafirmar perante a CHESF o seu Plano de Reassentamento e solicitar que sejam atendidas no prazo de 90 (noventa) dias, a contar da presente data, as seguintes reivindicações:

1. Que seja iniciado o reassentamento de 232 famílias diretamente atingidas no momento pelos serviços da barragem nas comunidades de Rio Fundo, Campo Grande, Fazenda Gato e Salgado dos Benícios no Município de Glória(BA) e Brejinho de Fora, município de Petrolândia(PE).
2. Que as áreas escolhidas pelos trabalhadores rurais para reassentamento e já apresentadas à CHESF através do seu presidente sejam declaradas prioritárias para fins de Reforma Agrária e em seguida desapropriadas por Interesse Social para o reassentamento das famílias atingidas.
3. Que se dê continuidade à demarcação da borda do futuro lago tomando medidas necessárias para que fazendeiros não cerquem as terras, enriquecendo-se ilicitamente.
4. Que sejam aceitos os preços de indenização de benfeitorias reivindicados pelos trabalhadores rurais.

Submédio São Francisco - PE/BA, 19 de março de 1982

## Inundados querem justiça

O contingente de 120 mil trabalhadores rurais — os inundados de Itaparica — só reivindica uma coisa: justiça social. Desde o início das obras da hidrelétrica, os protestos e reclamações são muitos. O projeto, esteve em atraso durante três anos. Clientes da pressa das autoridades em dar continuidade imediata à construção da usina, os trabalhadores, que se dizem unidos e organizados em sindicatos, federações e confederações, decidiram apresentar as suas reivindicações, "expressão da tomada de consciência dos nossos direitos adquiridos ao longo da nossa vida de trabalho duro e despendido três anos de estudo e de reflexão".

Além disso, em mortalidade distribuída à imprensa, que as lavras de vanádio, de irrigação e de chuva estão diretamente ligadas ao rio São Francisco e que a produção do leite depende da proximidade do rio para dar melhor produção. Produzem carne e pele em grande quantidade nessa região. A pesca é o refrigerio das suas famílias, em todas as épocas do ano. Para construir todas as casas em poucos meses "ficará caro demais para nós, pela falta de material e de mão-de-obra, como aconteceu na região de Sobradinho". Dizem que na área do canteiro de obras de construção de acampamentos e demais setores do projeto de Itaparica, continuam sofrendo arbitrariedades. As violências, segundo os agricultores, com a missão de posse pela Chesf,

atingem 200 famílias dos povoados de Riacho Salgado, Cachoeirinha, Ió e Quixaba, principalmente porque os camponeses têm roça em terreno para criatório comum. Voltam a dizer que a companhia vem pressionando os moradores de Ió e Quixaba, cercando a área sem indenizar, fechando as estradas para as roças, fazendo despejos, derubando casas e destruindo benfeitorias sem mandado judicial, além de dificultar o acesso ao São Francisco, o rio que é a única fonte de água para a população.

Diante dessas denúncias, os trabalhadores desejam que a cada passo do Plano de reassentamento, todas as decisões sejam tomadas com a participação ativa deles através das entidades de classe — Sindicato de Trabalhadores Rurais, Federação de Trabalhadores na Agricultura da Região e Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

Querem, igualmente, que todas as exigências constantes das reivindicações para o reassentamento da população rural a ser atingida sejam cumpridas antes do fechamento das comportas da barragem de Itaparica e que a Chesf forneça o mapa delimitando a área a ser inundada, para estudo pelas comunidades.

### LOTES

Um outro item refere-se ao reassentamento e reivindica que a empresa distribua a terra da margem do lago em lotes de dimensão familiar, conforme o Estatuto da Terra. Lei 4.504, de 30.11.64. Sur-

## Tribo sai da área inundada

Recife — A 3ª Delegacia Regional da Funai, em Pernambuco, iniciou entendimentos com a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Chesf) para definir detalhes do programa de relocação de cerca de 1.350 índios da tribo Tuxá, de Rodela (BA), que serão atingidos pela inundação da área da barragem de Itaparica.

O delegado Nelson Melo disse, ontem, que estudos anteriores já previam a transferência dos índios para duas localidades alternativas: Riacho do Pento, na Bahia, e Massangano, em Pernambuco, mas as lideranças Tuxás não foram ouvidas e, agora, a Funai resolveu que qualquer resolução deverá contar, necessariamente, com a participação da tribo.

# PROJETO ITAPARICA

a força que VEM DO

# SÃO FRANCISCO

ature  
ived!



às decisões da CHESF a respeito das realocações. As dificuldades de acesso à terra e a demora na implantação de meios modernos de irrigação que abrandasse a secura do solo e desse prosseguimento a vida, acabam por estimular uma precariedade e uma desorientação existencial crescente. Da espera tortuosa, aflora a companhia do ócio, do êxodo dos mais jovens e da marginalidade num espaço ainda improdutivo e mantido às custas da VMT. Essa configuração perdura na região por anos a fio, contemplando apenas uma parte dos trabalhadores com um sistema de irrigação ainda insuficiente. E, se a falta de equipamentos necessários ao aparelhamento da terra desorientava o reassentamento, a dificuldade em operar a novidade da irrigação na aridez da caatinga, colabora para atrasar ainda mais, todo processo de plantio. Fato que contribui para inviabilizar qualquer iniciativa de autogestão da terra e promover uma desintegração na composição da força de trabalho familiar onde se concentrava boa parte da renda dos pequenos agricultores desterrados. Sobre essas questões, Perry Scott (2006, p.83) nos lembra que: "Se o lote ainda necessitava de equipamento, do que os homens e as mulheres acostumados à labuta diária iriam se ocupar? Iriam se entregar à bebida? Como ensinariam aos seus filhos o ofício agrícola?" Ademais, vale ressaltar as inúmeras dificuldades técnicas que foram desabando sobre os poucos lotes onde a irrigação já havia sido implantada. O desgaste precoce de peças, erosão, falhas estruturais, falta de drenagem dos solos, má instalação, defeitos hidráulicos, incapacidade técnica, dentre tantas outras complicações decorrentes da péssima qualidade e execução dos projetos, ocasionaram um prejuízo descomunal às agências financiadoras e sobretudo, às famílias reassentadas ainda num limbo transicional que, além de improdutivo, jamais poderia ressarcir a memória, a estabilidade existencial e os laços afetivos com um passado a beira do rio que lhes foi tomado.

Segundo documentos recentes da própria Chesf - que informam sobre a posição da execução do Projeto Itaparica - em abril do ano de 1997, após, portanto, quase dez anos de completada a primeira fase do reassentamento, apenas uma pequena fração dos projetos de irrigação estava efetivamente implantada e em regime total ou parcial de produção (GEI, 1997). (GALVÃO, 1999, p.46)

Pais envelheceram ou morreram; filhos nasceram, cresceram, casaram, mudaram para a cidade ou migraram pra lugares mais distantes. O resultado é muitas famílias pequenas com lotes grandes, e famílias grandes com lotes menores. Quem trabalhava na terra na beira do rio, lembra a experiência do trabalho familiar, mas desde 1988, para muitos, não têm havido onde trabalhar

em conjunto. Cada um tem procurado suas atividades particulares, sem poder contar com o poder aglutinador de uma terra onde trabalhar. (SCOTT, 2009, p. 151-152).

### **A memória como sobreposição de pertencimentos.**

Se antes o Hidronauta misturava-se à multiplicidade de uma paisagem insólita na órbita da cidade, quando se afasta da desolação que testemunha nas bordas rurais e adentra, se envolve com uma cena urbana recém nascida num berço de complexidades. Ainda em fase de montagem, abre alas por entre uma confusão de caminhões e escavadeiras para acolher uma população desterrada do seu duplo submerso logo em frente. Sempre sob o olhar de uma caixa d'água vigilante, Rodelas performa sua urbanidade como uma presença atípica à beira do rio, atuando estranhamente como eco urbano num suporte de si mesma.

Pouco a pouco, os rodelenses que escolheram continuar na zona urbana da cidade<sup>48</sup> descarregam a incerteza de suas vidas num presente forçado, iniciando a ocupação de uma paisagem porvir. A indefinição formal que atravessa uma estrutura urbana ainda em construção, é o espelho dos escombros de uma “Velha Rodelas” arruinada deixada para trás.

A “Nova Rodelas” nasce apressada, tremulando no assombro de um fim de mundo calculado, tentando simular a ficção futurística de um “oásis”<sup>49</sup> no desenho de uma modernidade inscrita à força pelas engenharias da Chesf, para assaltar as subjetividades da população removida. E, como a fuga recente empreendida por seus habitantes recém chegados, pode-se afirmar que a urbanidade refeita às margens do lago artificial que a desastrou, opera também como uma travessia. Situando seus acontecimentos num limbo que suspira entre um passado submerso e a promessa de um porvir reluzente a ser, supostamente, iluminado pelas

---

<sup>48</sup> Alguns rodelenses, optaram por deixar a região com as indenizações e se estabelecer numa outra cidade, enquanto outros, que antes habitavam as zonas rurais, resolveram tentar a sorte na cidade ainda em construção.

<sup>49</sup> Durante todo o processo de remoção, a CHESF se colocava como uma instituição benfeitora, anestesiando a população com a narrativa de um futuro moderno e promissor. Habilmente operando sua imagem como um braço protetor do estado que acolhia uma população desamparada para colocá-la a caminho do progresso. Esse discurso era ilustrado com uma série de peças propaganda mostrando um cenário quase paradisíaco.

propagandas futuristas da CHESF. Ainda aturdida pelo trauma do seu apagamento, Nova Rodelas reexistia embebida na aura confusa de uma perturbação liminar, amadurecendo sua urbanidade num intervalo impreciso e à espera da alegria de uma agitação existencial genuína que lhe devolvesse a vida tomada pela intrusão do lago. Até então, ainda resistia como gênese de uma sobreposição espaçotemporal, assinalando sua presença na região como sintoma de uma bifurcação que oscilava entre passado e presente, entre morte e ressurreição.

A infância desse amálgama, se extrovertia ajustando seus vazios para disputar o agora com um coletivo de memórias que, sem pressa, lhe revestia com o cromatismo do seu passado recente. Lentamente, Rodelas se reconstruía nos arranjos de um acervo de coisas e existências do seu duplo, matizando seus espaços e lugares com as intensidades exiladas do fundo do lago. Ademais, o desenrolar dessa nova urbanidade com a chegada traumática de sua população, vem acompanhado por uma insegurança compartilhada que parece infectar toda região. Desde a precariedade vivenciada pelo drama dos reassentados nas bordas áridas da cidade, até o aparecimento de uma confusão existencial contaminada pela memória urbana que, forçosamente, emerge na fricção de três cidades, três Rodelas.

Longe da densidade dos grandes centros urbanos, vale ainda ressaltar borda e centro na região rodelense, como espaços pertencentes a um mesmo espectro territorial. A princípio, parecem simular uma dicotomia entre as categorias rural e urbano, nos indagando qual seria o desenho correto de uma cidade com cerca de 10.000<sup>50</sup> habitantes erigida no susto, em meio à sua inundação num pesadelo ainda latente. Numa estadia mais atenta, porém, esta dúvida logo se desfaz. O Hidronauta percebe que esses limites, se é que eles realmente existem, são borrados a todo instante, realçando a região como uma zona mista de oscilações e acontecimentos, inscritos num desenho ainda indefinido. Um espaço multiopcional que desarma e embaralha essas duas categorias numa contiguidade cidaderural. Essa alquimia somente é possível, na medida em que seus habitantes se inserem numa intrincada malha de trocas e permeabilidades. Habitando suas intensidades numa métrica

---

<sup>50</sup> Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

impura e difusa de fluxos e interdependências, continuamente compartilhadas e articuladas numa imanência socioambiental, econômica e cultural. Sobre essas intercessões, a geógrafa Maria Sposito (2006, p. 122) nos relata que:

[...] Aqui a unidade espacial urbana, como marcas das cidades, no decorrer do longo processo de urbanização, cedeu lugar ao binômio urbano/rural resultado, também, da incapacidade, no período atual, de distinguir onde acaba a cidade e começa o campo. As formas confundem-se porque as relações se intensificam, e os limites entre esses dois espaços tornam-se imprecisos [...].

Afora a CHESF, que via a população como um obstáculo, e o rótulo de “atingido”<sup>51</sup> administrado pelo Polo sindical, para unificar a personalidade dos infortúnios e garantir um reassentamento menos injusto. Não podemos afirmar que o contínuo espacial rodense onde se processam essas operações de passagem, se traduzam numa homogeneização de sujeitos e lugares. Em verdade, as diferenças e peculiaridades de cada ente permanecem, independente dos atravessamentos que mantém vivo esse jogo de retrações e aderências. Por outro lado, entre mortes e reexistências, o caso Rodelas permite ao hidronauta outras apreensões onde se entrelaçam os sentidos de individualidade e coletividade. Essas interações se desvendam no aparecimento de uma organicidade memorial coletiva, que em sintonia com as lutas em comum empenhadas contra o transtorno hidrelétrico, ativa um outro coletivo de trânsitos e conexões memoriais, onde cada um dos moradores, desempenha a especificidade de seus papéis para que o cotidiano da nova cidade resista e funcione com certa lucidez.

Embora seja fácil ser esquecido e passar despercebido dentro de uma grande cidade, os habitantes de um pequeno vilarejo não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito dos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la. Dentro de tais meios, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. Cada um, sem dúvida tem sua perspectiva, mas em relação e correspondência tão estreitas com aqueles outros que, se suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-los. (HALBWACHS, 1990 p. 80).

Num sentido mais amplo, é precisamente nessa zona ambígua, onde a sobreposição de pertencimentos que matizam o rural no urbano, a “Nova” Rodelas na “Velha” Rodelas, o memorial no factual, e finalmente, o passado no presente, que faz emergir a dimensão comum, onde antes, se aglutina a individualidade das

---

<sup>51</sup> Vainer 2008, p. 52

diferenças. Tanto na luta insanável contra um estado opressor, quanto na vontade de sobrevivência diante da insegurança existencial que afeta uma população amputada à força de suas terras. Ao olhar do hidronauta, essas oscilações são capitais para entender como a colisão de medos e vulnerabilidades pessoais, destravam a resiliência multilateral de uma luta coletiva e permanente para que Rodelas, mesmo desconfiada, reaprenda a existir e conviver com alegria, não somente com um porvir desconhecido, mas todavia, com o espectro memorial persistente do seu espelhamento submerso no fundo do São Francisco, a velha Rodelas.

Todo esse circuito de intensidades matizando a insegurança rodelense com vontade de sobrevivência, se refaz cotidianamente como ressonância de um fim de mundo simulando uma mimese de si mesma. E, num cenário impreciso que se apresenta ainda encharcado por ambiguidades, a cidade afirma uma resiliência existencial, resistindo ao seu apagamento como um díptico. Costurando seus caminhos na duplicidade de um mapa aberto e alimentado por um espectro memorial que se desenha ainda no frescor da tsunami vinda do São Francisco. Cabe a um hidronauta, já perdido nos tempos que inventa, escavar a confusão de vozes e fragmentos que se levantam numa nuvem de reminiscências urbanas, e empenham os rodelenses corajosamente na sobrevivência de uma expropriação territorial apocalíptica. Nesse ponto, a espessura crescente da memória é a saudade que insiste numa permanência sincera, ressuscitando uma polifonia de apegos e sobras escapadas do dilúvio, para desaguar em Nova Rodelas, como um mar de recordações. Pouco a pouco, a cidade é tomada por uma ocupação extrovertida ao passado. Uma intensificação que sutura suas histórias em meio à uma força gravitacional avulsa se dispersando por todos os lados como um atrator inescapável. Uma potência contígua, que eclode numa sobreposição espaçotemporal encantando os lugares com uma multidão de acervos até transformar toda cidade numa interseção. Essa infestação de coisas/memórias, irrompe numa marcha lenta e orgânica, adentrando as arquiteturas da Nova Rodelas como potência de sobrevivência a esculpir uma relação íntima com a vizinhança fantasmática que habita o fundo do lago. Evidentemente, uma sintonia plural se alia a essas movimentações numa montagem subjetiva e carinhosa, onde cada morador,

performa também como um constructo memorial, rearranjando seu fabulário de objetos como extensão de seus corpos perturbados pelo dilúvio. Reinventando seus cantos e lugares de afeto com o que fugiu do fim do mundo hidrelétrico até reencontrar a alegria de um cotidiano suspenso pela inundação e se transformar.

Os lugares que conhecemos não pertencem tampouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade decerto instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos, infelizmente, como os anos. (PROUST, 2006, p. 508)

Nesta passagem, o Hidronauta observa um descarrego de transformações, materializados numa procissão que balançava um séquito de santos, altares, camas, cadeiras, mesas, colchões, eletrodomésticos, bancos de praça, máquinas, portões, portas, janelas, armários, bichos de estimação e até mesmo árvores inteiras ansiosas e carregadas de memórias para reinaugurar seus lugares numa paisagem urbana ainda silenciosa e esvaziada. O que se via era uma gramática de desintegrações da antiga cidade na busca por sobrevivência, desatualizando o presente oco da Nova Rodelas, com a vazão do seu duplo fragmentado vindo de um passado suspenso. A montagem dessa memória em fuga, pouco a pouco vai se sobrepondo ao desencanto de uma cidade imatura e nua. Redesenhada pelas forças do inimigo na ânsia de materializar os delírios de um progresso vertiginoso e hostil empreendido às custas de um massacre existencial para extrair a luz do São Francisco em meio a uma enxurrada de apagamentos.

Como ruído dessas fricções temporais, floresce um labirinto de convergências ancorado à uma paisagem estreita. Um espaço coagido e espremido pela suspeição da mudança, habitando a compressão de três cidades<sup>52</sup> que se experimentam num modo atípico de atração mútua. A saturação desse aperto, transforma toda a região numa zona de colisões onde se abraçam as excitações, medos e aflições de um território em mutação, sacudido pelo risco impreciso de uma transposição sofrida e arquitetada no sobressalto da fuga. Essas acrobacias espaciais, seguem equilibrando suas vertigens memoriais na interseção de duas arquiteturas distintas

---

<sup>52</sup> A “Velha rodela”, a “Nova Rodelas” e a cidade texto escrita e apresentada aqui, como a fricção das duas primeiras.

observadas pelo hidronauta. Uma delas, padronizada pela CHESF numa racionalidade estrutural, alheia aos afetos dos moradores para refugiar sua fuga. A outra, com sua organicidade desintegrada e ambulante, se alastra no espaço como uma nuvem de existências e fragmentos, penando para se refazer e contornar a suspeição do seu duplo. Face à perturbação dessas transmutações, Rodelas experimentava o avesso da sua inundação se desenhando na emergência de uma segunda invasão. Empenhada numa vontade de sobrevivência onde cada fracionamento memorial desgarrado com a intrusão do lago, avança com força para se apoderar dos novos espaços e lugares, presentificando a construção de outros possíveis numa estranha vizinhança de si mesma. Diante dessa sobreposição imprecisa e confusa, a população rodelense se rearranja para tentar escapar ao esmagamento do progresso e inscrever no espaço dado, alguma simetria territorial que se aproxime da sua antiga morada e reanimar a potência da vida mutilada e suspensa com a inundação. Nesse sentido, cada existência expropriada do seu ninho, atua para empreender com seus pensamentos e gestos, uma troca sensível que promova de alguma forma, uma reconciliação possível com seu passado submerso.

As falhas que movimentam essas travessias, rebatem no Hidronauta a constatação de que totalizar a natureza indecisa da Rodelas que sobrevive ao apagamento, se traduz numa impossibilidade latente. Suas intensificações, ainda suspensas numa errância entre passado e presente, escapam a qualquer tentativa de aplainamento ou planificação unidimensional. Por outro lado, o que se observa da cidade, é uma reexistência que performa suas misturas oscilando numa paisagem indecisa entre o atual e o virtual, experimentando seus contrastes num jogo vitalício de intercessões e pertencimentos, aderências e separações, construção e ruína, morte e ressurreição. Existindo no tumulto de suas encruzilhadas, Rodelas persegue a si mesma suturando suas crises de sentido, seus vazios e fraturas, reinventando suas métricas de encantamento numa polifonia de dobras fantasmáticas de uma urbanidade duplicada. Administrando suas alegrias em meio à uma alquimia de fluxos memoriais que, dia após dia, amadurece sua passagem no mundo, embalada por um estado de tensão e sobrevivência permanentes, mas sem garantias.

## **A alegria como levante**

Chegamos ao ponto em que a memória rodense forjada com o estrangulamento do São Francisco, é entendida pelo hidronauta como uma constante espaço temporal que ancora toda região a um passado de apagamentos partilhados. Sem deixar de lado suas particularidades, vem à tona a obsessão por um um constructo familiar de virtualidades por onde tremula o emparelhamento de três cidades. Essa vontade gritante do que se perdeu, cintila em um desejo insanável da experiência suspensa para dar sentido a um presente onde a alegria de viver e a ausência ainda latejam como uma ferida recente. Exilada sumariamente por um fim de mundo e lutando para fertilizar um cotidiano onde tudo parecia incompleto, Rodelas precisava ser rasgada por suas memórias para continuar existindo. Essas colisões espaçotemporais inesperadas, destravam o íntimo de um intrincado jogo de afetações e atravessamentos mnemônicos pipocando aleatoriamente numa intensa sobreposição de lugares e tempos. São Intersecções onde se “multiplicam para cada indivíduo as ocasiões em que pode ter a sensação de que sua história cruza a História e que esta se refere àquela. Suas exigências e decepções estão ligadas ao reforço dessa sensação.”(AUGÉ, 1994, p.32). Esse estalar de tempos se intensificam alegres e atrevidos, flutuando num pulsar de histórias e espelhamentos passíveis de estourar como bolhas de recordações exteriores a este novo endereço a todo momento. E numa Rodelas oca e até então desenraizada por um vácuo de novas histórias ainda porvir, se deixar poluir com a matéria prima de um tempo perdido, fundado por um lastro vigoroso de experiências individuais e coletivas é uma condição inescapável para instrumentalizar o esquecimento que a desastrou e esculpir a continuidade da vida, pois como nos lembra Halbwachs “é na história vivida que se apóia nossa memória.”(1960, p. 60)

Eis porque a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. Graças tão-somente a esse olvido é que podemos de tempos em tempos reencontrar o ser que fomos. (PROUST, 2006, p. 267 )



Por outro lado, essas memórias indeterminam a vazão de suas aparições, atravessando as angústias do agora para animar um fluxo inconsciente de subjetividades que nem sempre interessam. Em Rodelas, entre o choro e a alegria, as memórias são travessias abundantes, quase sempre bem vindas. Atuando como uma brisa secreta que chega repentinamente, exercitando suas imagens para arrepiar a pele do tempo e excitar uma urbanidade ainda irreconhecível. Visitam o presente sem aviso, fabulando um real fictício e fugaz somente posto em movimento, quando se provocam as fendas e amputações afetivas, solicitadas pela ausência ou pela melancolia de uma saudade infinita que paira sobre uma Rodelas em parte enlutada.

E quando a qualquer tempo, a memória emerge e inflama o temporal energético por onde fagulham a constelação de reminiscências adormecidas na sombra doce do lago, o hidronauta assiste a cidade se abrir no sobressalto de algo molecular. Governada por uma expansão necessária e inconsciente, Rodelas se veste de memórias para esposar seu fantasma numa aliança de tempos e pertencimentos onde a alegria e o desejo genuíno da imaginação e do sonho de sobrevivência tem lugar. E, por mais que se apure e reconheça o conturbado acúmulo memorial que cada existência carrega na sua intimidade e transfere ao presente; do indecifrável dormente, eclode o curto circuito gravitacional que aglutina e inflaciona as unidades de recordação num magma memorial coletivo piscando volátil em aparições por toda cidade. Essa dimensão mnemônica que embriaga os sentidos e a subjetividade de Rodelas com os atratores da evocação, presentifica em cada coisa, objeto ou existência fugitivos da enchente, uma máquina do tempo pronta para inundar a infância de um presente ainda saudoso e imaturo com uma potência revigorada pela alegria da sobrevivência.

No entanto, ao diluir sua paisagem temporal no estranhamento dessas ebulições, quando o Hidronauta adentra no universo molecular das memórias rodelenses, sente que essa perturbação não se trata, tão somente, de um transe memorial coletivo disputando passados num carnaval saudosista que captura, ao mesmo tempo, o agora dos entes que habitam a nova cidade. Essas justaposições temporais que se matizam nos afetos da região, também se inscrevem na paisagem

de Rodelas como um novelo de cicatrizes existenciais profundas e permanentes. São como vestígios de acontecimentos performando acolhidos numa aura de subjetivações opacas que borram a cidade com uma cosmologia de recordações nem sempre amigáveis. Se por um lado a contingência desse rememorar empenha uma luta existencial no improviso de um território clandestino buscando o refazimento da vida e o riso de uma vizinhança fantasmática que ainda se constitui como identidade e pertencimento. Numa outra ponta, essas memorabilias podem atuar, em certos casos, como dispositivos de permanência profunda, represadas num abismo de ansiedades, depressões e melancolias infinitas acolhidas no interior de uma sombra sem fim.

De qualquer sorte, mesmo habitando essa clínica de excessos memoriais sombreada por um passado difuso irrompendo no aqui e agora a todo momento, Rodelas reexiste e sobrevive aos atropelos do progresso, debruçando a imprecisão dos seus mapas existenciais sobre si mesma.

Percebia-se que o povo daquele lugar, traçava, diariamente, sob o espaço que agora vivem, com os fios de suas memórias, o mapa da cidade submersa. Era suficiente uma referência à chuva ou ao sol, a noite ou ao rio para que no mesmo instante alguém começasse a falar de lá, dos lugares de trabalho, de lazer, de oração, rememoravam ruídos queridos como os sons das cachoeiras. (FIGUEIREDO, 2011, p.24)

Suas vulnerabilidades e urgências, edificam um cotidiano esfumado por uma malha de recordações sitiadas numa paisagem memorial ainda latente. Munida com um arsenal de histórias violentamente interrompidas, a cidade oscila para aflorar a potência de uma duplicidade urbana desconcertante, abrigando uma vertigem de temporalidades que pode tanto assombrar quanto acolher. Este cenário ainda ambíguo, carregado por um sentido que se confunde entre continuidade e descontinuidade, territorialização e desterritorialização, morte e ressurreição, encarnam a perturbação de uma cidade que habita a errância de um entre lugar claramente distinto das narrativas paradisíacas e contorcionistas edificadas pelos planejadores da CHESF como um modelo bem acabado de progresso. Ao acionar suas máquinas do tempo dispersas por todo canto para não ter a memória necrosada pela infidelidade da história ou pela ausência da experiência na subjetividade das gerações mais jovens, Rodelas se desvia agenciando um devir

fantasma, indistinta ao cipoal de elegias e reflexões identitárias e multitemporais que tentam lhe dissecar a alma e decifrar seus espectros. Até lá, segue evocando e fabulando os acervos de sua fuga, para se sobrepor ao oco onde as engenharias do progresso lhe empurraram. Sua presença persistente diante de um pesadelo hidrelétrico que lhe devorou a natureza, por si só, já aglutina à espessura de sua travessia épica. Uma composição poderosa de atravessamentos e intensificações que afirmam a todo instante, sua existência sobrevivente não apenas como cidade, mas também como um feixe incomum de ações políticas, cognitivas, ambientais e performativas. E mais ainda, como um fractal inquieto de memórias onipresentes, prontas para absorver e apaziguar um exagero de perturbações de uma cidade renascida e que luta cotidianamente para espantar o declínio da experiência presentindo um segundo processo de transformação avançando lentamente.

Enquanto isso, até que o último vestígio apodreça e seus rastros sejam definitivamente apagados, as fotografias desbotadas, os móveis e objetos arruinados, as árvores transplantadas mortas, até que todos os discursos, teses, narrativas orais e escritas da Velha Rodelas percam a voz, a experiência e a tradição dos mortos e antigos que semeia o passado permanecem latentes. Incrustadas nas peles da consciência como memória em movimento, tanto coletiva quanto individual, afirmando e povoando a paisagem existencial de Rodelas e da cosmologia tuxá, com a coragem de um levante de alegrias e saudades a garantir a travessia de suas histórias adiante.

## **Continuidades**

Em meio a um processo inesperado de aridez costurado por condições adversas de trabalho, o percurso desta pesquisa desvia. Contraindo a angústia de seus processos e métodos para se desdobrar também como linha de fuga, ou como diria Ingold (2015), num emalramento de várias delas. Ainda sem entender se essas rotas de fuga irromperam como operações de distanciamento ou aproximação junto ao aperto que tomou o mundo e evidentemente as feições dessa escrita, elas permaneceram a todo tempo latentes, direta ou indiretamente circulando e desaguando a tensão de suas variáveis sobre as cidades de Rodelas, suas sobreposições temporais e afecções memoriais. Em contraponto aos caminhos que orientam uma tese realizada em condições “pacificadas” de desenvolvimento científico e metodológico, repentinamente todo o processo prévio de trabalho torna-se impenetrável. Atravessado pela exaustão da vida, se quebra para recolher seus cacos na calmaria da morte de onde tenta se refazer.

Do represamento mumificante e afetada pelo exagero de crises, suas companhias constantes, a pesquisa se divorcia em parte do real para aconchegar o ânimo de uma coragem retida de volta às corredeiras da vida como tentativa de ativar um circuito imaginário de fricções e aproximações que a leve de volta à cidade de Rodelas. Mergulhado nos desvios que fabrica, o hidronauta passa a especular caminhos, profanando seu corpo numa selva de impurezas e estranhamentos. Suas alianças com o mundo da sua pesquisa se refazem na vertigem de travessias incomuns, derrapando sua nave numa confusão de tempos, delírios e perturbações espaciais diversas que vão, naturalmente, emanando seu objeto de trabalho a paisagens e camadas memoriais até então desconhecidas. Um objeto já visitado anteriormente, mas que no aqui e agora, mais do que nunca, performava como distância, atualizado como um fantasma egresso e fugitivo, continuamente diluído em meio ao espectro cada vez mais opaco de suas memórias e que, de alguma forma, precisava ser canibalizado e digerido. A essa altura, a pesquisa tropeça e cambaleia, se extrai do abatimento e rodopia sem descanso em movimentações indóceis e especulativas de investigação e aliança a uma memória entrincheirada numa cadeia de afastamentos. Atuando como fagulha dessas fricções, reativa novos

afetos e práticas experimentais para habitar as paisagens do texto com uma narrativa abduzida e borrada por uma liminaridade volátil, flutuando entre a metafísica da imaginação e o desespero do real.

Frente a um horizonte de perturbações quase distópico, persiste a incapacidade de se distinguir o que pode ser real e o que é ficção. A fabulação ressoa aqui, como um campo de forças propositivas a negociar constantemente sua estadia junto a uma realidade nervosa e delirante onde o assombro dos acontecimentos parece ser a métrica vigente. Nesse contexto, a pesquisa se matiza à região de Rodelas para prosseguir compondo junto, carregada pela imaginação e vontade de sobrevivência. Completamente consciente dos perigos de seguir adiante em fuga cega, corre vasculhando e prospectando tentativas de avanço para elastecer o escopo de suas possibilidades de aproximação com o seu objeto, por meio de experiências e práticas atípicas em torno de uma presença curta, mas intensa na região de Rodelas. Ora refazendo, ora reorientando procedimentos e atualizando caminhos ao se reconectar por outras vias, à paisagem memorial da cidade afogada pelas águas de um São Francisco mutilado. Águas tumultuadas, instrumentalizadas pela cólera de uma modernidade vampiresca que ainda hoje agita suas margens com o espanto de mais um fim de mundo num aqui e agora pandêmico.

Entre o delírio da imaginação e o drama da responsabilidade acadêmica, o tempo da pesquisa também desvia. Repetidamente embaralhando ou apagando a confusão de suas métricas, a fim de acolher o estranhamento e a porosidade transhistórica de um hidronauta errante e sua cidade apagada. Essa aparição reinventa uma máquina do tempo para atravessar e sobrepor acontecimentos, testemunhando a força da sobrevivência ante a decomposição ética da civilização e sua fábrica de barbaridades a desastrar o planeta até aportar na região de Rodelas. Para tanto, desorienta suas travessias numa temporalidade difluente e fraturada, perfurando acelerações e camadas diversas diante de uma natureza severamente exilada pela velocidade de um cientificismo ideológico e macropolítico. Uma cosmologia capturada pelo arsenal de engenharias ocidentais que consomem o mundo, para ser compulsivamente desfigurada num horizonte de eventos que inflaciona sem trégua,

o apagamento feroz do planeta e por cadeia, de todos os viventes humanos e extra humanos que o habitam.

De lá pra cá, a máquina descarrilou e dispersou o andamento da pesquisa em múltiplas ocasiões. Escancarou, de forma nua e crua, a certeza de que não há controle algum sobre as maquinações do tempo, e de que somos também fração, brasa desgarrada, micro sintomas a deriva em mais uma das infinitas engrenagens que povoam o mundo com o devir de histórias entrelaçadas num jogo imprevisível de contingências e perturbações. Mundo em pânico, o hidronauta em algum momento, serena o desespero e passa a conversar com a turbulência do tempo, fabulando outros espaços de funcionamento para sua máquina temporal em frangalhos. Aprende com o que desconhece e percebe que o tempo é também tempestade furiosa, montanha russa sem freio em parque desgovernado e que, jamais poderia ser manejado do seu jeito no seu espaço/tempo com suas regras e manuais, ingenuamente dedilhando a valentia de botões e controles imaginários. Nada disso aconteceu.

Ao aprender, com o tempo, a surfar o descontrole do turbilhão de temporalidades mutantes que o persegue em lugar de tentar controlá-lo, o hidronauta amadurece suas experiências e alteridades até encontrar um respiro para se transmutar e coabitar a mesma paisagem que seu objeto de pesquisa. Constata a pertinência e a importância da diplomacia de compor e pensar junto e não sobre ela, a máquina do tempo, como se estivesse sempre de fora, fantasiado como uma entidade apartada de sua confusão temporal, como se fosse possível sua instrumentalização, ligando e desligando, nomeando, transportando e colocando esse tempo onde bem entendesse, do jeito que lhe conviesse. Ao contrário, em meio ao caos que se apossou do percurso, foi ela, a máquina quem operou, me desligou e ligou novamente, me dobrando, apontando desvios e derrapagens, curvas selvagens, acidentes, fatalidades e mudanças agressivas de direção, assinalando que devo correr junto e não contra o tempo ou lá na frente, apressado e tensionado, atropelando, me machucando. Na fricção dos acontecimentos e crises, somos sempre a hospitalidade dessa mistura em andamento, trama perene, eutempo, nóstempo, inseparáveis, sem prescrição.

Ambicionando outros possíveis diante do imprevisto, a memória que norteia toda a pesquisa também se aventura. Se dispersa por todo texto, evocando a história tumultuada de outras cidades e tempos até encontrar Rodelas e seu duplo. Ali, na doçura da praia de Surubabel, o hidronauta se desencarna para se aliar à magia imprevista de um encantamento ancestral e passa a atuar no que parece ser uma mitologia particular de transmutações performando entre três cidades. Deforma a natureza do seu corpo, e se entrelaça ao ecossistema e a cosmologia de outras existências a corpografar a paisagem como um fantasma numa deriva mágica de acontecimentos. Suas aparições se alastram pelo espaço e pela confusão dos tempos coletando e colecionando uma procissão de vestígios e rastros de uma memória em movimento para reativar no vale do São Francisco, o devir de uma ancestralidade adormecida. Segue agenciando sua errância, em meio a um espiral de experiências embebidas pelo delírio, pela história e pela colisão de temporalidades tanto do hidronauta em sua passagem por Nova Rodelas, quanto da própria cidade e seu duplo submerso.

Mais do que traçar uma genealogia conceitual que povoa os tratados mnemônicos e norteiam as histórias e subjetividades do mundo, cabe aqui entender como se processam essas travessias temporais diariamente exercitadas na Região de Rodelas. E, quando se espreme a montanha de entulhos ainda encharcadas pelas águas do lago, escorrem apenas os elementos de ligação que sem aviso, fulminam a consciência da cidade e com um cipal de memórias cada vez mais opacas e escassas. Para além dos acontecimentos que agenciam cotidianamente o espectro das três Rodelas numa zona de travessias, intersubjetividades e sobreposição de pertencimentos, o hidronauta assinala como essas intensificações se acomodam ou se propagam no tempo, ao encampar a luta vitalícia dos rodelenses contra o esquecimento e a favor da alegria e sobrevivência de suas cidades. Ao se atomizar em reminiscências e saudades intermináveis que adornam a paisagem existencial de Rodelas e seus habitantes, participa ativamente do levante de fagulhas memoriais que animam a suspensão do passado e torna possível a continuidade dessa sobrevivência sobrepondo as três cidades.

Por outra via, em auxílio à escrita oculta nas paisagens dissecadas pela insurgência hidronáutica em sua curta estadia na cidade, o acúmulo de memórias tanto do hidronauta quanto da região rodense, se encorajam para emergir também a partir de um intrincado idioma de informações escritas presentes na vastidão de mapas, livros, textos, filmes, falas, teses e imagens vasculhadas nas bibliotecas do mundo ao longo de sua viagem temporal. Seguindo essa trilha, Gagnebin nos lembra que:

Aleida Assmann se detém ainda numa outra metáfora fundadora de nossa concepção de memória e de lembrança: a da escrita, este rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos, desde as teias funerárias até os e-mails efêmeros que apagamos depois do uso — sem esquecer, naturalmente, os papiros, os palimpsestos, a tábua de cera de Aristóteles, o bloco mágico de Freud, os livros e as bibliotecas: metáforas-chave das tentativas filosóficas, literárias e psicológicas de descrever os mecanismos da memória e do lembrar. Embora sempre tivesse havido uma outra imagem para dizer esses mecanismos, a imagem da imagem justamente, parece que até hoje, e apesar da tão comentada preponderância contemporânea das imagens sobre o texto, continuamos falando de escrita, escritura, inscrição quando tentamos pensar em memória e lembrança.(GAGNEBIN, 2006, p.111)

Nessa perspectiva, foi feito um reconhecimento informal destes espaços e cidades ao longo do Vale do Rio São Francisco, naturalmente focando na região de Rodelas. Registrando em fotografias e vídeos o andamento do percurso, bem como suas escutas, e vozes fruto de encontros com a paisagem e com a população local. O cruzamento de dados, objetos, fragmentos, fotografias e anotações colhidas durante a viagem, juntamente à leitura e pesquisa bibliográfica, foram fundamentais na fabulação teórica e memorial de uma travessia difícil, bruscamente interrompida pela pandemia. Também necessários, os procedimentos de atelier permitiram, por meio de experimentações, a invenção de outros espaços no campo das artes, enfatizando, de forma criativa, suas relações e aproximações com uma cidade que resiste ao seu fantasma submerso

Ademais, a este estágio de transformação da experiência e dos afetos que ainda constituem, de alguma forma, a sobrevivência de uma cidade transtornada tentando se atualizar numa nova Rodelas praticada no presente, nos cabe ainda pensar num processo antropológico menos regimental e mais intuitivo. Uma prática improvisada e diferida que performa afastada dos manuais e questionamentos pré-estabelecidos e mais próxima das latências, intempéries da vida e suas intensidades, da imaginação e criatividade. Com efeito, vale destacar atenção aos espaços, não



somente como um cenário fixo que abriga fluxos, práticas e experiências de indivíduos e informações, mas sobretudo como um acontecimento em constante movimento e mutação, imantados à uma natureza impura de outros saberes e procedimentos, muito mais ampla, criativa e desigual. Animar esse estranhamento clandestino da paisagem, é crucial para se aproximar da complexa rede de relações que ainda ecoam, compõem e colorem à aura de um espectro urbano e o seu entorno fadado ao esquecimento. Perceber essas movimentações em uma cidade entrelaçada ao seu duplo afogado sob as águas do “progresso” é, ao mesmo tempo, atentar para a tentativa, por parte das gerações mais antigas, de reconstruir ou preservar seus afetos e memórias.

Ao inflacionar o olhar, o hidronauta constata entre suas viagens no tempo, que dentre tantos casos, o arruinamento de cidades inteiras e sua tentativa de reconstrução por conta da urgência desenvolvimentista de barragens como a de Itaparica no Rio São Francisco, clarifica a imagem impermanente da cidade como um palimpsesto trabalhada de forma recorrente, ao longo deste estudo. Entre construção e ruínas, as relações de continuidade na elaboração, uso ou prescrição de suas formas e territórios exemplificadas nos casos de Paris, Roma, no empreendimento colonial na América Latina ou ainda, no descarte de populações, localidades e cidades inteiras como Brumadinho, Fordlândia, Mazagão dentre outras aqui citadas até chegarmos ao caso da antiga Rodelas, nos leva a pensar na construção dos lugares e agenciamento dos territórios, não como uma ação teleológica no espaço, mas como um movimento dinamizado por uma sucessão de contextos históricos e sociais distintos que se acumulam sem fim, no espaço e no tempo. Esses contextos não são inertes, mas encarnam as oscilações de estruturas sociais e temporais forjadas em relações de instabilidade e poder, quase sempre apontando para uma realidade de espaços que segregam e descartam um mundo de existências e paisagens cada vez mais cínica e desigual. A maquiagem da forma urbana, de tempos em tempos, apagada e refeita em nome de uma narrativa oficial e progressista elaborada nas esferas de um poder macropolítico, nos remete à imagem das cidades e seu entorno – e mais precisamente nos países em desenvolvimento – como uma celebração festiva dentro de uma ilha da fantasia de

segurança e qualidade de vida a que somente pouquíssimos tem acesso, expelindo por outro lado, uma grande massa de existências que não se encaixam num modelo hegemônico de civilização para as bordas, abismos e covas da história, da ordem e do "progresso".

Habitar essa pesquisa numa bolha pandêmica entre a perturbação e vitalidade de um filho de 4 anos e a serenidade de minha mãe, uma fortaleza de 83 anos convivendo com a presença de um porvir desconhecido, me mostrou, entre a calma e o surto, a elegância de desabafar com a vertigem do tempo e suas desobediências, a negociar desdobramentos e divergências de velocidades que se apresentam sem aviso. A lidar e tentar superar certa culpa e desespero que me tomou desde o início do evento ao não saber lidar e administrar de pronto, o desenrolar da pesquisa diante de tantas privações e adversidades que foram se amontoando dia após dia. A tensão desta convivência, também me ajudou a apreender as cidades de Rodelas por outras vias, a compor junto com o medo e o risco acadêmico de se aliar ao estranhamento temporal hidromaquínico que norteou todo o processo imaginativo da pesquisa e no qual estou completamente inserido. Devolvendo a valentia que me levantou e me jogou novamente em meio ao turbilhão para surfar, entre a cura e a morte, um tempo sem direção. Entrelaçando três cidades a uma cosmologia de mundos e paisagens ao reafirmar em cada desvio imprevisto, a errância de sua substância. Imanência de fluxos e entrelugares memoriais, ora espumando ao se chocar violentamente contra as pedras cortantes no meio do rio, ora acelerando e correndo solta para imaginar, e se divertir entre os desvios e as ondas da vida.

## Referências

ABREU, Daniela F. **SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A hidrostática e a utilização de barragens para conter rejeitos: o caso do rompimento da barragem de Fundão**. 2019. Dissertação de Doutorado. Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, da Universidade Federal de Ouro Preto.

ANDRADE, Carlos Drummond. **O Corpo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

ANDRADE, M. O. ; SAMPAIO J. A. **Cultura e natureza no pensamento antropológico: do debate epistemológico à pesquisa com uma população local**. Gaia Scientia (2016). Edição Especial Cultura, Sociedade & Ambiente. Volume 10(1): 160-167.

ANDRADE, Bruno. **Perdas imateriais: a identidade**. In: Vozes e silenciamentos em Mariana. Org. Graça Caldas. 2 Edição. Unicamp, Campinas, SP. 2008.

ALBERT Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1 ed. Companhia das letras, São Paulo, SP, 2015.

ALMANDOZ, Arturo. Urbanization and Urbanism in Latin America: from Haussmann to CIAM. In: ALMANDOZ, Arturo (Org.). **Planning Latin American's Capital Cities, 1850-1950**. Oxon: Routledge, 2010.

ALMEIDA, Iara S. **Fordlândia: O Capitalismo e o colonialismo americano diante da Amazônia Brasileira**. Jamaxi, Ufac, v.1, n.1, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN. Giorgio. **O que é o contemporâneo?** In: Revista Outra Travessia, n.5 Trad. Nilcéia Valdati, Santa Catarina, 2005

AGIER, Michel. **O acampamento, a cidade e o começo da política**, in CORDEIRO, G. & VIDAL, F. (Orgs.), A rua. Espaço, tempo, sociabilidade. (col. Horizonte Universitário, n. 78) Livros Horizonte. Lisboa. 2008

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottmann. Companhia das Letras. São Paulo, SP. 2008.

ARAÚJO, Maria L. **Grandes Obras...Grandes Impactos**. Cad. Est. Soc. Recife, v. 17, n.1, p. 5-30, jan./jun., 2001

ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de Deus (1947)**. In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre: L&PM, 1983.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Trad, Paulo Soethe. Editora da UNICAMP, Campinas, SP. 2011

ASSUNÇÃO, Paulo. **Mazagão: cidades em dois continentes**. USJT - arq.urb - número 2/ segundo semestre de 2009.

AUGÉ, Marc. **Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Papyrus, Campinas, SP. 1994

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, SP. 1996.

BAETA, Rodrigo. **Renovação urbanística da cidade de Roma após o risorgimento: fragmentação do cenário barroco preexistente na nova capital italiana**. In: Cadernos do Ceon, v. 22, n.31. Universidade Comunitária Regional de Chapecó. Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/545>

BANDINI, Brigiti, **Desastre Ambiental da Barragem de Fundão, Mg - Análise de Impactos Socioambientais**. In: Revista Internacional de Ciências, Rio de Janeiro, v. 09, n. 03, p. 2 - 15, set-dez 2019. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/ric>

BAPTISTA, Luis Antonio. **A cidade dos sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades**. São Paulo: Summus, 1999.

BARCELLOS, Christovam. **Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva**. 2019 Cadernos de Saúde Pública - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/734/da-samarco-em-mariana-a-vale-em-brumadinho-desastres-em-barragens-de-mineracao-e-saude-coletiva>

BARTRA, Roger. **El Salvaje artificial**. Universidad Nacional Autónoma de México. Ediciones Era, S. A. de C. V. México, 1997

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 3 edição. Lisboa: Editora Antígona. 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2001.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos L. Müller. In: LÖWY, Michel. Walter. **Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo. 2005

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1: **magia, técnica, arte e política**.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Minas Gerais: UFMG, 2009.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. **Fantasma modernos - Montagem de uma outra herança I**. EDUFBA, Salvador, BA. 2020.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. Trad. Claudia Berliner. Livraria Martins Fontes, Ltda, São Paulo, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e Matéria**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes, São Paulo. 1999.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!** Civitas - Revista de Ciências Sociais, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 504–521, 2016.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A ausência infinita**. Trad. João Moura Jr. Editora Escuta, São Paulo, SP. 2010

BOMFIM; Juarez Duarte. **Movimentos sociais de trabalhadores no rio São Francisco**. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, Espanha. Nº 45 (30), 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Benice Bárbara Cantini. UNESP. São Paulo, SP. 2003.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaço literário em nove imagens**. In: In.: Arte e novas espacialidades, relações contemporâneas. Org. Eduardo de Jesus. F10, Rio de Janeiro, 2011.

BRITTO, Fabiana. **Co-Implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações**. In: Corpocidade : debates, ações e articulações / organização Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto. - Salvador: EDUFBA, 2010.

CADENA, Marisol de la. **Natureza incomum: histórias do antropo-cego**. Revista do instituto de estudos Brasileiros. n. 69. abr. 2018 (p. 95-117).

CAMPOREZ Patrick; TORRES, Luiza. **Watu morreu**. Em 2017. Disponível em: <https://apublica.org/2017/04/watu-morreu/>

CANÇADO, Wellington. **Sob o pavimento a floresta: cidade e cosmopolítica**. 2019. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

CARDOSO, Thiago Mota. **Paisagens em transe: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal**.

2016. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

CARDOSO, Thiago Mota. Por uma antropologia imersa na vida. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 21, 2016.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

CAVALCANTE, Jurema M. **Práticas de beira das cidades antes navegáveis às cidades transpostas pela barragem de sobradinho**. Dissertação de mestrado. 2015. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

CEHOPU. **La ciudad hispanoamericana**. El sueño de un orden. Madrid: CEHOPU, 1989

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ. 1982

CHOAY, Françoise. **A regra e o modelo**: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. (1980) São Paulo: Perspectiva, 1985, cap. 6, parte 1, 1.

CHIESA, Gustavo R. **Híbridos e Hifenizados (ou a Diferença como Adição)**. Mediações, Londrina, V. 24 N. 2, P. 204-226, Mai.- Ago. 2019

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado - pesquisas de antropologia política**. Cosac Naify. São Paulo, SP. 2014.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**.

COCCIA, Emanuele. **A lagarta e a borboleta**. Cadernos selvagens, 2020. Disponível em: [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO8\\_Coccia.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO8_Coccia.pdf)

COELHO, Luiz. **Cabeça de Porco**. Revista landa. Vol. 3 N° 1 (2014)

CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE ARQUITETURA MODERNA. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, 1989.

CORTÁZAR, Julio. **História de cronópios e famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

COSTA, Aline de C. **Cosmopolíticas da terra: Modos de existência e resistência no antropoceno**. Tese de Doutorado. 2019. Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da PUC - Rio, Rio de Janeiro, RJ.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. **Quando a terra sair, os índios tuxá de rodelas e a barragem de itaparica: memórias do desterro, memórias da resistência**. 2017. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, DF.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Cultura e Barbárie editora, 2014.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 2007.

DELEUZE, Gilles, Félix Guattari. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles, Félix Guattari. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia** vol.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed 34,1995.

DELEUZE, Gilles, Félix Guattari. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia** vol.3. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed 34,1996

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia** vol.5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed 34.1997.

DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. **O que é Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: DESCARTES, René. Discurso do método / As paixões da Alma / Meditações. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. p. 33-100. (Coleção Os Pensadores).

DURKHEIM, Emile. **Sociologia e filosofia**. Traduzido por Fernando Dias Andrade. São Paulo: Ícone, 2004.

DURAZZO, Leandro Marques. **Cosmopolíticas Tuxá: Conhecimentos, ritual e educação a partir da autodemarcação de Dzorobabé**. 2019. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968. v. 42

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas**. 2008 - Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. “**Por que Fanon, Por que agora**”: **Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**, 2015. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos

FEATHERSTONE, Mike. **O Flâneur, a cidade e a vida pública virtual**. In: ARANTES, Antonio (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000.

FIGUEIREDO, M. do Socorro Fonseca Vieira. **Exílio: Pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas - o caso Itacuruba**. 2016. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

FINNEGAN, W. **Dias Bárbaros - Uma vida no surf**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

FONSECA, Tânia M. G. ; COSTA, Luiz A. Et Al. **O delírio como método: a poética desmedida das singularidades**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Uerj, RJ, Ano 10, N.1, P. 169-189, 2010. <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf>

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III: estética – literatura e pintura, música e cinema**. Manuel B. Motta (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.

FOUCAULT, M. **De outros espaços (1967), heterotopias**. Fala numa conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967(publicado igualmente em *Architecture, Mouvement, Continuité*, 5, de 1984).

FOUCAULT, M. **Outros espaços**. In: \_\_\_\_\_. *Estética: Literatura e pintura,música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Sobre a História da sexualidade**. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico e as heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. n-1 Edições, São Paulo. 2013.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.



FREITAS, Marcos R. M. **Dicotomia natureza e cultura e seus reflexos nas estruturas de parentesco.** Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses) Curitiba, v.2, n.2, p. 481-496, maio 2016.

FRIEDMANN, F. **A cidade esquecida de Henry Ford na selva.** Revista. Brasileira de estudos urbanos regionais V.12, N.1 / Maio de 2010.

FURTADO, Júnia F. **Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico.** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 25, no 41: p.347-349, jan/jun 2009.

GABRIEL, F. , Hauser-Davis RA, Soares L, Mazzuco ACA, Rocha RCC, Saint Pierre TD, Saggiaro E, Correia FV, Ferreira TO, Bernardino AF. 2020. **Contamination and oxidative stress biomarkers in estuarine fish following a mine tailing disaster.** *PeerJ* 8:e 10266. Disponível em: <https://doi.org/10.7717/peerj.10266>

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica.** Org. Pierre Fruchon.Trad, Paulo Cezar Duque Estrada. 2 Edição. Rio de Janeiro. RJ. 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo, Editora 34, 2006.

GALINDO, GALINDO, M. **O Governo das Almas: A expansão colonial no país dos Tapuia 1651-1798.** (2004)Tese de Doutorado, Leiden University.

GALVÃO, Olímpio J. de Arroxelas. **O projeto de reassentamento de Itaparica e sua inserção no marco das novas políticas de desenvolvimento regional para o Nordeste.** Caderno de. Estudos. Sociais. FUNDAJ, Recife. v. 15, n. 1, p. 33-66. jan/jun. 1999

GIBSON, Katherine; ROSE, Deborah B. FINCHER, Ruth. **Manifesto for Living in the Anthropocene.** Punctum books, 2015. (tradução Thiago Mota Cardoso). Disponível: <https://medium.com/@thiogomota/manifesto-para-viver-no-antropoceno-a66107b78bca>

GRANDIN, Greg. **Fordlândia – ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva.** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2010.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. **Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença.** In.: O espaço da diferença. Antônio A. Arantes (Org.). Papyrus, Campinas, SP. 2000

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** Trad. Laurent Leon Schaffter. Editora Revista dos Tribunais, Ltda. São Paulo, 1990

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes.** *ClimaCom*, ano, v. 3, p. 139-148, 2016

HARAWAY, Donna et al. **Anthropologists are talking–about the Anthropocene**. Ethnos, v. 81, n. 3, p. 535-564, 2016.

HARRIS, M. . **Vacas, cerdos, guerras y brujas**. Madrid: Alianza editorial. 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Madrid: Alianza, 2004.

HERCULANO, Selene. **As cidadelas esquecidas de Henry Ford na selva amazônica**. 2017. Disponível em: <https://www.professores.uff.br/seleneherculano>

HOLZMANN, Lorena. **Fordlândia**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. 63, p. 693-696, Set./Dez. 2011.

HUYSEN, A. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

IBAMA. **Laudo Técnico Preliminar- Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana. Minas Gerais**. 2015. Disponível em: . Acesso em: 09 maio 2018.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes, 2015.

IS, JACQUES P.B. (org), **Apologia da deriva, escritos situacionistas sobre a cidade**, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003

JACQUES, Paola B. **Pequeno histórico das errâncias**. In: Corpos e Cenários Urbanos Territórios urbanos e políticas culturais. Org. Henri Pierre Jeudy; Paola Berenstein Jacques. EDUFBA. Salvador, BA. 2006.

JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. EDUFBA, Salvador, BA. 2012.

JACQUES, Paola B. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003[ 2º edição].

JESUS, Eduardo de. **Arte e novas espacialidades: relações contemporâneas**. Org. Eduardo de Jesus. F10, Rio de Janeiro, 2011.

KRENAK, Ailton, “**O eterno retorno do encontro**”, in Adauto Novaes (org.), A outra margem do Ocidente. São Paulo: MINC-Funarte/Companhia das Letras, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, SP. 2019

KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a Luiz Ribeiro. Revista Velha, n.13, 2021. Assessoria de comunicação CBH Rio das Velhas. Belo Horizonte, BH. <http://cbhvelhas.org.br/novidades/revista-velhas-no13-entrevista-com-ailton-krenak-o-s-rios-te%CC%82m-sabedoria-vamos-aprender-com-eles/>

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOURE, B. Depoimento em fevereiro de 2009. São Paulo: CULT, n. 132, p. 1-8. Entrevista concedida a Marcelo Fiorini. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/edicoes/132/page/2/>.

LATOURE, Bruno. **Facing Gaia**. Polity Press, 2017. (ou em espanhol **Cara a cara con el planeta. Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de las posiciones apocalípticas**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Editora da UNICAMP, Campinas, São Paulo. 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural II**. Trad. Maria do Carmo Pandolfo. 4.edição. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ. 1993.

LEVY, Tatiana S. **A experiência do fora; Blanchot, Foucault**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ. 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LINS, D. **Artaud: O artesão do corpo sem órgãos**. São Paulo, SP: Lume. 2011

LISPECTOR. Clarisse. **A hora da estrela**. 23 Edição. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, RJ. 1995.

LOWY, Michael. Walter Benjamin: **Aviso de Incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**, em São Paulo. Boitempo Editorial. 2005.

MAGNAVITA, Pasqualino. **O lugar da diferença**. In: Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte, 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3233/2351>.

MAHL, Marcelo L. **GREG, Grandin. Fordlândia – ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

MAJOR, René. **Crises de razão, crises de loucura ou “a loucura” de Foucault**. In: ROUDINESCO, Elisabeth; CANGUILHEM, Georges; MAJOR, René; DERRIDA, Jacques. Leituras da História da Loucura. Tradução de Maria Ighes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. P. 37-52.

MARQUEZ, Renata. **Apagamentos**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 02, página 26 - 27, 2011.

MARTINEZ LEMOINE, René. **El modelo clásico de ciudad colonial hispanoamericana**. Ensayo sobre los orígenes del urbanismo en América. Santiago de Chile: Departamento de Planificación Urbana – Universidad de Chile, 1977.

MARTINS, Humberto, Paulo Mendes (Orgs.). **Trabalho de Campo: Envolvimento e Experiências em Antropologia**. Imprensa de Ciências Sociais, 2016. Capítulo I, Quando o campo são emoções e sentidos. Apontamentos de etnografia sensorial.

MATOS, C.A. e VILLEGAS, M. J. **Reassentamentos involuntários: A experiência do IICA em Itaparica, no Nordeste brasileiro**. IICA - Instituto Interamericano de Cooperación para La Agricultura, Agua, Vida y Desarrollo. Santiago do Chile, 2001.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrj | n. 32. 2016

MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**, ArtAfrica (Lisboa), 2012,

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. Marta Lança. Antígona. Lisboa, Portugal. 2014.

MENEGUELLO, Cristina. **Da ruína ao edifício. Neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana**. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 5-10

MENEZES, L. S. ; SANTOS, J. M. ; SILVA, D.S. **Mudanças da 'Velha' para a 'Nova' Petrolândia - PE: deslocamentos provocados pela construção da barragem de Itaparica**. In: MARQUES, Juracy ; WAGNER, Alfredo ; MENEZES, Luciano . (Org.). Barrando as barragens: o início do fim das hidroelétricas. 2 ed.: 2018, p. 185-198.

MERLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de Cursos/Filosofia e Linguagem**. Campinas: Papirus, 1990a.

MILLET, Vera. **A teimosia das pedras**. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

MOMBAÇA, J. **Sob Butler: Cruzando a Distopia Brasileira**. Em 2017. Disp.: <https://monstruosas.milharal.org/2017/12/24/sob-butler-cruzando-a-distopia-brasileira>

MOTA, Camila. **Após dois anos, o impacto ambiental do desastre em Mariana ainda não é totalmente conhecido**. BBC em 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-4187366>

MOTA, Lourenço Dantas (Org.). **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história. Suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NICOLINI, Alberto. **La ciudad hispanoamericana, medieval, renacentista y americana**. In: Átrio. Revista de Historia del Arte. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide, n. 10-11, p. 27-36, 2005

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PATTO, Ana. in: **Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa**. Gilberto Prado, Monica Tavares, Priscila Arantes (organizadores) – São Paulo : ECA/USP, 2016.

PATTO, Ana. **Arquivo e ficção Um programa de ação curatorial**. In.: Vidas precárias: a experiência da arte na esfera pública. (Org.) Luiz Cláudio da Costa. Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes/Uerj) Arquivo Nacional – (Publicações Avulsas ; 97). Rio de Janeiro , 2021.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologies: a requiem to late liberalism**. Duke University Press, 2016. (Leituras avulsas) Vídeo “Geontologies: The Figures and the Tactics” e “Geontologies: The Concept and Its Territories”. Disponível em : <https://www.e-flux.com/journal/78/81514/geontologies-the-figures-and-the-tactics/> e <https://www.e-flux.com/journal/81/123372/geontologies-the-concept-and-its-territories/>

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003

PELBART, Peter P. **A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea**. Editora Iluminuras, Ltda. São Paulo, SP. 2018.

PEREIRA, Margareth. **Pensar por Nebulosas**. In.: Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I – modos de pensar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (organizadoras). – Salvador: EDUFBA, 2018.

PINHEIRO, Eloísa. Petti. **Europa, França e Bahia. Difusão e adaptação de modelos urbanos**. Salvador: EDUFBA. 2002. Capítulo 2. Hausmanização ou Hausssmanizações.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/>

PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann** (Em busca do tempo perdido V. 1). Trad. Mário Quintana. Editora. Globo. São Paulo, SP. 2006.

PUJADAS, Juan. **La etnografía como mirada a la diversidad social y cultural**. Dolors Comas d’Argemir, Jordi Roca i Girona. (Orgs.). ETNOGRAFIA. Editorial UOC, 2010. Capítulo I.

PUSSETI, Chiara. **Quando o campo são emoções e sentidos. Apontamentos de etnografia sensorial**. In.: MARTINS, Humberto; MENDES, Paulo. (Org.). Trabalho

de Campo: Envolvimento e Experiências em Antropologia. Imprensa de ciências sociais. Lisboa, Portugal. p. 39-47.

QUEIROZ, M., “**Identidade cultural, identidade nacional no Brasil**”, Tempo Social, n.1, São Paulo, Edusp, 1989.

REBOUÇAS, Júlia. **Cidades sobre melancolia**. In.: Arte e novas espacialidades, relações contemporâneas. Org. Eduardo de Jesus. F10, Rio de Janeiro, 2011.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Trad. Alain François. Editora da Unicamp. Campinas, SP. 2007.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização**. In.: Cultura e subjetividade. Saberes Nômades. Org. Daniel Lins. Papyrus. Campinas. 1997

RUFINONI, Manoela R. **Preservação e restauro urbano: teoria e prática de intervenções em sítios industriais de interesse cultural**. São Paulo. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Mórula Editora. Rio de Janeiro, RJ. 2020.

SALOMÃO, Ricardo Dantas Borges. **Etnicidade, territorialidade e ritual entre os Tuxá de Rodelas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SANTOS, Milton, **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**, São Paulo, Hucitec, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In.: Epistemologias do Sul. (Org.) Maria Paula Menezes; Boaventura de Souza Santos. Edições Almedina. Coimbra, 2009.

SANTOS, Eduardo Natalino. **Além do eterno retorno: uma introdução às concepções de tempo dos indígenas da Mesoamérica**. Revista USP, São Paulo, n.81, p. 82-93, março/maio 2009.

SANTOS, Vanessa S. **Acidente em Mariana, seus impactos ambientais**. Mundo educação em 2017. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm>

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica**. 15 ed., tradução de Paulo Perdigo. Petrópolis, RJ :Vozes, 2007.

SELIGMANN, Márcio. “**A História como Trauma**”, em: M. Seligmann-Silva e A. Nestrovski (org.) Catástrofe e Representação, São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98.

SELIGMANN, Márcio. **Narrar o trauma**. Revista de Psicologia. Clínica. RIO DE JANEIRO, VOL.20, N.1, p.65 – 82, 2008.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

SCOTT, Perry. **Re-assentamento, saúde e insegurança em Itaparica: um modelo de vulnerabilidade em projetos de desenvolvimento**. UFPE, 2006. Sociedade e saúde. Cap. v.15. n. 3.

SCOTT, Perry. **Negociações e resistências persistentes: agricultores e a barragem de itaparica num contexto de descaso planejado**. Ed. Universitária, UFPE, Recife, 2009.

SCOTT, Perry. **Riscos aos reassentados no ambiente construído pela Barragem de Itaparica: Investindo no ambiente e transformando o campesinato**. 1994. Disp. em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1994/T94V2A20.pdf>>.

SILVA, Gustavo. **Ecocídio. Descanse em paz Rio Doce**. WAVES, em 2018. Disp. em: <https://www.waves.com.br/variedades/ambiente/descanse-em-paz-rio-doce/>

SLOTERDIJK, Peter. **Palácio de Cristal. Para uma teoria filosófica da globalização**. Trad. Manuel Rezende. Relógio d'água Editores, Lisboa. 2005

SPOSITO, M. E. B. **A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade**. In: SPOSITO, M. E. B. WHITACKER, A. M. (Org.). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2006. P. 111-130.

SOUZA, Celso. **O sertão virou mar: a luta em Itaparica**. In.: Barragens, a questão ambiental e a luta pela terra. Revista Proposta n. 46, setembro de 1990, Rio de Janeiro, RJ.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Trad. Max Altman. Editora 34. Rio de Janeiro. 2002.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

\_\_\_\_\_. (2017). **“Gaia”**. Tradução e adaptação de Déborah Danowski. In: Catálogo Forumdoc. Bh. 2017. Catálogo do 21º Festival do Filme Documentário e Etnográfico do Fórum de Antropologia e Cinema. P. 120-126. Disponível em: [https://issuu.com/forumdoc/docs/catalogo\\_20forumdoc\\_202017\\_20versao](https://issuu.com/forumdoc/docs/catalogo_20forumdoc_202017_20versao)

SZTUTMAN, Renato. **Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n. 69 abr. 2018 (p. 338-360)

TIBERGHIEU, Gilles. **Dossiê: Trajetória e interesses: entrevista com Gilles A. Tiberghien**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 2, n. 3, ano 2, julho de 2012.

TSING, Anna. **Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras**. ILHA. v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton University Press, 2015.

\_\_\_\_\_. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4a ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

VIDAL, Laurent. **Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008,

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2004. **Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation**. In: Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America , vol. 2 (1): 3 - 22.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais, elementos para uma antropologia pós-estrutural**. Cosac Naify. N-1 Edições. São Paulo, SP. 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Cosac Naify. São Paulo. 2010

ZUKIN, Sharon. **Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder**. In: Arantes, Antônio (org) O Espaço da Diferença. Campinas, Papyrus, 2000.